

João Fioravanti.

A' Academia Terrauibana
de Letras oferece a Família
Gervasio Fioravanti

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1975

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

James M. Smith

Gerardo F. ...

N.º 1

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 10 DE MARÇO DE 1891

1532 1/2



Reapparece a *Revista do Norte*.

A suspensão porém a que a sujeitamos foi-lhe perfeitamente necessaria.

No periodo de impublicidade proposital gastámos nossa diligencia toda em provel-a do numero conveniente de assignaturas certas e em assegurar-lhe uma redacção illustre.

Uma e outra cousa alcançamos.

A primeira garante a longa vida indispensavel a um trabalho d'este genero.

E pelos nomes signatarios dos artigos que n'ella vão publicados, o leitor verá que não podia-mos ser mais felizes na consecução da segunda.

Desde já, por isso, nós podemos entrever como corollario d'este equilibrio a existencia real, primeira e unica de uma folha indispensavel a esta capital, mas cujos projectos hão sempre abortado.

Basta-nos, por fim, dizer ainda que ella não é especialista : não é só juridica, só poetica, só philosophica, só artistica, só politica, só economica.

Nada d'isto.

A sua orientação e outra: é a facilitação de uma leitura realmente seria e aproveitavel.

A Direcção.

Contribuições para a historia do Direito (1)

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

La morale et la legislation, ces deux vastes sujets si étroitement liés, n'ont été jusqu'à présent que trop imparfaitement étudiés au point de vue ethnographique générale pour que l'on soit autorisé à constater des résultats satisfaisants. On peut cependant affirmer que partout où le terrain a été exploré, même superficiellement, on s'est trouvé en présence de véritables trésors. Tylor—La civ. primitive trad. par Ed. Barbier.



Preparar, da enorme congêrie de factos narrados pelos viajantes e colleccionados pelos anthropologistas, e que for attinente ao assumpto d'este livro, reunir tudo isso em ordem systematica e fazer se destacarem, n'um alto relevo, as linhas geraes predominantes, para a confecção de um capitulo alcachinado e magro, é empreza tão espinhosa quanto indispensavel n'esta occasião. Entretanto me parece que, em attenção á indole d'esta obra, devo demorar-me o menos que for possivel n'estas primeiras paginas, que só têm a pretensão de passar por simples primordios introductivos, especie de peristylo corrido em frente ao assumpto capital. As asperezas assim diminuem, muito embora não poucas ainda restem para embarçar-me.

A organização social que se debucha entre os povos selvagens não pôde ser reduzida á um typo unico. Ella varia com o maior ou menor abastardamento das raças e segundo ellas se vão de mais a mais approximando dos costumes e das instituições dos povos civilizados.

Subimos n'uma escala progressiva, desde a quasi absoluta desorganização dos andamanistas até aos lançamentos das primeiras bases de uma verdadeira constituição social e juridica pelas tribus melhor dotadas. Remediadas ficarão assim no correr da exposição d'este capitulo as falhas e os grandes hiatos abertos na contextura

(1) Este estudo constitue o cap. II das *Contribuições para a historia do direito*, cuja introdução e cap. I já foram publicados em outra parte.

do antecedente pela ausencia de documentos que superabundam aqui. Sei que alguns auctores recusam-se á consentir n'esta aproximação dos selvagens actuaes e dos primitivos habitantes humanos de nosso planeta. Mas estou convencido da sem razão de tal doutrina e repito com Sir John Lubbock: "a condição social, e os costumes dos povos ainda selvagens recordam, sob muitas relações, embora não absolutamente, os de nossos antepassados em uma epocha muito remota; e explicam, em nossas sociedades modernas, muitos usos que evidentemente discrepam do estado social presente" (2).

Os negritos das ilhas de Andaman vagueiam ao longo do littoral em grupos de vinte á trinta, guiados por um chefe de occasião, mudam do sempre de pouso, famelicos, bestialmente ferozes e insociáveis: — *a horrid mixture of famine and ferocity*, como se exprime Symes. A familia está ainda em esboço grosseiro e inconsistente. O casamento é monogamo salva ao homem a liberdade de pernoitar onde lhe convier. Este ajuntamento sexual, porém, só perdura enquanto o filho atravessa o periodo da lactação que, ordinariamente, se prolonga mais do que nas sociedades civilizadas.

Os selvagens que habitam a Terra do Fogo não vivem propriamente em tribus, mas simplesmente por familias, que tiram sua alimentação da caça e principalmente da pesca e que mudam de residencia á proporção que "esgotam os animaes e sobretudo os mariscos da costa", como nos diz d'Orbigny. A propriedade individual da piroga e das armas é reconhecida, posto que não muito respeitada. Entretanto, affirma Hovelacque, "quando um grupo de familias demora-se algum tempo n'uma região determinada, não permite que n'ella penetre a horda vizinha" (3). Não tem chefes nem modos de governar-se. Os individuos de cada horda vivem n'uma perfeita communhão, mas disassociados, hos is em relação aos outros grupos que com ella exploram a terra mesquinha que lhes coube por sorte.

Sobre os Jucarés da Bolivia diz d'Orbigny: "seu governo é completamente negativo; elles têm um chefe por familia ao qual não se pode dizer que obedeçam; todos independentes, elles se acham disseminados por pequenas secções entre cujos membros não reina subordinação alguma".

(2) Lubbock—*Les origines de la civilisation. Etat primitif de l'homme et mœurs des sauvages modernes*, Trad. de l'anglais por M. Ed. Baudouin. Paris 1873—pag. 1.

(3) Hovelacque—*Les débuts de l'humanité. L'homme primitif, temps primitif*. Paris 1881—; pag. 211.

Dos indios brazilicos, os botocudos ou aymorés são um especimen perfeitamente caracterizado d'esse estado primitivo de confusa disassociação, em que os germens das instituições sociaes do Estado e da organização da familia mal se podem advinhar. Não têm aldeamentos; suas choças são uns ramos seccoos derreados sobre o tronco de uma arvore qualquer. São, quasi sempre, tendas armadas hoje para serem abandonadas amanhã.

Toda a fortuna dos broncos selvicolas, que ainda hoje se assoa-lham pelas margens do Rio-doce e do Mucury, está em sua flexa certa e mortifera, feita de taquarassú, que, no aberto do céu, corta o vôo ao passaro, por menor que seja, ou no intrincado da floresta abate o ligeiro caeteté.

A construcção das cabanas, a colheita dos fructes na matte, a tiragem da lenha, emfim tudo que não é a caça e a guerra pesa sobre as mulheres. Porém mais duro ainda lhes é o peso da barbara iracundia que sempre encontram, em lugar de blandicias conjugaes, em seus bestiaes esposos. Os filhos ficam ao cuidado das mães e um tanto ao dos paes, emquanto se habilitam á bater as florestas sopesando o enorme arco de *airang* ou *tapicurú*. (4)

Diz Ferdinand Denis que aos sete ou oito annos elles podem, muitas vezes prover á sua subsistencia, o que dá uma certa independencia individual á cada membro das familias aymorés. Não obstante, os botocudos se agrupam em bandos de cincoenta e mais sob a direcção do mais energico.

As tribus amazonicas possuem mais alguns elementos de cultura e sua organização social é mais consolidada. Os mundurucús até costumam a distinguir seus guerreiros mais valorosos com a *parua*—*d* e a *purinate-ran*, especie de insignia ou titulo nobiliarchico semelhante as nossas medalhas, commendas e brazões, que ennobrecem tambem a familia do valente, garantindo-lhe uma pensão (5).

Estamos diante dos primeiros escarabochos de organização social: as venerandas instituições, que á semilhança de enormes pilas-tras sustêm o peso da vida em commum, mal espontam frageis, obscuras.

Mas ellas alli estão incubadas e rebentarão vigorosas mais tarde, quero dizer, em um estadio superior do desenvolvimento ascencio-

(4) Gonçalves Dias—Obras posthumas: Vol. VI: o Brazil e a Oceania, Maranhão—1869:—pag. 87 e 88.

(5) Barbosa Rodrigues—Rev. da Exposição Anthropológica pag. 45.

nal da civilização ou, si não podemos affirmar que o germen de todas ellas jaz soterrado para a fecundação futura, podemos affirmar que assim é em relação a quasi todas.

Prosigamos, pois. Cumpre assistir o primeiro abrolhar da vida social, ver como se destacam, de um fundo cahotico, as formas de mais em mais accentuadas do que mais tarde se chamará a propriedade, a familia, o parentesco, o commercio, o culto, e como todos esses phenomenos de uma ordem nova e superior se vão accommodando n'uma disposição progressivamente mais propria para consolidar os agrupamentos humanos.

Começemos por apreciar a legislação dos selvagens. Talvez pareça absurda a reunião destes vocabulos. Existiram realmente leis nos adustos sertões africanos onde um sol candente morre desapiadadamente o luzidio azeviche dos corpos nús dos selvagens dispersos em manadas? No adyto impenetravel das selvas do novo mundo obedecerá o homem ao imperio da lei? Não é licito duvidar. E, por pouco adiantados que estejam os estudos sobre este assumpto, já sabemos o sufficiente para affirmar desassombadamente que onde os homens se reunirem n'um aggregado associativo de certa extensão e viabilidade ahi existem leis consuetudinarias dominando as rebeldias da vontade do mais abjecto dos parias e do mais arrogante dos chefes. Isto não importa affirmar que estes chefes não imponham muitas vezes e quasi sempre a sua vontade como norma de acção, mas sim quero deixar reconhecido que elles mesmos se submettem ao rigor imperioso dos costumes que governam como leis. Tambem não quero com o que acabo de dizer attribuir, a esses povos atrazados, uma noção definida e clara da justiça. Só tarde, muito tarde, depois de longas experiencias, é que uma tal idéa tem ingresso no cerebro humano, que transformou a synthese concreta dos interesses nessa abstracção superior da norma como directriz da conducta dos associados e como ligamento da associação.

E' muito conhecida a resposta de um selvagem á quem interrogaram sobre a distincção do bem e do mal, do justo e do injusto: " Aquelle que me rouba a mulher commette uma acção má, e eu faço uma acção boa, se tomar a de outrem". Não é ahi que está o germen de nosso conceito do justo. E' preciso ir procural-o em outra parte.

A supposta liberdade dos selvagens é um resquicio d'essa lenda da idade de ouro, reinado de Saturno em que todos os povos acreditaram. Esmagados pelas forças brutas da natureza contra a qual

não podem ainda lutar vantajosamente, contra a qual só existe um broquel bastante resistente para aparar-lhe os botes a sociedade ; mais adstricto aos costumes do que talvez nós mesmos ás leis escriptas; onde o sonho romantico de sua liberdade individual levada ao extremo que se lhe quer emprestar ?

Falando dos Australianos, diz um auctor: "Em vez de gozarem de uma liberdade pessoal completa, como se poderia julgar á primeira vista elles se deixam dirigir por um codigo de regulamento e de costumes que constitue talvez uma das mais terriveis tyrannias que jamais existiram no mundo, porquanto esse codigo põe não somente a vontade, mas ainda a fortuna e a vida dos mais fracos á disposição do mais forte. O desideratum desse systema é dar tudo aos poderosos e aos velhos em detrimento dos fracos, dos moços e particularmente das mulheres. De conformidade com seus costumes, os melhores quinhões, os melhores animaes são interdictos ás mulheres e a mocidade e reservados para os anciãos".

Não irei agora fazer uma resenha de quanto hajam escripto os viajantes, os exploradores e os ethnologos sobre este assumpto. Creio que a indicação de alguns factos em ordem a elucidar e a illustrar as assenções que fôr eu emettindo é o que convem neste momento. Delongas e minucias neste explorado, porem mal conhecido terreno, apenas redundariam em obscuridade que necessariamente haviam de esmaecer e tornar indecisos os traços da generalisação que ambiciono esboçar.

Existe entre os Groelandezes um costume notavel e interessantissimo por ser a forma primitiva da celebre theoria que baseia o direito de propriedade na occupação anterior. Parece que os escriptores de direito natural foram pedir auxilios mentaes aos miseros selvagens que se acocoram famelicos nas geladas cavernas do polo arctico. E' lei, religiosamente observada entre elles, que, si um bezerro marinho arpado por um caçador consegue fugir, a ferida aberta no corpo do cetaceo é base sufficiente para fundamentar a propriedade contra quem quer que depois o apanhe, emquanto a corda do arpão não quebrar. Si esta, não resistindo ao arremesso do animal fsgado se arrebentar, o direito desaparece, mas quem encontrar a caça deve restituir a arma. Se muitos feriram um animal bravio ao mesmo tempo, a presa será de quem houver cravado a flecha mais perto do coração. Para que o individuo assignale sua intenção de possuir um madeiro que passa fluctuando ao arfar das ondas, basta

amarrar-lhe uma pedra em cima. Seu direito está firmado e quem não o respeitar offenderá a communhão. (6)

Na Australia o direito de propriedade individual é reconhecido perante certas tribus, Cada varão possui uma certa porção de terra com limites fixados e reconhecidos que geralmente passam de pais a filhos, podendo alias o proprietario vender ou trocar seus dominios. (7) Outras nações da Australia apenas reconhecem a propriedade das armas, de um pequenissimo numero de utensilios e da mulher, propriedade, aliás, sujeita ao esbulho do mais vigoroso. Mesmo o dominio territorial da horda é provisorio; enquanto ella permanece no mesmo sitio e em quanto o pode defender. E' uma occupação temporaria e ephemera que o acaso offereceu e que o acaso levará. No entanto é justamente essa a primeira base da propriedade immovel:—a occupação momentanea da collectividade. Um dia as tribus fincaram os pés no solo e sobre elles se mantiveram contra as investidas ambiciosas dos visinhos; estava creado o dominio territorial sob um aspecto collectivista ou social.

Depois destes exemplos que poderiam ser multiplicados, inquestionavel fica a asseveração de que os povos selvagens reconhecem certos rudimentos da propriedade quer movel quer immovel. E' certo que não encontramos esse facto generalizado por todas as tribus, pela razão de que a criação dos principios juridicos foi demasiadamente lenta e embaraçosa, mas o que importa é saber si, entre alguns povos selvagens, o direito de por e dispor a seu talante de uma porção da natureza é ou não reconhecido e respeitado tanto quanto podemos esperal-o de sua grosseiria e rusticidade.

E isso, acredito, está fóra de duvida.

Como conseqüentario do direito sobre as cousas surge o direito hereditario. Tambem elle encontrou na sociedade selvagem mais de uma forma.

O direito de testar é uma instituição relativamente nova, como observa S. Maine, mas, não obstante, Ellés attesta que em Taiti, quando um homem está gravemente enfermo convoca seus parentes e amigos para lhes dar instrucções relativas á distribuição de seus bens depois de sua morte, sendo suas ordens consideradas como sagradas. Esse povo atrazado, pois, enveredou pelo caminho que leva

(6) Consulte-se Lubbock op. cit. p. 444 e segs.

(7) *Ibidem*- p. 449.

a consagração de um direito cuja forma definitiva nos deram os romanos. Em certas tribus brazilicas, o selvagem orgulha-se em herdar as armas do valente guerreiro que o gerou.

Os bosutos applicam o direito de progenitura em todo o seu rigor. Durante a vida do pae já o primogenito goza de immensas regalias que o collocam n'uma posição excepcional em relação aos outros filhos e aos bens do pae.

O mesmo systema combinado com a herança por parte das mulheres existe em Viti, nos diz o citado Lubbock. Em outras paragens são os mais moços os privilegiados como se observa na Tartaria. Certos outros povos dão a posição social ao filho mais velho e a fortuna aos mais moços.

(*Continúa*)

CLOVIS BEVILAQUA.

O MEU ALBUM



Como o pudor, que não mostra as fórmas femeninas senão a seus proprios olhos, tambem eu terei bastante discricão para não confiar certas impressões, sonhos, reflexões senão a ti, meu inseparavel compãheiro de existencia, a ti que és a carne de minha carne, osangue de meu sangue, a minha alma em toda a sua nudez, o calice que trago, o perfume que aspiro, a repugnancia que tenho aos monstros, a admiração que sinto pelos genios.

Porém, meu fiel confidente, antes de fazer-te o espelho de minha vida, reflectindo o que ha de mais intimo em meu ser, deixa que illumine-te a estrella do meu destino, aquella luz maravilhosa, que parece ganhar em doçura e expansão o que vai perdendo em brilho e intensidade.

.....

Fui visitado por uma encantadora visão, uma tentação de formosura, de graça, de harmonia.

Procurei apanhal-a, mas a nympha fugio, tingindo de rosa o espaço.

Disseram-me que era a musa da felicidade, que tinha vindo encher de encantos a minha morada; mas não acredito.

A felicidade é mais alguma cousa do que uma especie de hospede divino, que nos vem visitar e depois retira-se: é uma disposição de espirito, uma sorte de philosophia que nos torna senhor do mundo e do destino, philosophia de Cervantes, o qual não foi pessimista nem optimista; mas soube rir e fazer rir a custa das miserias e ridiculos da humanidade.

.....

Apezar do tempo maravilhoso que fazia, uma dessas manhãs, em que a gente tem vontade de dar bom dia a todas as caras que encontra, elle tinha a alma sombria; inquietava-o, assombrava-o o sentimento aristocratico do isolamento, a emoção profunda da solidão.

Não comprehendendo o que se passava em si, resolveu uma viagem.

Partiria para muito longe, para o paiz, onde, dizia-se, as fadas, não tinham ensinado os amantes responderem senão — si.n! o paiz onde a desigualdade de fortuna não era um obstaculo á igualdade de sentimentos! o paiz onde a realidade era a objectivação do ideal.

Caminhou dias e noites, errando sob as sombras, encarando as estrellas, aspirando o perfume das arvores em floração,

Sentio sede, mas uma sede que seccava-lhe o sangue. Tinha as entranhas como uma fornalha ardente.

Entretanto, o céu morno, sombrio, peneirava uma chuva finíssima, que ia até a medulla dos ossos.

Teve vontade de chorar e sentio a alma como um immenso deserto de areia a seccar-lhe as lagrimas.

Depois, o orgulho do homem, que tem consciencia de seu valor, revoltou-se contra aquella pusillanimidade.

A natureza, a grande mãe de todos não seria tão má, tão perfida, que o deixaria morrer a mingoa.

Tinha direito a viver, elle que vinha de um paiz onde folhas verdes nascem dos troncos despedaçados pelos raios, e caminhava para a região em que lagrimas desabrocham em flores.

Era preciso andar, andar sempre; mas a fadiga tinha-lhe paralyzado os musculos.

Cahio de joelhos....

O verdadeiro era acabar com aquella vida, que o matava a todos os instantes.

Vio no horisonte um bando de corvos, que voavam e revoavam.

Iam devoral-o.

Restava-lhe este consolo: sobre a terra não ficaria senão o seu esqueleto como uma eterna maldição.

A sua cabeça que era grande como a de um leão, e bella como a de um geio, não seria roida pelos vermes. Naturezas aladas, que fitam de perto as estrellas, a levariam para o céu.

Mas, de repente, ouviu o som de um soluço, modulando uma immensa dôr.

Aquella vibração, que parecia-lhe vir das profundezas de um coração de mãe, banio-lhe do espirito toda ideia de morte.

Nós somos assim: a religião do sentimento torna grande o nada da vida.

.....

Aborrece-me ouvir discutir com toda seriedade qual é superior —o espirito do homem ou o da mulher.

A questão não é de *quantidade* nem de *qualidade*; mas de *modalidade* e *diversidade*.

O homem tem mais razão, a mulher mais inspiração: no homem predomina a prudencia, na mulher a ousadia; o homem move-se mais pela equidade, a mulher pela piedade.

Homem e mulher são naturezas, uma em nada inferior a outra, naturezas que se completam e entre as quaes ha verdadeira collaboração n'essa producção da evolução hyperorganica, que chama se *Genio*.

Por isso alguém já disse com toda a força de expressão, de que é possível reve-tir-se uma grande verdade: a alma do homem se apura e se aviva junto a mulher; a alma da mulher se alarga e se equilibra junto ao homem.

Convem não esquecer os elementos de masculinidade e femi- nidade da alma humana, isoladamente estreis, conjunctamente fe- cundos, para comprehender claramente a questão e sahir fora dos

lugares communs, n'este assumpto tão numerosos como as estrellas do céu.

Parece paradoxal, mas a verdade é que a necessidade do aborrecimento é que faz o homem de espirito deixar a solidão, em que vive na intimidade dos genios, para procurar a sociedade, composta em sua maioria de hypocritas e de tólos.

Como explicar que o espirito superior, em vez de levantar barreiras contra a tolice e a hypocrisia, vá muitas vezes sacrificar-se pela vida em commum, fonte inexgotavel de desgostos e decepções?

E' a necessidade de aborrecer-se que torna sociavel o homem superior: um espirito rico de vida interior não procura a sociedade senão para tonificar-se pelo tedio.

O que os homens de merito produzem de bom é ordinariamente provocado pelo aborrecimento.

Não é senão odiando tudo que existe, que o homem pôde produzir alguma cousa de novo.

Aquelle que sabe repugnar traz dentro de si uma mina de ouro. Assim como o amor de Romeu e Julieta nasceu do odio secular entre os Capuletos e Montegus, a verdadeira alegria, aquella que se produz no íntimo da alma, sem pompa, sem ostentação, nasce da aversão que ás summidades causa a inconsciencia da multidão.

ARTHUR ORLANDO.

BIBLIOGRAPHIA

A HOSPITALIDADE NO PASSADO de *Rudolf von Ihering*; traducção portugueza permittida pelo autor e precedida de uma noticia sobre o mesmo, por *Clovis Bevilacqua*--Recife, typ. Economica, 1891.



temos a vista, como se verifica pela indicação supra, a versão portugueza, feita sobre o original, do admiravel trabalho philosophico-juridico que o profundo autor do *Espirito do Direito Romano*, da *Finalidade no Direito* e do *Combate pelo*

Direito deu á luz em 1887 sob o attrahente titulo: *Die Gast—freundschaft im Alterthum*.

Empreheendo dita versão e levou-a a cabo com proficiencia e com proveito para todos os que estudam o direito e não conhecem a lingua allemã o nosso distinctissimo collaborador Dr. Clovis Bevilacqua, a quem nos confessamos gratos pela offerta, que nos fez, de um exemplar da sua recente publicação.

Comprehende o opusculo a que nos referimos uma ligeira *esquisse* preambular do assumpto sujeito á discussão e 5 pensados capitulos em que é estudado magistralmente o conceito da *hospitalidade* (*Gastfreundschaft*) na sua genese e nas suas manifestações capitae. Isto quanto ao texto vertido. Quanto ao valor deste e quanto aos meritos do fecundo e celebre professor de Göttingen, o traductor dá-nos algumas paginas iniciais, escriptas com consciencia e enthusiasmo.

Vê-se assim, que a publicação ora feita pelo Dr. Clovis Bevilacqua é daquellas que honram o productor e o meio litterario em que se produzem.

N'estas condições corre-nos o dever de não deixar passar despercebido o opusculo que temos á vista. Os nossos leitores, de certo, estarão anciosos por uma noticia, inda que succinta, do conteúdo d'*A Hospitalidade no passado*.

Dissemos que o trabalho de Ihering está dividido em 5 capitulos.

Enunciando agora os titulos d'elles mostraremos, em synthese, ao mesmo tempo o plano e a materia do opusculo. Eis os capitulos, na ordem em que estão collocados no volume: *a carencia de direitos nos tempos primitivos, elevação da carencia de direitos para a hospitalidade, relação entre o aspecto juridico e gasalho da hospitalidade, motivo pratico da hospitalidade, origem phenicia d' hospitalidade nos tempos antigos, conclusões*.

Tendo estabelecido previamente no preambulo de seu paciente e luminoso estudo que a hospitalidade antiga, a qual "se afigura co.no uma esphinge ethica" differe fundamentalmente da hospitalidade, ou antes, da *hospedagem* moderna, porque aquella "era uma instituição social de primeira classe, da qual dependia toda uma parte preciosissima da vida externa," e a outra tem uma "signifi-

cação puramente camararia" sendo facultativa e não obrigatória como entre os antigos; entra Ihering na explanação do assumpto mostrando que a *Rechtlosigkeit*, a carencia de direitos da parte dos estrangeiros foi uma necessidade dos velhos tempos e uma condição de vida intensiva e autonómica para as velhas sociedades.

Dahi passa o autor a mostrar como "nos tempos historicos encontra-se a hospitalidade em larga pratica entre todos os povos cultos do mundo antigo" e como ella "constitua a forma *por meio da qual, entre elles, se desenvolveu um commercio pacifico.*" Neste ponto produz Ihering grande copia de bellas e justas observações, estabelecendo comparação entre a hospitalidade na Grecia e identico instituto entre os romanos, e fazendo resaltar do conjuncto de taes observações o processo genetico do phenomeno em questão, cujo plasma (se bem comprehendemos o grande jurista) foi, de um lado, o instincto de expansão commercial entre povos visinhos, e do outro a falta de protecção juridica aos estrangeiros. Entre o duro dispositivo legal que mandava considerarem-se inimigos os membros de nacionalidades diversas e as necessidades imperiosas da troca e da circulação dos productos e riquezas — tinha de dar-se uma transacção que nem matasse o commercio nem infringisse de frente o rigorismo exclusivista do Direito. Esta transacção deu-se de facto e objectivou-se no instituto *economico-ethico* da hospitalidade.

Este ponto de vista conduz o venerando professor de Göttingen a examinar, em seguida, os dois aspectos *juridico* e *gasalioso* ou domestico da hospitalidade e a demonstrar que é "plenamente erronea a opinião que attribue uma importancia principal ao lado gasalioso da relação." O aspecto juridico do phenomeno (conceito antigo deste) prepondera, com effeito, na primeira phase de formação do instituto, e este "se nos apresenta como primitivo e-forço para a elaboração do direito das gentes na antiguidade."

De tudo isto conclue Ihering que são inacceptaveis as opiniões de Leopoldo Schmidt, de Wundt e de todos quantos imaginam que "*os preceitos da hospitalidade tiveram sua origem nos mais nobres sentimentos da humanidade e religião.*" Ao motivo religioso ou moral oppõe o grande pensador o motivo *pratico* e declara, fundado em magnificas razões historicas, que "a hospitalidade não foi o producto do sentimento moral de humanidade, porem sim do interesse".

Tal asseveração é completada e corroborada pelo estudo da civilisação phenicia, á qual o autor attribue a creação do instituto de

que se occupa. “Si a hospitalidade, diz elle, era uma condição indispensavel para o commercio internacional, não se poderá duvidar de que ella se tivesse desenvolvido, com os phenicios, em tempos remotissimos. Si o commercio chamou á vida a hospitalidade, então devia ella ter visto a luz do mundo muito mais cedo entre os phenicios do que entre os gregos, e eu não supponho errar computando a differença pelo menos em quinhentos annos.”

Que as *pranchetas* de hospitalidade (*symbolon* dos gregos, *symbolum* ou *tessera hospitalis* dos romanos) fôram uma invenção phenicia, e que a instituição de taes *pranchetas* “exclue todo pensamento de uma relação de amizade pessoal, tanto nas pessoas dos pactuantes originarios quanto nas de seus respectivos herdeiros” — prova-o Ihering de modo profundo e convincente. E as conclusões a que chega são rigorosamente deduzidas das premissas que estabeleceu no curso de seu trabalho, as quaes, por sua vez, baseiam-se todas em admiraveis documentos de erudição historica e de logica. Taes conclusões não precisamos resumil-as aqui, porque nesta noticia fomos frisando gradativamente as principaes asserções do vigoroso autor da *Hospitalidade no passado*.

Resta-nos só recommendar aos nossos leitores a leitura acurada do opusculo — verdadeiro thesouro em que nos deslumbra a intelligencia o ouro fino da possante intellectualidade de Rudolf von Ihering.

MARTINS JUNIOR.

PRIMO



into iriadas, intimas, nervosas,
extranhas sensações. Dôr e alegria.
Quando se ama é como quando as rosas
abrem-se a vez primeira á luz do dia.

A mesma embriaguez deliciosa,
a mesma inconsciencia que se sente,
sente-as, porém, o coração da rosa
n'esta contemplação do sol no oriente ;

e num só dia mesmo o astro apaga
e converte da flôr em gelo e calma
todo este ardor d'uma alma vaporosa.

Ah ! não te apagues nunca da minha alma
extranha sensação que me embriaga
da embriaguez dulcissima da rosa !

FERNANDO DE CASTRO.

A MEMORIA DE ELIZA

Si je mettais en vers mon infernal tourment,
Comme un habit de nain qu'endosse une geante
La strophe craquerait epouvantablement.

(C. MENDES).

Morreu contigo tudo, tudo quanto
Me avigorava e me floria a vida.
De tanto nobre estimulo, querida,
Só me ficou o estimulo do pranto.

Amor do estudo, entusiasmo santo
Pelo labor, pela fecunda lida,
Gloria, energia, sonhos, a atrevida
Marcha ao porvir que encorajavas tanto.

Nada sobreviveu á tua morte !
E agora está meu coração tão frio,
Tão esteril meu cerebro e sem norte,

Que nem posso dizer-te, n'um sombrio
Verso arquejante, dolorido e forte,
Como deixaste este meu ser vasio !

SOBRE A MULHER



Distribuo em trez grandes ordens regionaes a esphera onde gira a acção humana.

Na região natural, que outros chamarão moral, á mulher cabe um papel verdadeiramente assombroso; o de mãe, ao lado de outro muito menos grande: o de esposa.

A natureza em todos os trez reinos não poude crear maiores. Na cultura do primeiro ella é sem par em todo o universo; na do segundo só o proprio homem a poderia igualar.

Os papeis de sacerdotiza, vestal e freira são méras desordens transitorias, historicas.

Na social distingo-lhe um papel bem apreciavel á olho desarmado; o de educadora. Na cadeira de mestre, embora deslocada, a mulher continua no exercicio de funcções de mãe e esposa: crêa e modifica. E até é facto que o pão dado ao espirito das creanças pela mão da mulher póde não crear tão bem porem modificará muito mais que o distribuido por mão outra.

O serem capitalistas, proprietarios ou simples operarios são cousas tão difficeis de poderem ser equilibradamente quanto o serem advogados, litterata, sabia ou artistas. Mas nem por isso deixa a mulher ás vezes de ter geito ou vocação e sempre de ter direito á representar qualquer d'estes papeis notadamente os de litterata e proprietaria.

Anomalia da região social é a guerreira.

Na ordem politica não ha, porém, bom telescopio que tenha descoberto uma funcção positiva que seja compativel com a fórma e a economia feminis.

Ha quando muito, quem tenha suggerido a possibilidade de existir uma ou outra mulher não incompativel em absoluto com a superioridade especifica das funcções politicas. E, n'este caso mesmo, esses astros de primeira grandeza gozam um ou outro momento d'estas appareções extraordinarias.

A mulher não póde absolutamente ser nem eleitor, nem magistrado, nem legislador, nem governo.

A rainha é tão desordem politica como a escrava.

FERNANDO DE CASTRO.

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 20 DE MARÇO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

(Continuação)



Estas considerações sobre a successão hereditaria e testamentaria nos levam naturalmente a indagar as relações familiares neste estado da civilisação que agora nos prende a attenção. Antes, porém, de fazel-o, direi alguma cousa sobre as instituições judiciaes e a penalidade.

Na Australia, diz Grey que o criminoso é punido permittindo-se ao offendido que lhe fustigue o corpo á lançadas, e sendo indicada a parte do corpo que tem de ser martyrisada e prescripto o limite maximo do castigo. Si o executor se exaltar á ponto de applicar mais alguns golpes ou de ferir em logar não indicado, soffrerá a mesma pena.

Mas qual é o conceito do criminoso no pensar dos selvagens? Certo não é o mesmo que temos hoje nós os povos civilizados. O criminoso, para elles, não é o que mata nem o que rouba, mas simplesmente aquelle que viola o costume. Assim é que a ambição suprema do Vitiano, segundo observa Williams, é tornar-se um facinora por todos conhecido e temido; assim é que uns, como certos americanos do norte, acham honroso e louvavel o as-assinato dos estrangeiros, e outros, como os Barolongos, só temem commetter um acto criminoso si a possibilidade da vingança lhes apparece clara e manifesta. Creio mesmo que esses dois factores — o medo da vindicta privada e a necessidade de respeitar de alguma sorte a vida

dos companheiros para ser mantida a existencia da tribu — são de grande importancia para a transformação e diminuição do elemento perturbador do crime. Darwin reflectiou com muita razão que, si o assassinato fosse habitual entre os selvagens, (1) nenhuma tribu poderia subsistir, e que desse facto nascia a distincção egoistica relativamente á certas acções licitas fóra das fronteiras da tribu e reprimidas dentro de seu perimetro.

Falando de penalidade entre selvagens não se pode deixar de lembrar a anthropophagia judiciaria commum a muitos povos. Um antigo codigo dos Battas, por exemplo, condemna a serem comidos: 1.º os adúlteros; 2.º os que se prevalecem da noite para roubar; 3.º os prisioneiros de guerra; 4.º os culpados de endogamia; 5.º os que atacam á traição uma aldeia ou uma pessoa. “Quem commetter um desses crimes comparece diante do tribunal competente. Ouvidas as testemunhas, a sentença é pronunciada e depois os juizes bebem um copo de licor, cerimonia que equivale á assignatura do julgamento. Deixam que passem dois ou tres dias para que o povo tenha tempo de se reunir; e, no caso de adulterio, a sentença só se executa quando todos os parentes da mulher estão promptos para tomar parte no festim. Emfim, no dia marcado, o preso é conduzido para o logar da reunião e ligado a uma arvore ou a um poste, com as mãos cruzadas. O marido se aproxima e escolhe o pedaço que lhe apraz, em geral as orelhas; depois os outros convivas, uns apoz os outros, vêm se servir conforme sua posição e seu gosto.

Concluido o festim, o marido corta a cabeça do condemnado, condul-a para a casa em triumpho, colloca-a deante de sua casa e deposita n'um bocal o cerebello que tem, segundo os indigenas, virtudes magicas. Nos intestinos não se toca, mas o coração, as plantas dos pés e as palmas da mão são disputadas como pedaços appetitosos. A carne do criminoso é comida ora assada, ora crúa, mas sempre no mesmo logar. La têm os convivas limões, sal e pimenta para tempero, algumas vezes arroz, porém nunca licor nem vinho de palmeira; somente alguns trazem bambus ôcos por meio dos quaes aspiram o sangue do supplicado. Só os homens assistem a esta scena de canibalismo, porque a carne humana é prohibida ás mulheres (2).

(1) Spencer (Sociologia) com uma grande copia de factos, nos demonstra, por outro lado, que nem todos os povos selvagens correspondem a esse typo de ferocidade e desbragada rapina, que muitos phantasiaram.

(2) Hovelacque—op. cit.—p. 274.

Não póde causar admiração á pessoa alguma que muitos factos considerados criminosos segundo a opinião dominante na actualidade, fossem não sómente licitos, mas até ordenados na sociedade selvagem. Nestas condições estão o aborto e o infanticidio usado em grande escala pelos papuas, tasmanios, payaguaes e por quasi todos os selvagens, quando sentem a necessidade de restringir o crescimento da população. O assassinato dos velhos e doentes, os homicidios a proposito dos funeraes dos chefes são factos geralmente conhecidos como de pratica usual e permittida entre selvagens.

O furto, o latrocinio não é uma acção ignominiosa. A propriedade primitiva parece mesmo ter-se baseado, em parte, nesse elemento actualmente injuridico. *Prædium*, em latim se relaciona com *præda* e *prædare*. Os Egypcios que já não eram selvagens reconheciam a profissão do salteador como licita e que podia ser desempenhada sob a vigilancia e inspecção do Estado. *Egyptis omnia furta licita et impunita*, diz-nos Aulo Gellio. Nota-se porém que muitos selvagens, como, por exemplo os esquimões são honestos em suas transacções reciprocas, porém, não em suas transacções com os estrangeiros (3). E nisto não eram excedidos pelos gaulezes e germanos que, segundo referem Cezar e Tacito, procediam do mesmo modo.

O verdadeiro crime, entre os selvagens, são as infracções dos usos estabelecidos, como já ficou dito.

“ Assim, na Australia, os velhos e os chefes têm o direito de saborear a carne do emú. Si acontece a um mancebo honesto, cedendo á tentação, matar e comer um desses animaes, é assaltado pelos remorsos, cahe n'uma profunda melancholia e pede para ser punido” (4). Eis um crime, porque é uma violação do costume, e o costume é a manifestação unica possível do direito entre os povos selvagens. Mas como os costumes poderiam, apesar da natureza essencialmente conservadora do homem, vir a perder a força e o imperio sobre os espiritos, cedo surge a religião para perpetual-os e sagral-os, transformando-os em preceitos seus.

Na Oceania, é um crime, *tabu*, o facto innocente de um soldado tocar no corpo de seu chefe, é um crime para a mulher pousar a mão

(3) E' que ainda não attingiram áquelle periodo de civilisação em que o desenvolvimento mercantil impõe o respeito aos bens e á pessoa do estrangeiro, que tam eruditamente nos descreve Ihering em sua *Hospitalidade no passado* (trad. port. Recife, 1891).

(4) Lombroso—L'homme criminel, trad. de Regnier et Bournet, Paris, 1887, pag. 71.

sobre as armas guerreiras de seu marido ou de qualquer outro homem, é ainda um crime para a mulher entrar n'uma piroga pertencente a um homem, assim como para ella e para o homem são delictos mercedores da pena ultima falarem dos padres, trocarem seus nomes pelos de quaesquer animaes, sahirem da choça por occasião da morte do chefe, antes do sacrificio humano e até o comer a carne do porco branco (5).

Passemos a considerar as relações e, consequentemente o direito de familia.

Está fora de contestação que o hetairismo, a promiscuidade de mulheres foi a phase inicial das relações de familia, muito embora certos animaes inferiores sejam rigorosamente monogamos, muito embora certos povos selvagens tenham desconhecido essas modalidades da união sexual. Mas os factos predominantes, confirmados alem disso pelas tradições religiosas de Babylonia e da Grecia, põem fora de questão este ponto.

Em um tal momento da evolução social o parentesco é um vinculo natural, mas fragilissimo, que se rompe ainda na puericia do filho, só pode prender os parentes a tribu pelo lado feminino (agnação) e não é fonte originaria de direitos (6). A condição da mulher é tristissima. Para que serve ella? "Para que se encarregue de me preparar a lenha, a agua e os alimentos e para carregar o que possui responde um jovem australiano."

Lubbock admite com Mac Lennan e Bachofen o estado primitivo da communhão, aliás não absoluta, das mulheres, e opina que os homens se elevaram dessa condição de pura animalidade para o casamento individual pela permissão, concedida ou tolerada, aos guerreiros de se considerarem senhores unicos e absolutos das mulheres que capturavam em suas correrias pelos territorios inimigos (7).

(5) Lombroso—*op. cit.* pag. 75.

(6) Morgan nos diz que, em hawaiano, a palavra *kaikoo-kana* significa filho, sobrinho em qualquer grão e primo em primeiro; são relações que se não distinguem; *waken* designa a mulher, a cunhada e a concunhada; *kana* tanto é o nome para significar o marido como o esposo da irmã e o irmão do marido. A filiação é, nestas condições, um laço que liga o individuo ao grupo e não é seus paes.

(7) Não acredita, porém, o illustre escriptor citado que essa razão seja unica. Elle convém em que o desenvolvimento das affeições, as commodidades do arranjo domestico, a vontade da mulher e mais que tudo isso a fraqueza dos filhos nascidos sob esse regimen, contribuíram para a individualisação do casamento.

Estabelecido o casamento individual, que pôde tanto ser a monogamia quanto a polygamia, sendo certo aliás que a primeira destas formas de junção sexual é pouco commum nos povos selvagens, estabelecido o casamento individual, dizia, o marido foi o senhor. Foi o senhor, por direito de conquista, quando capturou duas mulheres na guerra ou em expedições menos ruidosas pelas tribus vizinhas, e foi senhor quando a tomou na propria tribu. E' para firmar sua auctoridade seu poder marital que o australiano derreia a paulada, e arrasta pelos cabellos através dos bosques a mulher que vae tomar para esposa. E' para ostentar seu imperio e sua força que, em Bali, os barbaros amantes vão espreitar as jovens, que vagabundeiam pelos campos, e logo que as avistam irrompem sobre ellas, violam-nas e vão-se em vertiginosa carreira carregando as infelizes de rastos, os cabellos esparsos, os vestidos em trapos.

Esses tempos de estúpida grosseria passam, mas sempre a força acompanha a celebração e a continuação do casamento, ainda que seja symbolicamente e por simulacros que fazem suspeitar uma violencia prompta a se exhibir, quando a oportunidade se mostrar sob a apparencia da menor contrariedade. E tam fundas raizes creou esse costume que os povos civilizados ainda o conservam, no poder marital juridicamente mantido com latitude maior ou menor, segundo a indole dos individuos.

O casamento por captura, que foi evidentemente a origem juridica desse poder, foi em outros tempos e ainda é hoje no seio das populações atrasadas um facto assombrosamente generalizado. Nós vemo-lo em execução em quasi todos os povos, ora em realidade ora por ficção, e como cerimonia indispensavel ao acto da vinculação dos conjuges. O costume que tinham os romanos de erguerem a noiva para transpor, o limiar da casa nupcial é uma reminiscencia da captura. Mas não eram os romanos os unicos a por em pratica essa usança, pois que na China, no Canada e na Abyssinia, os ethnographos encontraram ceremonias analogas, e Lubbock encherça nesse periodo chamado da *lua de mel* em que os recém-casados se segregam da vista e do afflago dos parentes, um apagado vestigio da captura.

Do casamento por captura, que originou a endogamia, e que foi em geral polygynico passou o homem á monogamia, que se tornou a forma definitiva da união dos sexos, a mais propria á disciplinar os impulsos desordenados da virilidade e a mais consentanea com o desenvolvimento mental e emocional da humanidade. A polyandria,

apezar da opinião contraria de Mac Lennan e Morgam, não pode deixar de ser considerada como um phenomeno excepcional proveniente da escassez das mulheres sacrificadas no nascedouro pelo uso generalisado do infanticidio.

A filiação e o parentesco são concebidos por formas diversas nas varias phases de modo de organizar as relações sexuaes. Quando as mulheres eram communs, já o disse, o filho não tinha pae nem mãe, pertencia á tribu. Os laços entre o pae e o filho são ainda muito frageis no periodo da polygamia. Em compensação os maternas apertam-se e avigoram-se. Então o filho é exclusivamente parente da mãe, a linha masculina ascendente não entra em consideração. O herdeiro do homem não é seu filho, é seu sobrinho o filho de sua irmã. Herodoto, Polybio e Tacito nos falam desse costume existindo entre os Lycios, Locrios e Germanos.

CLOVIS BEVILAQUA.



POBRES CRIANÇAS !

(ESCRIPTO DE UM LIVRO INEDITO)

Nos Estados Unidos e em toda a Europa, que é de onde nos veem as reformas, é hoje uma questão vencida que o methodo de Fræbel deve dirigir a primeira educação da infancia. A muito irracional e antiga escola primaria vai, por toda parte, cedendo o passo ás formosas instituições dos Kinder-garten.

GAMA ROSA.



empre que eu olho, com o olhar interior da minha reflexão, para uma dessas casas de physionomia apagada e suja em que se destaca, n'um cimo de porta, uma taboleta com a inscripção *escola publica*, assedia-me o cerebro uma revoada enorme de pensamentos acabrunhadores, e veem-me á memoria, n'um impeto de revolta, os bellos e pensados versos com que Junqueiro apostrophou, ou antes azorragou, as escolas portuguezas.

A instituição é, de facto a mesma, no Brasil e em Portugal. — Uma sala pequena e pouco arejada, escura e quente, com arabescos de pó e teias de aranha na cal livida das paredes, onde cinco a seis

duzias de bancos de amarello se juxtapõem sem arte em frente á meza desornada do professor, e onde das nove ás duas horas do dia, o dito professor tortura pequenos cerebros na faina da soletração e leitura cantaroladas — quando essa faina não é incumbida a *decuriões* imbecis — ao mesmo tempo que enverga as espinhas e as mãos das crianças nos mais ineptos exercíciós graphicos; — eis aqui o que é o nosso regimen escolar.

Antro da estupidez, inquisição da infancia! dá-me vontade de exclamar com o poeta!

Observemos de mais perto o quadro desolador: Dentro da sala descripta estão algumas dezenas de crianças franzinas, pallidas, accusando nos rostinhos magros uma degenerescencia physiologica. Assentadas, ou antes, apertadas umas contra outras, veem chegar a hora da aula como quem sente a approximação de um supplicio.

Como aquellas pequeninas almas anemicas mostram-se sem estímulos e sem conforto! Seus paes — a gente da classe media — resolveram um dia mandal-as para ali (disseram-lhes) afim de castigal-as das suas travessuras que se iam tornando cada vez mais frequentes e incommodativas. Assim, ellas, as pobres creaturinhas, de 6, 7 annos quando muito, sahidas apenas da primeira phase vegeto-sensitiva da vida, não possuem a mais pequena noção da necessidade da escola, da utilidade dos livros que lhes mettem nas mãos,

Em casa mataram-lhes o desenvolvimento do corpo prohibindo-lhes que corressem, que brincassem ruidosamente, que saltassem no quintal, offegantes, sob a limpidez crua do sol; na aula vão esmagar-lhes estupidamente os rebentos do espirito com uma disciplina mental obcecante, asphyxiadora, errada. O mestre completa a obra inepta dos paes.

Estes e aquelle sujeitam os homens de amanhã a uma educação incompleta, manca e atrazadissima.

Si tomo para gradimetro do ensino entre nós dando ás crianças a divisão de Herbert Spencer, (1) vejo que é tristemente negativo o resultado educacionista a que se chega nas escolas brasileiras.

Educação physica é cousa de que nem cogitam paes e professores. Parece que a sabedoria dos legisladores e estadistas indigenas repugnam os organismos fortes, cheios de seiva e de energia.

(1) O chefe da escola evolucionista ingleza divide a educação em *physica*, *moral* e *intellectual*.

Olhae para aquelles meninos que entôam n'uma melopéa deploravel a taboada exigida para base dos seus estudos arithmeticos : observai-lhes a molleza, a flaccidez doentia dos tecidos, o rachitismo dos musculos. Direis um batalhão de cacheticos em marcha para o tumulo, ao som de um hymno funebre.

Quanto á *educação moral* — aquella que fórma os sentimentos e o caracter, que faz os artistas e os puros — não me consta que ella tenha deixado, alguma vez, de ser um mytho, em nossos estabelecimentos escolares. De resto, os paes de familia entendem que ella pôde ser dada nas aulas como um appendice do curso das *primeiras letras*, e os professores pensam que se desempenham dessa incumbencia ensinando ás crianças o *catecismo*.

Aqui é força confessar que o defeito não está no regimen escolar, — está na ignorancia ou desleixo dos paes, inconscientes, na quasi totalidade, da sua nobre missão de educadores domesticos.

A *educação intellectual*, em que já toquei de passagem e que é a que propriamente incumbe ao professorado instituido pelos poderes publicos, — essa é simplesmente isto : Um methodo absolutamente irracional para o conhecimento e decoraçào dos caracteres graphicos; um estiolamento completo da intelligencia dos discipulos para só se lhes aproveitar e cultivar a memoria; um vezo funestissimo de contrariar a evoluçào natural do espirito das crianças sobrecarregando-lhes a retentiva desde que ellas começam a ler, com umas régras abstruzas de grammatica; leituras repetidas, e geralmente *cantadas*, de livros *pulhas* que dão aos educandos uma intuição completamente falsa de tudo que os cerca; emfim — uma verdadeira martyrisaçào mental, advogada pela ferula !

.....

E quando eu vejo, com o olhar interior da minha reflexào, todas essas cousas desoladoras, cabe sobre mim um desalento profundo, uma tristeza infinita.

E' que eu reconheço quão difficil se torna a regeneraçào da patria, assim, com essa educaçào dada ás gerações mais novas. E' que ao passo que eu vejo imperar em meu paiz a rotina pedagogica, cheia de anachronismos e de erros, vejo além, na America do Norte e em grande parte da Europa, operar-se uma grande revoluçào educacionista que prepara para os povos desses logares proles de gigantes, de verdadeiros homens modernos. E' que, finalmente,

emquanto lá nessas terras felizes, uma comprehensão positiva e bôa da educação dá á infancia os *Kindergarten*, o ensino mixto e maternal, as *lessons on objects*, o methodo de Pestalozzi acomodado ao presente, o methodo do Frœbel e outras novas creações magnificas; — nós, os brasileiros, não conhecemos, no assumpto vertente, as fecundas theorias de Augusto Comte, não lemos Bourdet nem Robin, (2) não estudamos Spencer e Bain, não temos nenhuma noção moderna do que venham a ser Educação e Instrucção, e permittimos que se ensine hoje pelos mesmíssimos processos que já em 1500 punham em pratica os nossos avós portuguezes!

Pobres de nós, que assim nos revelamos indignos do nosso tempo, mas, sobretudo, pobres de vós, criancinhas a quem preparamos um futuro igual ao nosso presente!

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

O MEU ALBUM

A minha *psyché* navega sobre o oceano das edades e vê cousas extraordinarias: moleculas constituindo nebulosas; nebulosas se transformando em sóes; sóes organisando mundos; erupções volcanicas levantando montanhas e cavando vales; chuvas cahindo sobre vales e formando vastos oceanos; algas, cryptomas, phanerozomas e todas as plantas, sem flores e sem fructos, fazendo a primeira apparição da vida; animaes inferiores, como o *Amphioxus*, sem membros, sem cerebro, sem coração, elevando-se por transformações successivas até o homem; o homem primitivo, o habitante das cavernas de Moustier, de Cro-Magnon, da Laugeria, defendendo-se contra as grandes especies felinas, pachidermicas e chelonianas, inventando o machado, o arco, a flecha e todos aquelles instrumentos, todas aquellas armas, que são

(2) A bella obra de Eug. Bourdet *Principes d'education positive* traz um admiravel prefacio de Ch. Robin, que só por si vale um curso completo de pedagogia.

os primeiros elementos de civilização; a civilização caminhando do Egypto para a Assyria, da Assyria para a Phenicia, da Phenicia para a Grecia, da Grecia para Roma, e de Roma espalhando-se por todo o Occidente; enfim a sciencia humana descobrindo a bussola, o vapor o telegrapho, subjugando as forças da natureza, a luz, o magnetismo, a electricidade.

A minha *psyché*, porem, se olha para o futuro, não descobre senão formas vagas e indecisas e então sob um ceu azul, bordado de flores luminosas, sente-se invadida pelo desanimo e pela tristeza, como se tudo a abandonasse, a deixasse só.

Nem falem-me na crença de um progresso indefinido.

Esta erença faz acreditar que o homem marcha; porém não diz para onde elle vai.

Mais ainda: não está provado que o progresso seja a lei do destino humano em todas as suas relações.

Além de intelligencia o homem é sentimento e o sentimento desenvolve-se pela poesia e pelas artes.

Entretanto, a poesia estacionou com os grandes poemas da antiguidade, com o *Ramayana*, com a *Illiada*, com a *Odyssea*.

A idade media com o d'espreso do corpo humano matou a esculptura grega; a architectura decahiu logo que o homem se reconheceu como uma parte infima desse grande todo, que se chama universo; a pintura tocou ao seu pleno desenvolvimento na Renascença.

Todas as artes parecem extinguir-se como arvores que não têm mais seiva, como velhos cujas veias ossificadas não contêm mais o sangue necessario á vida.

Depois, faça-se o inventario das conquistas da humanidade e ver-se-á que os beneficios da civilização são illusorios ou caramente pagos.

Para conquistar o direito de existencia o homem teve de lutar contra o tigre ante-diluviano, contra o rhinocero fossil, contra o urso das cavernas; porem o que vale o direito de existencia em face da peste, da fome e da guerra?

Tambem o amor com que se tem pretendido encher o vasio deixado no coração do homem pela duvida religiosa, poderá trazer o progresso, sob todas as suas formas, menos o progresso do bem estar geral, porque o coração quanto mais ama, mais sente o vazio se abrir e se engrandecer em suas entranhas como um voraz abysmo.

O amor é ao mesmo tempo victima e carrasco: não inspira langurosos idyllios senão para provocar sanguinolentas luttas, que matam, que aniquilam a alma.

.....

A fadiga do corpo e o esgotamento do espirito obrigaram-me a fugir para o campo.

Estou a muitas leguas da cidade, sob um céu de anil, respirando um ar que fortalece os musculos e purifica os sentimentos.

Aqui as arvores são cidades cantantes: centenas de ninhos pendem dos ramos, e milhares de passaros formam uma orchestra de uma maravilhosa infinidad de tons.

N'este bello canto da natureza tudo respira poesia e provoca lyrismo, até mesmo um cão, que faz tudo o que advinha no olhar do senhor, mas que não apanha a caça, que este mata.

.....

Sei que li, mas ja não me recordo se em algum livro, sorriso ou lagrimas, que a melhor prova de nobreza d'alma é sympathia para todas aspirações á luz e ao ideal.

Entendo que se deveria antes dizer: tolerancia para todos os erros, complacencia para todas as futilidades.

ARTHUR ORLANDO.

—◆◆◆◆◆—
LEX



flor se inclina na haste. O sol, o absoluto
soberano sidereo, envia-lhe calor.
e quando o tempo passa amarellece a flor
e a petala que cae cede logar ao fructo.

Depois que o fructo cresce arredondado e, cêdo,
fênde-se á luz solar que racha a casca á meio
cae na terra a semente, a terra lhe abre o seio
e rebenta de novo o ôlho do arvoredado.

Tambem dos genios mana a ideia e medra e cresce,
e no espaço e no tempo em meio ás mesmas crises
passa por tão fieis e eguaes transformações

que até na occasião de germinar parece
ver-se irromper da terra onde implantou raizes
a ideia genial movendo as multidões.

FERNANDO DE CASTRO.

AQUARELLA



ma nesga de céu, curva e lavada
Pela chuva de sol que molha o poente,
Cobre ao longe serena, ethereamente,
A linha do horizonte opalejada.

Sobre o segundo plano, uma ondulada
Planicie vê-se. E a um canto a veridente
Cabelleira de uma arvore potente
Tinge de verde a vastidão doirada.

Morre a planicie ao pé de uma montanha ...
E a montanha parece um obelisco
De terra-cota e de estructura estranha,

Emquanto em baixo o caprichoso risco
De uma caza de ogivas lembra a Hespanha
E as linhas nobres de um solar mourisco.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

CONCEITO MORAL



onvicção minha é que esta geração de brasileiros está irremediavelmente perdida. E tal perdição — transitoria mas sem remedio — não cifra-se em sua nullidade para a vida politica, ou economica, ou moral. Eu temo até que ella só pôde figurar como parcella negativa, deleteria; e, si produz alguma acção junta aos poucos elementos que temos para a creação do futuro, é contra elles.

Está perdida, imprestavel, e faz-se preciso removel-a dos calculos e dos planos de reconstrucção da Patria.

Obra triplíce da centralização, da escravidão e do fanatismo—que estatuiram n'este pedaço uberrimo do occidente durante 4 seculos uma selecção de accaso e invalida mas hereditaria e colheram fatalmente para a raça dos eleitos o monopolio ruinoso da terra, do capital e do trabalho: pilares principaes de qualquer sociedade humana!

De resto, á uma nação assim, grande mas heterogenea, senhora do solo mais fertil do mundo porem originada do que havia de mais fraco nas tres raças do planeta, deixaram sem religião, sem costumes sem instrucção e literalmente sem organização de familia.

Herança da barbarie, da precipitação e da incuria !

Uma geração tal—fructo de longo e insoluto passado,—é incapaz de aproveitar um acontecimento como o da Restauração hollandeza, ou o da Independencia, ou o de 7 de Abril, ou o de 15 de Novembro, porque ella não tem opinião, move-se inconscientemente;—é incapaz de acrescentar a riqueza publica ou de conserval-a porque ella não tem valia, nem credito, nem technica pessoas para o trabalho livre e sciencífico;—é incapaz de desaffrontar-se de um ultraje internacional, como o do bill Aberdeen, porque ella só sente energias e valor para provocal-o. Só é susceptivel: de deixar-se, illudir pelo explorador politico, que ella gerou espontaneamente, expoliar pelo especulador financeiro, de que ella necessita para lhe facilitar o credito, e assistir impavida e cynica ao seu estrangulamento territorial, ao derramamento inutil do seu sangue e a ruina publica pela bancarota,—ocasionaes ou não, em todo caso imminentes perigos actuaes.

Opto por essa occasionalidade e estimo poder fazer esta opção. Mas acho tão sem remedio e tão sem paradeiro a perdição da actual geração dominante de brasileiros, — que mal aprendeu a destruir !

—que nem julgo que um Pedro Grande ou um Washington pudesse salvar-a e reerguel-a profecticiamente neste momento porque julgo-a incapaz (nos limites da especie) de se deixar mover e arrastar em peso por um espirito creador que obedecesse a um plano politico, economico e moral, perfeitamente nacional, isto é em que coubesse a nação toda.

Este sonho já se me desvaneceu.

Tudo se desmorona ao mais leve sopro produzindo um abalo e uma perturbação nunca vistos. Pode-se contar duzias, dezenas, centenas de brasileiros, empenhados á esta hora na obra do desmoronamento; não ha porem um só obreiro em todó o paiz que tenha começado a tarefa gloriosa e consciente de edificar.

Para garantir o futuro da nova Patria só ha um remedio á lançar mão e applicar já e já com esperança de exito longinquo : abandonada a geração actual — maior porem incapaz — á vertigem de seu destino de decadencia, é empregar todo o empenho immediato em isolar as gerações vindouras.

E o maior e melhor isolador immediato de que podemos dispôr é o da Instrucção Nacional. Nisto é que consiste a unica reforma civil do momento.

A obliteração, entretanto, do senso publico é tão grande e tão profunda no Brazil que este vocabulo não só não merece a valia em que é tido pelos Estados Unidos ou pela Suissa, como até eu temo que mesmo á aquelles que pensam um pouco no futuro do paiz elle desperte a mesma fé da panacéa de Paracelso.

O remedio, porem, é este e é o unico. As gerações novas e vindouras necessitam ser afastadas do meio de confusão e descuramento e atrazo que a centralisação, a escravidão e o fanatismo geraram para a actual. Reclamar, pois, instrucção aos poderes publicos, eis o grande dever do brasileiro.

No desenvolvimento particular de tão importante reforma civil baste-me reproduzir *ipsis verbis* o que já escrevi em documento que corre impresso :

—“ Instituido em massa o ensino popular nas escolas primarias e secundarias, o superior nas Academias e Universidades, o tecnico das bellas artes e das artes necessarias nos lyceus e nos laboratorios, o industrial e o manufactureiro em colonias e em tendas, e o militar para os corpos de terra e mar; cabe ao jornal e ao livro e ao mestre o triplo papel de eliminadores do proletarismo e da vagabundagem, — de creadores d’essa litteratura que nos falta.

“ dessa religião e costumes que não possuímos, dessa sciencia que
“ mal importamos em segunda e terceira via, dessa milicia e magis-
“ tratura patrioticas que nos hão de guardar e zelar as instituições,
“ — e finalmente de preparadores desse homem resolute e esperan-
“ çoso, senhor do solo e de si mesmo, proprietario e cidadão, que já
“ faz na Russia e na União Americana a gloria do genero humano.”

N'esta região porém, tão fertil de bons fructos entre quasi todos os povos occidentaes, é digna de ser observada, quer em quantidade, quer em qualidade, quer em methodo e modos, a natureza da acção publica que a cultiva; porque é perfeitamente a mesma da acção geral empenhada na cultura de regiões parallelas: diminuir, confundir, anarchisar, desmoronar, são os instrumentos unicos de que ella se serve n'esta região.

Quadra — para prova ! — apanhar esta acção, no presente momento que diz-se o mais avançado da nossa historia, em Pernambuco mesmo que é um dos Estados mais ricos da União Brasileira.

O leitor me desculpe particularisar, mas faz-se preciso. Eu não quero apontar e classificar a *qualidade* pessima do ensino que se distribuia e se distribue em todas as escolas, em todos os collegios e em todos os estabelecimentos de ordem superior ou inferior, publicos ou particulares; nem necessito desvendar tal acção deleteria esforçando-se de todos os modos por *metamorphosear* em viveiros de proseytytos e eleitores o Collegio das Artes, o Gymnasio, a Escola Normal e a propria Academia de Direito; tambem não quero uzar o argumento do lucro cessante que acarreta a ausencia absoluta da verdadeira aprendizagem artistica, industrial, fabril e militar; — baste-me raciocinar defronte da *quantidade numerica* das escolas publicas primarias que a geração actual paga no estado de Pernambuco para ensinar á seus descendentes o Alphabeto, a Calligraphia, a Doutrina e as 4 operações rudimentares do calculo.

Tambem isto basta para provar a allegação toda.

“ Segundo a opinião dos competentes (disse o sabio solitario da Escada) a proporção regular entre o numero de habitantes de um paiz e o das pessoas que devem frequentar as escolas é de 12 a 15^o10.”

Sendo de 1,200:000 a mas a população deste Estado, segue-se que devê ser de 144,000 á 180,000 o numero da frequencia ou pelo menos da matricula dos alumnos.

E desde que cada escola pode quando muito comportar equi-
bradamente 50 discipulos, devia ser de 2,880 á 3,600 o numero das
escolas publicas existentes em Pernambuco.

Entretanto pelo ultimo Relatório da Repartição competente se vê que a este Estado cabe somente a esmola de 484 escolas publicas primarias, com 22,314 alumnos matriculados, dos quaes só frequentam 15,521 !

Estes Algarismos descobrem a chaga toda, mas não toda a sua hediondez.

Pois alem de tudo mais, alem do envenenamento e do desvittuamento do ensino, ao envez de augmentar o numero das escolas e provel-as de um magisterio titulado ou pelo menos provadamente apto, a administração publica de Pernambuco desde longos annos que só se occupa em dissolver isso que se pode chamar o serviço da instrucção por meio de extincções e creações instaveis e irregulares de cadeiras centraes, remoções de professores, nomeações de não diplomados, notadamente inhabeis, com preterição dos titulados por Escolas proprias para este fim, — tudo sem plano ou tudo feito sob o influxo de conveniencias egoistas e de occasião.

Corre até entre nós — cumulo de incuria ! — que o magisterio do interior tem procurado quasi todo localisar se na Capital, e tem conseguido em grande parte o seu intento.

Não póde ser peor a natureza da acção publica em qualquer das regiões onde appareça.

Si não fosse caso julgado a obliteração do senso em toda a escala, por igual em governados e governantes, vinha á pello aconselhar ao poder publico que tomasse mais á serio a instrucção nacional e levantasse-a desse descredito.

Ella é o melhor isolador que podemos edificar entre a geração actual e as vindouras !

E é num paiz destes que ha quasi 30 annos que se cobre com a fama de Dictador e tyranno a memoria de Lopez, e com a de selvagens fanaticos a dos seus heroicos compatriotas. Entretanto o Presidente electivo da activa e honesta republica do Paraguay, na mesma hora em que declarou a guerra ao Brazil, mantinha dentro de seu pequeno paiz mais de 500 escolas primarias e, na Europa, uma centena de estudantes, pensionistas do Estado, matriculados em quasi todas as universidades celebres de França, de Inglaterra e da Allemanha (1).

FERNANDO DE CASTRO.

(1) La politique du Paraguay; par Claude de la Poëpe. Paris. 1869,

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE MARÇO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

(Continuação)



com a monogâmia que o parentesco paterno, a cognação se estabelece predo minantemente, excluindo a agnação para afinal se combinarem ambas n'um systema harmonico que é o nosso. Esta evolução foi longa e complicada. Na impossibilidade de expô-la detalhadamente, tentarei illustral-a com as considerações que se vão seguir :

Morgan, (System of consanguinity and affinity) divide os systemas de parenteseo em duas grandes classes : o parentesco por descripção e o parentesco por classificação. O primeiro é o das raças aryanas, semiticas e uraliauas, o segundo das raças americanas, turanianas e malaias

Lubbock, admittindo esta differença, acha que a primeira é um desenvolvimento da segunda e organisa assim o quadro do systema do parentesco :

	1 ^a ph.	2 ^a ph.	3 ^a ph.	4 ^a ph.	5 ^a ph.	6 ^a ph.
Irmã do pae.....	mãe.	tia.	tia.	tia.	tia.	tia.
filho do irmão do pae.....	irmão.	irmã.	irmão.	sobri nho	sobr.	sobr.
Filho do filho da irmã do pae.....	filho.	filho.	so b r i. nho.	sobr.	neto da tia.	neto da tia.
Filho filho do filho da irmã do pae.....	neto.	neto.	neto.	neto.	neto.	bisneto da tia.

E chega a estas conclusões : 1.^a que os termos empregados pelas raças inferiores para designar o que nós chamamos parentes não são mais do que simples expressão indicando o resultado do casamento e não comportar a idéa de parentesco tal como nós a comprehendemos.

Que, de facto, o laço dos individuos *inter se*, seus deveres reciprocos, seus direitos na herança têm por base antes a relação com a tribo do que com a familia e que quando um conflicto se levanta entre as duas idéas, a idéa da familia deve ceder á da tribo.

2.^a Que a nomenclatura dos parentescos em todas os casos até aqui conhecidos não pode ser explicada si não pela theoria do progresso.

3.^a Que suppondo duas raças no mesmo estado social ; uma em via de progresso e a outra em via de degeneração, estas duas raças teriam um systema de nomenclatura necessariamente differente.

4.^a Que algumas raças que mais se aproximam de nosso systema europeu se afastam d'elle em pontos mais ou menos explicaveis pela hypothese de que sua condição social foi outr'ora muito mais grosseira do que é presentemente (1).

Já temos visto a origem, primitiva e obscurado germen de muitos institutos jurídicos nesse confuso estado de degradação e miséria humana.

Ainda muitos outros podemos descobrir com pequeno esforço. A adopção que veremos desenvolver-se de um modo especial em Roma não é desconhecida pelos selvagens; o dote e a communhão de bens (2) são uma vez ou outra praticados. Si a communhão de bens se nos apresenta como um facto de excepção não podemos dizer o mesmo do regimen dotal que nasceu da multa imposta aos guerreiros que no tempo da promiscuidade das mulheres queria ter uma ou muitas esposas exclusivamente suas. Uma vez que as mulheres eram, como o solo, propriedade da tribo, si alguém, derogando ou infringindo direito commum, tomava para si uma esposa que era sempre trazida de uma expedição guerreira, tinha que pagar uma certa multa. Essa é, me parece, a origem do dote que se foi pouco a pouco modificando e tomando os aspectos mais

(1) Op. cit. pag. 197 — 198.

(2) Uma das formas do casamento usado em Sumatra, o denominado *Samando* estabelece a communhão de bens, quer em relação aos aqquestos posteriores no casamento quer em relação ás dividas.

variados até constituir-se um verdadeiro e vigoroso instituto juridico com o regimen dotal dos romanos que corresponde á origem dos matrimonios livres, segundo pensa Cogliolo (3).

Para demonstrar que a origem do dote é essa que ficou assignalada julgo de valor as considerações que passo á expor. Em primeiro lugar cumpre ter em vista que existe, entre os povos selvagens, o costume do casamento por compra, o que fez considerar a mulher como um elemento de economia. “Ella foi comprada, diz o Cafre, portanto deve trabalhar.”

“Entre os antigos habitantes de Yucatan, refere Spencer, si uma mulher não tinha filhos, o marido podia vendel-a, á menos que o pae não consentisse em restituir a somma que lhe tinha sido paga (4).

No Geneses, cap. XXIX, não vemos Jacob por quatorze annos de trabalho, comprar as duas filhas de Labão?

Pois bem a importancia da compra que é, nos casos citados, entregue ao pae, pensam alguns, que deve ter sido anteriormente paga a tribu que era a proprietaria, em commum, do solo e das mulheres.

Em segundo lugar, o *maritagium*, sob sua forma chocante do *enjambaje* e da *marketa* que havimos de ver expandir-se no direito feudal, é claramente uma reminiscencia do estado primitivo da propriedade commum das mulheres e do pagamento á tribu por sua posse exclusiva.

Foi, pois, desse germen que brotou o regimen dotal que teve uma grande importancia no desenvolvimento do direito em Roma.

O dote primitivo, isto é, a compra da mulher foi em principio um factor do rebaixamento já de si grande do sexo feminino, mas posteriormente, com uso de obter as esposas por troca do serviço prestado e não em troca de uma propriedade (5) e com o regimen dos romanos, foi elle um poderoso elemento para a consideração social da mais bella porção da humanidade. Será necessario accrescentar que essa consideração social, co no está provado com o trabalho de Spencer e Williams, augmenta á proporção que o regimen industrial com a confraternisação do trabalho, prepondera sobre o

(3) Cogliolo — Saggi sopra l'evoluzione del diritto privato — Torino, 1885 pag. 32.

(4) Spencer — Sociologie trad. por M. M. Cazelles o Gorschell — vol. II, pag. 392.

(5) Spencer op. cit. pag. 360.

militarismo? É que esse regimen, uma vez firmado, irá substituir o dote por um pacto mais em harmonia com a indolência da sociedade domestica?

Mas deixemos esses pensamentos que me levam a entrar em terreno estranho a este capitulo. E' tempo de concluir-o com algumas palavras mais sobre a condição dos filhos e em geral das creanças no periodo da civilisação que agora está em estudo.

Si os mais truculentos animaes mostram affeição á prole, são dominados pelo instincto da philoprogenitura, seria impossivel que o homem, embora selvagem, fosse destituido desse sentimento que é uma das feições porque se revela o instincto de conservação da especie. Mas o amor, que os selvagens manifestam pela geração que chamaram á vida, termina cedo e, além disso, está sujeito a intermittenças, a suffocações produzidas pelas condições precarias de sua existencia. O habitante da ilha do Fogo, como os Patagões e outros muitos, vendem seus filhos como escravos os australianos os abandonam em occasião do perigo, e alguns, segundo o testemunho de Angas, citado por Spencer fazem isca para os anzões com a carne dos filhos que mataram. O infanticidio é praticado em larga escala, pela difficuldade da criação do menino e, talvez, principalmente para diminuir o numero dos que têm de partilhar da magra alimentação ao alcance desses povos.

Entretanto, si a horda selvagem habita um terreno abundante em raizes feculentas e em boa caça, não só o infanticidio é proscripto como o desejo de augmentar o numero dos guerreiros, dos vingadores da honra social ou da familia, faz com que os recém-nascidos sejam protegidos e os cuidados com as creanças redobrem. A estes motivos accrescentam alguns auctores o nascido da necessidade que tem cada homem de, ao morrer, deixar quem cumpra as prescrições dos ritos funebres, costume esse que já attesta um certo grão de desenvolvimento social.

Todos estes motivos, como é facil de verificar, favorecem mais o sexo masculino. E' assim que algumas nações sacrificam as filhas que nascem antes que a familia conte em seu seio um rapaz, e que, na generalidade, desprezam e maltratam as creanças que tiveram a infelicidade de trazer um sexo que não é o preferido por seus algozes.

O poder discrecionário dos paes sobre os filhos, que consolidado e organizado constituirá a *patria potestas*, apparece desde os primeiros momentos em toda a sua latitude. A amenisação dos costumes

e a cultura mental é que trabalharão em cerceal-o. A rispida tyrania do chefe de familia, que subsistiu até o desmoronamento dos velhos moldes sociaes pelo tufão de oitenta e nove, finca suas raizes nessas eras afastadas em que a condição social era identica a dos selvagens actuaes.

(*Continúa*)

CLOVIS BEVILAQUA.

LUIZ MURAT

POR

SILVIO ROMERO

ESTUDO

Imagine-se um delicioso escriptor com qualidades de espirito, que encantam, com bellezas de estylo, que seduzem, occupando-se de poezia, a desinteressada arte que, no dizer de Chantavoine, não dá notoriedade nem fortuna, mas em que melhor se surprehendem a primeira eclosão do talento e o primeiro vôo de uma alma alada, e avalie-se a religiosa attenção, a profunda sympathia, o doce encanto com que li as fecundas e luminosas paginas, que Sylvio Romero esculpio a proposito das *Ondas*, de Luiz Murat.

Sylvio Romero não é um dandy da litteratura; se faz a toilette da penna, é com a gravidade do pensador, que está convencido da realisação do seu ideal.

A sua preoccupaçãõ unica, constante, é o desenvolvimento da vida espirital de seus contemporaneos, apontando-lhes atravez das formas, vagas e indecisas, das doutrinas e das escolas o ponto luminoso, que surge no horizonte do pensamento.

D'ahi o traço caracteristico das suas obras — a visãõ do progresso, a orientaçaõ do futuro.

Comparando-o com Tobias Barreto, já tive occasião de escrever, este é um lucido, que por traz dos factos vê, comprehende tudo, descobrindo a lei como causa, aquelle sente as transformações successivas da natureza, põe-se a frente dos acontecimentos, apontando o destino como fim.

O primeiro explica como da lagarta sahe a borboleta, o segundo entrevê que a semente vai se transformar em flor.

Se um possue essa calma, essa claridade de espirito, que eleva até a mais ampla philosophia, o outro tem essa sede, essa febre de propaganda, que torna-o um precursor a par de um excellente critico.

“ Estamos no ultimo decennio do seculo XIX, diz Sylvio Romero, e já é tempo de começar o inventario do peculio de ideias que elle terá de legar ao seculo seguinte. Aos criticos do futuro incumbirá naturalmente a missão de dizer a ultima palavra sobre qual tenha sido a contribuição verdadeiramente original de nosso tempo nas grandes lutas da intelligencia. Pelo lado scientifico, pelo religioso, pelo artistico, pelo politico, pelo social, muitos foram os trabalhos, muitas as agitações, muitas as conquistas d'esta epocha, herdeira immediata dos homens da Revolução, e que será succedida, quem sabe?... pelos homens do socialismo triumphante. Tendo começado por uma reacção apparente contra os principios dos *Encyclopedistas*, contra as doutrinas dos terroristas de 93, nosso seculo será provavelmente assignalado na historia por haver feito triumphar definitivamente na instrucção geral dos espiritos a doutrina da evolução lenta e gradativa de todos os phenomenos cosmicos, biologicos, politicos, artisticos e sociaes. De todas as características que lhe tem sido imaginadas é a que nos parece mais acertada, a que mais em cheio lhe pode assentar.”

“ E foram os estudos que têm o homem por objecto, os chamados estudos moraes, nomeadamente os historicos, que mais contribuíram para esse grande resultado. Por imponente que seja o magico aspecto da faina sorprendente da industria contemporanea, por magestoso que seja o edificio em nosso seculo levantado pelas sciencias physicas e naturaes, por distanciados que se mostrem de quantos nos haviam legado as idades anteriores, ousamos affirmar que se acham offuscados pela construcção maravilhosa dos estudos historicos.”

Muito de proposito transcrevo as presentes linhas: o novo dogma da evolução é, com effeito, o grande legado d'este seculo ao vindouro, e foram realmente os estudos moraes, sociaes e estheticos

que fizeram aquelle principio dominar a maioria dos espiritos; mas o que vimos ultimamente por occasião da reforma do ensino secundario, destinada a todos os Estados da União Brasileira ?

Banido o lado humano do ensino desde a psychologia até a philosophia, substituidos pelos chamados conhecimentos especiaes aquelles estudos, que mais contribuíram para a crença no progresso indefinido.

Emquanto entre os outros povos vai dominando a ideia de dar ao ensino uma feição historica, moral e philosophica, nós caminhamos para o especialismo, que é a negação de todo espirito scientifico propriamente dito.

“ O discipulo, diz excellentemente Fouillée, é entregue a uma successão de mestres, cada um dos quaes ensina isoladamente sua especialidade; resta saber se uma serie de especialidades forma uma verdadeira unidade, se as forças intellectuaes da mocidade, que são tambem forças sociaes, não são em parte desperdiçadas por falta de concentração e direcção.”

Sob o pretexto de acostumar-se a mocidade brasileira a observar, experimentar e induzir, sacrificou-se a parte interessante do saber, a parte humana, o que nas sciencias ha de verdadeiramente educador, a sua historia, a sua philosophia, a sua poezia, á parte puramente objectiva, “ á enumeração e inventario dos factos ou das leis”, e deste modo cortou-se barbaramente o vôo da alma nacional para as mais altas regiões do pensamento e a sua marcha para os mais nobres destinos da humanidade.

Nós marchamos, mas para onde vamos? Em que sentido se opera a nossa evolução? Qual a direcção do nosso desenvolvimento? Por que transformações vão passar os nossos elementos de civilização? Na luta pelo progresso o que entre nós vai surgir de novo?

São questões estas que não podem deixar de interessar ao critico que é ao mesmo tempo um pensador, e cuja missão não é outra senão fixar profundamente o olhar sobre o presente para, por meio da logica, levantar o veu, que occulta o futuro.

Deixando o dominio das industrias, onde as sciencias physicas, tornando o homem, por assim dizer, senhor do universo, cream maravilhas que encontram, milagres que deslumbram, Sylvio Romero indaga se as artes, e especialmente a poezia, seguem a mesma marcha para o futuro, ou se, pelo contrario, ellas tendem a desaparecer, como producto de um estado de espirito que passou.

A respeito da poezia, li tão bellas cousas no trabalho do vigoroso critico e pensador que, tendo escripto, ha annos, que o verso banido de todos os dominios do pensamento, da philosophia, da historia, da sciencia, refugiou-se no pequeno terreno da poezia ligeira, tomando a forma do soneto para exprimir sentimentos ternos e delicados, mas tão fugitivos e ephemeros como o olhar rapido e a lagrima espiritualisada, que os inspirou sinto-me tentado a fazer a apologia da poezia, e disposto a encaral a como a mais expontanea, seivosa e pujante creação da vida espiritual.

Mas entre a antiga negação e a actual affirmativa a verdade parece estar em que a poezia continua a existir, posto que sem funcção social.

Foi o mesmo que se deu com as religiões; estas vão desapparecendo como instituições em quanto o mysticismo não deixa de vibrar a alma humana como ideial.

A grande força social no mundo moderno é a sciencia, e se não pôde dizer-se que ella seja o unico motor moral, é fora de duvida que a influencia cada vez mais preponderante da ideia nasce da comprehensão do universo, do saber, que satisfaz a um tempo essa necessidade de representação e de *reverie*, que existe no fundo da natureza humana, e que constitue o objecto especial da poezia e da religião.

(*Continúa*).

ARTHUR ORLANDO.

A ESCOLA NO BRAZIL



Nenhum assumpto tem sido tão discutido nos paizes civilisados e mesmo em nossa terra, como o da instrucção e da educação das gerações novas. Apesar disto, nenhuma questão, attenta a felicidade geral dos povos, é mais importante e carecedôra de esclarecimentos do que esta, dependente de milhares de condições e sujeita a modificações diversas, devidas aos estados sociaes e politicos em que podemos nos achar.

O Brazil não tem escolas.

Se os numeros não tivessem essa força prodigiosa de mostrar a verdade, clara e irrecusavel, seria um paradoxo o que acabamos de affirmar. A confrontação de dados estatísticos e um pequeno estudo que fazemos, a todos convencerão da verdade enunciada.

A Grande Republica Americana do Norte emprega na Instrucção, pouco mais ou menos, uma quarta e muitas vezes uma terça parte de sua receita.

Ali, a escola é uma familia, diz um notavel publicista, onde só ha irmãos e irmãs que disputam o premio do estudo.

E' a imagem da familia e da sociedade,

Ali todas as communhões, todas as opiniões rivalisam para fazer das escolas o estabelecimento máis rico e mais dotado do paiz. As communas fornecem o livro, o papel, as pennas e a instrucção avança.

Ali, se comprehende que a instrucção e a educação são effectivamente as unicas forças impulsionadoras do engrandecimento nacional.

Não é somente ali :

A Allemanha, a Grecia dos tempos modernos nas palavras eloquentes de Latino Coelho, aperfeiçoa o seu ensino e desde 1819, isto é, depois que a Instrucção Publica passou do Ministerio do Interior para o especial, operou-se uma mudança benefica nos negocios da Escola.

A França decreta o ensino leigo e melhora os methodos, modos e processos de ensino ; a Hollanda multiplica as Escolas ; e a Italia reorganisa as casas de instrucção.

A patria de Guttemberg, conta hoje 60,000 escolas, uma por 600 habitantes ; a Italia possui 47,000, uma por 600 ; a França 71,000, uma por 500 ; e a Federação Americana tem uma escola por 160 habitantes.

E o Brazil ?

A nossa patria conta apenas uma escola por 2000 brasileiros, comprehendidos os estabelecimentos particulares.

E' verdade que em S. Paulo e em Pernambuco $\frac{1}{6}$ de mais, da receita pertence ao ensino. Mas, quando dizemos — o Brazil não tem escolas, não queremos referir somente ao numero dellas,

A Escola é um meio e não um fim, diz Horacio Mann ; resta saber se ella presta o serviço a que é destinada.

E' da organização das escolas que dependem a educação e a instrucção reaes de um povo.

Julio Simon fallando á França dizia : “ Não nos fica bem fazermos nos de pobres e tímidos em materia de instrucção, quando somos generosos e prodigos para tudo mais e muitas vezes fóra de proposito.” Pode se referir ao Brazil as mesmas palavras do illustre publicista.

A má organização de nossas casas de ensino, a falta de orientação que tem presidido as nossas reformas de instrucção, converteram a nossa escola em uma quasi nullidade.

Referimos-nos ao geral, pois não desconhecemos o esforço de mestres que fazem de sua profissão, um verdadeiro sacerdocio, empregando na educação de seus jovens concidadãos todá a actividade possível.

A escola brasileira é hoje ainda, o que era á 10 ou 20 annos passados. O mesmo systema de leitura e extravagante syllabação, o mesmo methodo calligraphico, as mesmas licções decoradas que atrophiam o discernimento das crianças, tornanda-as incapazes de um desenvolvimento mental compativel com o estado de adiantamento de nosso seculo.

O mestre é, em geral, um homem a quem falta qualquer outro meio de subsistencia e que por amizade de um governo obteve a direcção de uma escola, ou fez-se de perceptor, enquanto espera *melhores tempos*.

Em vez da escolha de vocações e aptidões, temos o imperio do nepotismo e o abandono da mais seria instituição de um povo.

Nos programmas, nos relatorios, em summa, nas theorias, são proclamados os novos methodos e observados os preceitos da Pedagogia hodierna; na pratica, porem, encontra-se o esquecimento completo d'aquellas disposições e o imperio absoluto da *rotina*.

As nossas escolas do campo são, geralmente, instituições inúteis, pela inhabilitação dos que as dirijem.

Sabem-no os nossos governos e não o contestam os nossos chefes do serviço escolar.

Assim, podemos afirmar: O Brazil não tem escolas.

OLINTHO VICTOR.



COMMERCIO



commercio — entre todos os povos mero intermediario das classes que produzem — em regra padece elevação ou baixa em sua economia conforme se altera para melhor ou para peor a economia do productor. As praças oscillam — por isso que a sua natureza é improductiva, — entre a riqueza e a falencia; mas dependentes unicamente, por elos moveis de credito e revendagem, da maior ou menor estabilidade de factores basicos, vitaes: productividade geral e abundante, posição technica de industrias, artes e manufacturas, preço remunerador do producto, expansibilidade e multiplicidade das transmissões e equilibrio do consumo. Só disto é que deve estar dependente a sorte do intermediario commercial: dependencia essencial das outras classes, mas unica.

No Brazil tal dependencia, revelada objectivamente — como em geral — por uma especie de fluctuação historica, forçou a pessima condição actual do commercio, resultante fatal da influencia negativa do trabalho servil na cultura de uma industria que elle creou unica e que assentou sobre terra monopolisada hereditariamente, o que vale dizer: immobilisada, inculta, e desvalorisada.

Mas desta condição especial de pauperismo e estagnação só tal influencia tem a culpa. E só ella.

Por outro lado, porem, o Fisco brasileiro, obrigado — para despendar com uma grande nação ociosa — á colher somente da classe productora unica existente e de sua satellite intermediaria; tem quasi esgotado, exaurido, á ambas por meio de percepções indirectas — com a aggravante de gastar grandes porções da colheita em esbanjamentos colossaes. De maneira que a fazenda brasileira, já tolhida em seu crescimento espontaneo pela parasita do Escravo, foi ainda por cima diminuida de volume, expoliada annualmente em seus fructos pèccos, pelas garras concentricas das Harpyas do Fisco.

Esta, — propriamente, — é que é a culpa que pode ser levada a conta do Estado, melhor: da centralisação, na decadencia crescente do tronco agricola e do commercio, — decadencia chronologicamente posterior a essa estagnação que o escravo gerou para ambos como um outomno perpetuo.

Parece, porem, actualmente que o Estado tenta se substituir á escravidão desaparecida, pelo menos em boa parte de seus effectos praticos.

Só assim se poderá explicar porque a Centralisação nos trez ultimos annos tem augmentado e acaba agora mesmo de dobrar a acção fiscal na operação de diminuir e expoliar a fazenda nacional.

Pois á tanto equivale hoje ordenar no paiz do papel-moeda que o pagamento da taxa aduaneira de importação seja feito em ouro, a preço fixo para o Estado e fluctuante para o importador; medida que nem pode ter entre nós merito de protecção e quando menos significaria fomento ao contrabando ou á falsificação. Este pagamento em ouro equivale-nos aproximadamente o augmento de 40 a 50 % sobre a renda media de 95 mil contos da importação brasileira annual, melhor e mais pingue porção de todos os nossos Orçamentos.

Augmentar de metade — em plena paz — a contribuição já excessiva de um imposto que rende immemorialmente muito mais de dois terços da Receita Geral, só o Brazil supportaria!

Admira sobretudo como o commercio, principalmente em Pernambuco e em todo o Norte, pode supportar o peso de tal carga sem se desmandibular e sem reagir!

E' verdade que já o imposto de consumo — metamorphoseado no de gyro, —inconstitucional e absurdo, havia nos dias ultimos do Imperio roubado sem retorno á praça maritima do Recife toda essa clientela externa que lhe era fornecida e garantida pela posição topographica que occupamos na America do Sul.

O imposto em ouro, porem, tem mais outra razão de insupportabilidade que não somente a de importar — pela superelevação de mais metade no preço commum da mercadoria — em diminuição assombrosa do consumo interno e pois do movimento mercantil.

O imposto em ouro no Norte é uma lesão sem nome! Golpe na bolsa individual e golpe na fidelidade devida, em identidade de condições, a um dos socios da União, sempre prompto com seu dinheiro e até com seu sangue á contribuir e cooperar para o movimento geral

Não ha quem não saiba que na vespera da lei 13 de Maio o ouro estrangeiro, até então em simples expectativa, fundiu-se immediatamente em viva e declarada sympathia pelo Brazil. Desvanecida — por ex:— a esperança do capital francez no Egypto, este se preparou para emigrar e entrar em nosso paiz. Deu-se o mesmo phenomeno com

a Immigração. No dia seguinte, ou por precipitação ou por calculo, os banqueiros da monarchia voaram á Europa, estipularam-lhe premios elevados que foram garantidos pelo Thezouro á custa até da cessão do direito magestático de emittir, e — desviando-o assim da missão civilisadora que lhe estava reservada entre nós — trancou-o todo nas arcas monopolisadoras do Banco Nacional e seus innumeros satellites, onde elle foi servir de lastro a emissões ruinosas e subversivas de papel em proporção talvez de 5 vezes mais que os 180 mil contos da circulação fiduciaria de então.

E no dia posterior ao exílio imperial o governo successor,— substituído o lastro do ouro pelo lastro peor da apolice,— augmentou talvez de duas vezes (não ha dados para assegurar com exactidão) esta circulação perigosissima por meio de emissões novas e maiores.

Qualquer, porem, dessas duas alluviões de papel que têm feito momentaneamente a riqueza artificial da praça do Rio e suas limítrophes, não passou dos Estados do Sul. Ao Norte não mandaram desse presente de gregos nem a cauda.

De maneira que neste extraordinario momento critico de nossas finanças—tanto mais critico quanto parece até que o cavallo de Troya traz no seu bojo os germens da bancarrota e da separação — a posição objectiva dos dous socios da communhão brazileira é perfeitamente esta :

O imposto em ouro equivalendo aos 50 % já demonstrados, — o Sul paga hoje ao Fisco esse augmento de mais metade da contribuição antiga, mas paga-o em moeda momentaneamente decuplicada de valor ;

Emquanto o Norte paga-lhe o mesmo augmento de mais metade — da mesma contribuição — na mesmissima moeda antiga.

O sul pode pagar, portanto; o Norte não pode!

O imposto em ouro vale a primeira proposta de dissolução da sociedade. E' uma lesão sem nome !

O commercio de Pernambuco prepare-se para provação maior. Soffra porem a tempestade toda porque o dia seguinte parece ser o da bonança.

As linhas e os eios da centralisação financeira entre a Europa e o Rio hão de romper-se com a bancarrota, como o foram em melhores condições no Rio da Prata. E o Recife tem posição oriental e proxima. E a lavoura Pernambucana,—apezar da borrasca do odio,

do fisco e da crise que a açoita ha 13 annos, —dobra evidentemente de producção desde o dia em que a iniciativa popular e a lei desalgemaram o Escravo.

FERNANDO DE CASTRO.

O MEU ALBUM



Eu fui bem um sonho não sei; mas a verdade é que tinha o espirito muito fatigado, quando appareceu-me a figura de um cavalheiro que, com a eloquencia dos que soffrem, dizia: Como explicar o phenomeno? Pretenderá ella infligir-me todas as angustias e torturas do isolamento? O que significa aquella extravagante recusa? Não é o par que é verdadeiramente fecundo? Porque não ser generosa para o amigo que sinto uma sêde ardente de expansão? Os solitarios, de corpo ou de espirito, não são naturezas estereis? Uma alma perfeita e acabada não é a união de dous espiritos que se completam?

A estas palavras respondeu uma voz terna e doce, que partia do coração:

— Louco, ha quatro annos que a tua imagem me segue por toda parte e ha quatro annos que fujo de ti, como quem foge de uma catastrophe. Para que quebrar o encanto de uma illusão que não deve acabar senão com as delicias da morte? O primeiro beijo, que nos unisse os labios, suffocaria o teu divino furor na mais amarga decepção. Esse delirio, fonte de tantas inspirações, se dissiparia no dia em que nos sentissimos um nos braços do outro, com as mãos geladas, e o sangue escaldado nas veias. Entretanto eu não mentiria se dissesse que o meu ardente desejo era caminhar sempre ao teu lado por uma estrada sem fim sentindo o calor do teu corpo e ouvindo as confidencias da tua alma; mas seria transformar-me em marmore, perder toda a força magica da minha natureza sobre a tua, deixar-me possuir por ti. Esquece-me, bane-me do teu espirito, e eu continuarei a consagrar-te o mesmo sentimento casto e puro, que

não anniquilará a tua "personalidade, e que me poupará a decepção de sentir a bocca cheia de cinza depois de ter mordido o delicioso fructo do amor.

— Discordo, interrompeu um velho, em quem não se sabia o que mais admirar, se a sciencia abstracta ou se o tacto mundano ; o teu espirito, meu filho, não vê senão o commum, o geral, emquanto que tu, minha filha, vês tudo que é individual, especial. Bello par aquelle em que um caminha para a simplificação, para a assimilação, e o outro para a heterogeneidade, para a differenciação. Bello ideal o de *psyché*, de um lado representando a sciencia, que tudo identifica, e do outro lado a natureza que tudo differencia. Porque furtar-vos meus filhos, a esta fecunda collaboração do geral com o particular, do homogeneo com o heterogeneo, do simples com o composto ? A suprema ventura não é a união de um espirito, que vê a Natureza em toda a riqueza e complexidade do seu futuro com um outro que não a vê senão na uniformidade e homogeneidade da sua origem ? Perspicacia e razão, prudencia e ousadia, senso da realidade e hallucinação das utopias, eis o que é necessaria para a equação dos espiritos que desejam ser fecundos, eis o que constitue o genio, o par, o ser androgyno, de que fala Proudhon. Uni-vos, meus filhos, devorai-vos de caricias, confundi vossas existencias, e que a vossa vida seja uma afeição continua, sem limites.

.....

Estudo a physica, a chimica, a biologia, a philosophia, e sempre o mesmo enigma, sempre o mesmo mysterio !

O que é a vida ?

Um producto da vontade divina ?

Uma força distincta das outras forças da natureza ?

Uma simples resultante de combinações physico-chimicas ?

Em vão passo as noites em claro estudando o difficil problema: em vão observo a immensa variedade de phenomenos, desde o infinitamente pequeno até o immensamente grande, desde os archipelagos de estrellas que brilham no espaço até as libellinhas, que nascem com o frescor da manhã, nutrem-se com o pó das flores e morrem com os ultimos raios do sol ; em vão analyso o organismo mais rudimentar, o mineral mais simples, o gaz, mais leve, o fluido mais imponderavel...

O segredo da vida sempre insondavel !

Houve um momento em que julguei ter achado a solução da questão, que ha tanto tempo atormentava-me o espirito: estava descoberto o *microzyma*, "o infinitamente pequeno, organizado, estruturado, existindo por si mesmo, não procedendo senão de si mesmo."

A minha illusão, porem, durou pouco: não foi preciso muito tempo para conhecer que a hypothese de Bechamp estava em desacordo com os factos observados, com as experiencias tentadas, com as vistas novas dos sabios, com a economia geral do universo, com a tendencia moderna para uma intuição *monistica* do mundo.

Porque rasão attribuir a vida sómente ao *microsymba* e não ao atomo?

Porque não falar em um *atomo-vida* como se fala em um *atomo-força*?

(*Continúa*).

ARTHUR ORLANDO.

DUO



a verde galha do imbuzeiro annozo
que vegeta confronte ao triste lar
firme e pausado um sabiá choroso
solta dolentes magoas ao luar.

Balem rebanhos no curral. O gado
na serra agita o chucalhar sombrio.
Mudo encordôa um violão rachado
á luz da lua o sertanejo frio.

Dos chapadões nevados a casita
demora ao pé, sosinha e retirada
como a ruina onde a miseria habita.

Brame o violão. E o sabiá, — facêto, —
da galha acompanhou toda a toada
desafiando as palmas do duêto.

FERNANDO DE CASTRO.

N 4

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 10 DE ABRIL DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

(Continuação)



elo correr deste capitulo, encontrou o leitor algumas noções sobre os selvagens brasileiros. Viu o *botocudo* no ultimo degráo da evolução ethico-juridica e viu o *mundurucú* já possuindo uma rudimentar nobiliarchia, attestado de organização social estabelecida e progressiva.

Muito embora a contribuição do selvagem para o direito brasileiro não se possa equipar á que da mesma fonte nos veio para a lingua que falamos nesta margem do Atlantico, com tudo me parece util accentuar mais as linhas deste factor incontestavel de nossa moral e de nosso direito. Factor porque introduziu idéas e costumes peculiares, e factor, porque em razão desses povos se decretaram muitas medidas de valor e intuitos diversissimos, como havemos de ver em outro lugar.

Não haviam todas as tribus attingido ao mesmo nivel. Umas apenas reconhecem um chefe, em occasião de guerra, outras, já consolidadas em verdadeira organização, embora rudimentar, se podiam colligar dominadas por uma idéa commum. E' um bello exemplo deste facto a celebre e malograda confederação dos *tamoyos*. Outras, como ainda hoje no Amazonas, conheciam signaes para indicar ao longe a presença do chefe e em torno d'elle congregar os guerreiros. Estes signaes eram, commummente, fogueiras accesas e collocadas de modo a poderem os selvagens determinar, com exactidão qual o chefe que os convocava.

As declarações da guerra, assim como os tractados de paz eram, ao menos em algumas tribus, realisados por meio de um formalismo não despido de certa nobreza.

Resolvida a guerra em seus conselhos, que os padres Ivo d'Evreux, e Aberille com outros chamam *carbet*(1), punham-se em marcha espe rando, como diz o auctor das *Noticias do Brazil* " a conjuncção da lua cheia para andarem a ultima jornada de noite pelo luar." Chegando ao logar onde assentavam as *ocas* dos inimigos, os mais ousados tomavam a dianteira e em altos brados provocavam, injuriando, os guerreiros que se deixavam surprehender. Outras vezes, receiando talvez uma lucta a descoberto, iam sorrateiramente atirar dentro da *ocara* um arco retesado, em cuja flexa abriam entalhas indicativas dos dias de combate. Outras limitavam-se a enviar de longe algumas flexas que viessem cahir no centro da aldeia (2).

Um dos modos mais interessantes de estabelecer a paz entre duas tribus ou entre dois guerreiros é o que tam poeticamente nos descreve Alencar, no capitulo segundo da *Iracema*: quebravam as flexas, como indicando que se desarmavam deante de amigos.

O governo dos *tupys* devia ser o mais simples.

Alguns chronistas nos falam de um chefe geral da tribu, alem de um guerreiro, chefe na guerra, e de um conselho da nação ou *carbé*.

Me parece que o exacto é que, durante a guerra, obedeciam ao valente que os guiava a victoria, e, nos dias de ocio, viviam inteiramente livres, salvo o respeito absoluto aos costumes, o receio da força dos mais intrepidos, o pavor pelas nigromancias dos *pagés* e *carahibas*, e o acatamento á experiencia dos velhos.

Eram muito hospitaleiros os nossos aborigenes, como o reconhe cem todos os chronistas e viajantes (3). E' um problema que se me afigurou, á principio, como um caso de idiosyncrasia, por não lhe achar outra explicação, em face da bruteza de nossos selvicolas. As doudas investigações de Ihering em relação a hospitalidade entre

(1) Esta palavra, observa Ferdinand Dinis, não pertence a lingua geral. Em Montoya não na encontramos.

(2) G. Dias — *O Brazil e a Oceania* p. 182.

(3) Claudio d'Abeville — *Historia da missao dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*, trad. de Cezar Marques, Maranhão — 1874, cap. XLVIII, descreve, admirado e carinhoso, os modos hospitaleiros dos *tupinambis*.

" Acolhem-se uns aos outros muito bem, e quando vão visitar os seus allia-dos, são muito bem recebidos e acham bastante comida e tudo mais de que neces-sitam. Quando recebem visitas, deitam-nas logo n'uma rede de algodão, chegam-se depois as mulheres juncto dellas, põem as mãos sobre os olhos, ou se-guram uma de suas pernas e principiam logo a chorar, dando gritos e fazendo

phenicios, gregos e romanos, não vinham em meu auxilio, porque o Brazil, antes da conquista, não conhecia o commercio (4).

Depois de acurado exame, pareceu-se que o caso brasileiro da hospitalidade podia ser o resultado de factores diversos.

Em primeiro lugar devemos nos recordar de que os *carahibas* ou, falsos prophetas como os chama Lery, andavam errantes de aldeia em aldeia, incitando á guerra, insufflando o espirito da força, promettendo chuvas, firmando crenças, colhendo presentes. As tribus receiavam certamente desagradar esses feiticeiros que gozavam de alta nómada e eram considerados entes superiores. E o primeiro vindo não podia ser um *carahiba*? Era pois necessario tractal-o bem.

Em segundo logar os indios ociosos como eram, não estando em guerra, gostavam immenso de ouvir narrações de lendas ou contos, e as monotonas canções de seus trovadores.

Um recém-chegado tinha sempre, pelo menos, a historia de sua viagem a contar e bem podia acontecer que fosse um desses trovadores que narravam em linguagem poetica, as crenças e os feitos dos antepassados. Lery e Cardim nos dizem que eram os indios uns apaixonados da conversa e da musica, falando com certa paixão e rythmo, affirma o segundo, e com extrema fluencia por muitas horas, accrescenta o primeiro. Nestas condições, um estrangeiro, por menos novidades que trouxesse, havia de ser um companheiro para as longas palestras.

Additemos, a estes motivos, um tal ou qual enfatuamento que, mesmo n'uma sociedade atrazada pode existir, e teremos razões muito acceitaveis para explicar a origem e desenvolvimento da gabada hospitalidade dos aborigenes brasileiros, e que por elles foi transmittida, como uma das mais cultivadas virtudes, aos povos que habitam os sertões de nosso paiz.

muitas exclamações, o que é um dos mais evidentes signaes de cortezia que podem dar a seus amigos e accrescentam mil palavras laudativas, chamando-as bem vindas e boas, por haverem soffrido muitos trabalhos para vir vel-os e outras cousas deste jaez.

Com tudo isto, limita-se a pessoa deitada a por as mãos no rosto, e si não pode chorar, pelo menos, por cortezia, é preciso que finja fazel-o.

Depois disto, o pae de familia silencioso até então, e continuando a fazer o que estava fazendo, sem parecer vel-a, dirige-se a ella, e, estendendo-lhe a mão, diz: *Erê iupê?* Chegaste? *Ereicobepé?* Estás bom?"

(4) *Δ hospitalidade no passado*, trad. portugueza, Recife, 1891.

E os selvagens não tendo propriedades, não ambicionando riquezas, tinham pouca difficuldade em manter seus hospedes.

Muitos factos que constituem crimes para nós eram por elles tidos por actos de nobreza, é certo, mas também muitas pechas que acompanham a civilisação lhes eram desconhecidas. Sob o ponto de vista juridico, podemos lembrar a ausencia do furto, averiguada em muitas tribus, como nol-o garantem muitos chronistas, entre os quaes citarei Cardim(5). Um outro escriptor narra que "si lhes falta alguma cousa, os *carahibas* dizem logo: "algum christão andou aqui."

E' certo, no emtanto, que o respeito a propriedade não se extendia alem da tribu ou do hospede, mesmo porque não havia propriedade no sentido rigoroso e juridico da palavra, pois que até as caças, quando obtidas em abundancia eram destruidas irmãmente, a cremos nos chronistas.

A caça era o principal sustento de todos os selvicolas brasileiros. Era natural que a tal respeito, já ao tempo da conquista, possuíssem um direito não escripto, apresentado aos espiritos sob o aspecto de crenças religiosas. Foi da necessidade de submetter o exercicio da caça a certas limitações, tendentes a garantir a subsistencia da collectividade que surgiram as concepções de *Anhangá*, *Cahapora* e *Curupira*, os espiritos das florestas, paraletos dos animaes bravios que servem de alimento ao homem, e das arvores uteis.

Couto de Magalhães nos refere, entre outras, uma bonita lenda selvagem, em que se encerra, como elle mesmo o diz "uma profunda licção de moral e uma regra eminentemente conservadora"(6). Eil-a tal como nol-a conta o sabio indianologo: "Um indio perseguia uma veada que era seguida do filhinho que amamentava; depois de havel-a ferido, o indio, podendo agarrar o filho da veada, escondeu-se por traz de uma arvore e fel-o gritar; attrahida pelos gritos de agonia do filhinho chegou-se a poucos passos de distancia do indio,— e elle a flexou; ella cahiu; quando o indio satisfeito foi apanhar sua presa, reconheceu que havia sido victima de uma illusão de Anhangá; a veada a quem o indio havia perseguido, não era uma veada, era sua propria mãe, que jazia morta no chão, varada com uma flexa e toda dilacerada pelos espinhos."

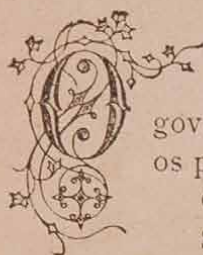
(Continúa)

CLOVIS BEVILAQUA.

(5) E como não tem nada fechado, não ha furto. (*Narrativa epistolar*, p. 36)

(6) Vide Couto de Magalhães; o *Selvagem*, Rio de Janeiro 1876, pag. 129.

OS NOVOS MESTRES



governo federal reformou os cursos juridicos, modificou os programmas de estudo, substituiu o pessoal docente.

O que resta fazer ?

Saber em que sentido deve ser dirigido o ensino do direito, que espirito deve animar-o, que ideal deve orientar-o.

Eis a grande questão.

As nossas escolas superiores estão sujeitas á mesma censura que João Terrel e Luiz Durand fazem ás faculdades francezas : n'ellas o ensino é profissional em vez de ser puramente scientifico, visa-se menos a indagação do novo por amor á verdade do que a obtenção do diploma por ambição de lucro.

Esta simples consideração é por si sufficiente para mostrar como o espirito do ensino superior é falseado entre nós, preocupando-se todos, mestres e discipulos, não com a solução dos problemas scientificos, mas com a exposição das ideias adqueridas.

N'estas condições o professor deixa de ser um *productor* de sciencia para tornar-se um mero *expositor*, e o discipulo " um collaborador do progresso " para fazer-se um repetidor do *magister dixit*.

Mas que differença d'este ensino, *ex professo*, para o que é dado nas universidades allemães, a respeito das quaes o professor Von Sybel, citado por Deodato Lioy, se exprime nos seguintes termos:

"Nossas Universidades são superiores ás outras, porque não são simplesmente escolas, mas, se assim podemo-nos exprimir, *laboratorios* de sciencia ; porque a producção scientifica continua deve ser a alma de seu ensino. Com esse fim, o Estado confia as cadeiras universitarias aos maiores talentos scientificos do paiz. Tambem um facto commum em França, e de vêr um sabio distincto sem funcções universitarias, nunca se apresenta entre nós. Quando se trata de nomear um professor, se interessa antes de tudo pelo seu valor scientifico e se satisfaz com uma minima aptidão para o ensino. Se o novo professor é capaz de fazer uma obra scientifica original, julga-se-o apto para desempenhar o fim principal de nosso ensino. Sem duvida queremos que em nossos estabelecimentos preparem-se moços para abraçarem um certo numero de profissões, mas não que"

remos que isto se faça mechanicamente e summariamente. Não queremos amontoar na memoria do estudante o mais rapida e o mais commodamente possível, esta multidão de formulas e de conhecimentos necessarios para os exames e para o primeiro anno de tirocinio.... Elle deve antes de tudo aprender o que é a sciencia, como se faz o trabalho scientifico, o que significa a palavra *produção* scientifica. O professor, tanto quanto permittir a fraqueza das forças humanas, deve em cada lição estudar algum problema novo e original e levar o estudante a tomar parte, escutando, no desenvolvimento do trabalho intellectual."

Foi preciso ser nomeado Tobias Barretto para que novos horizontes se abrissem á intelligencia dos que frequentavam a Academia.

O illustre professor com aquelle vigor rude e intrepido de talento, que algumas vezes parecia immodestia, levou a ferro e a fogo as banalidades e subtilezas com que estiolavam a cabeça dos moços e com todas as energias e impetuosidades do seu temperamento procurou collocar o direito na altura do espirito de seu tempo.

O resultado foi magnifico. Os Drs. José Hygino e João Vieira, cooperando com as suas forças, reagem por sua vez contra a rotina e applicam ao ensino de suas cadeiras os achados das sciencias naturaes. Então a grã lançada nos espiritos sequiosos de luz produz os mais brilhantes fructos.

Para não lembrar senão um moço tão distincto quanto modesto, mas sempre esquecido e preterido, citarei Alcedo Marrocos.

A dissertação, que elle apresentou, por occasião do ultimo concurso, para preenchimento de uma vaga de lente substituto, e em que deu uma tão bonita lição de historia á Faculdade, é um trabalho em que revela alem de lucidez de espirito conhecimento profundo das grandes correntes do movimento scientifico moderno.

Perguntava a Congregação se podia haver *self-government* sem parlamentarismo e o novel concurrente respondeu com uma grande elevação de vistas fazendo a historia das communas e mostrando que "o parlamentarismo considerado como "governo de gabinete" tirado do seio do parlamento, e por este commissionado, é de origem recente, data da revolução de 1688."

Emquanto a communa como força autonómica, como principio de *self-government*, apparece na historia logo depois da invasão do Imperio Romano pelos Barbaros, da luta entre o elemento germanico e o elemento romano, entre a ideia da unidade politica e o conceito de personalidade individual, a origem dos parlamentos não vai

alem da epocha em que João sem Terra na *Magna Carta* promette reunir os arcebispos, bispos, abbades, grandes barões, feudatarios, sheriffs afim de votarem auxilios e taxas.

Infelizmente Tobias Barretto durou pouco, e, como quasi todo innovador, fechou os olhos sem que visse realisadas as suas esperanças.

Agora qual o dever d'aquelles seus discipulos, que foram ultimamente nomeados para a Academia?

Continuar a tarefa do mestre. "Ha mortos, diz Henri des Houx, que fallam do fundo do tumulo e cuja voz é preciso sempre escutar."

Graças á lei geral da evolução, lei a que estão subjeitos todos os phenomenos do universo, e em virtude da qual a natureza inteira é mantida não só na mais estreita solidariedade como na mais intima continuidade, o direito não póde mais ser considerado como uma entidade absoluta, como uma obra perfeita e acabada em si mesma, que não está subjeita a relatividades nem no tempo nem no espaço.

Creação do homem, o qual, embora tenha sede ardente de infinito, todavia sente-se preso ao pequeno planeta, em que foi collocado, o direito está subjeito não só á economia do mundo physico como á das sociedades, em cujo seio elle se desenvolve.

D'ahi resulta que o jurista não póde estudar o direito sem conhecer a vida do universo em todas as suas manifestações, sem ter os olhos constantemente fixos sobre o desenvolvimento das sciencias naturaes, base e disciplina de suas investigações.

A este respeito escreve o valoroso Enrico Pessina :

" Per questa intima unione fra l'uomo e la vita dell'Universo egli accade che ogni passo dato innanzi dal'uomo nelle sue conquiste scientifiche sul mondo della Natura è stato strumento potentissimo ai suoi progressi morali. Errano, a parer mio, coloro i quali credono che l'incremento degli studi fisici menomi il culto delle idee morali. Se non foss'altro, quell'ordine, che anima segretamente tutto l'Universo, educa lo espirito alla regolarità, alla costanza, all'obbedienza verso le norme generali; e se i due mondi sono distinti fra loro, essi non son certo in assoluta opposizione."

Assim o conhecimento das sciencias naturaes é indispensavel ao estudo dos phenomenos moraes, dando conta da influencia das circumstancias exteriores sobre a vida social.

Sem falar na meteorologia, cujo conhecimento, facilitando a navegação, creou o commercio internacional e com este o direito maritimo, basta lembrar que a geologia e a paleontologia, surprehen-

dendo nas entranhas da terra o homem prehistorico com suas armas de guerra, seus instrumentos, seus utensilios, seus ornamentos, suas reliquias e todas as formas primitivas das instituções humanas, lançaram por terra o velho dogma da decadencia e produziram uma nova concepção da vida.

O homem não se julga mais um decabido, cujo ideal é um passado imaginario e ao qual deseja voltar, mas um regenerado, que melhora todos os dias a sua sorte, e que vê no futuro a victoria da verdade contra o erro, do bem contra o mal.

A consciencia de seu passado miseravel banio-lhe do espirito toda ideia de principios eternos e immutaveis do justo e do honesto, e, transformando a necessidade de soffrimento em desejo de bem estar, melhorou profundamente a sua existencia.

Os achados das sciencias biologicas estão a reclamar importantes reformas nos codigos civis e penaes.

O casamento é actualmente uma questão de hygiene social e não, de interesse individual. A p hysiologia, já tive occasião de escrever protesta contra essas uniões entre pessoas, que soffrem de molestias ou de vicios de organisação, p hysicos ou moraes, que se transmittem hereditariamente, e condemna a practica desses crimes monstruosos, que solemnisam-se com flores e harmonias, como que para esquecerem-se as dores e soffrimentos, que deste modo vão infligir-se á especie humana.

Quando mesmo não se considere o crime um simples caso de molestia ou de atavismo, quando mesmo o criminalista tenha de apreciar o delicto sob outras luzes que não somente os resultados da *pathologia* e da *prehistoria*, não se pôde negar que estas sciencias modificaram profundamente o conceito do delicto e da pena.

Que mundos novos para os juristas em face das maravilhas do hypnotismo, a força mysteriosa que anniquila a responsabilidade, pedra angular de toda ideia e sentimento de justiça !...

Basta notar que o hypnotisado fala e age sob a influencia da suggestão com todas as apparencias da reflexão e da vontade.

A grande revolução operada pelo magnetismo em todos os ramos do saber humano, na philosophia, na pedagogia, na moral, na religião, na historia, na therapeutica, na cirurgia, não se tem feito menos sentir no dominio do direito.

Aqui, segundo observa Bongean, é "o cultivador, o banqueiro, o financeiro, que calcando aos pés suas affeições, seu passado, seu dever, desherda machinalmente, sem piedade, uma familia, que adora

em proveito de um indifferente ou talvez de um inimigo"; ali é o instrumento inconsciente que victima da maldade, "sancciona com os mais solemnes juramentos a descripção detalhada de um acontecimento imaginario, de um delicto ou de um crime, de um roubo, de uma calunnia, de um assassinato."

Sob o ponto de vista da pathologia das raças e da influencia dos differentes climas é que deve ser estudada a questão colonial para evitarem-se os desastrosos resultados d'essa politica deshumana que partindo de principios geraes e absolutos, não toma em consideração factos que devem ser "cuidadosamente observados e scientificamente interpretados para a solução do problema da immigração."

Mas não só por seus resultados como seu methodo as sciencias physicas e naturaes tem lançado os mais vivos clarões sobre os estudos juridicos.

O methodo inductivo acostumando o espirito a não elevar-se á affirmação de leis senão mediante a observação de factos, tem corrido para essa disciplina mental, que não se satisfaz com palavras e abstracções, e que na investigação dos phenomenos sociaes procede com o mesmo rigor de analyse e circumspecção de synthese daquelles que cultivão as sciencias naturaes.

Aproveitando os materiaes das sciencias positivas, decompondo a sociedade em seus elementos, observando as transformações por que passaram esses elementos, investigando as relações de coexistencia ou de successão entre elles existentes, para d'ahi elevar-se até a formula geral, á lei, sem pretender ir mais adiante, eis como o jurista moderno regenerará o estudo do direito e concorrerá para a grande obra da sciencia universal.

Deste modo o jurista não só deixará de gastar suas forças intellectuaes com a organização de systemas *a priori*, com a criação de vãs chimeras, mas até ajuntando mais um elo á cadeia do saber humano, virá a ser um poderoso auxiliar na solução de graves problemas scientificos.


E' assim que Emilio Acolas dirigindo-se á Sociedade de Anthropologia de Pariz, affirma com toda razão :

"Quant à la question des origines et des races, le droit, j'en conviens, ne saurait prétendre l'éclairer d'un jour aussi direct que la crâniologie et la linguistique; mais si comme ces deux sciences, il ne nous donne pas le moyen de nous avancer au—delà même des commencements des civilisations, si chez certains peuples, les institutions juridiques ont participé à un mouvement qui n'a point

atteint, au même degré du moins, les caracteres anatomiques et les langues, il y aurait cependant grave erreur á penser que l'archeologie juridique n'ait point aussi un contingent á porter á la solution du probleme des origines et des races. Beaucoup de peuples, en effet, sont demeurés stationnaires dans leurs institutions, ou pour mieux dire, dans leurs usages juridiques, et l'ethnologie a certainement son profit á faire des indications que recèle le droit."

Que os novos mestres, pois, abandonem o detestavel methodo até hoje seguido, que deixem o circulo estreito dos logares communs, que esforcem-se por inspirar aos seus discipulos o gosto do estudo, interessando-os no trabalho das investigações e não esterilizando-lhes o espirito com exercicios de rhetorica e de memoria, que organizem programmas cheios de vistas novas e originaes e não de futilidades e argucias, que são a negação de toda producção scientifica, que saibam fazer uso de suas cadeiras como alavancas do pensamento, que façam da sciencia, toda a sua alma, toda a sua fé, todo o seu ideal, eis o nosso mais ardente desejo.

ARTHUR ORLANDO.



Os Antigos

(H. SULZER)



ão despresemos nós — os ultimos chegados,
 Nós, cuja mente vae na duvida perdida —
 Os obreiros viris que abriram-nos da vida
 A estrada em que se marcha a cyclos ignorados.

Foram grandes de certo aquelles que encontrando
 O mundo semelhante a inhospita floresta
 Virgem, não tendo mais que as mãos como modesta
 Ferramenta, assim mesmo andaram fecundando

A natureza hostil, p'ra dal-a aos successores !
 E como somos nós seus filhos, não devemos
 Vaidosos esquecer que aquillo que colhemos
 Planta dos velhos foi, — fructo dos seus labores.

P'ra podermos guardar seu pensamento inteiro
 Gravaram-n'ó os avós nos velhos monumentos,
 E o fizeram tão bem, que os seculos poentos
 Não poderam gastar o nitido letreiro.

Por isso andamos nós sob os templos de outrora
 E cavamos em ancia o sólo onde escondidas
 Jazem de Pygmaliões estatuas abatidas
 Nesses paços reaes, ermos, sem luz, agora.

E dos antigos quando a sabía obra honrada
 Vemos, e um Deus de pedra assombra o nosso olhar,
 Prodigiosos titans cuidamos vêr andar
 Muito adeante de nós dos tempos pela estrada !

IZIDORO MARTINS JUNIOR



VIZÃO DO FUTURO

A MOCIDADE BRAZILEIRA



Civilização occupa quasi todo o septentrião da Esphera. O cortejo da Politica, da Moral, das Sciencias e da Arte vaga ha 2 mil annos por aquellos dominios olympicos da Industria que o Equador separa de nós e onde milhares de gerações que ja desappareceram deixaram para a cultura civil do planeta o cabedal do ouro e o cabedal do talento.

Nesta desterrada ametade sul em que nós outros vamos arrastando a nossa pobre vida de perpetua infancia ou de precoce invalidez, mora a Lybia com seus areiaes desertos e sua barbarie, mora a

Oceania com sua selvageria indigena primitiva e mora a America Meridional sem as suas impurezas autochtones, que a colonisação matou de nostalgia, eliminou pela communhão, ou afogou em sangue, mas com todos os vicios excrescentes das sociedades de Europa, d'Asia e d'Africa, dos quaes ella se constituiu em deposito secular desde o dia da sua descoberta.

Eu creio, entretanto, no futuro da minha Patria.

O Brazil faz excepção pela fronde de sua natureza á todas as regiões de baixo da linha equatorial. A natureza é o maior modificador do individuo e, já que findaram para sempre de actuar contra ella as ficções paternaes da inventiva politica, a nação heterogenea que o habita apresta-se para soffrer essa enorme transformação em Raça definitiva que levará suas gerações as portas de Chanaan.

Eu creio ardentemente no futuro do meu paiz. A fronde inexcedida de sua natureza virgem ha de fazel-o tambem excepção no seio das sociedades humanas.

Tu, patria, não possues somente o solo immensuravel, a fauna e a flora gigantescas! Tu possues o Oceano. De teu coração manam as cabeceiras de cem vertentes profundas e colossaes. Mas, acima de tudo, tu resumes a topographia do Mundo no ponto do oriente que primeiro vê nascer o sol do dorso dos teus mares.

Dia virá em que deixes a condição de pária pela tua posição de homem!

A vizão clara que eu tenho do Futuro é convencida e logica! Não abstrahes o Passado da colonia americana dos Indios, dos Negros e dos Degredados, — triade venenosa, sementeira damninha que impediu e atrazou de 300 annos a germinação do Bom, do Justo e do Bello, incubos da natureza humana em todas as regiões. E supõe existente — como cyclo do Presente — todo esse periodo historico de transição que medeia da Independencia até o dia do triumpho definitivo da derradeira Reforma nacional reclamada pela opinião contemporanea.

Conto portanto, — para medir o futuro da Patria — com o assentamento proximo da forma federativa, do imposto territorial e da instrucção nacional, como contei com o Abolicionismo, com a Immi-gração e com a Paz. A monda dos appendices e accessorios do systema negativo á substituir pelo novo embasamento, é hypothese que nem necessita ser expressa.

A federação politica — reforma urgente e primeira — é a solução radical do problema de eliminação do poder Pessoal. Representante ainda vivo do centralismo — este tem sido na America latina o verdadeiro responsavel por sua inferioridade porque ha presidido 4 seculos ao trabalho da communhão sul-americana.

Em praso breve desagregar-se-hão de nosso centro economico-politico — centro improductivo — os Attributos e Rendas extorquidos ás extremidades locaes á pretexto de sua incapacidade ; e ficarão todos elles nos proprios logares de sua producção — quer Municipio, quer Estado — os quaes, constituidos centros substitutos, ver-se-hão augmentados de circulação e de seiva sempre crescentes desde este dia.

Mas o que volta á fonte primitiva não é só uma ou só outra : a attribuição ou a renda. Uma sem a outra nada vale. Hão de retornar-nos ambas ao mesmo tempo : uma valendo a molecula de poder publico de que não nos julgaram capases, a outra a parcella de dinheiro que nos extorquiram.

Si o systhema novo é subjectivamente um conjuncto de ficções, tambem não deixava de ser de ficções o aparelho antigo da Centralisação; de ficções só é que se compõe todo o mechanismo convencional da Politica.

O imposto territorial — sobre a extensão em começo, depois sobre o valor — se me affigura o reformador herculeo do Solo brasileiro. Suppõe o desenraizamento dos tributos indirectos, interprovinciaes e de transmissão — coincide com a necessidade da criação de uma lei agraria que ampare a aquisição, regule a posse, a locação, a prescripção, a servidão, a accessão e a divisão successoria, evitando o monopolio indirectamente — e crêa elle mesmo o cadastro ao lado do censo. Cultiva, mobilisa, valorisa e distribue o solo por multidão centupla de proprietarios que elle mesmo attrahe espontaneamente.

E a instrucção — popular, superior ou especifica — é o fecundo reformador civil que tem por missão preparar o Individuo apto, sobre o solo culto, para o regimen livre do Futuro.

O dia que for o derradeiro para o triumpho definitivo destas reformas fechará o cyclo transitorio do Presente, que eu affiguro poder equivaler para os brasileiros ao periodo lendarío do captivo dos Hebreus. No dia seguinte principia a marcha para o Futuro, a marcha ascendente para a civilisação.

Eu conto, porém, que ultrapasse as muralhas d'aquelle cyclo e viva ainda a idade de mais de duas gerações até solução final o problema da Fusão nacional em raça homogenea e definitiva.

Sem tal solução eu não creeria em nada. Ella apparece á minha imaginação como uma grande maré morta que se prolongou de um seculo pelo futuro á dentro e sobre cujo soterramento colossal feito dia a dia, palmo a palmo, o braço da Civilisação conseguiu afinal edificar toda uma architectura de diques, torres e moinhos dos Paizes Baixos.

Pois bem. A visão que eu tive da Nova patria eu a tenho tido em sonho cem vezes interrompido pela descrença que gera-me na alma o spectaculo da confusão psychica e material em que se debate o paiz e outras cem encadeiado e consolidado—pela comparação do passado com o presente — como um ideal luminoso em que tenho fé viva e inabalavel.

Eu vi-me arrebatado do momento actual — proprio de Volney— para longe das ruinas do Presente. E assisti no seio dos vindouros ao spectaculo da Patria, surgindo dos escombros, grande, livre, prospera e feliz, como a sonhara o magnanimo coração de José Bonifacio. Medeiava uma differença presumivel de cem annos.

Quando eu havia deixado a terra onde eu nasci, um seculo atraz ella era singularmente isto :

Sobre o littoral de um continente de 7,952:344 kilometros quadrados, cercado por mares infinitos e coberto de rios e de florestas colossaes, um corpo unico de 30 a 50 mil proprietarios de latifundios, senhores de 2 milhões de escravos. A's plantas desta feitoria de eleitos, que se constituiram nação activa, 12 milhões de brasileiros — quasi parias, mais que proletarios — havia um seculo inteiro que reclamavam a sua incorporação á Patria, que seu sangue e seu suor tinham ajudado a consolidar.

D'outro ponto de vista, sobre os pilares de 21 satrapias Provincias, amarradas ao centro pelos ajoujos de uma centralisação só comparavel ao mandarinato, erguia-se a corôa bastarda de uma familia exotica á que a *espada de um general feliz* se fez substituir, —ambas as quaes sugavam por sua vez das poucas extremidades locais productoras todas as Atribuções e todas as Rendas, (que lhes deviam pertencer), pelos tentaculos de leis decretadas por uma Representação conservadora e torpe de origem que — á excepção dos Martyres e

dos Propagandistas — só actuou sobre o destino da Patria no sentido de fazer a divida publica subir a quasi o decuplo do algarismo de sua circulação monetaria ou de fazer-lhe descer a consciencia até o nivel da excommunhão dos patriotas pelas multidões.

E no meio de tudo aquillo a figura da Anarchia á presidir esse trabalho de estrangulamento. E como corollario de tudo, —emfim— a Patria em suas relações com os vizinhos representando a guerra de limites e com os mercados Europeos a importação de tudo sem exportação equivalente.

Amalgama de nababo e mendigo, da ambição e do desperdicio !

Terra do monopolio ! Quando eu te abandonei cem annos atraz parecias mais uma colonia de Roma do que a patria de um povo.

Hoje, neste final de seculo XX, o mais velho dos coevos não tem nem reminiscencia tradicional desse passado todo de dôr, todo de agonia !

Dos pilares do throno e da espada resta a legenda, soterrada nos poentos archivos das instituições mortas, tumulo digno do Centralismo. Os 21 Estados são o dobro ou o triplo de outras tantas columnas vivas da florescente União, erguidas por outras tantas nações homogeneas e fortes, confederadas mas Autonomas, isto é, que se governam que se administram, que se taxam, sob a presidencia temporaria do mais alto e do mais responsavel dos cidadãos eleitos.

Do vosso systema economico restam as algemas, o tronco, e todos os emblemas da rotina dependurados nas galerias de exposição. Por toda a parte a machina substitue ao braço e o credito pessoal ao real. E a terra verde da patria serve de base á todas as industrias, artes e manufacturas, — sempre explorada, jamais cansada de produzir.

Da anarchia geral resta a chronica que os criticos estão reconstruindo. Dos vizinhos não tememos nem a guerra nem a competencia. O algarismo da exportação está para o da importação na razão crescente de 3 para 1 e na opposta para o da producção interna. Em cada localidade, em cada povoação, de qualquer zona, por mais afastada, do paiz; a eschola, a tenda, a egreja, o quartel, a detenção, o meeting, o club, o jornal e o forum, movimentam o corpo nacional, e elevam lhe o senso. Desde o mais alto até o mais humilde dos cidadãos todos sentem que fazem parte da communhão. Ninguém está fora da Nação Brasileira.

E do seio da paz, do trabalho e do amor em que jáz mergulhado todo esse povo de proprietarios, cidadãos e obreiros,—senhores do solo e de si mesmos, organisados em verdadeira familia e crentes, amigos e irmãos, que podem passar muitas vezes de cem milhões sobre terra toda explorada e dividida entre $\frac{1}{4}$ da população — si alguma porção grande ou pequena da delegação nacional tem o arrojo de exorbitar do seu mandato no sentido de ferir a lei, o costume, o direito ou o interesse, do individuo ou da collectividade, creados legitimamente pela União, pelo Estado, por qualquer fracção Municipal deste, — é do seio da nação toda (que a legislação criminal e civil une junta á identidade ethnica, identidade de lingua e de religião) que se levantará essa opinião formidavel em favor do oppresso para fazer, como na Inglaterra, renascer da agitação publica a noção perdida da liberdade.

Terra do monopolio! O nosso nascedoiro foi sobre o escombro das tuas ruinas! Hoje, o sangue da immigração espontanea tonificou o nacional e este é homogeneo e definitivo. Sem homogeneidade ethnica não ha unidade de coração nem de cerebro, de sentimentos nem de ideias. Não ha nem consciencia nem opinião.

As fontes pôdres do Trafico, do Aldeamento e do Degredo, a Civilisação estancou-as n'um dia de plena concurrencia em que lhe foram derrubadas ao sol as florestas originadoras. Ellas foram reduzidas pela lei de selecção universal em geleiras mortas, fossos inexgotaveis e abysmos subterraneos que só a litteratura e a lenda memoram e onde só o historiador desce para estabelecer pela exhumação do passado algum novo argumento contra elle.

Terra do monopolio! Tu nos parecez mais sombra de uma patria!

A guerra desapareceu do Novo Mundo pelo arbitramento — e a centralisação do Brazil pela democracia. Nós não temos minima parecência com vosco, nem ligação sinão historica, chronologica.

Nós somos o prolongamento deste ideal dos Avós Pernambucanos e Mineiros de 1789 e 1817 de que vós representaes o eclipse.

Nós somos a imagem viva da prophacia dos Revolucionarios!

No municipio está todo o nosso eixo vital. N'elle é que se discute o direito e o interesse, a attribuição e o dever, a renda e a despezas, se elege o mandatario e se decreta a taxa. Nelle é que se instrue e educa o povo, nelle que se pune o crime. Nelle coexistem

o espirito de liberdade, de associação, de propriedade, de justiça e de moralidade, formando a consciencia geral, consolidando opinião.

Delle é que parte, como um veio de ouro, esta circulação perenne que passa peio coração de cada estado e vai findar no centro neutro da União. E' o seu verdadeiro centro e a sua verdadeira columna.

E, si algum dia baixar da cumiada do poder voz d'alarma que a invasão do estrangeiro ou a revolta interna despertaram, conta que erguer-se-ha do seio dos Municipios aos milhares milhões de brasileiros promptos para punir o infractor do Tractado ou o transgressor da Lei.

Terra do monopolio ! Tu es a alma do desespero !

O individuo mais humilde, o mais necessitado, da mais remota das povoações do Brazil, ergue-se pelas manhans cedo certo de que pode contar ao pé de si para a faina da vida com todos os instrumentos do progresso.

Só a lei o protege, mas elle tem lei.

Só o trabalho lhe dará pão, mas elle tem trabalho.

Só a instrucção o elevaria, mas elle tem eschola.

Elle não conta mais com a tempestade do odio e da expoliação que o Poder desencadeiava sobre vós, patria do desespero popular !

E um povo homogêneo e viril que conta com a lei, com o trabalho e com a eschola, e por tanto tem civismo e tem fé — ainda quando tenha sahido da centralisação, do fanatismo e da escravidão — si fundou a sua Patria sobre o solo mais fertil e mais vasto do mundo tambem sobre elle ha de ser no correr dos seculos o povo maior e o mais poderoso.

Ah ! A vizão que eu tenho de minha patria é a de um homem valido sobre um solo valido — rodeado de instituições liberaes que attingem á elle e em que elle influe insensivelmente com seu voto, com sua contribuição e com seu exemplo — dominado unicamente pelo espirito superior do seu Seculo.

Eu creio ardentemente no futuro da Patria. Mas a vizão que eu tive é o sonho mesmo dos Antepassados e a mesma vizão de toda essa moderna geração brasileira que assiste compungida ao desmoroamento do Presente.

PERNAMBUCO



udo como o leão que das narinas
solta enjaúlado o suspirar sombrio,
como o doído olhar das assassinas
do mudo tribunal no banco frio,

como as manhans do nebuloso rio
evaporando os pingos das neblinas,
mudo como o punhal que rasga o fio
da vida no escondrijo das collinas,

como a nevoada benção do Levante
vertendo luz por sobre essa então muda
vaga do Oceano, azul, febricitante,

e triste como um tumulto no estuario
do mar, — por ti oh patria! — eu soffro a aguda
dôr e paixão do martyr do Calvario.

FERNANDO DE CASTRO.



ste exemplar da *Revista do Norte* leva duas paginas extraordinarias. E' pretensão nossa augmental a muito alem do numero commum, — cousa só dependente, em trabalhos deste genero, de um certo equilibrio economico — que esperamos resolver sem tardança, pois que temos visto inesperadamente crescer a somma de nossas assignaturas espontaneas.

Neste sentido empregâmos ja nossos esforços afim de appensar aos exemplares seguintes uma secção commercial que dê noticia do movimento desta praça.

Todavia o extraordinario deste foi só motivado por affluencia de materia enviada por nossa illustre collaboração.

A DIRECÇÃO.

N^o 5

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 20 DE ABRIL DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

(Continuação).



Com estas e outras crenças espalhadas e facilmente impostas á ingenuidade do selvagem, a collectividade ia regulamentando o exercicio da caça em beneficio de todos. Aquella lenda citada podia ser traduzida em artigo de lei, do modo seguinte : E' prohibido matar animaes de caça durante o periodo em que amamentam os filhos.

E ninguem desconhecerá quanto vae de sabia prudencia nessa injuncção, para um povo que nas raizes das arvores sylvestres e nos animaes bravios tinha todo o material de sua subsistencia. Os indios sabiam domesticar alguns passaros e mesmo quadrupedes, mas não sabiam aproveitar o animal como auxiliar de suas industrias, nem possuiam rebanhos de onde tirassem meios de sustento. Sua fazenda e seu ceileiro era a floresta virgem.

Nas relações familiares como nas sociaes, deparamos com a mesma differença de typos ou de desenvolvimento. Algumas tribus praticavam o mais desenvolto hetairismo, aggravado excessivamente nos aldeamentos presididos pelos povos civilisados, outras eram monogamas e de um rigor extraordinario nas relações matrimoniaes, admittindo licença, aliás, na vida anterior ao casamento. A lenda de Mani é uma prova de que havia leis ethico-religiosas prohibitivas da copula indisciplinada, ao menos em algumas nações.

Ainda em nossos dias os *Guatós*, que habitam os campos do alto-Paraguay, não são monogamos, porem, entre elles, a mulher, contam os viajantes, não ousa encarar outro homem que não seja o marido.

Os *Chambioás*, no Amazonas, são igualmente rigorosos em suas relações de familia, condemnando á morte as adúlteras e mantendo essa instituição singular dos *virí viduarum* de que nos fala Couto de Magalhães. (1)

Simão de Vasconcellos nos assegura que, certas nações instituíram o costume de os irmãos sobreviventes se casarem com as viúvas dos irmãos fallecidos para ser conservada a geração, e nisto, diz o padre que se pareciam os indios com os judeus. Devo accrescentar que entre povos arianos o mesmo costume é mais generalizado que suppunha o velho chronista.

O pae era o chefe da familia, chefe supremo, de poder incondicionado. Entretanto parece que houve um tempo em que as relações familiares eram todas pelo lado materno, tal como sabemos que existem entre os povos arianos e outros, ao tempo do matriarchado. O que me leva a pensar deste modo é, em primeiro lugar esse costume referido pelos chronistas de sujeitar-se o pae do recém-nascido ao resguardo que devera ter não elle, porem sim a mulher. Parece que o selvagem tinha a crença de que somente o acto de dar a creança á luz é que estabelecia as relações entre esta e a mãe, e querendo elle concentrar em si todos os direitos da familia, simulava soffrer em consequencia do parto.

Outra razão eu colho das palavras com que os indios designavam as relações entre o mundo e as divindades.

Jacy, a lua, que assimilha-se a Tanit dos phenicios com acção mais restricta, é a mãe dos vegetaes, de *ja*, fructa, brotar, e *cy* mãe-*Coroacy*, o sol, é a mãe dos viventes, de *guára* ou *codra* vivente e *cy* mãe. Isto indica bem claramente que, ao tempo da formação destas palavras o elemento creador era, para os tupys-guarany, somente o femenino (2).

O casamento se fazia, em quasi todo o Brazil, sem formalidades, pelo simples consenso das partes e dissolvia-se tambem pelo mesmo

(1) Op. cit., pag. 115.

(2) Depois vieram outras idéas, suppoz-se o filho exclusivamente procedente do pae, como demonstram, entre outros, os nomes de *cunhan-membira* e a respectiva festa. *Cunha-membira* era o filho do prisioneiro que ia ser immolado, e como tal reputado sangue do inimigo embora procedesse de uma mulher da tribu.

modo. Contam entretanto alguns auctores que, tractando-se de uma virgem de grande estimação por sua formosura ou de familia nobre, se assim pode-se dizer, exigia-se que o noivo praticasse algum feito brilhante para merecel-a. Certas tribus eram exogamas; iam tomar raparigas á outras aldeias; outras estabeleciam jogos para experimentar a destreza dos pretendentes (3).

A mulher, desde que podia prestar serviço, ia auxiliar a mãe no arranjo domestico, apanhar agua e lenha, preparar a comida, transportar os objectos de uso diario nas viagens e mais incommodos, pois o marido ou o pae só tinha que conduzir o arco. Attingindo a puberdade necessitavam de purificar-se, e abriam incisões no seio e nas pernas para indicarem a todos que já eram nubeis. Mas enquanto virgens (*cunhan-cuarayna*) traziam atado aos braços ou a cintura uma cinta que deviam romper logo que se casassem ou de qualquer forma perdessem a virgindade. E' costume identico a de muitos povos do oriente e d'Africa. Quem não se recorda das *chaintettes* de Salambô que se romperam na tenda de Mathô?

CLOVIS BEVILAQUA.

(3) G. Dias — Op. cit. p. 196.

A EDUCAÇÃO NACIONAL (1)



o Brazil, o problema pedagogico tem uma importancia capital.

A principio, libertámos o filho d'Africa, e depois proclamámos a Republica Federativa; o que quer dizer que precisamos substituir o trabalho muscular pela força mental e subordinar os elementos heterogeneos do paiz á unidade escolar.

(1) Este artigo é extrahido do relatorio, que o auctor na qualidade de Inspector Geral da Instrueção Publica apresentou ao Governador do Estado, o Exmo. Sr. Dez. José Antonio Corrêa da Silva.

Produzir e produzir muito deve ser a divisa de todo aquelle que, sob o ponto de vista economico, quizer concorrer para o engrandecimento de nossa Patria; mas, como produzir muito sem instrucção, quando é certo que os principaes meios de producção são as acções das forças da natureza, postas em jogo pelo poder mental do homem?

Sem instrucção, seria impossivel applicar as descobertas scientificas ás necessidades da vida pratica, principalmente da agricultura — a nossa grande fonte de riqueza.

A agricultura moderna, como já tive occasião de dizer, é uma espiritualisação da terra, isto é, uma applicação das leis phisicas, chemicas e biologicas ao desenvolvimento do mundo vegetal e animal.

Despedaçada a forma monarchica pelo movimento federalista em um paiz, como este, em que a escola foi sempre mantida no mais atrophizador isolamento, sem a minima ligação com a idéa e sentimento de Patria, para inaugurarmos um regimen francamente democratico, sem despertar velleidades de separação, temos necessidade de organisar a escola, de maneira que dê á Nação a maxima cohesão de idéas e solidariedade de sentimentos.

Já ninguem se lembra de tratar as sociedades como abstracções; hoje as nações são encaradas como organismos, que se desenvolvem segundo leis proprias no tempo e no espaço.

Mas, como organismos que desenvolvem-se, as sociedades estão subordinadas a condições; e entre a variedade infinita de condições, a que estão sujeitos os organismos sociaes, ha tres principaes sem as quaes não se poderia comprehender o desenvolvimento da vida de um povo, a saber: sólo, lingua e tradições communs.

Temos continuidade de sólo, unidade de lingua, mas falta-nos commuidade de tradições.

Em geral, ignoramos o que pensaram e sentiram os nossos antepassados, que virtudes os animaram, que concepções se produziram em seus cerebros, que idéas presidiram aos seus actos.

D'ahí, a necessidade de nacionalisar a educação, de organisar a escola de harmonia com os nossos usos, costumes e tradições, de aproveitar as forças vivas do paiz na formação do character do cidadão brasileiro.

Ao subir ao throno escreveu Frederico III a Bismarck:

“ Considero a questão da educação da mocidade intimamente ligada ás questões sociaes. Uma educação mais elevada deve ser

dada a camadas cada vez mais extensas; mas convem evitar que uma semi-instrucção venha crear graves perigos, que faça nascer pretenções de existencia, que as forças economicas da nação não poderiam satisfazer."

Realmente a educação nacional é mais alguma cousa do que uma simples questão de metaphysica politica, que possa ser decidida *a priori*; é um assumpto de elevado patriotismo, em que se requer uma grande provisão de saber, e em que se deve ter muito em consideração a experiencia da historia, a lição dos factos, a força das circumstancias.

Nos Estados-Unidos a educação nacional paira acima das conveniencias dos partidos e do amor proprio dos individuos, sendo a preocupação constante d'aquelles que aspiram ou assumem a direcção do paiz, segundo attesta Horacio Mann nos seguintes termos:

"O primeiro dever dos nossos magistrados e dos chefes da nossa republica é subordinar tudo a este interesse supremo. Em nossos paizes e em nossos dias, ninguem é benemerito do titulo de homem de estado, si a educação practica do povo não tem o primeiro logar no seu programma. Póde um homem ser eloquente, conhecer a fundo a historia, a diplomacia, a jurisprudencia, o que lhe basta aliás para pretender a elevada condição de homem de estado; mas se suas palavras, seus projectos, seus esforços, não forem por toda parte constantemente consagrados á educação do povo, elle, não é, não póde ser homem de estado americano."

Nada de mais justo e de mais legitimo do que negar as honras de estadista áquelle que, por mais vastos que sejam os seus conhecimentos e por mais desinteressadas que sejam as suas intenções, não faz da educação nacional o objecto de seus continuos esforços, como pedra angular, que ella é, de todo desenvolvimento politico, economico e social do paiz.

Mas, o que deve entender-se por educação nacional, e qual o fim a que deve visar?

Entendo por educação nacional a que sai do proprio seio da nação, de harmonia com a economia geral do organismo social sob a influencia do solo, do clima, da raça, emfim de todas as circumstancias, em cujo meio o Estado vive e desenvolve-se.

"Não convem encarar, diz Dreyfus-Brisac, as instituições escolares como seres abstractos e isolados; mas pelo contrario collocal-as em seu quadro natural no meio social e politico, em que são destinadas a viver e a desenvolver-se."

Quanto ao fim parece-me que a educação deve considerar o individuo, não isoladamente, mas como membro do grande ser colectivo, a cuja sorte está ligado.

A este respeito escreve Guyau: "Costumam perguntar se a educação tem um fim individual ou um fim social; ella tem esses dous fins ao mesmo tempo: é precisamente a investigação dos meios para pôr de accordo a vida individual mais intensa com a vida social mais extensiva."

A verdadeira educação tem um fim mais elevado do que a cultura dos individuos considerados isoladamente, visa a vitalidade intellectual e moral de uma raça, sendo os individuos encarados como cellulas da realidade viva, do ser organico, que chama-se sociedade.

Assim a pedagogia vem a ser uma questão de sociologia practica, sendo certo que para organizar a educação de um povo é preciso attender, alem das leis que regem os phenomenos sociaes, aos costumes e tradições, tendencias e aspirações nacionaes.

A questão da nacionalisação do ensino se prende intimamente a da organisação do magisterio.

Thibadeau entendia que em materia de ensino devia "abandonar-se tudo á influencia salutar da liberdade, da emulação e da concurrencia."

Guizot, porem, segundo nota Laveley, resumio em algumas palavras decisivas a experiencia do passado a este respeito.

"Nunca, diz aquelle valente pensador, n'um grande paiz, uma grande mudança, um melhoramento consideravel no systema da educação nacional, foi obra da industria particular. E' preciso um desprendimento de todo interesse pessoal, uma elevação de vistas, um conjuncto, uma permanencia de acção, a que ella não pode tocar."

Mas em que medida devem intervir os poderes publicos, Estado ou communa, na organisação do ensino?

Aqui começam a surgir as difficuldades em face dos partidarios do poder central ou das administrações locaes.

Laveley, depois de expôr os argumentos pró e contra a administração das escolas pelos municipios, principalmente no que diz respeito á nomeação de professores, entende que os motivos invocados em favor da administração central são muitos serios.

Em primeiro lugar, os conselhos municipaes não são os mais aptos para felizes escolhas, os mais competentes para a apreciação do merito.

Em segundo lugar, sem hierarchia, sem perspectiva de avanço, não ha corpo docente, não ha zelo, actividade, emulação e todos os poderosos elementos de desenvolvimento da instrucção.

Em terceiro lugar, a instrucção publica é um dos principaes elementos de articulaçào e organizaçào dos Estados, e por conseguinte contra o argumento, de que são os conselhos municipaes, que melhor apreciam as necessidades da localidade, ha a observaçào de que o ensino publico é questào de interesse geral e não local.

A escola não se prende simplesmente á vida local como o mercado, o theatro, a praça, o cemiterio, a rua, o aqueducto; é o traço de união entre os diversos elementos organicos do Estado, é uma das mais altas funcções da vida nacional.

Guyau, que é um brilhante escriptor ao mesmo tempo que um valente pensador, exprime-se a respeito desta questào nos seguintes termos :

“ Em nossos dias, quizeram substituir o Estado pela communa, e attribuir a esta o direito de dirigir inteiramente á sua vontade as escolas de sua circumscripção. Mas respondeu-se com razào que a maior parte das communas de França, mesmo fundamentalmente modificadas, seriam incapazes de organizar um ensino serio. No maior numero de casos, entregariam a educaçào da mocidade a innovadores intelligentes, mas inexperientès, ou a charlatães : umas vezes a congregaçõe religiosas, outras a seitas anti-religiosas; tudo isto, segundo a moda do dia e o arrastamento de momento. As communas, que se apegasse má rotina escolar, se exporiam menos a decepções. A mocidade de um paiz é o seu orgulho e a sua riqueza: não pode ficar entregue áquelles que aspiram tomal-a para objecto de experiencia *in anima vili* ou para instrumento de politica.”

Segundo o testemunho de Claudio Janet, *Estados Unidos Contemporaneos*, vol. 2. cap. 27 § 5, a nova direcção que se opera entre os nossos irmãos do Norte é no sentido de centralisar a instrucção publica.

Quasi todos os Estados da União Americana têm agora um super-intendente da educaçào, que pouco a pouco vai subordinando a si os *boards of hool* das localidades, e o que é mais interessante é que o Congresso procura estabelecer um *systhema* geral de ensino publico.

Para mim, é preciso elevar a questào, deixar o velho e acanhado lemma da centralisaçào ou descentralisaçào para considerar a educaçào nacional, conforme entende Dreyfus-Brisac, não como a obra

de taes ou taes corporações livres ou officiaes, como a funcção de taes ou taes estabelecimentos publicos ou privados, mas como o esforço continuo e perseverante da propria nação, trabalhando com todas as suas forças e por todos os meios ao seu alcance para a cultura energica e intensiva e para o desenvolvimento normal e progressivo de todos os seus poderes intellectuaes e moraes."

As nações são organismos que desenvolvem-se, e como taes as suas funcções se integram, ao mesmo tempo que se differenciam.

Dá-se nas sociedades o mesmo que no cosmos : á proporção que as forças espalhadas no universo se concentram, as massas gravitam com mais intensidade e gyram com mais regularidade em torno dos centros de attracção.

Ainda ha quem pense que a liberdade politica consiste na autonomia das communas e que a grande difficuldade a resolver-se entre os povos modernos é a conciliação da independencia dos municipios com a unidade politica do estado.

Aquelles que assim imaginam, esquecem-se de que a autonomia das communas, tal como existio na idade media e desenvolveu-se mais tarde entre os anglo-saxões é um producto do sentimento da personalidade individual do antigo germano.

Entre os Tedescos este sentimento desenvolveu-se no mundo da especulação e chegou ao *monismo*, entre os inglezes progredio no mundo da acção e deu um resultado o *self-government*.

Mas entre os povos grego latinos os municipios de cidades soberanas, que eram, passaram a ser simples divisões do Estado.

" Na antiguidade classica, diz Diodato Lloy, havia communas autonomas ; mas eram estados soberanos. Cahindo sob o poder de Roma, perderam a soberana prerogativa de fazer a paz e a guerra, o direito de legislar e o de lançar impostos. Não restou senão uma só communa soberana, Roma, que reinava sobre um grande numero de outras communas, que não tinham mais senão uma existencia civil."

As communas da idade média não são, pois, ressurreições da antiga organização municipal romana. A *Historia da Constituição dos Municipios Italianos*, pelo illustre Carlos Hegel e a *Historia das Communas lombardas, desde a sua origem até o fim do seculo XIII*, por Haulleville não deixam pairar a menor duvida sobre a origem germanica das communas medievaes.

Instituição, porém *congenial* da raça germanica, a autonomia municipal seria uma anomalia, senão uma utopia, entre povos de

origem latina, nos quaes predominou constantemente o sentimento da solidariedade a mais intensa, esforçando-se sempre o Estado por imprimir a maxima cohesão e direcção ás funcções do organismo social.

Entretanto, forçoso é ir adiante e reconhecer que mesmo entre povos de origem germanica, a autonomia dos municipios hodiernamente não passa de um anachronismo, ou melhor de um caso de *misoneismo*, como uma instituição caduca, que não continúa a attrahir a admiração e o respeito do maior numero senão por força do habito e horror do novo.

Realmente, a autonomia das *communas* se foi uma necessidade historica em face do regimen feudal, já não tem razão de ser em face dos sentimentos e affectos, que constituem as modernas nacionalidades.

Vida patriarchal, vida municipal e vida nacional, são os tres grandes momentos da vida social; ou como diria Carle, "*di un medisino processo, in cui lo stato che precede contiene in se medisino i germi di quello, che vien dopo.*"

Deixemos, pois, de lado a formula metaphisica da descentralisação, que não tem trazido nenhum resultado pratico, não precisando o limite, que distingue o interesse nacional do local e procuremos um outro *criterium* para determinar as relações da Escola com o Estado.

Nos organismos individuaes superiores constata-se duas classes de phenomenos bem distinctos e caracteristicos: uns, relativos á nutrição, isto é, a tudo quanto diz respeito á digestão, á circulação e á respiração; outros, referentes ás relações dos individuos com o mundo exterior, especialmente á sensibilidade e á contractibilidade.

A essas duas cathogorias de phenomenos correspondem dois grandes systemas com orgãos especiaes, que desempenham funcções particulares: o *systema circulo-respiratorio*, que regula os phenomenos de nutrição, e o *systema nervo-motor* que rege os phenomenos de relação e locomoção.

Nos organismos sociaes notam-se equivalentemente os mesmos phenomenos: uns que dizem respeito a producção, distribuição e consumo das riquezas, com os seus respectivos orgãos, taes como fabricas, vias de comunicação e transporte, bancos, constituindo o seu todo o *systema economico-social*, que corresponde ao circulo-respiratorio nos individuos; outros, relativos á defeza e á direcção na-

cional, tendo por órgãos o magisterio, a força publica, a magistratura, formando o seu conjuncto o *systema politico-social*, á semelhança do nervo-motor nos organismos individuaes.

Entre os órgãos mais importantes do *systema politico* ou nervo motor social está o magisterio, cuja função se me afigura a principal do centro cerebral da sociedade.

Com effeito; si em uma sociedade politicamente considerada, em um Estado, a força publica é o órgão da motricidade contra as aggressões internas e externas, si a magistratura é o órgão da vontade collectiva, que se traduz por leis, costumes e tradições, o magisterio é o órgão da intelligencia social, que — além de sciencia propriamente dita — é senso commum, opinião publica.

Assim, posto que a sociedade não seja uma individualidade que caia sob os sentidos, póde dizer que nella o magisterio é o cerebro que pensa, a magistratura — o coração que quer, a força publica — a mão que executa.

Mas, no mundo psychico o pensamento tende sempre a servir de guia á vontade e á acção, quer para transformar o idéal em real, quer para tirar do real o idéal, de modo que o magisterio — como órgão da mente social — entra como principal factor na organização politica dos Estados.

Nestas condições, comprehende-se, o magisterio não póde estar sujeito a nenhum outro órgão social, principalmente de cathegoria secundaria, chame-se communa ordem ou corporação, mas, pelo contrario, deve ter toda autonomia, o que não significa que exclua a existencia de uma forte organização, não só para assegurar o seu completo funcionamento, mas tambem para manter a harmonia geral, o equilibrio intimo de todo o organismo.

Royer-Collard, citado por Adriano Dupuy, disse em 1822: « Vimos a velha sociedade perecer, e com ella uma multidão de instituições domesticas e magistraturas independentes, que trazia em seu seio feixes poderosos de direitos privados, verdadeiras republicas na monarchia. Nenhuma dessas instituições sobreviveu, e nenhuma outra tomou o seu lugar. A Revolução não deixou em pé senão individuos.

Os dois grandes sentimentos da solidariedade social e da personalidade individual, sobre cuja acção e reacção repousa o moderno drama das cousas civis e humanas, não deixaram em pé, face a face um do outro, senão o individuo e o Estado, ora contrapondo-

se, ora auxiliando-se, mas acabando sempre, segundo a expressão de Carle, por partilhar a mesma sorte e destino.

O problema da educação nacional é complexo : a sua solução depende do conhecimento da vida physica sob a influencia do solo e do clima, da vida ethnica sob a influencia dos costumes e tradições, e da vida psychica sob a influencia das tendencias e aspirações.

Infelizmente, até hoje, os pensadores se têm collocado, exclusivamente, em algum desses pontos de vista, attribuindo influencia decisiva ora á natureza exterior, ora ás raças, ora a causas puramente intellectuaes e moraes.

Assim, para Charron : “ La première, plus notable et universelle distinction des hommes, qui regarde l'esprit et le corps et tout l'estre de l'homme, se prend et tire de l'assiette diverse du monde, selon laquelle le regard et l'influence du ciel et du soleil, l'air, le climat, le terroir, sont divers. Aussi sont divers non seulement le teint, la taille, la complexion, la contenance, les mœurs, mais encore les facultés de l'ame. ”

Não menos mesologista se mostra Paulo Mougeolle, quando nos *Problemas da Historia* se exprime nos seguintes termos : “ Pelo que pertence ao movimento de expansão, pôde-se dizer que a civilização, nascida nas regiões quentes do globo, avançou cada dia mais para o polo. Em toda extensão de cada zona thermica, ella marchou ora em direcção ao Oriente, ora em direcção ao Occidente, segundo a configuração das diversas regiões; e no interior de cada terra, as cidades que a representam e a centralisam, a principio assentadas no cimo dos montes, foram descendo para a planicie, em toda extensão do valle, e progressivamente chegaram até o mar. ”

Contra esta theoria levantou Volney a objecção de que, sob a influencia de um mesmo clima, muitas civilizações têm mudado, já para progredirem, já para decahirem.

“ Porque, diz o autor da *Viagem á Syria*, nas mesmas regiões em que se desenvolveu outr'ora tanta energia, reina hoje uma inercia tão profunda? Porque esses Gregos modernos tão aviltados sobre as ruinas de Sparta e de Athenas, nos campos de Marathona e das Thermopylas ?

Dir-se-á que os climas mudaram ? Onde as provas ? E supponhamol-o : mudaram, pois, por saltos e cascatas, por quedas e retrocessos; o clima dos Persas mudou, então, de Cyro a Xerxes; o

clima do Athenas mudou, então, de Aristides a Demetrio de Phalera; o de Roma, de Scipião a Sylla e de Sylla a Tiberio. O clima dos Portuguezes mudou, então, desde Albuquerque, e o dos Turcos desde Solimão. ”

A objecção de Volney, segundo observa Mougeolle, “ foi reproduzida por um grande numero de historiadores contemporaneos, e deu lugar á theoria das raças, em virtude da qual as civilisações tem variado por qualidades ethnicas, que foram se transmittindo de geração em geração entre os differentes povos.

Mas, além daquellas aptidões, entram tambem como factor do movimento social as idéas e os sentimentos, as tendencias e aspirações, a que vêm juntar-se as grandes descobertas e invenções.

Não é, pois, sem razão que Carle distingue o desenvolvimento das sociedades em *evolução*, producto das forças phisicas, *civilisação*, producto das forças ethnicas, e *progresso*, producto das forças intellectuaes e moraes ; notando, porém, que estas manifestações da vida social prendem-se, ligam-se, combinam-se para formarem a consciencia collectiva, o genio nacional.

Forçoso é, pois, insistir sobre este ponto : somente uma solida educação nacional, organisada de accordo com as forças phisicas, ethnicas, moraes e intellectuaes do paiz poderá fazer com que o povo brasileiro desempenhe brilhantemente o seu papel no glorioso scenario da historia.

ARTHUR ORLANDO.

O NAUFRAGIO

(A PROPOSITO DO SINISTRO DO BAHIA)



Foi horrendo e cruel ! Este bandido — o Acaso
 Vendo, ha dias, que o ceo estava como um vaso
 De ebano a despejar estrellas pelo espaço;
 Vendo a Noite a sonhar, e o mar como em cansaço
 Beijar languidamente a linha do horisonte;
 Vendo a paz na amplidão; vendo a amplidão, de frente

Pensativa, a ostentar o nocturno capuz,
— Um capuz feito só de nuvens e da luz
Peneirada que cae do olhar da Nebulosa;
Vendo a terra distante e vendo a Morte ociosa;
Quiz deitar um borrão nessa tela; quiz pôr
Nessa calma infinita um enorme estertor.

E pairou torvamente em cima do oceano
Como um corvo brutal, como um grande milhano.

Perto vinham cortando a agua phosphorescente
Dois grandes leviathans, duas ilhas, que a gente
Poderia tomar por cidades boiantes,
— Dois navios. Em face um do outro, offegantes,
Iam dizer adeus entre si sacudindo
Pelo ar seus pennachos de fumo, e seguindo
Cada um seu roteiro e seu feliz destino.

Mas o bandido audaz o misero assassino
Acaso, mais cruel que Siva e que Moloch,
Teve um sorriso crú, fino como um estoque,
Envenenado como uma flecha tupy,
E com pulso de bronze arrojou para ali,
Para o mesmo caminho e para a mesma vaga,
Os dois barcos.

Horrendo ! uma fulgente baga
De pranto deslisou de uma constellação
E ficou scintillando em meio a escuridão,
Como um soluço bom crystalisado e enorme !

Havia se passado um *não sei que* de informe,
De indizível e ruim, de bárbaro e fatal,
De tragico sangrento e lugubre e infernal,
Acolá sob o palio do Céu, sob o pulso
Do Acaso, e sobre o mar — o largo mar convulso !

Algun tempo depois cada onda era um braço
 Supplicante, estendido hirtamente no espaço.
 Cada froco de espuma envolvia a cabeça
 De alguém, fosse este alguém uma alma indefessa
 De marinheiro audaz, ou fosse uma creança
 Franzina e lyrial, só costumada a mansa
 Ondulação feliz do regaço materno :

Dante não viu peor nos circulos do Inferno !

*
 * *

Horas após o Sol apontava ao Nascente
 Sarjando de escarlata a vastidão dormente,
 Illuminando toda aquella scena horrivel...

E em quanto Jeovah somnolento, impassivel,
 Espraiava no azul o seu olhar cansado,
 — O olhar de velho Deus secular e sagrado,
 Para encher-se de luz e do effluvio da aurora;
 Ó Acaso bestial lá em baixo, la fóra,
 Olhava com prazer os naufragos levados
 Pelas aguas crueis, co'os membros retesados
 Na ancia derradeira !

O' velho Deus! não sei
 Quem mais cruel: si tu, si o Acaso; não sei !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

Ô Principio Psychologico no Ensino



a falta, quasi geral do estudo da sciencia psychologica,
 que deixou o meio metaphysico em que se achava, para
 constituir-se de accordo com as observações nos indivi-
 duos de toda a condicção, raça e idade e com os dados

fornecidos pela physiologia e pela pathologia mental, nascem os grandes erros da educação e instrução do nosso povo.

Em nossos dias as reformas, as escolas e os preceptores que não attendão aos resultados obtidos pela sciencia do espirito, serão improficuos ao engrandecimento do paiz.

Sabemos que é facil dirigir as intelligencias, sugeitando-as a uma disciplina severa e uniforme.

Sabemos que muito custa estudar a intellectualidade de cada alumno, descobrir-lhe os sentimentos, apreciar a evolução mental e emocional das crianças e basear nestes trabalhos a arte do ensino. Mas, é isto o que estabelece a sciencia hodierna e somente assim poder-se-á alcançar, um dia, a realidade da educação popular, cuja falta origina a somma de males roubadores da felicidade brasileira.

Já no seculo passado Rollin, o celebre autor do *Traité des études*, dizia nos que era preciso estudarmos o character dos meninos, para ficarmos em condicção de bem dirigir-os; e, muito antes, Montaigne havia reconhecido a impossibilidade de ensinar os homens sem estudal-os, dia a dia.

Da ausencia deste estudo resulta, por exemplo, a concepção erronea de muitos paes que julgam encontrar, sempre, no filho um alto gráo de força intellectual e uma grande facilidade de desenvolvimento das faculdades affectivas.

Os sentimentos bons ou máos, a formação e conservação, no espirito, de idéas nocivas ou beneficas á Familia, á Patria e á Humanidade, são devidos ao principio psychologico da hereditariedade e ás leis da adaptação, que não podem hoje ser contestadas.

Attender, pois a existencia de taes sentimentos deve ser, na educação, um dos primeiros cuidados dos que se dedicão á espinhosa tarefa de preceptor.

Começando-se por cultivar as sympathias e as afeições pode se eliminar ou diminuir de intensidade os sentimentos anti-sociaes e máos, em germen na constituição moral das crianças, e lhes preparar o espirito para a consciencia das impressões.

Julgamos necessaria, antes de tudo, á inoculação de idéas nos cerebros dos meninos, esta educação preliminar de que falla Pestalozzi e que deve começar no berço; pois, os nossos maiores vicios tem origem na mais tenra infancia.

A psychologia nos ensina que a aquisição de idéas está sujeita ás leis do discernimento e a faculdade retentiva, que augmenta a capacidade intellectual de que podemos ser naturalmente dotados.

Deve, por isto, o mestre esforçar se para fazer apparecer nos seus alumnos a consciencia, das differenças, consciencia que é a fonte de todo o exercicio intellectual, como muito bem nos ensina Alex Bain. Estudar as condicções favoraveis ao exercicio do discernimento e ao desenvolvimento da memoria é o mais importante trabalho de um mestre-escola, uma vez que a força desta faculdade não prejudique as outras operações intellectuaes. A este estudo deve seguir-se a analyse dos differentes grupos de phenomenos que constituem o espirito e a ordem do desenvolvimento de cada um delles, condicções necessarias ao emprego dos methodos de ensino e a consecução de resultados felizes.

Não basta, porém, attender ao mechanismo intellectual e emocional do alumno; é preciso que o mestre estude o seu proprio espirito, ou melhor conheça-se a si mesmo, como dizia o Moralista Grego.

“ Avant d'entrer dans l'enseignement, avant d'accepter ce qu'on a appelé en termes un peu ambitieux peut-être, mais parfaitement justes cependant, le *sacerdote* de l'éducation, il faut s'interroger, s'éprouver, voir si l'on possède “ les douze vertus d'un bon maître ” on tout au moins si l'on se sent la volonté de travailles à les acquérir. (1)

A observação interna que deve fazer o mestre e a propria reminiscencia de seu estado psychico, quando criança, fornecerá excellentes meios de conseguir a educação de seus alumnos e de lhes transmittir conhecimento de uma maneira agradável a si e aos que apprendem.

Longe de nós a pretensão de estabelecer principios que devam servir de base a arte da educação ; mas em nós o desejo ardente de vêr as crianças encontrarem, no estudo, um trabalho delectavel e de ver os mestres incommodando-se menos com a importante missão que tem de cumprir.

OLINTHO VICTOR.

(1) Bronard. Paris 1890



DESCRIPTIVOS

1881—1884

I -- NO LITORAL



Manhece. O passarinho
no palhiço do coqueiro
dedilha o canto primeiro
se levantando do ninho.

O Sol anda de mansinho
como um gavroche brejeiro
desmanchando o nevoeiro
pelo chão do azul marinho.

E' a hora da alvorada
e já na chôça a praieira
tange bilros na almofada.

Tudo se move. Da praia
as moças vão pela beira
molhando as pontas da saia.



II -- MANHÃS NO MATTO

O campo é accidentado. A antiga casa nobre
do grande lavrador descança ao pé da estrada.
Esparsa no estendal soergue-se a boiada
e a nevoa foge á luz do sol que se descobre.

No frio chão da varsea uns homens côr de cobre,
os escravos, uns dez, vão levantando a enxada.
Mal começou ha pouco a matinal toada
do *carro* na porteira atraz da qual se encobre.

Do rio que margeia alem o capoeirão
as vaccas mansas vem, á voz do capinheiro,
mugindo em direcção da cêrca do curral.

O Sol aos ares fende. E ao canto matinal
as aves dando fim se ausentam do terreiro.
O velho lavrador as portas abre então.

III -- O INVERNO NO SERTÃO

E' cêdo. A ventania
se move com furor ;
em todo o interior
reapparece a alegria.

Baixando á penedia
e áos valles, passo a passo,
as nuvens vão no espaço
ennegrecendo o dia.

Do vento ao som, que ruge
como medonha e feia
de furacão a voz,

o touro então — á sós —
galga o serrote e muge
annunciando a cheia.

IV --- NOITE DE NATAL

E' meia noite já. O vento frio
sacode pelo espaço illuminado
de toada plangente o murmurio :
á quatro bois um carro pelo prado

rodando vem. Na estrada para a egreja
— de pé no chão e sapatões á costa —
ao som de uma ballada sertaneja
os matutos subindo pela encosta

da larga cordilheira vão cantando.
Ja porem lá na frente da capella
ha muito immenso povo está esperando

a grande Festa. Os bronzes dão signal
e sôb o luar que amarellece a tela
o padre reza a missa do Natal.



V --- NAU NEGREIRA

Só pelo ceu ha ronda !
Do firmamento pardo
dispede olhar de dardo
por sobre a nau hedionda

o Sol. Do ultimo fardo
de raios cobre a onda,
sanguineos como o cardo.
E o Oceano estronda

furiozo nos pedraes
dos recifes. Mas ferra
o audaz pirata. Traz

negros mil no navio —
e os descarrega em terra
desassombrado e frio !

VI--- NO BANHO

Madrugada friissima, gelada.
Inda o sol nem desfez o nevoeiro
que alastra a varsea e já a passarada
ensaia a voz e as azas no ingaseiro.

O rio é largo e raso, claro como
uma baixela alvissima de prata,
e o areial do leito é — como um pomo
de romeira--vermelho. Da cascata

descem bolhas de espuma. A alva anagoa
a mocinha despindo á beira d'agua
no curvo ingá pendura descuidosa.

Os seios desvendou: Alvos, trementes,
como dois montes de jasmims olentes
e nos cimos dois seixos côr de rosa.

FERNANDO DE CASTRO.

Findou-se hoje o 2.º capitulo da obra *Contribuições para a historia do Direito* do nosso illustrado collaborador Dr. Clovis Bevilaqua.

Só por isso occupou elle desta vez tão pouco numero de paginas na *Revista do Norte*.

Em compensação, do 3.º capitulo sob o titulo "Egypto Antigo" promettemos publicar porção muito maior de pags. nos numeros seguintes.

A DIRECÇÃO.

No

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE ABRIL DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

(*Continuação*)



civilisação mais antiga de que a historia possui os monumentos é indubitavelmente a que tem por centro o Egypto; ella serve como termo de orientação chronologica para as mais remotas nacionalidades do oriente e foi, ao mesmo tempo, um foco de actividade e de estímulo d'onde irradiou o progresso humano" (1). Estas palavras de Theophilo Braga são hoje de uma verdade corriqueira, vulgarissima, mas nem por isso devem ser olvidadas, maximé por quem escreve um livro de historia.

Devera ser o Egypto, a primeira nação regularmente constituída que nos havia de fornecer os mais antigos lineamentos de uma organisação juridica em seus diversos ramos desde o direito publico e o civil até a processualistica, desde o direito em conceito até o direito em acção. Não é, porem, facil tarefa, dar aos fragmentos dos hieroglyphos e ás descripções emeutarias, nem sempre irreprehensivelmente exactas, de Herodoto e Diodoro Siculo o emolduramento

(1) Theophilo Braga—Historia Universal. Lisboa—1878—Parte primeira, pag. 67.

de uma doutrina ou as articulações de um corpo de leis. Reviver a vida grandiosa de um povo que ainda hoje nos enche de assombro e pasmo só com os escombros, com os restos esquecidos das construções que sua industria e sua arte cavaram no seio arenoso do solo ou insculpiram no flanco durissimo dos serros ganitosos, é empreza capitosa pelos encantos que revestem o pó das grandezas veneradas. Mas ao penetrarmos na crypta desse templo, invade-nos um receio amargurante. Saberemos ouvir, no silencio dessas cousas mortas, o palpitante dos corações que bateram por essa patria? Saberemos ler os pensamentos que agitaram os homens cujas pegadas ali ficaram decalçadas no adyto das pirâmides ou na vaza lodosa do Nilo?

Si, porém, a boa intenção e o amor da verdade forem sufficientes para me garantir um bom exito nesta empreza de anaplastia juridica estou certo de que estas paginas condensarão, em synthese rapida, o que pode constituir a vida juridica dos Egyptios. E isso dá-me coragem, porque a sympathia que todos nós experimentamos por estas antigas e nobres firmas da consciencia juridica humana, é estímulo bastante poderoso para que os sacrificios, em demanda do verdadeiro, se afigurem leves e apraziveis exercicios mentaes.

E' hoje um facto adquerido para a sciencia que vieram d'Asia os primeiros colonisadores do Egypto. Champollion Jeune, Lenormant e Maspero deixaram evidenciado este ponto de archeologia ethnogenica. A esta primeira emigração se foram aggregando outras e muitas que vinham pedir, ao valle ubertoso do Nilo, uma patria rica de promessas e que recalçaram para o interior as tribus negras, talvez autochtones, que se espreguiçavam pelas margens febriculosas dos pantanos do Delta, onde o lotus desatava ao sol a bella flor sanguinea e o vento do deserto ciciava tristonho nas folhas asperas da canna e do papyrus.

Seria arrojado injustificavel ir eu agora indagar á que raças pertenciam esses diversos grupos de invasores do solo norte-africano. Deixarei aos egyptologos essas questões insoluveis, em que a erudição se estafa sem proveito real, e não entresacharei, neste capitulo, theorias que, por sua insubsistencia, augmentaram as difficuldades do assumpto, sem trazer-lhe esclarecimentos.

A vida historica desta grande e poderosa nação, que escreveu as primeiras paginas da civilisação humana, começa no momento em que Mena (*Menes*), destruindo a supremacia theocratica, inaugura uma era nova, era de conquistas e de alargamentos do territorio, mas

principalmente de concentração do poder militar. Entretanto, o rei Thenita, que subiu ao throno pelo anno 5004, antes de Christo, é o representante de uma civilisação elaborada desde milhares de annos nesse mesmo solo onde se haviam de erguer os magestosos monumentos de seus successores. E' mister procurar os vestigios desse periodo obscuro, em que se originaram quasi todas as instituições juridico-sociaes que os historiadores admiram na civilisação egypcia. E nem seria possivel que esse mysterioso paiz de Misraim, contrariando o principio da evolução, galgasse de um salto, sem transição, sem antécidentes, uma elevação cultural como essa que ostentou no periodo pharahonico.

Desse longinquo inicio não restam documentos que nos guiem de um modo seguro, mas, auxiliados pelas escavações dos geologos e dos egyptologos, podemos affirmar que o solo do paiz de Kem era recortado pelo Nilo em diversas secções, que foram centros de populações ou tribus independentes, cujos vestigios a historia encontra na divisão administrativa dos *nomos*. Cada aggremação dessas tinha um fetichismo local caracteristico. Uma adorava o crocodilo, outra o hypopótamo, o gato, o ibis, o ichneumou. A espontaneidade e a longa duração desse fetichismo primitivo fizeram-no afundar raizes no espirito do povo, de modo que as revoluções religiosas e politicas sobrevindas jamais conseguiram dissolver-lhe completamente os sedimentos.

A classe sacerdotal, elevando-se a uma concepção mais clara das relações do homem com os seres superiores, reduziu esses disparatados cultos fetichistas á um corpo de doutrina regular dando-lhes a forma de *mythos polytheistas*. E' o que diz Ampère, tentando explicar a religião egypcia. "Um corpo de sacerdotes, escreve elle, achando, em cada canto do Egypto, um fetichismo local estabelecido, acceitaria esse fetichismo, subordinando-o ás suas proprias idéas sobre a vida e a morte, teria mantido esses *typos* tomados da natureza animal, e que a superstição popular conservará, o carneiro, o chacal, o milhafre, o crocodilo etc., e teria feito d'elles os deuses de seu pantheon." Esta explicação, que foi acceita por Th. Braga, é plenamente justificada pelos principios vigentes da philosophia moderna.

O polytheismo não desalojou de seus altares os fetiches, mas fez destacarem-se do fundo commum alguns seres deificados que superordenou á massa incongrua das superstições vulgares e deu-lhes uma forma incontestavelmente mais nobre. Esses deuses supe-

riores concentravam as adorações de muitas tribus ou de muitos pequenos estados, que reunidos pela fé religiosa, tenderam a se confederar e a se fundir em aggremações mais vastas. Assim se constituíram os dois principados do Baixo Egypto (*To-mera*) e do Alto-Egypto (*To-res*), que, posteriormente, ora si jungiram sob a mesma administração central ora se desprendiam pela acção dos interesses dynasticos ou dos elementos ethnicos.

Operada a fusão dos pequenos estados pela acção do sentimento religioso, veio o militarismo trazer novos elos para consolidar a unificação. Mena é o chefe dessa revolução que tentou substituir a supremacia da classe sacerdotal pela dos guerreiros, e si no primeiro momento não foi completa a victoria, é certo que desde logo os dois grupos, que se disputavam a direcção do Estado, se collocaram em pé de igualdade e não tardou que os militares tornassem adianteira assimilando a casta prepotente dos padres.

Mena collocando-se em sua nova capital, deu-lhe o nome de *Manower* (Memphis), que significa — a boa fortaleza. Nesse reducto estava a salvo das investidas sacerdotaes e podia, mais a vontade, effectuar sua grande empreza de unificação do imperio. Estabeleceu, desde logo, o culto official para todo o paiz do deus Phtah, e consolidou o poder militar, levando o exercito á expedições pela fronteira, iniciou as grandes construcções, mandando abrir o canal de Koscheuch, para regular os extravasamentos do Nilo, e é tradição que reduziu á lei escripta, os costumes juridicos que vigoravam por esse tempo. Desde então a soberania dos principes foi designada pelo nome de *pir-aa* (*pharahó*), a grande casa, como ainda hoje se diz — *a casa reinante*. E' observação que não escapou a um illustre egyptologo.

A primeira e a segunda dynastias são thenitas, prendendo-se a Mena, uma directamente e outra por um ramo collateral. E' na segunda dynastia, sob o reinado de Bainuteru (*Binottris*) que as mulheres são admittidas a successão do throno. Este facto foi de grande alcance, não tanto porque no Egypto appareceram mulheres superiores como Nitakrit, Hatasu, Seveknowre e Taia, como porque ellas tornaram possivel a criação de novas dynastias com o esgotamento das familias solares e legitimaram as usurpações dos mais competentes.

Com a terceira dynastia, empolga o sceptro uma familia memphita que o conserva por longos annos. Começa, então um dos periodos de maior esplendor industrial e artistico. Elevam-se as gran-

des pyramides de Giseh, organisam-se bibliothecas, a lingua simplifica-se como phonetismo, as sciencias desenvolvem-se e as estu-
pendas construcções começam a erigir o valle do Nilo. Relativa-
mente ao assumpto deste livro, ha para notar, nesta epocha, a appli-
cação dos criminosos ao trabalho do fausto publico ou, melhor, da
dissipação e loucura dos pharahós, a consolidação do poder militar
que se desprende completamente da tutela sacerdotal e os tractados
de moral de Kaquimna e Phtah-Hotep cujos fragmentos foram en-
contrados no papyrus de M. Prisse.

As *Instrucções* de Phtah-Hotep são anteriores á quinta dynas-
tia. “A Biblia é recentissima ao lado de um tal livro, diz Lenor-
mant. E’ uma especie de codigo de civilidade pueril e honesta,
continua o escriptor francez, um tractado de moral inteiramente
positiva e pratica, ensinando aos homens a maneira de se conduzi-
rem no mundo e que se eleva a uma esphera mais alta do que os
livros de Confucio.” “A base principal da moral e da boa ordem,
para o principe Phtah-Hotep, é a obediencia filial estendida ás rela-
ções com o governo que elle considera como investido de uma ver-
dadeira auctoridade paternal.” (2) E’ a moral da utilidade cuja gar-
rantia está por um lado “no favor do principe” e por outro na aucto-
ridade do costume, pois que o moralista repete “as palavras d’aquel-
les que ouviram a historia dos tempos anteriores.”

Chegamos assim a uma epocha em que o Egypto, a casa do deus
Phtat, attingiu ao ponto culminantemente de sua vitalidade na or-
ganisação interna, nas especulações doutrinarias e nas artes. Agora,
para completar o cyclo de sua expansão vital, só lhe falta a prepon-
derancia politica conquistada pelas armas de Papi, Thotmes Psame-
tik e outras pharahós de grande talento militar. Não é que as artes
e a engenharia não tenham ainda de realisar prodigios. Entre as
collossaes construcções, basta citar a excavação do lago Mœris, im-
menso reservatorio das aguas que transbordavam do Nilo, para se
reconhecer que a engenharia tinha ainda diante de si um enorme
progresso á realisar. E entre as producções de bellas artes não é
preciso lembrar mais do que as esplendentes joias do tumulo da
rainha Aah-Hotep, seu punhal maravilhosamente talhado, seu espe-
lho, sua gondola de ouro massiço, seu escaravelho com patas de vidro
azul e elytros de ouro. Lenormant assevera que nem a Grecia nem
a Etruria offereceram cousa alguma de superior a estes artefactos,

(2) François Lenormant — *Les Premières Civilisations*. Paris-1874—pag. 193

pela grandeza do estylo, pela elegancia e pureza das formas, pela perfeição do trabalho" (3). São estas maravilhas, porém, fructos que não desmaiam a arte das primeiras dynastias.

Mas neste imperio de civilisação tam elevada, qual era a força e a modalidade da acção administrativa e governamental? Quaes as suas leis civis e criminaes? Qual a condição do povo?

Ja algumas palavras foram dictas nesse intuito, mas é tempo de systematisar esta exposição concentrando-a, quanto possível, ao cerne do assumpto principal.

O territorio do imperio era dividido em *nomos*, subdivididos, segundo Strabão, em *toparchias*. O nomo podia conter muitas cidades. Em uma dellas estava a sede da administração civil e militar. Essa era a capital (*nut*). Ahi residia o governador hereditario (*hik*) ou, na falta, um monarcha (*mer-nut-tsat-to*) nomeado pelo rei.

O numero destes cantões não foi sempre o mesmo. No tempo de Sesostris ou Ramsés II, contavam-se trinta e seis, mas, em alguns documentos egypcios, esse numero eleva-se a quarenta e quatro. (4)

Sendo os governadores dos nomos, em sua maioria, principes que transmittiam á seus descendentes o direito de administrar, comprehende-se que houve, nessa remotissima era, um esboço do regimen feudal, regimen que se manteve tanto sob o governo dos reis indigenas quanto sob o dos hiksos (*Hik-Shus* — rei ou chefe dos salteadores). Estes principes reconheciam a suzerania do pharahó, mas, uma vez por outra, insurgiam-se, jogavam com os descontentamentos creados pelo governo e fugiam temporariamente á acção do centro ou se apoderavam do throno mal seguro nas mãos de algum monarcha poltrão.

E' certo que essas insubordinações que abalavam a sociedade egypcia não desprestigiavam a auctoridade real. O pharahó era o successor das divindades que haviam, segundo narravam as tradições mysticas, reinado no valle do Nilo. Por pertencerem á familia dos deuses governavam discrecionariamente, por si ou por intermedio de ministros, e tomavam titulos faustosos. Amenhotep adopta o titulo de — esplendor do disco solar (*Kuanaten*)—; Ramsés I é o *rei dos reis, o senhor dos senhores*; Üsortesen *alegra o paiz mais que um deus*; um outro é o *senhor soberano do mundo, o filho do sol e o amigo dos deuses cuja immortalidade partilha*. E assim todos,

(3) Lenormant, *op. cit.* p. 248.

(4) Consulte-se a *Historia Universal* de Cesar Cantu reformada por Antonio Ennes, pag. 265 e seg., onde se encontra uma boa exposição do assumpto.

Admira que Bossuet e Montesquieu hajam acreditado que o governo do Egypto não fosse despótico. Sem duvida houve monarchas que procuravam conquistar a sympathia publica, esforçando-se por felicitar o povo cuja direcção a sorte lhe facultára. Amenemhat I poudé gloriar-se de “ter cultivado a terra de Abu, de ter espalhado alegria até Adh'a (Delta)”. Foi elle tambem o primeiro que, nas *Instrucções* a seu filho, ensaiou compendiar os principios da arte de governar, da politica empirica. Nessas *Instrucções* aconselhava o sabio monarcha: “Mantem a boa harmonia entre teus subditos e ti. Não esteja, isolado no meio delles ; não dê amizade e fraternidade somente ao rico e ao nobre, nem dê entrada ao primeiro que vier cuja amizade não é provada” (5). Mas este rei pertence a uma familia que, como a dos Antoninos em Roma, contou em seu seio bom numero de homens tam celebres pelo vigor de seus talentos quanto pela magnanimidade de seus corações. Não podem, emtanto, exemplos desta ordem auctorisar uma crença que tem, contra si, o protesto vehemente de muitos documentos e de muitas razões meramente especulativas.

Sei que os dois auctores citados fundam sua opinião nas narrativas de Diodoro da Sicilia. O historiador grego affirma que os reis estavam adstrictos a um regimen tam rigoroso, que se pode dizer que seus actos eram fatalizados pelas disposições legaes. A se lhe dar credito, as horas do soberano eram assim distribuidas : Pela manhã, antes de qualquer outra cousa, passava pelos olhos as missivas que seus subditos e empregados se haviam lembrado de dirigir-lhe. Depois dessa operação fastidiosa, e talvez para desentorpecer o espirito ao mesmo tempo que para mundificar o corpo, entregava-se ao prazer de um banho em agua limpida e fresca. Sabe se que ao hygienico regimen das abluções frequentes deveram os egypcios uma sanidade muito superior á que se devera esperar em um paiz abeberado de pantanos. Os reis não queriam ficar a quem do povo. Emergindo do banho, revestia-se das insignias pharahonicas (6) para offerecer aos deuses uma prece e um sacrificio e para ouvir as piedosas homilias do pontifice que tinha o cuidado de lembrar-lhe os

(5) *Papyrus de Sallieur* apud Maspero — Hist. Ancienne des peuples de l'Orient.

(6) Segundo o mesmo Diodoro, estas insignias, ou signaes exteriores da auctoridade real, eram o capacete marcial, a corôa, o sceptro em forma de charrúa, os despojos de um leão, de um dragão e de um touro.

grandes feitos de seus maiores, lendo-lhe algumas paginas dos livros sanctos e auspiciando-lhe um reinado de venturas.

As refeições tinham horas fixas e não podia o estomago real ingerir outra carne que não fosse as de vitello e dos palmipedes. E, para que a intelligencia luminifera do real descendente das dynastias solares não se empannasse, todos os vinhos e licores alcoolicos eram banidos de sua mesa de monarcha abstemio.

(*Continua*)

CLOVIS BEVILAQUA.



LUIZ MURAT

POR

SYLVIO ROMERO

ESTUDO

(*Continuação do n. 3*)



levação de vistas, delicadeza de sentimentos, e tudo que dá a verdadeira comprehensão da critica faz com que Sylvio Romero não discuta theorias nem architecte systemas.

“As escolas, diz Albalot, são como os rios, que em seu tresbordo parecem rolar misturadamente areias e plantas; quando a agua se retira percebe-se que a inundação nada levou e que, pelo contrario, fecundou o que queria destruir.”

Convencido de que não merecem attenção seria as formulas litterarias, pois que se as escolas desaparecem os mestres ficam, o nosso brilhante critico, ao mesmo tempo um lucido e um revolucionario, um observador e precursor, concentra as suas vistas sobre a evolução da poezia, apanha-a em sua direcção para o futuro, e conclue, contra a opinião de Scherer, que “o poeta não é um resto da humanidade primitiva”, que a poezia não definha a proporção que a sciencia floresce.

Até hoje se tem confundido á poezia com a imaginação, e assim pensa o auctor de *L'avenir de la poezie* quando diz :

“ Nós temos duas grandes faculdades — a imaginação e a reflexão : uma dirige-se ao que é individual e a outra ao que é geral; a primeira considera os objectos como elles são, a segunda tira d'elles as ideias ; uma vive no concreto, a outra no abstracto. *Esta dá a sciencia aquella produz a poezia.... Tal é a sciencia da poezia, a imaginação, que se praz na belleza sensivel e pittoresca dos objectos e que a comunica por palavras que produzem imagens por sua vez.*”

E' uma inexactidão contra a qual convem insistir : pela imaginação o poeta não faz senão augmentar o seu poder de representação, tornar mais nitido e acentuado o que de mais vago e indeciso existe no intimo do nosso ser, isto é, no sentimento.

O que constitue a essencia da poezia são esses impulsos, esses movimentos internos, intimos, profundos, que não se projectam no mundo exterior senão em series de imagens e em ondas de harmonia.

Se não se pode desejar, aspirar o que vai alem da imaginação, isto não quer dizer que fazer poezia seja o mesmo que imaginar chimeras.

Não é raro encontrar-se uma grande imaginação sem nenhum talento poetico : sirvam de exemplo os visionarios, e esses phantastas infelizes tanto mais insipidos quanto mais affastados da vida real, e em cujos ouvidos se deveria gritar, como aconselha Schopenhauer :

..... Mediocribus esse poetis
Non homines non Di, non concessere columnæ.

A imaginação é um poderoso auxiliar da poezia, mas ella por si só não constitue toda a poezia.

E' um importante meio de expressão, como o são a rima e o rythmo, a respeito dos quaes diz o citado escriptor allemão :

“ De seu maravilhoso poder não sei dar outra explicação senão que nossa faculdade de representação, essencialmente subordinada ao tempo, adquire d'este modo uma força particular, que nos faz seguir interiormente todo som que se repete por intervallos regulares e nos faz resoar com elle. D'este modo, a principio, o rythmo e a rima são um meio de prender nossa attenção porque seguimos assim a narração com mais prazer; alem d'isso estabelecem em nós uma disposição cega anterior a todo juizo e que nos leva a aquiescer com a cousa, que se conta. A narração ganha um certo poder emphatico e persuasivo, independente dos principios de toda razão.”

Tambem não se póde affirmar que "o espirito de investigação, de analyse, de critica não pode crescer sem diminuir de outro tanto a inspiração."

Inspiração e razão não se oppõem de maneira a estabelecer-se antagonismo entre ellas.

Alem de que as sciencias tambem possuem o seu lado poetico, que tem servido de alimento a concepções artisticas, que passam em sublimidade a todas as creações de pura phantasia, accresce que o que constitue o poeta é essa disposição de espirito que não se satisfaz com o presente, que vai alem da experiencia actual; do seio da realidade das cousas surge na alma dos verdadeiros poetas um ideal, que é como um mundo mais perfeito e acabado do que aquelle que é visivel pela multidão, uma especie de floração, de imagem antecipada da maravilhosa metamorphose da natureza.

N'estas condições comprehende-se Platão ao lado de Aristoteles, um revestindo com todas as cores de sua alma, com todos os arabescos de sua imaginação, com todas as vibrações de sua sensibilidade esta vida tão immensa, tão mysteriosa, tão ondeante, que o outro procura interrogar, aprofundar para determinar no vago os traços de afinidade e universalidade.

Symbolisar nossos estados de alma, *modelar nosso universo interior*, tal é o fim da arte, e especialmente da poezia, na qual o ideal é tanto mais elevado quanto menos o poeta vive em si mesmo e pode repetir com Byron :

Are not the mountains, waves and skies, a part.
Of me and of my soul, as I of them.

ARTHUR ORLANDO.



O MONOLOGO DE SYLVIA

(FRANÇOIS COPPÉE.—*Le Passant*)



Seja maldito o amor ! Já não sei mais chorar !

Gastei a mocidade em fazer-me adorar.
Sou a má, sou a fria e rispida Senhora.
Minha implacavel mão, régia, dominadora,

da familia pernambucana para fora da patria invadida ou essa hegyra desesperada dos negros concentrados em quilombos na serra da Barriga.

Isso mesmo que nós por ahi chamâmos *opinião abolicionista*, e que não foi phenomeno novo porque tambem moveu-se em 1849 e 1871 em favor dos cruzadores inglezes e da emancipação do ventre, não só nem contou com a propria classe interessada dos escravos, nem cavou fundo a alma nacional para interessal-a a favor do maior acto da historia brasileira. O facto é este.

Nós só poderemos dispôr de *opinião*, base de todas commu-nhões livres, d'onde todos os governos se originam e onde todos se vão inspirar, no dia em que a natureza pela lei da selecção houver solvido o grande problema da homogeneidade da raça brasileira.

Só nesse dia longinquo nós poderemos perceber o rebentamento do civismo e do espirito publico, indispensaveis a governados e a governantes para a edificação da paz e da grandeza, da independencia economica e da liberdade.

Este dia virá? E' o que resta saber. E, tendo forçozamente de vir, porque não veio já, no periodo de quatro seculos que já passaram sobre o solo americano? Responderei simultaneamente.

A homogeneidade da raça brasileira é um phenomeno scientifico com raizes na historia. Nós podemos contar com ella dentro de 2 a 4 gerações. E' regra sociologica que toda vez que á uma raça mais forte se junta outra mais fraca esta desaparece especialmente pelo crusamento.

Desapparecida a raça negra a homogeneidade começa.

E foi a escravidão quem atrazou e impediu o desaparecimento total da raça negra no Brazil, pela mesma razão porque foi a emancipação da indigena pelo celebre Alvará do Marquez de Pombal em de de 1758 quem mais francas abriu as portas ao desaparecimento dos Indios.

Outro oppoente á lei de selecção natural é o *odio de raça*, como a nostalgia é a guerra lhe foram auxiliar, um natural outro artificial, relativamente aos aborigenes.

Eu argumentarei brevemente no sentido de fazer a demonstração destes assertos.

Em primeiro logar para provar com robustez a fatalidade do desaparecimento da raça negra no Brazil, sem auxilio da estatistica, basta dizer que ella é considerada ainda mais fraca do que a dos Indios; entretanto esta que presume se ter vivido no Brazil em nu-

mero de 100 milhões está totalmente desaparecida de entre nós como de toda a America, (onde se contava 300 milhões) restando quando muito os 600 mil dos nossos infieis recenseamentos.

E, de outro ponto de vista, si não estivesse encravado na lei do seu destino o seu desaparecimento, nada impedia que em concorrência com a branca no percurso de 4 seculos a sua prolificidade notavel houvesse esmagado aquella aos milhares e aos milhões e as dezenas de milhões, no computo final da população. Sim Nós temos visto o concurso material que á estatística da população dos Estados Unidos tem fornecido a immigração das raças brancas no decurso de um seculo somente. Porque rasão, é de perguntar-se, a immigração dos negros africanos no Brazil durante 4 longos seculos, á razão media de 40,000 por anno, ao envez de fazer crescer a raça muito alem dos 16 milhões da somma total, como cresceria na Africa ou n'uma ilha equatorial isolada, fel-a ao contrario baixar a menos talvez da quarta parte deste algarismo? A natureza tem a razão deste mysterio que a sciencia transformou em lei. O desaparecimento da raça dentro de 2 a 4 gerações é tão fatal como foi o da raça indigena de 1758 para cá.

Em segundo lugar, para provar que este desaparecimento foi atrazado e quasi impedido pela instituição anti natural da escravidão, basta assentir que assim como a união *livre* de raças fracas á forte faz esta sobreviver as outras embora modificando-se physico-psychicamente e desaparecerem totalmente aquellas principalmente em seus vestigios morphicos, assim tambem o isolamento da fraca no meio das fortes fal-a permanecer viva e crescente, produzindo sempre e similarmemente até o dia em que deixa de isolar-se para metter-se na communhão geral. E a escravidão é tão grande isolad or como esse preconceito do *odio de raça* que fal-a perdurar nos Estados Unidos, parecendo um enigma sociologico diante do seu desaparecimento geral e immediato na Europa e em todo o resto da America latina.

A escravidão crêa muralhas contra a Natureza, maiores do que as que crêa contra a inventiva social e politica.

Para exprimir tal pensamento eu não duvido imaginar esta hypothese: si a Natureza já houvesse marcado a hora do desaparecimento total da raça negra em todo o mundo, mesmo na Africa, — e a Lei social continuasse a permittir a existencia da instituição da escravidão no Brazil por mais 10 seculos;— 10 seculos depois d'aquella hora marcada pela Natureza haveria Negros sobre o Planeta que habitamos e que ella rege inerravelmente. — FERNANDO DE CASTRO.


Nº
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 13 DE MAIO DE 1891

OS ALGEMADOS

(AO MEU AMIGO DR. SAMUEL DOS SANTOS PONTUAL)

LASCIATE OGNI SPERANZA VOI CHE 'NTRATE
(*Inferno c. 3.º Dante*)

 odula o sabiá na galha do ingazeiro
triste accento final do canto derradeiro
antes de agasalhar-se,
e a fonte verte azul da limpida cascata,
quasi a precipitar-se,
a perpendicular corrente côr de prata,

Quando a noite de então poizou sobre o castello
a Lua do zenith tingia de amarello
a cupola do espaço
imprimindo no ceu o cunho luminoso,
o luminoso traço
desse luar doirado, esplendido e formozo
dos mezes de Dezembro em noites de verão.

Era a noite de Festa !

Oh que deslumbramento
traz o Natal á zona uberrima em que nascem
aves em multidão
e os monstros da floresta,
onde o gado murmura e as ovelhinhas pascem !
Nessas noites no matto esquecem-se os místéres
communs, de todo dia,
e o alvorôto, o folguedo, as flores e as mulheres
fazem combinação
de o calix esgotar do seu contentamento.

Tudo é vida e prazer, ruído e movimento
na quasi povoação
do engenho de moagem ;
a almanjarra parou, o assentamento é mudo.
Está involvido tudo
n'este classico empenho
que o matuto possui de ostentar a roupagem
que é todo o seu orgulho.

Somente o velho cão
do nobre fazendeiro
mettido em tal barulho
uiva desconsolado em meio do terreiro.

De repente, porem, toda a algazarra cessa
na casa de vivenda :
a gente da fazenda
logo cedo começa
a tomar conducções, — toca tudo a partir
para a villa aldeia cantando estrada a fora.
A capellinha — aqui — principiava agora
sem gosto e regra d'arte
a edificar-se. O povo era obrigado á ouvir
a Missa n'outra parte,

Mas ficou na senzala
a grande escravatura esturdia e alvorotada
já distendida em ala
á batucar contente a dança costumada.
A miseranda raça
adora a pagodeira alegre da cachaça.
Emquanto canta esquece
a golilha e os grilhões. O canto exhorta á prece
que o negro envia ao ceu nas horas de estertor
e a supplica afugenta as lagrimas e a dor.
Fôram folgando alli sem regra. Dentro em pouco,
não tendo sentinella,
o zabumba e o pandeiro
rompêram colossaes n'um vozeirão tão rouco
e tão alto de mais
que enchiam de pavôr aquelle mundo inteiro.

Juntaram-se por fim no pateo da Capella.

Erguia-se-lhe um Cruzeiro enorme a dianteira
sobre toско pedral durissimo e imperfeito.
A escravatura tinha á cruz muito respeito,
quasi que idolatria — ;
toda a vez que voltava á tarde do roçado,
sempre ás “ Ave Maria, ”
curvada para o chão tirava-lhe em fileira
o chapéo empoeirado.

Foi na sagrada cruz que ha quasi dois mil annos
os Judeos e os Romanos
traspassaram Jesus de espinhos e de cravos.
Celebra-lhe o Occidente a morte e o natalicio.
Pois essa mesma cruz — christãos ! — foi o supplicio
que da Judeia a Lei ergueu para os escravos!
Trinta dinheiros era o preço estipulado
d'um escravo judeu:
por esses mesmos trinta o apostolo vendeu
ao pae do Apostolado !

Ao pé da cruz havia armado mão profana,
 mão de homem de côr,
 um relógio de sol com simples mostradôr
 e seu ponteiro de aço.
 Pois foi n'aquelle espaço
 que sambou a infernal e gigantesca roda
 da escravatura toda
 fazendo revoar á lua do Zenith
 o mulungü de couro e os sons do taquari.
 Levantaram por vez gritos descompassados
 que atroavam nos prados
 parecendo não ser clamôr da voz humana.
 Era ahi, — neste espaço aonde muita vez
 imprecaram justiça
 aos céus para esse roubo atroz do seu direito,
 tendo erguidas as mãos postadas contra o peito,
 os joelhos sobre a terra e a vista alevantada
 para o infindo estendal da abobada azulada, —
 era ahi que sambava a escravatura á Lua.

Elles são bons fieis
 mas é cêdo de mais para se ir ver a Missa !

Alto ancião foi quando, — escravo mas soberbo
 no raso olhar nativo,
 ja curvado porem como outro sol poente
 cujo espinhaço verga ao peso de cem annos —
 arrastando-se entrou no pateo de repente.
 O mizero captivo
 já não era capaz desse viver acerbo
 da foice e da charrúa.
 Aos pretos convidou
 para ouvirem-lhe a historia enorme do passado
 e o batuque cessou.
 D'ahi a pouco estava o conto alinhavado.
 Em diapazão solemne, o labio e as mãos tremendo,
 apoiou-se ao cruzeiro e começou dizendo :

Meus irmãos!

— eu nasci no Zaire, um rio grande,
caudato, fundo e longo,
que n'Africa se expande
em largos caracões banhando o immenso Congo.

Eu pertencia á tribu alli menos alheia
aos labores da paz. Fui chefe d'uma aldeia.

O rei de uma outra terra
declarou-nos, porem, a mais selvagem guerra,
mais barbara e cruel e atroz e sem piedade
que é possivel travar humana gente. Ha de
um dia Deus punir tamanha expoliação !
Era costume então — um costume abjecto

entre o povo Africano —
captivar e exilar ao proprio povo irmão !
Estrangeiras nações,
que em Lisbôa e Sevilha expunham nos balcões
esse mercado humano
do qual fôramos nós o unico objecto,
fomentavam na patria ardente do beduino
costume tão funesto e estúpido e assassino.

A sêde da ambição annula a consciencia :
a fé dicta o terror, o amôr fez-se inclemencia !
No interior dos sertões do Continente havia
systhema organizado
de arrebanhar captivos.

De trez que se prendia
só um porem chegava ao porto destinado ;
de escravos entretanto o solo Americano
só elle recebeu duzentos mil por anno!

Elles ou eram feitos
nas pugnas crueis entre os guerreiros vivos,
escapados aos pleitos ; —
ou se os ia buscar
sob o manto da noite
lá onde dorme a tribu e as aldeias existem :
é só incendiar

a inerme povoação, matar os que resistem
e entregar o restante aos machos e ao açoite,

Si moram nas montanhas,
estanques pela base os poços e as cisternas,
os caçadores vão das grutas ás entranhas,
accendem lenha e palha á bocca das cavernas
como quem busca feras
e asphixiam-lhe o antro ao fumo das fogueiras.
Destruição sem nome, injusta, abominavel,
feita em nome de Deus
á pretexto de fé e catechese e gloria !
As paginas da Historia
não guardam violação mais feia e detestavel
que esta sanguinolenta
campanha de Ladrões que ardeu o interior
do negro continente
para roubar á Especie o sangue de uma raça
votada ao captiveiro irremissivelmente.

A sua narração, Christãos, causa pavôr.

Jesuitas e reis, vassallos e Barões,
negreiros e armadores
dos centros europeus,
na terra onde é o Sol que aos povos apascenta
abysmaram-se tanto em taes devastações
que aniquilaram quasi aos Indios povoadores.

Da Lybia os areiaes eternos do deserto
não necessitam mais que a Fabula reduza
para bradar vingança
em serpentes crueis o sangue da Meduza.
Basta que o Deus da Esphera um dia passe incerto
nas plagas Africanas
para vêr aos milhões ossos das caravanas
de mais de um centenar de gerações humanas
que o tumulto roubou do Antheu da Escravidão,

A sordida ambição
prendia em gargalheiras
aos escapos da guerra e aos salvos das fogueiras
e os conduzia aos mil ás costas do Oceano.

Oh vós, que aqui chegaes, perdi toda a esperança !

Cazas commerciaes,
companhias, balcões, judeus e mercadores
das praias e arredores
conservam todo anno
pejados os Curraes
d'aquella miseranda e triste alimaría
que exportavam boças e nós para as Colonias.
Duas Nações, porem, um dia se insurgiram
contra a pirataria,
e apesar das de mais, excentricas e erroneas,
se opporem tenazmente,
ao Trafico extinguiram.

Foi n'esse tempo, irmãos, que eu fui aprisionado
nas guerras ao meu Rei.

O exilio nem á Elle houve por bem poupar !

O facto de se andar
precisando escapar aos tramites da Lei
que ás Naus desarvorava em meio do oceano
fazia justamente
que o sordido Negreiro
andasse acautelado ;
porem por isso mesmo o Trafico africano
no lance derradeiro
dobrou, decuplicou, centuplicou de horrôr,
como o desenganado esgár do moribundo
na vespera final de abandonar o mundo.

Até na nossa Aldeia a gana foi cevar-se !
 E' duro de contar-se
 tudo que se passou alli com propria cõr....
 Não dóe o incendio, não /
 nem a devastação
 de plantios, do lar, de industrias e do tumulto.
 O que dóe e commove e estiõla e dilacera
 é a deshumanidade,
 que se levou ao cumulo,
 desse estrangulamento
 de tudo que não presta ao Trafico incremento.
 Dóe — após escolher-se os validos e adultos
 d'entre os prizioneiros
 que irão servir de pabulo aos velhos povos Cultos—
 mulheres degolar-se e atravessar nas lanças
 os velhos e as creanças,
 como si a aldeia fosse habitação da féra!
 Não se rompe somente o ventre da existencia;
 mata-se a descendencia !

Depois que se escoltou a mim junto a meus paes
 para a Costa do mar, prenderam-me em curraes
 e ás mãos de extranha gente
 fui vendido n'um lote em trõco de aguardente
 e outros productos mil.

Mandaram-nos levar então para um Navio,
 jungidos em grilhões e em pleno senhorio
 de feroz commandante.
 Oh mar ! oh velho mar herculeo de cem braços,
 tu porque não fizeste o navio em pedaços ?
 Inda me lembro, eu vi o rúde navegante
 aos ventos do oceano
 auri-verde pendão nos mastros arvorar.
 Ia partir, — adeos ! — partir para o alto mar
 em demanda illegal do povo americano
 que povõa o Brazil.

E' beijada — a cruel ! — por um milhão de amantes
Humildes, e jamais, nem mesmo por instantes,
Eu sinto dentro em mim o coração rendido
Ao timbre vencedor de um beijo encandescido !

Quem acreditaria ? A Sylvia se aborrece...
Sempre este azul banal e este sol ! Sem que cesse
Este tranquillo estio ! E sempre as noites bellas !
Ah ! Decididamente o céo, pleno de estrellas,
Faz-se cumplice vil dos trovadores todos,
Das serenatas vans e dos poetas doudos !
Dá-lhes, e de bom grado, essas comparações
Inspidas, triviaes, cheias de velhos tons,
Que usam metrificar... e assim eis que meu nome
Vae rimar tolamente em todos os sonetos
Com symbolica flor, — cousa que me consomme ! —
Com o luar, mais o céo e o sonho e os amuletos !

E no emtanto eu sou o Idolo incensado !
Inveja-se o viver servil e embriagado
Dos lisongeiros mil e dos adoradores
Que a Sylvia, abrindo a rir olhos desdenhadores,
Arrasta atraz de si, vaidosa e soberana !
O aventureiro audaz e rico da Toscana
Vem jogar a meu seio os broches e os anneis ;
Potentados, barões, de Genova os banqueiros
Acercam-se de mim, sacodem-se a meus pés,
Fazendo-me luzir aos olhos feiticeiros
O esplendor ideal dos cofres rutilantes...

Mas nem mesmo a surpresa e aspirações distantes
Um só me poude dar ! E' que os odeio ! Odeio-os
E desprezo-os, — Romeus só de vaidade cheios
Cujo peito infiel contenta-se com pouco
Quando cessa o Desejo, o instincto baixo e louco !
Eu soffro... A vida assim, sem um amor, é vida ?

Nada tenho. Nem flor que seque destendida
 Dentro de um livro a ler, nem trança de cabelo
 Ao seio, nem o bom vocabulo singelo
 E tão doce, no qual todas as noites poussa
 Idealmente o olhar de uma pessôa que ama !...
 Minha existencia é como erma e frienta lousa,
 E ah ! já nem mesmo ao pranto est'alma se me inflamma !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

RAÇA HOMOGENEA



Quando eu enuncio a phrase: *as Raças brasileiras se hão de transformar n'uma só e definitiva, em praso relativamente curto* — eu quero dizer que na obra de criação da Patria nós temos de lutar por bastante tempo com todos os máos efeitos da heterogeneidade ethnica de nossa nacionalidade. Ou melhor: que esta heterogeneidade nos ha de ir servindo de embaraço gradual pelo futuro a dentro até o dia de seu desaparecimento completo e na razão inversa deste desaparecimento.

Ella é o elemento vital mais serio que temos contra aquella obra porque é o unico que não podemos destruir ou annular de chofre.

Tudo mais é trabalho de dous minutos na existencia de um povo: substituir os canaes da centralisação pelos diques da federação; o systema tributario indirecto por um embasamento directo que comece na taxa territorial; e investir o Hercules que tem de movimentar o *novum organum* das armaduras invenciveis que só a instrucção nacional lhe poderá fornecer. Isto será conquista de dous dias, dependente como está do relaxamento de nervos de nossos máos estadistas e da intrepidez e perseverança dessa propaganda democratica que nasceu por geração espontanea das condições geraes do nosso paiz.

O que me parece obra de mais de duas gerações é essa metamorphose de uma nação de trez côres em nação unicolôr, essa fusão da heterogeneidade em homogeneidade,

Valha-nos porem a primeira certeza de que uma tal transforma-

ção virá trazer um elemento herculeo em favor de nossa vindoura civilisação, e a segunda certeza de que tal transformação se opera infallivelmente, dentro de mais ou de menos tempo.

A primeira certeza — isto é que tal transformação (caso se dê) traz um elemento em favor da posição que a nação brasileira tem de occupar no mundo — fornece-nos o estudo comparado da sciencia e da nossa historia, o que eu não posso fazer aprofundadamente aqui mas tentarei esboçar.

Nós brasileiros somos a união hybrida do que havia de mais fraco e depauperado nas raças mais fracas do Planeta.

O negro nunca constituiu uma civilisação. As Pyramides denunciam uma grande elevação moral, mas os Cophtas foram os escravos da raça dominante que as ergueu; e ainda assim o negro *brazileiro* era tirado do que havia de mais barbaro e mais nu e mais boçal e mais animal que vagava pelas costas orientaes da Africa. Pobre gente menos afastada dos primates superiores do que do europeu !

O asiatico (desculpem-me os estudiosos de sciencia o termo; eu prefiro ser vulgarizador, pelo que raro empregarei a technica scientifica) o aziatico é certo que as constituiu. E até mesmo o estreito de Behring prova que por ahi passaram esses *troyanos novos* que iriam fundar os imperios dos Incas e do Mexico, que o deploravel fanatismo hespanhol aniquilou depois. Mas é facto que os talvez roo milhões de *americanos* selvagens que moravam no Brazil eram o que havia de peor no genero humano e de mais bastardo para a cultura social.

De resto, o que a metropole portugueza nos enviou da pobre raça latina que pela península se debatia nas garras do absolutismo mais desenfreiado e do jesuitismo mais torpe, era o rebotalho das nações: foi ou empregado-real, ou degredado, ou cigano ou cousa peor. E por fim prohibia a immigração do estrangeiro no Brazil sob pena de morte.

Si este trabalho fosse de mais folego eu me deleitaria em provar tudo isso com documentos tirados da nossa historia e dos estudos dos sabios. Por um lado copia de leis, alvarás e actos regios que existem em nossos archivos e chronicas impressas, e por outro lado o resultado das investigações da sciencia no dominio ethnologico, não permittiriam a minima duvida ao espirito.

Ora, o que era dado esperar da união de taes elementos de nossa nacionalidade, na formação da patria, encarado este termo como o

resultado da combinação de elementos políticos, economicos e moraes para constituir-se um estado digno da sociedade humana ?

Será crível que tal nacionalidade houvesse podido edificar uma patria perfeitamente igual á que edificou a nacionalidade dos Estados Unidos, originada do que havia de maior no mundo do ponto de vista moral : os puritanos inglezes ? Absolutamente não !

Da nacionalidade brasileira só era dado esperar o Brazil!

E' admiravel até que o passado tenha podido apresentar na raça negra um typo como o de Henrique Dias e na indigena um outro como o de Felippe Camarão ou como o do Zumby, typos culminantes no dominio da arte militar e do patriotismo e para os quaes não se acha par inhyerarchico na raça branca brasileira senão já para os fins do seculo passado.

Tal amalgama não podia deixar de produzir efeitos proprios e quem observar a lenta evolução politica, economica e moral de nossa patria colonial irá de quando em quando apanhando cheio de desagradaveis impressões o trabalho deleterio de taes raças, especialmente das duas primeiras, actuando continuamente contra a nossa civilisação, apesar da somma de autonomia que a invencivel distancia do oceano d'aquelles tempos obrigava a metropole a dispensar aos povos subjeitos ao seu regimen colonizador.

E actuaram tanto mais positivamente quanto mais duradouro foi o captiveiro illegal de ambas !

O que é facto, porém, é que tal união não podia absolutamente servir ao progresso da colonia latina, muito menos crear uma verdadeira patria e eleva-la ao nivel de cultura moral dos povos europeus. Nem creou, de facto !

Para servir á um ideial politico, economico e moral como o das sociedades soberanas de Europa seria preciso uma nação opinativa. Opinião é a unidade nos sentimentos e nas ideias de um povo.

Productos das forças physiologicas, a unidade destes suppõe a homogeneidade da nação.

Desde que o que existiu sempre foi heterogeneidade ethnica não podia em tempo algum ter existido opinião nacional entre nós.

Nem a historia desmente o asserto. A Restauração, 1789, a Independencia, o 7 de Abril, o 15 de Novembro, foram obras locais e cujas repercussões mesmo mal feriram a imaginação dos povos. Os esforços inauditos dos revolucionarios heroicos de 1817, 1824, 1835 e 1848 conseguiram menos reunir os sentimentos e as ideias do povo em torno dos seus estandartes federaes do que mesmo o exodo

Oh Africa abrazada
onde mora o camelo entre o Deserto e os ceus,
virgem terra adorada,
oh mãe de todos nós, mãe immortal, oh patria,
adeus ! p'ra sempre adeus !
Tu, Desconsôlo, estanca as lagrimas ao pranto
que derramas em vão!
Duende do desterro, oh Noite do oceano,
descobre do teu manto
toda a dôr, todo o fél, que em quatrocentos annos
depositou-te n'alma o inculto coração
dos Negros africanos !
Negros Minnas, heroes ! oh vós sublimes loucos !
sombras dos indomaveis !
do Zambeze terror, flagello de Loanda !
negros que edificaveis
essa, primeira então, republica da America
que pode resistir — muito mais de metade
de um seculo — aos azares
da guerra que moveu-lhe a Vencedora homerica
das legiões de Hollanda ;
que esperança restar nos pode — a nós tão poucos !—
de cobrar liberdade
nessa terra estrangeira e ingrata do Desterro,
si á vós — quarenta mil, — a fome, o fogo e o ferro
esmagaram por fim nas serras dos Palmares !...

Muito mais de um milhar de irmãos lá no porão
untado de alcatrão
gemeram todo um mez,
com grilhões no pescoço e machos pelos pés,
sem alimento e ar e sem poder dormir,
com certeza da morte e incertos do porvir.
Empilhados em massa, ao fundo, nús, sedentos,
como n'um armazem,—
perecendo uns de fome as dezenas e aos centos,
outros de nostalgia,
e expostos ao achaque originado as vezes
só do simples contacto,

outras vezes boçaes sujeitos, dias, mezes,
ao rigor litteral de vil tripolação
que açoita-os por dezenas
e inflige-lhes mau trato;—
aquillo alli doía
dentro do coração
mais fundo e mais atroz do que todas as penas
que a tortura inventou
e são padrões sem par da crueldade humana,
Mizericordia, oh Deus, Deus dos escravizados !
Ha mais o que punir n'aquelles desgraçados
do que na barbaria hedionda e deshumana
que o flagello da guerra entre as nações gerou,

Emfim, porem, um dia o Barbaro, escondido
assim como um bandido
que procura fugir ao dedo da Justiça,
singrou de barra a dentro. Oh scena de carniça
foi essa que estampou a luz do sol que raia
ao romper da manhã no comoro da praia !
Um cruzador de guerra armado n'outra parte,
que chamavam Inglez por causa do estandarte,
virando para terra a vingadora garra
vinha sulcando a onda em direcção da barra.
O dia foi se erguendo. Era então muito cêdo.
O nosso commandante olhando para o mar
mandou desembarcar
á toda pressa a carga humana do navio,
afflicto como quem já não vencia o medo.
Eu me recordo bem. Rolaram-me da escada
de bordo, e me embarquei n'uns tóros de jangada.
Em terra vozeiava enorme murmúrio.....
Ahi presenciei todo o extraordinario
quadro sanguinolento
que deu a commoção de assombro do scenario
cunho superior ao nivel da piedade.
Oh lugubre momento !
Da carga primitiva existia a metade,
a metade somente ! O resto succumbira !

Para uns de jazida
o Atlantico servira,
porque o capitão mandou-os alijar
da jornada no meio aos vagalhões do mar;
outros, mortos depois por falta de comida
ou qualquer accidente oriundo da viagem,
a rude criadagem,
deixara-os jazer no fundo do porão
e, chegados ao porto, os despejara então
da praia no areial. A scena parecia —
uns cadaveres nús, negros e sem mortalha,
sobre o comoro branco em madrugada fria —
como os quadros finaes dos dias de batalha.

E quando houvemos de ir d'aquellas tristes bordas
para esse destinado
local onde se vende os viveres e o gado,
nós fomos já sem cordas,
sem corrente ao pescôço.
Iamos para o valongo e não p'ra o calabouço !
Do Cruzador, porem, que a presa cubiçava,
fazendo pontaria
o fogo dos canhões inglezes ribombava
contra a náu Brazileira
como negros trovões no mar. Tamandaré,
velho fortim erguido alli do porto ao pé,
ouvia silencioso o rubido estampido
d'aquella artilheria
de Nação estrangeira,
curvo como o terror, mudo como um bandido
apanhado em flagrante !
Ja longinquos bastante
d'aquelle ensanguentado e triste littoral,
distinguíamos mal
pelo horizonte incerto
negras nuvens de fumo enchendo o firmamento
que momento á momento
um clarão colossal de incendio illuminava,

Irmãos! A Raça escrava
 deve, no dia de hoje em que Jesus nasceu,
 de joelhos sobre a Terra
 orar e supplicar ao grande Deus do Ceo
 durante toda a missa
 pelos dous pavilhões de França e de Inglaterra!
 Elles foram, — christãos! — o Dedo da Justiça.
 Unidos para dar batalha a barbaria
 do Trafico africano,
 varreram para sempre essa pirataria
 da face do Oceano!
 Este navio Córso,
 illegal e negreiro,
 que o Pirata arribou, perseguido, ao primeiro
 ancoradouro incerto
 quando viu que o Cruzeiro o havia descoberto;
 ja lavravam-lhe o dórso
 rubras linguas de fogo ardendo encandescente.
 Por isso ensurdeceu o bombardeio. A gente
 ia longe bastante. E não nos perseguiram.
 O capitão e os mais
 precipites fugiram
 em plena direcção dos densos matagaes
 da redondeza. Só depois de atravessar
 mil córregos e váus, nós fomos pernoitar
 na vizinha cidade
 em vespera de feira.

No dia subseqüente
 fizeram-me vender ao primeiro *senhor*
 que viu-me e consultou-me o olhar, o porte, a idade,
 a proporção da forma e a carnação grosseira.
 Estudam por signaes
 as virtudes servis como nos animaes!
 Este fez-me surrar inexoravelmente
 por seu brutal feitor
 armado de azorrague e fero como a hyena.
 Meus gemidos de dor não lhe causavam pena!

Era dar e batter, ferir e chicotear
somente pelo gosto estúpido de dar.
Estranha aprendizagem
para negros boçães que chegam de viagem !
Depois, seguindo o uso
já quasi extincto então
de marcar-se do Escravo as carnes como ao gado,
uso que foi herdado
aos avós de ultramar do velho reino Luzo,
o barbaro arrancou a marca do fogo
e imprimiu-me sem dó no hombro o ferro em braza !
Oh dor ! misericordia ! A carne chia e doe
como a tenaz que ao nervo aperta e torce e móe.
Enlouqueci de raiva. E quando tive a vasa
de empunhar uma enxada
foi só para vibrar a primeira enxadada
no craneo desse monstro empedernido e máo.
Rasgaram-me de novo o lombo á bacalháu !
Jungido no pescoço, e sem poder fugir
d'um tronco de madeira, — os pulsos algemados,—
só sahi para ser entregue a alguns soldados
que iam para a aldeia
e foram nas prisões lançar-me da Cadeia.
Commentou-me o delicto a imprensa da cidade,
que se fez de juiz,
em nome do Direito e em nome da Equidade !
Triste obliteração profunda de um paiz!
O facto transformou-se em pão quotidiano
dos classicos Jornaes,
Nos edictoriaes
o uzado adjectivo energico era : infando,
e a these se inscrevia: Instincto de Africano !
Nunca nenhum, porem, fallou do Contrabando !

Levado aos Tribunaes, o Jury absolveu-me...
Novamente depois um corretor vendeu-me
ao mesmo Fazendeiro
que inda ha pouco deixou o chão deste terreiro;


~~~~~

      dono deste castello inutil, levantado  
      sobre o seu Latifundio inculto e illimitado  
                                          pelo suor e o sangue  
      de muitas gerações de illotas Africanos.

      O mais, vós bem sabeis !...  
      Eu vivi entre vós  
      como um monstro qualquer da selva ou do paúl  
                                          quasi 33 annos,  
      paciente, soffredor, invalido e exangue !

      Quando o Escravo findou a historia dos Avós  
      o vento já vibrava a ondulação no Sul  
                                          da alegre badalada  
                                          d'um dos sinos da aldeia  
      convidando os Christãos para assistir a Missa.

      A Escravatura ergueu-se então e pela estrada  
                                          do sul foi entoando  
      hosannas ao Pastor do Amôr e da Justiça.

FERNANDO DE CASTRO.

~~~~~

13 DE MAIO



Revista do Norte julga que não ha ponto de vista — animal, social ou moral — de onde o dia 13 de Maio de 1888 não pareça o dia maior da historia brasileira.

Dia epico, filiado a esta serie luminosa de actos e factos que se prende durante o periodo de dois reinados á celebre declaração anterior dos Revolucionarios de 1817 no decreto de 18 de Março, ao martyrio do Patriarcha da Independencia, ás leis de 1831, 1850 e 1871, e aos nomes santos de Eusebio de Queiroz, Rio Branco e João Alfredo e do maior de todos os abolicionistas Joaquim Nabuco; o dia brasileiro de 13 de Maio figura na Historia humana ao lado da campanha de Garrison e do decreto americano de Lincoln e da propaganda puritana de Wilberforce e do decreto britannico de Stanley.

Esquecel-o tão cedo, — á elle em cujo percurso nós Brasileiros assistimos o desencadeiar de quasi um milhão de homens que foram arrancados do captiveiro, á elle que figura para nós a emancipação

omnimoda e incruenta de toda a nação brasileira de quatorze milhões até então presa da escravidão moral social e politica que o captiveiro gerou secular e inconscientemente, — esquecel-o tão cêdo seria uma ingratição.

A *Revista do Norte* julgou, por isso, de seu dever publicar numero commemorativo especial que fosse n'este dia prova do grande sentimento que lhe desperta a memoria da propaganda e da lei abolicionistas.

E para isso não podia ser mais feliz do que edictando a brilhante poesia inedita *Os Algemados* do illustre collaborador Dr. Fernando de Castro, trabalho feito justamente neste anno de 1884 em que em Pernambuco a propaganda havia chegado a seu auge.

A DIRECÇÃO



N 8

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 20 DE MAIO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

(Continuação)



odos que têm conhecimento da ethnographia dos povos primitivos e dos selvagens não ignoram que muitos factos, insignificantes para a vida actual, eram regulados pela força do costume. Mas ninguem acreditará que os reis do Egypto acceitassem essas ingenuas e impertinentes tyrannias do direito consuetudinario. Em mais de um ponto as traducções dos papyrus e das inscripções hieroglyphicas contradictaram os quadros traçados por Diodoro e Herodoto. Incontestavelmente estamos agora em presença de uma informação insustentavel do primeiro desses historiadores.

Entretanto, para que não se supponha que o asserto de uma respeitavel auctoridade é rejeitado sem razões valiosas, é mister que ellas se empilhem em forma de documentos comprobatorios.

Abra-se o Genesis e o quadro em que se vê desenhada a monarchia egypcia é muito outro do que sonhou Diodoro. Havia ali uma corte com suas intrigas e titulos heraldicos, um principe, (1)

(1) A *Vulgata* diz: o *eunuchus Pharaonis*, porém o marquez de Pastoret observa judiciosamente: 1. que Putiphar era casado; 2. que no texto hebreu a palavra, que corresponde áquellas, é *sar*, que significa *principe*. Attendendo á justeza da observação, escrevi principe em vez de eunucho. Os pharahós que tinham *harens* deviam possuir eunuchos, mas parece que Putiphar não era um delles, apezar da famosa libidine de sua esposa.

general do exercito, um copeiro mór, um magico supremo, uma guarda real.

O pharahó Apepi diz a José: "Tu governarás a minha casa, e ao mando de tua voz obedecerá todo o povo; somente eu te prece-derei no solio do reino. Eis ahi te constitui superintendente de todo o Egypto. E tirou um anel de sua mão e o metheu na mão d'elle e lhe vestiu uma opa de linho fino e lhe poz á roda do pescoço um collar de ouro. E o fez subir em seu segundo coche, clamando o pregoeiro que todos ajoelhassem diante d'elle e soubesse que elle era o superintendente de todo o Egypto. Disse tambem o rei á José: eu sou o pharahó: sem o teu mando não moverá alguém mão ou pé em toda a terra do Egypto" (2).

E' pois certo, que os pharahós eram soberanos absolutos; ao menos este rei hikso que tomou o joven hebreu para ministro o era em larga escala. Mas, infelizmente para os preconizados sentimen-tos democraticos dos egypcios, elle não era um autocrata por ex-cepção.

Nós vemos ainda no Genesis os monarchas egypcios dispondo á seu talante dos bens publicos e particulares. Um delles outorga a familia de Jacob uma porção consideravel de terreno em uma das regiões mais ferozes do imperio.

Psametick desejando favorecer os jonios e carios, que tinham feito vingar os sonhos de sua ambição, distribue-lhes terras e manda construir-lhes casas.

Ranses II, o Sesostres dos gregos, ambicionando uma celebri-dade a que não lhe davam direito suas façanhas de uma grandeza problematica, imaginou illudir a posteridade, mandando apagar os nomes de seus antecessores das inscripções que perpetuavam seus feitos gloriosos e substituil-os pelo seu.

Não devera mais insistir sobre este ponto, pois seria absurdo que os egypcios tivessem invertido a marcha evolucional dos phe-nomenos sociaes. Entretanto, para oppor auctoridade á auctori-dade, transcreverei uma passagem de um erudito escriptor que es-tudou aprofundadamente a organização juridica dos povos antigos. "E' difficil, escreve elle, não reconhecer uma prova do despotismo nessas famosas pyramides cuja existencia annuncia ainda, ao uni-verso, a grandeza e o poder dos senhores do Egypto. Tudo mu-

(2) *Genesis*—cap. XLI, vers. 40 a 44.

dou-se, por varias vezes, em redor d'ellas, costumes, sciencias, artes, leis, governo, religião; e, mais fortes do que a ignorancia, a guerra, a natureza, ellas se ergueram triumphantes no meio da destruição das guerras e dos seculos (3).

Mesmo a prestigiosa classe dos sacerdotes não podia oppor barreiras serias ao arbitrio dos reis. Khuwu (*Keops*) fecha os templos e interdiz os sacrificios. Khawra (*Khephren*), seu successor, não abandona essa politica antireligiosa contraria aos interesses dos ministros do culto official. Amenotep IV não trepida em abolir o culto nacional de Ammon para impor a adoração de Aden ou Aten, que nada mais é que o Adonai de Babylonia. No tempo da XXI dynastia, os chefes do poder theocratico foram deportados para a Nubia.

De Amosis (Ahamés) conta Herodoto uma anecdotica que é característica. Ordenára o pharahó que, de uma bacia de ouro destinada a lavar os pés aos hospedes, habil artista fizesse a estatua de um deus. Essa transformação executada, o metal que tivera emprego tam réles até esse tempo, começou a receber as homenagens dos piedosos subditos do rei fazedor de deuses. O pharahó então convocou os principaes d'entre elles e, contando-lhe a curiosa historia da bacia, acrescentou que elle, antes de ser um monarcha poderoso, fora simplesmente um cidadão obscuro e desprezencioso, mas que metamorphoseado em rei, como a bacia em deus, merecia o respeito, a homenagem e um pouco tambem a adoração de seus fieis vassallos.

A monarchia era hereditaria. Esgotada, porém, a familia dynastica, recorriam á eleição, feita, não por todo o povo, mas somente pelos militares e pelos padres. Synesio affirma que essa eleição era realisada com grandes solemnidades, sobre uma montanha sagrada, não longe do Nilo, votando os soldados em massa levantando as mãos e os sacerdotes por suffragios correspondentes á sua hierarchia. Eleito o novo rei, era logo *cingido* por um cinturão do qual pendia uma arma. Esta cerimonia de *cingir* os consagrados pelo povo é commum a muitos povos. O *parina-d* e o *parinate-ran* dos mundurucús descriptos por Barbosa Rodrigues é uma insignia da mesma especie. Outros povos, como os hebreus, não cingiam os seus eleitos, mas *ungiam-nos*.

(3) Pastoret—*Histoire de la legislation*. Paris—1817, vol. II, pag. 65.

As dynastias, porém, nem sempre se continuavam em paz até esgotamento aniquilador. As usurpações não foram raras nos fastos da monarchia egypcia. Todavia como a legitimidade parece ter sido um elemento de alta importancia para a aggremação dos preitos dos vasallos, os espoliadores apressavam-se a contrahir matrimonio com alguma formosa descendente das familias solares. Assim, por exemplo, Seti, para legitimar a sua ascensão ao throno que lhe coubera por usurpação de Ramses II, casou-se com Tahí, neta de Amenhotep III, rei legitimo.

Os pharahós as vezes associavam seus filhos ao throno e costumavam ter ministros que governavam em seu nome.

Entre os ministros mais conhecidos pela historia destacam-se os nomes do hebreu José que serviu com Apepi e o do eminente Una, emerito estadista e homem de guerra que abrilhantou o reinado de Meri-Ra-Papi I. Depois de um crescido numero de annos consagrados ao serviço do paiz e ao engrandecimento do monarcha, foi concedido ao pobre grande homem o immenso favor de pisar com as suas sandalias o pavimento sagrado do palacio real e, graça inaudita, podia conservar-se calçado na presença do soberano!

E' tradição que, quando morria um imperante ou outro alto funcionario egypcio, se procedia, perante quarenta juizes, á uma discussão sobre seus bons e maus actos, negando-se-lhe as honras funebres se havia desempenhado mal a sua missão. Não duvido que, nos primeiros tempos, esse processo se fizesse realmente, contudo, depois que a monarchia se consolidou e afastou a influencia sacerdotal, elle devera se ter tornado irrealisavel sobre a terra, e passou a ser pleiteado perante o tribunal de Amenthe presidido por Osires, segundo se lê no *Livro dos mortos* (4)

Os padres, que constituíam a primeira ordem do Estado, eram os encarregados da distribuição da justiça, do lançamento dos impostos e da fiscalisação dos pesos e medidas. O principal dos tribunaes judicarios era composto de trinta juizes e tinha por presidente o mais velho ou o mais respeitavel por sua moralidade e por seu conhecimento das leis, o que parece provar que o Egypto atra-

(4) O *Livro dos mortos*, segundo a denominação de Lepsius, ou o *Ritual Funerario*, segundo a denominação de Champollion, é um livro, antiquissimo, mesmo para o Egypto, escripto em diversas occasiões e em logares differentes, e contendo, alem de orações, invocações e glorificações aos deuses, certas noções de justiça e psychologia de um valor inestimavel pelo mixto de elevação e ingenuidade que revelam e pela vetustez de sua concepção.

vessava em periodo sem que as aristocracias se constituem as depositarias exclusivas do direito que ainda então é costumeiro. A ausencia de um codigo de leis egypcias confirma essa supposição, e as leis escriptas attribuidas a alguns reis são, pelo menos, em numero muito limitado, si é que devemos crer nessas asserções.

Entretanto os reis eram bastante despoticos para se arrogarem, ao menos uma vez por outra, o exercicio do poder judiciario com exclusão das classes monopolisadoras dos conhecimentos juridicos. E' assim que Herodoto nos conta que Mycerino (*Menkara*) julgou as demandas de seus subditos de um modo mais equitativo que todos os outros principes, accrescentando que si algum se queixava de suas sentenças elle o indemnizava, muito accomodaticio (5).

Mas voltemos ao tribunal regularmente organizado, que era o dos sacerdotes os depositarios da lei. O Estado os mantinha, fornecendo-lhe s tudo que lhes era necessario, afim de que nada custassem ás partes as decisões da justiça. Os advogados não eram admittidos. Todos os negocios eram tractados por escripto, figurando no processo somente os pleiteantes. Mas como nem todos os egypcios podiam saber ler e escrever, sorrateiramente os advogados se immiscuiam nessas luctas juridicas em que a disposição da lei estava apenas na memoria dos juizes. Era concedido o tempo necessario para a instrucção do processo, mas para que as delongas não fossem interminaveis só era concedida uma replica a cada demandista. Quando os juizes tomavam conhecimento de todas as razões allegadas, o presidente do tribunal dava o signal para a abertura da sessão, alçando uma figura de olhos fechados que lhe pendia do pescoço por um collar de ouro. Essa figura era o symbolo da verdade. Proferido o julgamento, o presidente do tribunal tocava com o *emblemata da verdade* na parte que havia ganho a causa, e estava terminada a demanda (6). Nada mais simples do que essa processualistica primitiva. As longas formalidades, que protelam a marcha das acções em nossos dias e que são muito amadas por alguns povos atrazados, não tiveram ingresso na jurisprudencia egypcia. Nas causas crimes, porem, os juizes recorriam a tortura como um meio de descobrir a verdade, si o indigitado como criminoso não se queria confessar culpado.

CLOVIS BEVILAQUA.

(5) Herodoto II § 115 e 129

(6) Cf. Goguet—*De l'origine des lois* — vol. I, pags. 70 e 71, que baseiam em Diodoro,

A IMMIGRAÇÃO



uitos pensão, ou pelo menos assim o fazem crer pelos seus actos, inclusive quasi todos os governos americanos, que a immigração é um problema exclusivamente economico.

Como machina de trabalho punhão e dispunhão do negro... querem vê-o substituido, não importa por quem.

Ha um modo de vê e de obrar neste ponto de consequencias deploraveis, cujo alcance não avalia o interessado, mas deve medil-o o poder publico.

Esquece-se que entre nós, felizmente em tempo, abandonou-se o triste projecto, já em via de execução, de introduzir no paiz a abjecta e degradada raça chinesa (*coolies*), depois de se haver dispendido não pequenas sommas até com embaixadas ao celeste imperio.

Nos Estados Unidos da America do Norte é expressamente vedada a introducção de chins por varias rasões de altas conveniencias, não só economicas como tambem sociaes, que não vale a pena memorar e repetir tão intuitivas são para os que conhecem as qualidades caracteristicas dos filhos do celeste imperio e o preço vil porque se sujeitam aos mais penosos e fatigantes trabalhos.

Isto simplesmente quer dizer que socialmente se corromperia os costumes, e economicamente se romperia o equilibrio das leis da offerta e da procura em relação aos salarios, podendo produzir a miseria da classe operaria no paiz e assim prejudicar o proletariado por uma verdadeira importação de pauperismo.

Os americanos do norte que sabem por propria experiencia que o systema protector é uma das formas de luta pela vida entre os povos especialmente aquelles que disputão a hegemonia commercial e industrial não chegariam até ali sendo surpreendidos por tão tristes resultados.

Entretanto o problema que está a desafiar a attenção de todos quantos possam estudal-o conscientemente é muito mais vasto e não basta que nos esqueçamos da China e dos chins, porque nos devemos lembrar que mesmo em Paris Victor Hugo descobria os selvagens da civilisação,

Restringindo o campo das nossas pesquisas, consignemos o facto de que o Brasil até agora com os recursos, quer da União (geraes), quer dos Estados (ex-provinciaes), só tem tido um fim puramente economico, promovendo directa ou indirectamente, fomentando e atrahindo, a immigração estrangeira, indistinctamente, de todas as procedencias, para augmentar a rara população dispersa na immensa superficie do nosso territorio e assim desenvolver a producção agricola e industrial, melhorando-a mesmo para attingir á riqueza particular e como resultante á fortuna publica pelo augmento da renda.

Não pode haver no caso, ao menos immediatamente, um fim social especial, disassociado daquelle, ou antes um ponto de vista nacional pela esperanza de constituir uma vasta e poderosa nacionalidade.

Contra isso protestaria a falta de selecção dos elementos *pêlemêle* atirados ao nosso littoral e a impossibilidade da passagem natural para a homogeneidade espontanea e instantanea do amalgame desses elementos tão heterogeneos.

As republicas hespanholas com as suas revoluções chronicas, tendo como principaes factores o espirito irrequieto de seus habitantes, o cosmopolitismo exagerado e a corrupção politica, são exemplos que nos podem servir de bom aviso.

O Rio de Janeiro que é hoje uma cidade quasi estrangeira, absorvida no seu *commercio*, que Spencer chamou *a forma moderna do canibalismo*, não foi talvez por isso mesmo considerada pelo congresso nacional a menos propria para servir de capital á União? (1)

Mas encaremos simplesmente a questão por uma só das faces do prisma social, a segurança da ordem e o respeito aos direitos alheios como deveres dos novos habitantes.

O que se pergunta e quer se saber é: se a colonisação do Brasil deve ser feita de modo irracional, por um systema rotineiro e empirico, senão perigoso, que não consulta a sciencia e por isso não tem a verdadeira comprehensão dos altos interesses sociaes e moraes do paiz em pontos que se ligam indubiavelmente ás nossas futuras condições ethnicas.

(1) Fica pertencendo á União, no planalto central da Republica, uma zona de 14,400 kilometros quadrados, que será opportunamente demarcada para nella estabelecer-se a futura Capital Federal. § Único. Effectuada a mudança da capital o actual Districto Federal passará a constituir um Estado. - Const. art. 38

Ninguém dirá que convem introduzir no paiz os peiores especimens da fauna e da flora estrangeiras: ao contrario, são importados os melhores que possam se adaptar e por isso viver sob o nosso clima e nos proporcionem um bem qualquer e não mal algum; dos typos zoologicos, as serpentes e as feras são importadas e permanecem nas gaiolas e nas jaulas como objectos de luxo ou elementos de estudo.

Com o typo homem, cuja superioridade physiologica faz delle o animal mais adaptavel a todos os climas, de modo a parecer que o seu *habitat* é absolutamente a terra inteira —, procede-se de modo inteiramente opposto.

Se os nossos agentes de immigração não nos mandam somente a lia dos povos europêos, porque ás vezes a iniciativa individual e o interesse pessoal têm disputado a necessidade da selecção de colonos no meio dos quaes se vai viver e com elles tratar, é certo que o Brasil como toda a America têm recebido o producto e os residuos da eliminação de todos os crimes e vicios das sociedades europêas.

Não bastava o indio selvagem, o portuguez degredado e degredado, o africano barbaro e boçal...

O que no fim do ultimo seculo o inglez do continente fazia á Oceania, e nos refere Reinach, por um processo a descoberto e violento, isto é, despejar navios carregados de criminosos na Australia para sujeital-os a trabalhos penosos sob uma disciplina de ferro imposta por um regimen diaconiano, fariam e fizeram depois governos europêos á America, o Brasil inclusive, por formas mais ou menos attenuadas e hoje insensíveis mas reaes pela colonisação, espontanea ou promovida officialmente.

E sabido que um dos argumentos contra a apparente efficacia do regimen penitenciario na Irlanda é justamente a diminuição dos crimes, tendo como causa a forte emigração dos malfeitores Irlandezes para a America.

E a experiencia fundada em observações identicas tem aconselhado aos juristas modernos a modificar os principios do direito internacional penal fazendo do exodo dos pequenos criminosos mendigos e vagabundos, assim como da simples expulsão mesmo dos grandes criminosos extra-territorio, ainda que sejam *cidadãos*, um meio patriotico e excellente de selecção para um paiz dado (2).

E de certo particularisando os factos outra cousa não faz a Italia ha muito tempo senão se valer de processos semelhantes para

(2) Vid. meu *Commentario no Cod. Crim.*, pg. 32. Recife 1890.

eliminar de seu seio os elementos que nós agora recebemos na mais alta escala para colonisação do Brasil.

A Italia dizem-n'o os seus mais notaveis publicistas e criminalistas modernos: tem na Europa o triste e lugubre primado da criminalidade.

Hoje nos nossos Estados do sul não ha factos de *Candilismo*, de morte e roubo, motins e resistencias á mão armada que não tenha italianos como autores ou coréos.

Na luta pela vida nenhum europeu ainda fez da actividade humana anormal, isto é, do crime, uma profissão como fez o italiano.

Na Italia o problema economico e financeiro não occupa mais os espiritos, desde o cidadão até o estadista desde o menor foiculario até o professor, do que o problema tremendo da onda crescente da criminalidade que annuvia e sobressalta os espiritos, causando prejuizos tão avultados como o de uma crise commercial ou economica.

Factos recentes lançam um clarão sinistro sobre as obscuridades do problema ao mesmo tempo que podem servir de licção convincente e efficaz e quiça de aviso patriotico aos homens de estado da Republica.

Em Nova Orleans onde é avultadissima a colonia italiana, depois de innumeross assassinatos e outros crimes praticados por italianos que organisaram vastas sociedades para esses fins pelo typo conhecido da *Maffia* de Sicilia e da *Camorra* de Napoles, d'onde é a maior parte delles, afinal assassinaram o chefe de policia Henneray.

Os indigitados autores não tiveram contra si o voto dos 12 jurados que a lei exige e portanto foram absolvidos, ficando este e os outros crimes impunes.

A terrivel *Lynch-justice* porem fez o seu officio, sendo enforcados nos lampeões das ruas da cidade tres dos indigitados e dez mortos a tiro pela população depois de um *meeting* realisado pelo celebre advogado Parkerson que teve como fim o assalto da prisão.

Parkerson está ameaçado de ser apunhalado e a familia envenenada pelas terriveis associações, tendo-se travado um conflicto diplomatico entre os governos de Washington e de Roma.

Se sob a ameaça dos factos brutaes da justiça popular, proprios de condições politicas mal ordenadas, na phase de Kraepelin — os sicilianos e napolitanos fazem funcionar a *maffia* e a *camorra* em um paiz em que a pena de morte se applica e se executa, o que não devemos nós receiar da reproducção no Brasil de taes associações criminosas sem meios adequados de prevenção e repressão ?

A nova constituição federal aboliu a pena de morte até no exercito e armada, salvo em tempo de guerra.

Entretanto não pode ser mais deploravel o estado actual da repressão da criminalidade, devido isso a innumeradas causas, como a desmoralisada instituição do jury, o anachronico e irracional direito de graça, de que tanto se tem usado e abusado e outras a que alludi, no Congresso Nacional (3).

O novo codigo, alem de estar abaixo da actual cultura juridica do paiz, sacrificou a efficacia da repressão com as attenuações da penalidade que adoptou indistinctamente a beneficio de todos os criminosos por mais monstruosos e avezados ao crime que fossem.

Mas não é tudo : o legislador e o estadista não podem agir só para o presente ou para um futuro proximo.

E no problema que simplesmente propomos deve-se considerar principalmente o futuro.

Já alguém reflectiu por ventura na progressão crescente da criminalidade determinada somente pela onda immigratoria italiana sem exame e nem escolha e por tanto encaminhada das regiões insular e meridional da Italia, onde as estatisticas accusam o maximo da criminalidade ?

Considere-se agora que os estudos feitos por autoridades da mais alta competencia chegam ao resultado de que o criminoso do mesmo modo que o louco é um ser anomalo e a herança entra ahi por merito e como factor poderoso e fecundo na producção da criminalidade, de modo que o filho do assassino, do ladrão, é por via de regra assassino e ladrão como o pai.

Considere-se que a criminalidade reveste as mais variadas e multiplas formas que ora se atenuam, ora se accentuam, mas na sua contestura como tramas indispensaveis no meio dos maiores attes. tados e dos mais torpes vicios destaca-se não só o crime propriamente como o alcoolismo, a prostituição, a mendicidade e a vagabundagem, sendo as vezes difficil discernir na complexidade dos factos os antecedentes e consequentes, os phenomenos causas e os phenomenos effeitos e se terá a synthese do crime e do criminoso e que com taes factores o producto não pode ser de natureza differente.

Considere-se que na Italia pode um italiano apontar *um paiz de criminosos instinctivos*, como Artgna, cuja historia remonta a 1155 (4)

(3) *Discurso* na sessão de 28 de Janeiro de 1891.

(4) *Archivio de Psichiatria*, vol. 11, pag. 443.

E dahi se tire a illação que só a mais indesculpavel imprevidencia pode consentir e até autorisar que certos paizes da Italia eliminem de seu seio entes despreziveis ou perigosos que nós recebemos como elementos necessarios ao nosso progresso social e economico, realisando-se ali a selecção que se devia effectuar aqui.

Comprehende-se que em theoria não se adopte esse procedimento, que o desejo platonico dos governos seja o contrario, mas urge impedir por decisões aceitadas e medidas energicas que se realice a immigração attendendo á quantidade e não a qualidade dos immigrants.

E como o espirito de mercantilismo tudo corrompe e é difficil senão inexequivel verificar as qualidades moraes, a conducta de cada immigrant de per si, deve-se prohibir de modo absoluto sob a comminação do reembarque as levas de colonos das regiões meridionaes e insulares da Italia.

O futuro social senão tambem economico do Brasil o reclama instantemente.

E para terminar, uma propheta, sem a gloria de ser propheta, sem mudança do rumo que levamos, em poucos annos o Brasil rivalisará tristemente na criminalidade com as peiores regiões da Italia.

E como remedio do desespero não será o nosso povo que supprirá por suas proprias mãos as lacunas dos codigos e os abusos dos tribunaes, o que aliás, reconheço, seria tanto mais de lamentar, quanto os factos da America do Norte nos estão dando fecundissima lição para que com tempo nos acautelemos efficazmente.

DR. JOÃO VIEIRA.

PAYSAGEM



uas collinas rasgam-se. No meio
Deita-se o valle, umbroso e virginal.
E sobre aquelle exuberante seio
Cahe o louro espartilho tropical

Do sol montante.... Em cima da esmeralda
 Movel e doce que a folhagem basta
 Oppõe ao céu — o céu azul que escalda
 Pousa um olhar de transparencia casta.

Destacam-se as collinas dos arbustos
 Como dous peitos rigidos robustos
 Rasgando a seda de um corpete escuro...

E o valle, o valle como um collo enorme,
 Mira orgulhoso a curva filiforme
 Do seu collar um veio d'agua puro !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

O RIO GRANDE DO SUL



Em sua enorme extensão territorial o Brasil offerece ao viajante observador largo horisonte para um estudo interessante, já pela diversidade de condições climatologicas e topographicas, já pelos costumes e habitos diferentes de um a outro Estado da União.

No norte, a partir do Rio de Janeiro para o equador, as variações do clima são quasi inapreciaveis e o inverno differe do estio apenas pelas chuvas abundantes que cahem em toda a margem brasileira do Atlantico.

No sul, a seguir igualmente do Rio de Janeiro para a zona glacial, as estações são perfectamente accentuadas ; sente-se as impertinencias do frio como os estragos do calor, os tons sombrios do outono como as alegrias ruidosas da primavera.

Até os limites de Santa Catharina com o Estado do Rio Grande o litoral tem mais ou menos os mesmos accidentes, a mesma configuração e a mesma grandiosidade. As montanhas que apparecem

sob um azul diaphano, no horizonte immenso do mar, são alterosas como o vôo das grandes aves que lhes habitam os cimos irregulares; a vegetação é de uma exuberancia luxuriante e pura e as planicies perfeitamente adaptadas ao cultivo de tudo quanto produz o solo brasileiro.

O systema hydrographico, aliás pobre em varios Estados do norte, é bastante rico para o sul, principalmente no Rio Grande, cujo territorio é todo cortado de grandes e abundantes rios.

Dessas condições de clima, de topographia e mesmo geographicas, resulta uma certa differença de typo e de costumes entre os habitantes do sul e os do norte do Brasil, cuja verdade palpitante se manifesta á primeira vista.

A immigração constante, para o sul, de individuos de todas as nacionalidades, que vão constituindo familia e se identificando com o paiz, tem concorrido poderosamente para o aperfeiçoamento moral, intellectual e physiologico daquella parte brasileira, onde já predomina o typo europeu em toda a plenitude da sua correcção physica.

Em geral os homens alli são altos, claros bem conformados e intelligentes; as mulheres muito coradas, elegantes, formosas e animadas dessa vivacidade caracteristica das raças hespanholas americanas; as crianças fortes, sadias, e os velhos atirados ás delicias do amor.

No norte o homem é rachítico, moreno, pallido; as mulheres são como as do sul formosas, mas raras vezes com aquella graça que faz de uma *senôrita* um ser verdadeiramente adoravel.

Conhece-se, entre dois individuos, sem o menor esforço, o do sul e o do norte, até pelo modo de expressar-se. No sul falla-se com essa inflexão nitida que torna a lingua portugueza uma das mais elegantes das derivadas do latim; no norte, a excepção dos individuos de educação mais apurada, a pronuncia é arrastada, acre e monotona.

Diversas circumstancias concorrem para que o estado de civilisação do Rio Grande do Sul seja mais desenvolvido que o do norte em geral.

Em 1.º lugar a amenidade do seu clima, mais ou menos igual ao do sul da Europa e por conseguinte o mais adaptado tambem á organização dos individuos que nos chegam daquella parte do velho continente; em 2.º o crusamento de raças assás differentes, de que resulta o aperfeiçoamento physico, evidentemente muito pronunciado

alli; em 3.ª a posição geographica do Estado, com relação ás republicas do Prata, cuja facilidade de communicações, cujo commercio de idéas, estreitam as relações desses povos v isinhos, quasi perfeitamente identificados pelas condições de vida e de costumes.

No que o rio-grandense differe sensivelmente dos povos platinos é na actividade, que constitue o mais accentuado caracteristico destes.

Dispondo de todos os favores da natureza, de todos os elementos de prosperidade, o rio-grandense é todavia indolente, irresoluto, e, em geral só confia no boi.

Suas terras, maxime para o norte do Estado, são de uma fertilidade assombrosa; produzem tudo quanto um clima temperado pode dar com abundancia, mas o seu idéal predominante de riqueza está invariavelmente no boi, cujos resultados vão fraqueando, pela competencia intelligente e activa dos grandes creadores do Rio da Prata.

Quem possui meia legua de campo e quinhentas reses de criação, no Rio Grande, suppõe-se um fazendeiro independente, funda em semelhantes haveres a sua fortuna, acha que não lhe fica bem a condição do lavrador, e os que não têm campo nem gado vivem a custa dos visinhos.

Todavia para o norte do Estado já se começa a acreditar nas riquezas provenientes da agricultura, de modo que a população dessa importante zona do sul vae abandonando a criação do boi pelo cultivo das terras.

Indolente ou trabalhador, porem, o rio-grandense é naturalmente hospitaleiro, generoso, franco e altivo. Tem a paixão das grandes idéas que os seus homens illustres lhe accendem no cerebro e por ellas vae até ao sacrificio. Nas cidades mais importantes é dado ás lettras, as sciencias e as artes e não raros são os representantes desses grandes ramos da actividade humana.

Cultiva-se apaixonadamente a poesia, a musica e a pintura, notando-se entre os cultores daquelle primeiro genero de arte poetas de grande merecimento, como Mucio Teixeira, Fontoura Xavier Assis Brasil, Achylles Porto Alegre e outros menos reputados.

Não ha cidade de campanha que não tenha duas ou tres folhas diarias de formato regular, em que se discutem, criteriosamente, todas as questões de actualidade.

Em tudo se manifesta no Rio Grande o seu lisongeiro estado de civilisação: Bibliothecas em que se encontram as melhores obras

de todas as litteraturas vias ferreas de longo percurso em varias direções, uma navegação fluvial assás desenvolvida por todo o Estado, fabricas de tecidos como as mais importantes dos paizes manufactureiros, hotéis de grandes proporções, em qualquer cidade, onde o viajante pôde encontrar o conforto appetecido e até situações de banhos como as de Spa ou de Badem-Badem, para onde concorre no estio, tudo quanto resume os favores da belleza, da intelligencia, da elegancia e da fortuna.

Traja-se com todos os excessos das modas de Paris, cujos figurinos chegam rapidamente a Montividéo, e dahi ás cidades fronteiras e do litoral.

No apuro das *toilletes* custosas com que se apresentam as Srs. rio-grandenses, sua graça e formosura realçam admiravelmente e o mais pacato forasteiro sente alli todas as sensações do bello humano.

No meio, porem, dessa harmonia de progresso e de belleza, ha uma classe de homens que, pelos habitos e pela compostura, fazem lembrar os feroses companheiros de Atila e a que chamam — *os gaúchos*.

Esses homens são, em geral, de constituição vigorosa, valentes; vivem indifferentemente ao sol e ao sereno, com tanto que estejam a cavallo.

Vestem-se estravagantemente de *chiripá*, especie de tanga que traçam por entre as pernas, palitot redondo aberto ao peito, quando não andam em mangas de camisa, tendo como supremo adorno, ao pescoço, um lenço, as veses de seda, a que, segundo elles, não resistem as namoradas. Usam a cabelleira enormemente crescida, mal cuidada, a barba da mesma sorte; nunca abandonam um par de pistolas e uma faca muito afiada, com que *trinham* o seu delicioso *churrasco*. Fallam um dialecto impossivel, mistura do baixo hespanhol com o portuguez antigo, uma linguagem grosseira e irritante.

Os arreios do cavallo servem-lhes de cama e não precisam de coisa melhor para atravessarem uma noite de inverno, a frio de quatro grãos acima de zero e muitas veses a esta temperatura.

O seu melhor alimento é a carne, que elles aquecem ligeiramente ao lume, em grandes espetos fincados no solo; e, sentados á beira da fogueira, vão cortando e comendo pouco a pouco, em molho simplesmente de sal.

A' garupa do cavallo conduzem sempre uma chaleira, em que fervem agua para o seu *chimarrão*, que preferem ao melhor café de S. Paulo ou ao chá mais aromatico das Indias.

Supportam resignadamente as adversidades da sorte, a fome, a nudez, o frio, o calor, contanto que não lhe tirem o cavallo, esse companheiro de todo o instante e o seu maior elemento de independencia e de força.

Habitam as campinas pouco povoadas de sua terra, em casas de construcções rusticas, ás vezes em palhoças, mas de quando em quando apparecem pelas cidades das fronteiras. Nestes centros civilizados, onde a elegancia da vida contrasta profundamente com o seu aspecto esquisito, os *gauchos* desconfiam de tudo e de todos, de modo que é preciso tratá-los bem, não rir da sua catadura medonha. Ao vel-os, um riso menos prudente, um olhar menos calculado, podem determinar scenas espectaculosas, desabafos criminosos, por que elles não levam offensas para o seu *ruicão*.

Todas estas coisas dão um aspecto interessante ao Rio Grande, que a gente deseja conhecer, como se se tratasse de um paiz remoto do Oriente.

Quando eu era menino ouvia fallar do sul com o assombro do horrivel, mas a sorte das armas conduziu-me até lá e o horror que eu sentia á essa terra distante, transformou-se em gratas expansões de verdadeiro affecto, em sentimentos de eternas recordações.

A vida em suas cidades principaes, as suas alegrias e as suas tristezas, constituirão, talvez, o objecto de um outro artigo.

DANTAS BARRETO.

—♦♦♦♦—
PSYCHE

Voa, voae e vinde-vos embora
Minhas gratas e doces illusões.
Sois assim como os louros batalhões
De crianças, correndo estrada afóra.

E vinde. A vida é para mim agora
Um tormento sem fim. Gentis visões,
Vós, que curaes a dor dos corações,
Vinde limpar a frente de quem chora

Disse... e o echo repetiu alem
A minha triste prece mas ninguem
Veio trazer consolo a minha sorte.

Sinto a vida tão só, como o deserto
E, entre a morte e o meu futuro incerto,
Si eu não tivesse mãe, queria a morte.

COSTA NETO

Nº
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE MAIO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

(Continuação)



Entre os factos delictuosos a que se applicavam penas mais grave destacarei alguns.

O roubo era punido com a redução a escravidão, segundo se deduz do que narra a Biblia relativamente aos irmãos de José, accusados de terem subtrahido a taça do ministro de Apepi. O homicidio voluntario, quer o assassino fosse livre quer escravo, era punido com a pena de morte (*talião*). Os complices, ou mesmo quem, podendo, deixava de evitar a perpetração do crime, tornavam-se passíveis da mesma pena. Si a testemunha do crime não estava em condições de defender o aggreddido, cumpria-lhe denunciar o auctor, pois que, si tal se recusasse á fazer, tinha de incorrer no supplicio de ser açoitado e de passar tres dias em completo jejum.

O castigo do parricidio era atroz, o que denuncia uma forte constituição da familia. Introduziam-se no corpo do filho desnaturado pedaços de caniço, envolviam-no em camadas de espirito e depois ateavam fogo áquelle conjuncto de frangalhos humanos e palha inflammavel. Os paes que matavam o filho tinham por punição carregarem-lhe o cadaver, por tres dias e tres noites seguidas, cercados da guarda publica que os vigiava.

A pena de morte ainda era cominada ao perjuro em demandas de justiça. O calumniador soffria a pena que devera ser applicada ao calumniado, si o crime fosse verdadeiro; o que descobrisse um segredo de Estado perdia a lingua; o falsificador de moedas, pesos, medidas e sellos, e os empregados falsarios tinham as mãos cortadas. Esta mesma mutilação parece que era o castigo dos complices em estrupos e violações, pois que as mulheres que haviam entregue a filha de Mycerino aos furores incestuosos de seu pae, tiveram de ver suas mãos cairem aos golpes do cutelo do carrasco.

O auctor da violação esse era reduzido ao pacato estado de eunucho; mas é claro que essa pena só era applicada aos homens do povo, os reis estavam a cavalheiro dessas miserias mundanas.

O adulterio era punido com muita severidade. O D. Juan, que era alcançado pela justiça, tinha de resignar-se a soffrer mil vergastadas, e a sua complice soffria a mutilação do nariz para não mais provocar, com as linhas correctas de sua belleza, os desejos lubricos dos perturbadores da paz domestica. E' pelo menos, o que nos affirma Diodoro da Silicia. E não resta a menor duvida sobre que os Egyptios respeitaram em extremo os laços matrimoniaes. Tend^o os agentes de um pharahó conduzido Sara ao harem, este depois exprobou ao patriarcha por não ter declarado que a formosa dama era sua esposa. "Porque me não advertiste que ella era tua mulher? Porque me disseste que ella era tua irmã, para que eu a tomasse por minha mulher? Agora ahí tens a tua mulher; toma-a e vae-te." (1)

A mulher, em particular, lhes merecia muito acatamento e sua jurisprudencia não podia deixar de traduzir esses bons sentimentos de galanteria cavalheirosa. Esse artigo de nosso primeiro codigo criminal que não permittia que a mulher grávida soffresse a pena ultima antes de dar a luz encontra na jurisprudencia egypcia uma disposição identica, sem duvida para elles mais meritoria, pois que passados tantos seculos nós ainda não descobrimos cousa melhor.

Ficaram aqui apontadas as principaes penas do direito criminal egypcio. Só terei que accrescentar os trabalhos forçados que eram applicados aos captivos de guerra e a certos criminosos nacionaes. Si os galés não executavam, lestos e peritos, as tarefas que lhes destinavam, os guardas aguilhoavam-lhes a disposição a chicotadas. Ainda neste ponto a civilisação não fez um passo em bem da humanidade.

(1) *Genesis*—cap. XII, vers. 18 e 19.

Si bem que desde Kuwu conste que essa pena foi posta em pratica, alguns auctores pensam que o ethiope Shabak (*Sabacon*) foi quem a introduziu, em substituição á pena de morte que aboliu (2). Não se pode creio, acreditar muito na realisação desta reforma.

A sociedade familiar era no Egypto cercada de todos os respeitos e organizada com muito vigor. A monogamia era a forma legal do casamento, embora não excluísse a polygamia real da concubinação. O incesto não era prohibido a não ser na linha recta. Eram muito communs os casamentos entre irmãos; mas a filha de Mycerino, tendo sido violentada por seu pae, estrangulou-se para não sobreviver a propria deshonra, conta Herodoto. Antecipou-se de muitos seculos ao heroismo da castissima Lucrecia.

O dote era dado pelo pae da noiva, o que implica uma longa transformação dessa instituição, porquanto ella nasceu com a compra das mulheres e foi originariamente a quantia dada pelo marido ao pae de sua esposa. O dote da princeza que desposou Salomão foi a cidade de Gazer, como se lê no terceiro livro dos Reis, capitulo IX, vers. 16.

Sexto Empirico affirma que as egypcias adqueriam seu dote vendendo o corpo. Esse costume foi adoptado pelos babilonios e por muitos outros povos; mas os historiadores que escreveram sobre o Egypto nada nos dizem de positivo á esse respeito. As unicas razões que podem militar em favor da asserção de Sexto são, a meu ver: 1.º que as cortezãs gozavam de consideração no Egypto, como em Babylonia, em Athenas e outras cidades antigas; conquistando algumas um nome na historia como Dorica e Rhodopis, a heroína do conto universal do sapatinho de vidro"; 2.º que um pharahó da quarta dynastia, Keops, poz á preço a belleza de sua filha, para cobrir o desfalcamento que na bolça imperial cavaram despezas excessivas, e Herodoto garante não ter sido elle o unico á recorrer á tam infame expediente. Estes factos, porem, se não contradizem o que Sexto assevera dos egypcios, não nos auctorizam á tirar a conclusão que elle, talvez informado em outros documentos, se lembrou de tirar.

A instituição do patrio poder, garantida pelo familismo, pelo culto dos antepassados estadeava-se em toda a sua força. Em commensação os paes eram obrigados á conservar em suas casas e a sustentar os filhos, assim como legitimar os que tivessem de suas escravas, diz Diodoro Siculo.

(2) Goguet—*Op. cit.* vol. III, pag. 18

Algumas afirmações de Herodoto e Diodoro, (como sejam ; a capacidade commercial da mulher egypcia, sua plena liberdade, sua vida fóra do lar enquanto o homem se deixava ficar a tecer) parecem contrariar o que vem de ser dicto sobre o patrio poder. Mas, como bem diz Aguano (3) ha em tudo isto grande exagero, e apenas podemos com Bachofu, Sellill e outros dizer que na familia egypcia dos tempos historicos encontram-se vestigios do matriarchado. Neste ponto não andou acertado o auctor do *Dir. Egypcio*, Revillout, combatendo esta opinião firmada em solidos argumentos e nos principios geraes da evolução social.

O respeito para com os paes era um dos principaes mandamentos da moral egypcia, punindo-se cruelmente o parricidio como ja vimos. Os paes eram obrigados a sustentar os filhos todos, o que não lhe era muito difficil porque segundo Pauly citado por Leist (4) o custo do sustento de um filho até a puberdade não excedia a 20 drakmas. A reciproca, no entanto não se dava, a cremos em Herodoto, segundo o qual “ ás filhas e não aos filhos incumbia o dever de alimentar os paes.”

Em compensação, nos tempos mais afastados a successão devia seguir de preferencia a linha feminina.

Posteriormente, segundo se conclue dos papyros demoticos a propriedade da familia constitue um condominio, e só por meio da adopção podia um, estrangeiro, partilhar della. Esta propriedade se transmittia aos sobreviventes em partes eguaes, existindo desde então o direito de representação ou de successão *in stirpes*. Era inventariante e partidor (*neb*) do acervo hereditario o primogenito, qualquer que fosse seu sexo. Quasi sempre, porem, o pae fazia em vida a destribuição dos quinhões hereditarios, comminando uma pena ao filho que molestasse seu coherdeiro. (5)

Os filhos naturaes eram equiparados aos legitimos ; e si eram desconhecidos os paes, (*se-ka*) herdavam, então, somente das mães.

Os egypcios não conheciam o testamento, nem podiam admittil-o uma vez que consideravam commum a propriedade da familia.

São formas juridicas estas que se reproduzem em muitos povos.

(Continua)

CLOVIS BEVILAQUA.

(3) Aguano—*La genesi e l'evolugione del diritto civile*, pag. 284. Torino 1890

(4) Leist—*Gracco-italische Rechtsgschichte*, Jena, 1884, p. 12

(5) Revillout—*apud* Aguano cit. p. 447.

O DIREITO E A PHILOSOPHIA ELEMENTAR



decreto de 2 de Janeiro do corrente anno approvando o Regulamento para as instituições do ensino em nossas actuaes Faculdades, eliminou do quadro dos estudos secundarios exigido para a matricula, nos cursos de sciencias sociaes e juridicas, o preparatorio -- Philosophia.

Apézar da grande competencia do inolvidavel ministro, autor da Reforma, a pratica irá mostrar a impossibilidade, ou antes, a grande difficuldade de entender o alumno a sciencia do Direito, sem ter adquerido os conhecimentos geraes fornecidos pela Philosophia.

Tarde ou cedo comprehender-se-a que houve uma falta de methodo, e nós sabemos que este é a fonte de todo o saber, de todo o progresso scientifico.

Não seriamos capazes de sustentar em these, que a Philosophia é condição *sine qua non* do estudo do Direito; mas, podemos affirmar que diante dos preparatorios exigidos á matricula, diante do plano de ensino de nossas Faculdades, diante do conceito que se pode ter de uma Philosophia Elementar, esta materia torna-se necessaria, como uma somma de idéas introductorias, ao estudo juridico-social; mais necessaria, mesmo do que a Geometria, a Trigonometria, e a propria lingua latina, organismo sem vida, improdutivo.

Não queremos discutir a dependencia das organizações logicas dos conhecimentos humanos. Nosso trabalho é mais simples.

De todos os conceitos, que se têm formado, da Philosophia, desde Thales até as ultimas theorias allemães, só se pode hoje, aceitar esta sciencia como o conhecimento da mais alta generalidade, ou melhor, como a unificação completa do saber, na phrase de Herbert Spencer.

Mas, a par deste conceito, dá-se geralmente, o nome de Philosophia ao conjuncto de tres grupos de conhecimentos systematisados e methodisados: a Psychologia, a Logica e a Moral. E' a Philosophia Elementar. E' a Philosophia abolida pelo decreto citado, e a que julgamos necessaria ao estudo das sciencias juridico-sociaes

Para encetar o curso juridico-social o decreto estabelece a cadeira de Philosophia do Direito. Perfeitamente bem.

Poderá, porém, ser estudada esta philosophia sem o previo conhecimento da Psychologia, da Logica, da Moral e mesmo, da Historia dos systemas concepçionadores do mundo e do homem? Pensamos que não.

A Philosophia do Direito, perante o movimento scientifico hodierno, representa o complexo das idéas mais generalizadas, que foram abstrahidas das instituições e relações juridicas actuaes e passadas. O Direito não é mais um *filho do céo*; está sujeito a milhares de condições que precisam ser seriamente estudadas.

Sem o conhecimento do espirito humano, sem Logica, sem Moral, sem Historia, não comprehendemos o estudo da Philosophia do Direito, nem do proprio Direito.

“ Seja qual fôr a sua função, quaesquer que sejam os seus limites assignados á sciencia do direito, ou se augmente ou se diminua o seu campo de observação e de estudo — o que fica sempre fóra de duvida é que ella trata de uma ordem de factos humanos, tem por objecto um dos traços caracteristicos da humanidade, faz parte, por consequente, da sciencia do homem.”

Mas o homem de que ahi se trata, é o homem psychologico, o homem moral, o homem historico. Como deixar de reconhecer que a Psychologia e a Moral são estudos preparatorios aos que se dedicam ao curso juridico? Como considerar a Logica uma cousa imprestavel, quando se deseja dar ao ensino um caracter mais scientifico do que profissional?

Conhecer o lugar do Direito entre as outras sciencias, escolher os methodos, analysar, synthetisar, descobrir, investigar, tudo isto sem o corpo de doutrinas e de regras que se referem a verdade?

A mesma falta existe quanto a exclusão da Psychologia, tal como hoje se a considera.

Não comprehendemos o conhecimento do direito de um povo, independente da sciencia dos costumes. As funções da vida nacional, direito, não podem ser elucidadas sem as funções da vida universal, moral.

As noções sobre o homem, que podem ser adqueridas no curso de Historia Natural, preparatorio creado pelo citado decreto, são fracas para servirem de base a perfeita comprehensão da Philosophia do Direito e por consequente do proprio direito.

Não basta o conhecimento do homem zoologico,

Vejam os o programma de ensino da 1.^a cadeira do Curso Juridico-Social. Ahi se trata do lugar que compete ao Direito entre as outras sciencias, trata-se da Psychologia do Direito, do direito nos systemas philosophicos, da distincção entre o Direito e a Moral, da lei de hereditariedade, de consciencia e de outros pontos importantes, que, duvidamos, não poderão ser entendidos por aquelles que tiverem unicamente, as habilitações requeridas pelo decreto de 2 de Janeiro.

Esperar que cada um aspirante ao Curso, adquira, sem exigencia legal, os conhecimentos de Psychologia, de Logica e de Moral, indispensaveis ao Direito, é uma cousa possível; mas esta possibilidade deverá entrar nos planos de uma Reforma de Ensino?

Se é verdade que o methodo é a fonte de todo o saber, que todo o brilhantismo da sciencia hodierna nasceu do methodo, a Reforma de 2 de Janeiro apresenta-nos uma grande lacuna — a exclusão da Philosophia Elementar do numero das materias exigidas á matricula dos nossos Cursos Juridicos.

OLINTHO VICTOR.

Lili



Foi sempre assim : fransina e sonhadora
 Na meninice o seu olhar saudoso
 Mostrava já, como uma estranha aurora,
 Este luzir incerto e carinhoso

Que agora tem. Era uma alma feita
 De aspirações desconhecidas. Triste,
Lili não tinha o riso bom que enfeita
 A vida, e que é como uma lança em riste

Contra o cansaço e contra o desalento,
Cresceu, medrou qual uma flôr, que ao vento
Nunca entreabrisse a tímida corolla....

Mas veio um dia em que secreta móla
Fez-lhe bater o coração... E o vago
Olhar saudoso iriou-se como um lago !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

BIBLIOGRAPHIA

FRAGMENTOS JURIDICO-PHILOSOPHICOS, por *J. Isidoro MARTINS JUNIOR* — Recife, Typ. Apollo, 1891



Um magnifico livro acaba de publicar o nosso distincto collaborador Dr. Martins Junior que abrange diversos trabalhos seus sobre o difficil ramo da sciencia do Direito. A nitidez da impressão typographica, a correccão viril da linguagem, os pensamentos alevantados do illustre Professor de nossa Escola juridica deixam uma disposiçãõ agradabilissima no animo de quem abre e lê aquellas paginas tão bem burilhadas.

Nós gostamos de ler o que o Dr. Martins Junior escreve sobre Direito, porque, nem mesmo neste genero de estudo, a sua penna deixa de ter o colorido matizado, coberto de uma roupagem variegada e graciosa que caracteriza o estylo do estimavel poeta. Sempre a sua phantasia acha imagens para revestir os conceitos juridicos daquelle livro; de modo que á satisfacão que recebe o cerebro com a verdade incisiva da proposiçãõ, junta-se o prazer suave da alma, lavado pela expressãõ forte e bella do pensamento.

A' pagina 49, no segundo capitulo sobre as *intuições do processo*, ha cincoenta linhas que formam uma brilhante epopea, onde a porfia se mostram escrevendo o historiador poeta e o jurista philosopho. Bellissima synthese das façanhas dos dous povos que bateram-se heroicamente:—os barbaros de *olhos azues e feros, cabellos ruivos e estatura elevada* e o povo romano—, contrastando com a outra synthese do phenomeno geologico que formou, no periodo quaternario, o solo da velha Europa. Este quadro traçado com a mão firme de artista que sabe quanto vale o contraste no mundo intellectual; que está convencido destas magnificas palavras de Noire: — *In unserem gesammten Geistesleben ist das Princip des Gegensatz wirksam. Schon in dem ersten Schaffen des Menschengeistes, der Sprachbildung, waltet dasselbe unverkennbar und in bedeutender Stärke. Die Extreme wurden frucher wahrgenommen, als die leiseren Grade der Eigenschaft etc.* (1) este quadro em que um cataclysmo vem morrer no ponto em que o outro culmina, tem a importancia de conservar na memoria a opposição, que é a these do Dr. Martins Junior, entre a intuição romana e a germanica na vida pratica do Direito.

Mas seja-nos permittido uns leves traços de penna grosseira na apreciação do assumpto do livro.

Abre este com o *conceito da æquitas*, instituto vago, desde já o affirmamos, que impressionou desagradavelmente o illustre Professor.

Este estudo é feito methodicamente, prescrutando-se os conceitos sobre a *æquitas* dos povos que representam a victoria sangrenta da ileia do Direito. A intuição italo-romana, a franceza, a ingleza e a allemã se desenham, com todas as *nuances*, neste capitulo do livro. Os mais illustres philosophos e doutores da Sciencia juridica são conhecidos do Dr. Martins Junior, que lhes transcreve as palavras.

Esta psychologia estudada aqui confirma a necessidade do estudo da psychologia em todos os ramos das sciencias sociologicas.

Sommando, porem, todos os testemunhos, encontra o nosso illustrado collaborador para resultado de sua operação um *flatus vocis*, *pobre flôr inodora e exquisita, cultivada no jardim da phantasiæ*, applicando-lhe os bellos alexandrinos de Ackerman :

(1) Noire, Die Welt als Eutwecklung des Geistes, Verlag von & Comp. 1874, pag. 308.

L'image fugitive à peine se desine;
C'est un fantôme, une ombre, et la forme divine
En passant devant nous garde son voile au front....

Neste particular temos, com franqueza, opinião differente do que ahí vae escripto. O illustre Professor foi para com a *æquitas* de um *positivismo* por demais secco, exigindo nella os requisitos dos institutos positivos e praticos do Direito. Queria elle que a *æquitas* tivesse a sua definição, por genero proximo e differença especifica, claramente posta, como definições nos dão os juristas daquelles outros institutos. Já affirmamos que a *æquitas* é um conceito vago; mas nem por isto deixa elle de existir e ser apreciavel.

E' sabido que no mundo do Direito ao par dos sentimentos altruisticos campeam com predominio os sentimentos egoisticos, podendo se dizer até que estes, quando indispensaveis á existencia individual e ao seu desdobramento, sendo compatíveis com a vida social, dão a feição á maioria das relações juridicas.

Dahi vem que a norma juridica póde ser invocada por alguém, pura e simplesmente — porque lhe é util, e ainda que soffra e se prejudique um outro membro da associação humana. E isto quer dizer que as regras juridicas visam antes os interesses individuais, e só indirectamente os sociaes, do que os interesse do agrupamento com reflexão sobre os de cada homem: — *suum cuique tribuere*, diziam os Romanos do Direito propriamente.

Ora, a *æquitas* não é propriamente um destes institutos, feito e architectado pela técnica juridica para satisfação do principio a que esta serve:— não é um orgão que dê acção a uma necessidade existencial ou evolucional humano :

— A *æquitas* é puramente um principio que justifica uma operação logica; que facilita a applicação dos preceitos do Direito na sua vida objectiva.—

Verdade é que os methodos logicos servem antes de tudo ás necessidades intellectuaes; são recursos que facilitam á manifestação do pensamento na descoberta da verdade.

A *æquitas* não é, sem duvida um resultado dos principios intellectivos; antes, quando estes não acham margem e materia para pôr-se em jogo, aquelle sentimento assoma, fornece ao espirito bases suas, que revestem a forma de uma operação logica.

Estas bases não são as mesmas que sustentam o egoismo juridico; antes são aquellas outras sobre que se levantam soberbas as muralhas do *sentimento*.

Para nós a *æquitas* é a porta por onde se precipita no recinto do Direito a luz benéfica e vivificante do sentimento.

Considere-se agora na dificuldade que ha, em definir e delimitar os methodos de investigação scientifica, e em indicar por detalhes os casos de applicação de um com ou sem auxilio de outro, e bem comprehender-se-á o quanto de pezado tem esta tarefa, quando se trata da *æquitas*.

Todo o grande *cosmos* do sentimento ressent-se de um vago e indeterminado que nos leva a affirmar que o *sentimento* é, sem saber *donde elle é e como é*. Quem, apesar de *sentir*, será capaz de bem definir o sentimento ?

Toda uma escola baseada na "hypothese de um ser natural uno, a cujas propriedades pertencem o movimento (*Ausdehnung*) e o sentimento (2)", ainda não pôde nos desvendar esta segunda propriedade, dando-nos della uma noção clara, precisa e positiva. E como o poderemos fazel-o em uma de suas mais longiquas manifestações ?

Ninguem ousará affirmar que o sentimento não tem construcções suas, tão irrecusaveis quanto ao da intelligencia propriamente dita, segundo a sabia distincção de Schopenhauer. O que tambem é innegavel é — que naquellas ha uns clarões de luz alvadia e vasillante, producto deste fóco mysterioso que nos dá a alma o prazer que sorri, e á dôr que lacrimreja, ao passo que as obras da intelligencia tendem a perder este vago nos seus grandes principios, relegando-o para a cumiada do edificio juridico, onde vaguea o ideal do Direito.

Que importa que seja protheica a equidade ? Protheica era ella entre os Romanos, mas protesta contra o *jus civile* e espirituallisa o *jus gentium*."

Muita vez synonyma de egualdade, ella *nivela* as condições humanas, não com a segurança de principios da pura *egualdade*, destruindo as pretensões excessivas de uns para unificar o meio existencial de todos ; mas elevando o fraco, que não tem em seu favor a regra tesa do Direito, pelo principio de que a pretensão que não offende direitos alheios deve existir e fazer-se respeitar, ainda que não esteja formulado em norma obrigatoria.

ADELINO FILHO.

(Continua)

O MEU ALBUM

(Continuação do n. 3)



ntão abracei a theoria de Choné : no admiravel encadeiamento dos reinos mineral, vegetal e animal, tão intimamente ligados entre si, de maneira que não se pôde comprehender um independentemente do outro, pareceu-me que a solução do mysterioso problema estava em attribuir a vida ao atomo e em não ver nos diversos modos de ser dos individuos senão uma questão de maior ou menor complexidade de agrupamentos de atomos.

Assim a combinação de atomos produziria a vida chimica, a combinação de moleculas a vida physica, a combinação de cellulas a vida physiologica, a combinação de orgãos a vida psychica.

Só depois de muitas decepções comprehendi que não vale apenas cançar o cerebro procurando a essencia da vida; na questão da vida como manifestação *sui generis* da materia não podemos ir alem da hypothese do *transformismo*, hypothese engenhosa e cheia de futuro, pela qual todas as especies vegetaes e animaes provieram por evoluções continuas, por aperfeiçoamentos successivos, de um mesmo tronco commum, base da vida, a maravilha das maravilhas, o mysterio dos mysterios.

.....

Ali, Maria, n'aquelle monte, coberto, de verdor e pollen, junto áquella palmeira, em cuja cabeça vês brilhar todas as tardes a estrella do pastor, é que havemos de construir a nossa casinha côr de rosa, um prodigio de engenhosidade e de gosto, proprio para os nossos olhares e sorrisos; um ninho encantador de sombra e frescura, onde poderemos vêr nos olhos um ão outro o que se passa em nossas almas; um retiro furtivo e mysterioso, onde não seremos visitados senão pelo sol, que todas as manhãs virá dar-nos bom dia; ali sim, Maria, é que nós, não tendo outros bens de fortuna senão o espaço, o ar, a luz, havemos de passar a nossa vida, cheia de innocencia e candura, até que um dia a morte venha buscar-nos para o seio da terra, onde transformando-nos em plantas, flores e perfumes, tornará a nossa morada um encanto dos encantos para outros que amem-se como nós.

.....

Depois que, entre mil cruezs soffrimentos, morreu em mim a ideia de um Deus de bondade e harmonia e eu fiquei abominado no seio das transformações sem fim da Vida e da Morte, somente tu, vasto, immenso, profundo, podes mitigar um pouco essa sede extranha, insaciavel de infinito, que atormenta, que tortura, que devora todo o meu ser.

Contemplando as tras planicies azues sem fim, os teus deslumbrantes montões de luz, os teus maravilhosos mares de metaes em fusão, e que não maldigo com lagrimas de orphão a desapiedada sciencia, que estancou a fonte generosa do mysticismo que existia fresca e perfumada como uma flor no intimo do meu coração.

Só nas alturas onde as esferas celestes rolam no espaço em ondas de harmonia posso esquecer o que de doloroso e repugnante existe na terra, o dente do tigre, o veneno da vibora a crueldade do homem.

A noite, quando tudo dorme, no olhar sereno das estrellas é que minha psyché, fugindo com horror do vacuo, busca consolo para o sentimento que a enche de profunda melancholia e em Sirius, que virá a ser para nós a fonte de todo calor de todas as cores, de todos os perfumes, de todos os esplendores, de todas as maravilhas, se a Terra vier a perder o Sol, é que ella começa a edificar o seu oasis de esperança.

.....

Travei ultimamente conhecimento com um ser superior, digno de toda attenção, um individuo que lê na alma como um Balzac ou um Shakspeare, e na historia como um Richelieu ou um Talleyrand, um homem extraordinario, que conhece todo o mecanismo dos interesses e das paixões humanas, que sabe tudo, philosophia, politica, arte, religião, e que possui como ninguem a sciencia da vida.

E' um solitario que, ha annos, desapareceu da sociedade e foi encerrado pela familia n'um asylo de alienados.

Dizem que soffre de alienação mental, mas é um louco, que tem uma conversação tão original como a sua physionomia, uma conversação que prende, que interessa, que apaixona, que fascina o ouvinte, porque não se compõe de lugares communs, dessas phrases convencionaes, que são repetidas a cada instante e que deixam-nos uma eterna vibração nos ouvidos, phrases que nos acompanham por toda parte e que são, por assim dizer, a athmosphera que respiramos,

A primeira vez que me viu, este grande homem deu-me um des- ses apertos de mão, largos e affectuosos, que tocam ao coração, e fazendo-me sentar ao seu lado, sobre um banco, disse-me em voz quente e apaixonada, mas sempre justa e discreta :

— Meu caro amigo, permitta-me que assim o trate, em primeiro lugar porque a loucura não envergonha senão aos parentes, em segundo lugar porque as almas entram na atmosphera das almas por um irresistivel poder de attracção, justamente como as esferas celestes...

Mas, como d'zia, meu caro amigo, sinto-me feliz neste momento por ter junto a mim um homem, que sabe portar-se em face da comedia humana, um homem que sabe rir e o riso dá elasticidade aos musculos, vida ao cerebro. O riso é, como o meu caro amigo escreveu ha bem pouco tempo, uma força divina, que desenvolve, engrandece e torna o homem superior a todos os animaes.

— Rabelais, Molière, Voltaire, rindo com elegancia, graça e magia, prestaram mais serviços á humanidade do que todos os philosophos, moralistas e prophetas, porque o homem é um animal que não corrige-se senão á custa de muita gargalhada.

— O riso é o mais expressivo e expontaneo dos movimentos estheticos e a esthesia é privilegio das organizações mais perfeitas e acabadas, daquellas organizações, que possuem no mais alto gráo o sentimento da ordem nas diversas cathogorias das cousas.

— O riso é a mais poderosa força de selecção na lucta pela civilisação, Fazendo rir, foi que Cervantes acabou com a loucura da idade media, com a mania da cavallaria.

O verdadeiro livro da sabedoria humana não é a Bíblia nem o Alcorão; mas o immortal Don-Quixote, provocando mais gargalhadas do que Alexandre, Cesar e Napoleão produziram lagrimas.

— A historia de minha entrada para esta casa é simples: por morte de meu pai, achando-me senhor de uma grande fortuna, para escapar a dolorosa consciencia do vazio de minha existencia, da inutilidade de minha vida, procurei consagrar toda a minha actividade em melhorar a sorte da humanidade.

— Amando a especie humana com um amor sem limites, fiz-me revolucionario, mas revolucionario sem sede de vingança e de massacre. A maneira de Shelley, não desejando o soffrimento de ser algum vivo, tratei de evangelisar a reorganisação do mundo pela reconciliação e piedade universal.

— O meu ideal era transformar como em *Laon e Cythna*, "o co-

ração mais immundo em um paraizo de flores, onde a paz podesse edificar seu ninho."

Na lucta entre Ormuzd e Ahriman, para alcançar a victoria do bem contra o mal, comprehendí que era preciso fazer despesas: fundei escholas, publiquei livros, levantei hospitaes.

Pensava então em realisar mil sonhos, que tornariam o homem verdadeiramente grande, nobre e feliz, quando, cousa admiravel-fui declarado prodigo e interdicto de dispôr de meus bens,

— Não consentindo-me a sociedade trabalhar em beneficio da humanidade, fiz-me epicurista: frequentei os clubs, os theatros, os salões. Apesar de meus modos de urso não faltaram damas, que admirassem o meu espirito e cavalheirismo.

— A minha fortuna não tardou em tocar profundamente o coração de um encantador anjo de bondade e ternura, e tudo ia bem e de pressa, sentindo-me feliz e confiando na minha boa estrella, que certamente não me traria uma mulher para mais tarde fazer-me beber por entre mil beijos as lagrimas hypocritas do adulterio, quando os meus herdeiros lembraram se de que era um crime, que commettiam, permittindo o casamento de uma gentil creatura com um homem predisposto á loucura e ao suicidio.

— Por intermedio de um advogado, parente e amigo do juiz, foi requerido um exame de sanidade para provar-se que eu estava louco!

— O juiz nomeou á sua vontade os medicos, que deviam dar o seu parecer sobre o meu estado mental..

Depois de muitas perguntas, de muitas investigações sobre os meus antepassados, que morreram todos de velhice, de muitos interrogatorios aos meus herdeiros, de muitas apreciações sobre os meus actos de philanthropia e beneficencia, concluíram os peritos jurando *sob a fé de seu gráo*, que eu estava louco, e que devia ser recolhido a um hospício de alienados.

— Ha dez annos que habito esta casa e ha dez annos que o medico affirma que estou inteiramente curado. Sou eu, porem, quem faz acreditar a todos que me visitam, que a minha loucura augmenta dia a dia.

— acredite o meu charo amigo que acho-me aqui por gosto. Seria posto immediatamente em liberdade, se quizesse.

— Penso com um distincto humorista que os medicos alienistas são tão accessiveis á lisonja como todos os outros homens. Para alguém fazer acreditar que não está louco, basta affirmar que estive

doente, mas que graças á sciencia medica, acha-se completamente restabelecido.

— E' com a mais profunda satisfação que eu e meus companheiros permanecemos nesta casa, em cuja entrada não se lê a terrivel inscripção que Dante pôz a entrada do *Inferno* — *Lasciatl ogni speranza, voi che' ntrate*. Pelo contrario aqui tudo toma uma côr rosea e parece rejuvenescer.

— Vês aquelle homem tão contente e feliz? E' o mais rico do mundo, possui todas as minas de diamantes da terra. Ainda um desses dias offereceu a filha de um capitalista um fabuloso *bouquet* daquellas deslumbrantes pedras brancas.

— Aquelle outro, que traz a fronte enrugada pelo pensamento, é um sabio, para quem o futuro não tem formas vagas e indecisas; admira vê-lo descrever em seus menores detalhes os factos importantes, que vão realisar-se entre as gerações vindouras. E' uma especie de propheta, para quem as creuças politicas e sociaes são advinhações de um futuro mais ou menos proximo. Prevê uma epocha em que os homens attingirão a uma perfeição quasi divina e em que os governos exercerão sobre o mundo uma sorte de providencia.

— Mas adiante, aquelle individuo de porte altivo e olhar ardente, cheio de chammas, é o typo do guerreiro do futuro, está de posse dos mais terriveis meios de destruição e vive convencido de que, quando quizer, fará voar a terra em estilhaços pelo espaço.

— Aqui, meu caro amigo, não ha dias tristes nem aborrecidos, nem individuos atormentados da vida, desesperados da sorte. Cada um decreta sua felicidade, porque cada um tem o direito de ser o unico rico, o unico virtuoso, o unico sabio.

— Tratam-nos de loucos porque com um admiravel poder de imaginação affirmamos em prosa que a flor canta, que a estrella sonha, que o ar chora, entretanto que julgam estar em seu perfeito juizo o poeta que diz todas estas mesmas cousas em verso.

— Agora passo a tratar de um ponto importantissimo, para o qual chamo a vossa attenção, um ponto, que deve interessar-vos extraordinariamente n'uma epocha, em que é prova de talento falar muito sem nada dizer, um ponto que é um consolo, um allivio para quem é obrigado a ouvir sem pestanejar as tolices e logares communs que se dizem quer pela tribuna, quer pela imprensa; refiro-me ao *ponto final*, que muitas vezes informe e incolor produz n'alma o mesmo effeito do brilho suave das estrellas.

ARTHUR ORLANDO,

Nº 10
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 10 DE JUNHO DE 1891

Contribuições para a história do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

(Continuação)



Para a conservação da familia e manutenção do culto dos antepassados era preciso que as mulheres fossem fecundas, que tivessem filhos. D'ahi a consideração da mãe de familia que conseguia se rodear de uma prole numerosa. Entretanto, como a natureza podia ser avára ou cruel, si acaso uma egypcia enviuvava sem ter concebido, o irmão do marido morto devia tomar o lugar que elle deixava vago ao lado da joven esposa (1). Esse costume foi adoptado pelos hebreus que muito imitaram o povo em cujo regaço se desenvolveram e é conhecido pelo nome de *leviração*. Também na Índia havemos de deparar essa mesma preocupação da descendencia e os mesmos recursos para obtel-a.

Um outro meio imaginado para remediar a falta de progenitura era a instituição da adopção, e Joseph, nas suas *Antiguidades judaicas*, afiança que ella creava os direitos hereditarios em sua plenitude.

(1) Pastoret — *Op. cit.* — vol. II, pag. 223. Este costume se encontra em muitos povos em todos os recantos do globo. Pode-se dizer que é um facto grale em um dado periodo da evolução social.

Encaremos agora uma outra face do direito egypcio, a que regula as relações da vida commercial. Pelo dizer de Diodoro foi no tempo de Baches, isto é Bokenranw, segundo rei da 24.^a dynastia, que se promulgaram as primeiras leis sobre o commercio. Essas leis ordenavam que uma divida mesmo baseada em documento escripto não podia ser augmentada pelos juros sinão até quantia equivalente ao principal, e que o juramento podia desobrigar o débito de uma quantia não fundada em contracto escripto. Até esse tempo o credor podia enviar á prisão o devedor insolvel, o que já era um progresso sobre o direito de vida, e sobre o direito de reduzir a escravidão o insolvente. Baches derogou essa lei que mais tarde havia de revolucionar a plebe romana e apenas admittiu que o credor tomasse conta dos bens do devedor para saldar o seu débito.

Mas antes deste rei, já Asythes, (Aseskaw, successor de Menkara e pertencente á quarta dynastia), para facilitar as transacções, permittiu que o filho desse, em penhor de sua divida, o cadaver embalsamado de seu pae. Esse penhor era de uma força que hoje difficilmente se avalia relaxados e frouxos como andam os elos que vinculam os membros da familia e morto o culto dos antepassados. E, além da influença fortissima do familismo, o devedor pignoratício da especie indicada, sabia que, si não retirasse o sagrado deposito que confiára em garantia de sua divida, seria privado das honras funebres, o que era chamar sobre si um opprobrio infamante, um anathema terrificante.

O direito internacional e a historia dos tractados não pode esquecer que no Egypto se organisaram os seus primeiros monumentos, dos quaes não nos restam mais do que indicações de assumpto e de algumas datas.

E' a um de seus deuses, Horus, que attribuiam os egypcios o primeiro tractado de alliança contra Lido entre sua nação e uma rainha africana. Asseveraram tambem que desde tempos immemoriaes existiu entre elles e os habitantes da Attica que pretendiam ter sido uma colonia sua, certos factos de amizade e commercio.

No entanto, o primeiro tractado historico, propriamente dicto, é o contrahido entre Ramses II, e Khetosar, rei de Kheta, para ser estabelecida a paz e garantida a alliança offensiva e defensiva entre os dois principes. Este tractado suppõe outros anteriores cujo conteúdo se desconhece, embora se conjecture que deviam ser semelhantes á este. Foram estipuladas entre os dois principes que viam de se bater em cruenta guerra muitas clausulas cujo resumo é

o seguinte: 1.º a promessa de que se algum inimigo marchasse contra qualquer delles o outro, por si ou por um seu logar tenente, correria a destruir as hostes adversas; 2.º certas medidas tendentes á assegurar e proteger o commercio e a industria de ambos os paizes; 3.º a extradição dos criminosos e dos transfugas que, tentando subtrahir-se ao imperio da lei, se homiziassem em qualquer dos paizes que obedecessem ao mando dos dois soberanos pactuantes; 4.º a entrega tambem, e nas mesmas condições, de qualquer operario, pois que a liberdade de locomoção não si estendia além das fronteiras do paiz para esses infelizes servos da gleba ou do officio. Mas, como o artifice expatriado não era um criminoso, recommendavam os magnanimos principes que se lhes não destruíssem as casas, que não lhes matassem as mulheres, nem lhes ferissem nos olhos, na bocca, nem nos pés.

Alem desse importantissimo tractado, o mais antigo vestigio authenticico do direito publico internacional, Herodoto nos fala de allianças de Amosis (*Ahmés*) com os gregos, os cyrenaicos, os Lydios e com o principe de Samos (2).

Um outro facto que se prende a historia do direito internacional é a abertura dos portos egypcios aos navios estrangeiros no tempo de Psametik. Antes delle só a cidade de Naucrates era franqueada ao commercio externo. Mas aqui a força suggestiva deste melhoramento foram as necessidades de expansão commercial. Tambem por exigencias das relações creadas pelo commercio nacional e estrangeiro havia sido creado em Naucrates, um tribunal especial para julgar as contendas, naturalmente á luz do direito das gentes, como o *pretor peregrinus* em Roma. Alguns pensam que se tracta, no caso egypcio, de um tribunal do commercio, e outros, que de uma agencia consular, mas opino com Pastoret que todas as materias lhe eram submettidas, uma vez que fosse parte interessada um estrangeiro.

A sociedade egypcia estava dividida em classes, segundo as profissões que se transmittiam invariavelmente de geração em geração, não podendo os filhos escolher outro officio que não fosse o de seu pae. Estas classes ou castas são diversamente enumeradas pelos historiadores. Parece que seguir Herodoto é, neste caso, ter melhor garantias de me aproximar da verdade. O velho e sisudo historiador, diz-nos que essas classes eram sete: sacerdotes, militares,

(2) Herodoto II, § 181 a 182 e I, § 77;

commerciantes, pastores, guardadores de porcos, pilotos e interpretes. A esta enumeração apenas devem fazer-se dois reparos. O primeiro é que a profissão de intérprete só foi organizada depois que Psametik abriu os portos egypcios ao commercio estrangeiro e procurou introduzir em seu imperio certos costumes gregos.

O segundo reparo é que, sendo a riqueza do Egypto, a do solo, e o seu principal commercio a exportação de papyrus, fructos e outras produções agricolas, não se fale na classe dos agricultores, que aliás é contemplada por Diodoro.

As duas classes privilegiadas eram a dos sacerdotes e as dos militares. Os padres estavam isemptos dos impostos que pesavam sobre as outras camadas da população, e pode-se dizer que monopolisavam a sciencia e a riqueza. Eram elles os juizes, os medicos e muitas vezes, os arrecadadores dos impostos.

Os militares, subdivididos em Kalasirios e Hernotibios, eram tambem proprietarios de terras isemptas de imposto, mas não gozavam talvez de tantas regalias quanto os padres, o que não quer dizer que uns e outros não andassem unidos pelos laços de familia e amizade. Um documento egypcio pinta a vida do militar cheia de vexações e canceiras e a das classes inferiores amargurada pelos soffrimentos e pela miseria, ao passo que exalta o viver do padre.

A classe dos guardadores de porcos era considerada como impura, não podia penetrar nos templos nem contrahir nupcias com as outras castas superiores.

(*Continua*)

CLOVIS BEVILAQUA.

O RIO GRANDE DO SUL



Quando o vapor que nos conduz do Rio de Janeiro ao sul não toca nos pequenos portos de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, ao fim de cinco dias de viagem, pela manhã bem cedo, chegamos á interessante cidade do Rio Grande, uma das mais importantes do Estado,

Se o tempo é bom, como geralmente succede no estio, a entrada é relativamente facil, dependente apenas do crescimento das aguas para os paquetes de calado superior a dose palmos. Quando, porem, a estação é má, como acontece no inverno, ficamos muitas vezes á barra, durante quatro e mais dias, á mercê dos temporaes que frequentemente desabam sobre aquella costa longinqua do Atlantico.

Nessa muda contemplação em que ficamos, nas flutuações do monstro que se convulsiona a nossos pés, a vista tem deleites terribes entre o espelho traçoeiro do mar e o vacuo infinito do ceu; e então o espirito sente todos os arrebatamentos dessa poesia sinistra, que resulta dos dois principios medonhos em frente um do outro, a medir-se colericamente, pavorosamente. A respiração enfraquece, o olhar desvaira-se num mêdo ignoto e o coração bate com a desordem do panico.

Cada nuvem que passa figura-se-nos a mortalha em que vamos desaparecer no abysmo, cada vagalhão que se precipita sobre o navio é a sepultura que nos deve receber.

Essa demóra á tona do grande elemento liquido, a revolver-se em contorções desesperadas, produz-nos o horror do abysmo, a cujas bordas nos conduz o destino; e alli ficamos, na perplexidade do assombro, até que um bello dia o navio investe sobre o porto da cidade, que repousa tranquillamente a poucas milhas de distancia. Então respira-se o ar da grande vida continental; os pulmões dilatam-se num ambiente purissimo e a vista começa a animar-se das alegrias palpitantes de um povo intelligente e forte, cujas tradições de civismo e heroicidade lembram os famosos companheiros de Leonidas.

A cidade do Rio Grande, que se avista á distancia de cinco milhas mais ou menos, assenta sobre uma planície de arêa, á margem direita do canal que conduz ao mar, com excellente porto onde fluctuam garbosamente embarcações de todas as nações do mundo e guarnecido de um vigoroso caés de cantaria de muitos metros de extensão.

Por entre a edificação antiga que ainda imprime á cidade uma certa feição pesada, ha, nas ruas principaes, edificios de gosto moderno, elegantes, em que realçam imponentemente os estylos mais vistosos de todas as ordens architectonicas antigas e modernas.

Fundada quando pouco se cuidava no Brasil dos principios que

tanto embellezam as construcções particulares, suas ruas, na parte antiga, são em geral irregulares, cheias de reentrancias e saliencias, porem de casas grandes e sobrados, cujas tintas se renovam todos os annos, na estação calmosa. Tem excellentes praças, de areas consideraveis, como a da *Giribanda* e a *Municipal*, mas quasi todas em esqueleto, tristes, no seu estado primitivo, a excepção da ultima, que constitue o ponto principal de reunião dos rio-grandenses durante as tardes e as noites de verão.

E' nesta praça que fica o jardim publico da cidade, regularmente arborizado, com extensas e verdes cercas de luxo, formando alamedas em todas as direcções, quasi inteiramente cobertas pelo emmaranhado da ramaria luxuriante das arvores, que por alli expandem a sua vida.

No inverno cahem as folhas dos arvoredos, desaparece aquella vegetação exuberante que purificava o ar da cidade no estio e tudo aquillo parece morto e abandonado.

Volta, porem, o sol do verão com o seu calor fecundante e creador, rejuvenecem as arvores que pareciam mortas á mingoa do grande elemento, desabrocham as margaridas e as rosas e começa de novo a concorrência da população rio-grandense áquelle ambiente perfumado e sadio, desde ás quatro horas da tarde até ás dez da noite.

Senhoras e cavalheiros, trajando elegantemente á moda mais recente, vão confundindo os aromas das suas *toilettes* custosas, com o aroma das flores, num vae-e-vem constante, e durante aquellas horas leva-se a vida alli como em grande e sumptuosa sala de recepção.

Tudo vae ter á praça; negociantes e empregados publicos, militares e padres, italianos, medicos e advogados, jornalistas e vagabundos, matronas e donsellas. No turbilhão que se agita, e como uma nota picante desse concerto de limpidas voses, passam tambem as *marions* e os *Rollas doentios*, com toda a insolencia das suas dissipações physicas e moraes.

E' nesse pitoresco e bello jardim, principalmente, que se urdem os dramas e as comedias eternas do amor; é ahi que, muitas vezes, sob uma arvore antiga, realisam-se altas combinações mercantis; discutem-se planos politicos e critica-se a vida da cidade.

Dahi vão muitas vezes para os clubs de dança, onde passam parte da noite, na franca e boa amisade provinciana.

A dança é uma das paixões mais vivas do rio-grandense, em geral. Dança-se em toda a parte: nos clubs carnavalescos, nas bi-

bliothecas, nas philarmonicas, nas casas particulares e ainda nos clubs exclusivamente destinados a esse divertimento. Têm entretanto o maior cuidado em convidar os forasteiros, a quem em suas festas dão sempre o primeiro lugar, o melhor tratamento e o mais delicado pár, nas walsas e nas masurkas. Esta paixão é entretanto notavel nas cidades de campanha, como em Jaguarão, onde a dança tem tomado as proporções de uma instituição cuja necessidade todos sentem; por quanto as alegrias das cidades principaes raras veses chegam até alli.

O Rio Grande, em suas condições normaes, é uma cidade muito animada e aprasivel. As companhias de todos os generos theatraes, que visitam o Estado, aliás frequentemente, não entram ou sahem sem tocar no Rio Grande onde deparam com dois excellentes theatros para as suas exhibições artisticas, a que não é indifferente a população.

Alem disso tem uma importante companhia de bonds, cujas linhas, partindo dos pontos principaes da cidade e percorrendo as ruas mais concorridas, vão terminar á uma distancia de meia legoa, num parque ainda em começo, para onde, nas tardes quentes e aos domingos, concorre grande parte da população, em busca do ar e das bebidas refrigerantes que alli se encontram.

Desse parque, assim esboçado, parte uma ferro-via que vae terminar á costa do mar grosso, numa distancia de 17 a 18 kilometros em uma das mais bellas praias de banhos que eu tenho visto, para cujo fim fundaram-se estabelecimentos importantes, com muitas accommodações, confortavelmente dispostos; hoteis que obedecem ás maiores exigencias da sua especialidade e tudo isso vae transformando aquelle sitio; ha tres annos solitario, em uma cidade das mais pittorescas do Estado do Rio Grande do Sul.

Tudo quanto ha de mais aristocratico pelo talento, pela fortuna e pela formosura, vae para alli, agora, durante a estação dos banhos.

Mandam-se vir riquissimas *toilettes* de Montividéo, Buenos-Ayres e do Rio de Janeiro, comtanto que as damas se mostrem o mais luxuosamente adornadas, até quando se lançam as ondas traiçoeiras do mar.

Algumas, no exagero das roupagens voluptuosas, deixam perceber formas esplendidas de uma correcção esculptural, em que o pintor de genio encontraria o modelo que tantas vezes idealisara; outras, ao contrario, produzem decepções tremendas, capases de ar-

rastar um poeta romantico ao suicidio, ou a quebrar a lyra doentia, com que fazia endoidecer as Julietas de bordél.

As manhãs, nesse bello recanto do velho Atlantico, são de uma alegria ruidosa e franca ! Arfam os seios rijos ao cansaço dos folgedos descuidosos, sobre as arêas movedissas, e soltam-se os cabellos opulentos, de todas as cores predilectas, uns negros como florestas virgens em noites tempestuosas, outros de um louro purissimo cujos fios doirados se espargem indolentemente sobre os hombros irreprehensiveis de suas graciosas donas.

E' a vida em toda a plenitude das suas grandes expansões !

O que entretanto mais impressiona o viajante na cidade do Rio Grande é a fabrica de tecidos — *Rheingants* — cujo estabelecimento é um modelo do trabalho intelligente e largo, de que vivem mais de quinhentos operarios, que a gente vê entrar bem cedo e sahir ao pôr do sol, radiantes dessa alegria bôa e calma, que provem do labor compensado. Nesse importante estabelecimento encontra o proletariado do Rio Grande lenitivo á todas as desventuras e a todas as necessidades mais palpitantes da vida: pão abundante, escola de ensino primario para seus filhos, medico contratado para o serviço sanitario de todo o pessoal da fabrica e até uma banda de musica muito regular, com que se divertem grandemente nos momentos de coser. Chega-se alli, percorre-se as salas e os armazens, onde funcionam as machinas que activam os teares e em que se depositam as materias primas para os tecidos de lã e algodão e volta-se com a convicção de haver encontrado uma coisa seria na industria do paiz, um grande elemento de civilisação e riqueza.

Nunca passei por semelhante fabrica que não me sentisse orgulhoso e que o coração não me palpitate radioso !

Na cidade do Rio Grande, como em todas as outras do Estado, não se pede esmolas, nem se morre á falta de um abrigo de caridade.

Alli não se ouve essa musica plangente e dolorosa, com que depara o viajante, logo ao chegar á capital de minha terra, pelas pontes e pelos sitios mais concorridos, desde o romper da aurora até a madrugada fóra.

Eu comprehendo que semelhante verdade não póde agradar aos meus patricios, mas é necessario esta franquesa bruta.


Um dos primeiros cuidados do povo rio-grandense ainda mesmo pelas cidades mais insignificantes, é minorar a sorte dos desgraçados; o nosso primeiro cuidado, não sei....

O que entretanto não soffre contestação é que temos uma capital como não a tem o Rio Grande do Sul.

Porto-Alegre, todavia, será o meu objecto de um outro proximo artigo, se, como se diz, não me enviarem em estudos de antiguidades egypcias.

DANTAS BARRETO.

SIMPLES QUADRAS



Poetas, porque viveis
Metrificando balladas,
Rimando amores e a tez
Das vossas mil namoradas,

Porque levais a existencia
A' procurar, nos profundos
Olhos das virgens, os mundos
Dos gozos em quinta essencia;

Por sempre andardes ouvindo
As symphonias das auras
E julgardes-vos (que lindo!)
Petrarchas de novas Lauras ;

Por terdes continuadamente
Os corações traspassados,
Cantando, como os magoados
Sabiás na palma virente ;

Porque amais a flor, o céu,
O branco setim do luar,
O azul, os campos, um véo
Que ensombra o sol de um olhar;

Porque scismas ao sol posto
Em desalinho romantico
E ouvis o sagrado cantico
Do mar, contando um desgosto ;

Por serdes doces bem como
A nota de um violino,
Desejaveis como um pomo
E ternos como um menino ;

Poetas ! não se concebe
Que deserteis desta luta
Em que nest'hora labuta
O rei, o clérigo, a Plebe !

Bardos fataes das *modinhas*
Ouvi !— A arte não é
A curva qualquer de um pé
Ou de um perfil certas linhas.

E nem o Amor é apenas
A aphrodisia unctuosa
Que vós rimaes, nas serenas
Noites de lua saudosa.

Vates ! Amar não impede
Que sejamos uteis, fortes,
Potentes como cohortes,
Sonoros como harpas. Crede !

O Amor tenhamol-o, sim;
 Cantemol-o inteiro e puro;
 Mas o largo Amor sem fim
 Que vae da esposa ao futuro.

A trova, o verso moderno
 E' como um punhal dourado;
 Contêm lampejos de inferno
 E maciezas de prado!

IZIDORO MARTINS JUNIOR

A QUESTÃO SOCIAL



mais ameaçadora, mais terrível do que nunca surge a questão social : quem a não vê provocando protestos e indignações em face d'aquelle; que gozam com o soffrimento alheio; em face da miseria, que mata a alegria e a esperança ao mesmo tempo que engendra a indignidade e a abjecção; em face da abominavel exploração do homem pelo proprio homem.

Em um livro tão original quanto consciencioso, do conde Leão Tolstoï, encontra-se a seguinte passagem, que é como que uma photographia do mal horrível, que ataca a saude do organismo, a cuja sorte estamos ligadas.

“ Ces femmes qui s'en vont au bal dans une robe de cent cinquans roubles ne sont point nées au bal ou chez Mme. Minangoy; chacune d'elles a habité un village, a vu des moujiks; elle a une rivania, une bonne dont le père et les frères sont de pauvres gens qui à gagner cent cinquante roubles pour l'isba, consacrent une longue

vie, une vie de travail; elle le sait; comment peut elle donc s'amuser, sachant qu'elle porte sur son corps nu cette isba, le rêve du frère de sa bonne ?

“ Supposons toutefois qu'elle n'ait pas pu faire cette observation. Mais ceci, que le velours et la soie, et les bonbons et les fleurs, et les dentelles, et les robes ne se font pas tout seuls et qu'il faut des gens pour les faire, ceci, semblait-il, elle ne pouvait, semblait-il, ignorer quels êtres font tout cela, dans quelles conditions, et pourquoi ils le font. Elle ne pouvait ignorer que la couturière, dont elle était si mecontente, lui avait fait cette robe non par amour pour elle, mais par nécessité: de même pour les dentelles et les fleurs et le velours.

“ Peut-être encore qu'elles ont l'esprit trop obscurci pour considérer même cela. Mais ceci, que cinq ou six serviteurs des deux sexes, vieux, respectables, souvent malades, se privaient du sommeil et prenaient peine à cause d'elle, elle ne pouvait l'ignorer, ayant vu leurs visages fatigués et zenfrognés. Elle ne pouvait non plus ignorer que, cette nuit là, il gelait à 28 degrés, et que le vieux cocher passait la nuit entière assis sur le siège.

“ Mais je sais que précisément elles ne voient pas cela. Et du moment que ces jeunes femmes, ces jeunes filles, hypnotisées qu'elles sont par le bal, ne voient point tout cela, on ne saurait les condamner. Elles font les pauvrettes, ce que les adultes trouvent bon; mais les adultes comment expliqueront-il leur cruauté envers des êtres humains ?

N'estas condições o que fazer ?

Para responder a esta interrogação resta saber o que é a questão social.

Trata-se de um problema político, do advento de um *novo estado* ou simplesmente de uma especie de indisciplina social, devida ao atrazo de certos elementos da collectividade ?

De Castellanie, afirma que “ é menos do soffrimento dos humildes, da impossibilidade de melhorar materialmente sua sorte do que da politica, que nasceu essa necessidade de equilibrio, essa sêde de protesto que, sobretudo no centro da Europa, sobe ás veias do proletario ” .

“ Na França, continúa o citado escriptor, Napoleão III teve mais parte na origem da questão social do que Assyno Kreuzot, do que mais tarde os grevistas de Decazeville ou de Tourcoing. A centralisação excessiva, de que o segundo Imperio se mostrou tão cioso

matou todas as iniciativas no trabalhador, da mesma sorte que no eleitor.

A terceira republica não se mostrou menos centralisadora do que o Imperio. Foi pelo Estado que ella procurou tratar a miseria em lugar de levar esta a se tratar pelo esforço reunido dos individuos. Ella não nos deu os bancos populares de *M. Schultze-Delitche* nem as *Bauern Vereine* do barão Schorlemer-Alot..

“ A conferencia de Berlim girou sobre esses actos do Estado. Não são mais somente a Republica franceza e o imperio da Allemanha que lançaram aos quatro ventos da Europa a questão social ; são todos os estados do continente.

Fez se de repente nas altas espheras governamentais de todos os paizes civilisados uma conspiração ante-burgueza, senão ainda anti-capitalista. Os reis e as republicas declararam no mesmo dia guerra a todos os terceiros estados. Elles lhes disseram:

“ — Vossos lucros são muito consideraveis; os do trabalhador são muito diminutos ”

Em sentido contrario se manifesta A. Coste, quando em seu precioso livro — *Hygyene Social contra o Pauperismo*, escreve :

“ No seio de uma sociedade bazeada sobre a divisão do trabalho e sobre a concentração das forças productivas, que exige capital, previdencia e respeito para com as auctoridades moraes, não ha entretanto, capital sufficiente, nem previdencia pessoal nem respeito para com aquelles que estariam em estado de supprir a essas faltas essenciaes. Ha inferioridade intellectual e moral do individuo em relação a um estado muito avançado para elle, e consequentemente uma falta de adaptação a uma organização para elle muito requintada e muito complicada.

Mais se refinaria a sociedade, mais se dividiriam as funcções, mais se centralisaria a industria antes de ter levado as partes retardarias ao nivel das outras, antes de ter preenchido, em parte pelo menos, as lacunas de saber e de arte que as separam, e mais se veria augmentar a desigualdade e aggravar o pauperismo.

“ Ha, portanto, verdadeiro contra-senso em pretender curar o mal popular por um desenvolvimento muito apressado da civilização superior, por uma complicação mais refinada da organização social, em uma palavra, por uma solução socialistica.”

(Continua)

BIBLIOGRAPHIA

FRAGMENTOS JURIDICO-PHILOSOPHICOS, por *J. Isidoro MARTINS JUNIOR* — Recife, Typ. Apollo, 1891

(Continuação do n. 9)



este sentimento delicado, esta filigrana da alma humana na elaboração de sua perfeição, nós chamamos *equidade*, não puramente *egualdade*, principio philosophico, moral, juridico, que tantas significações e applicações tem. Quando o juiz condemna um criminoso a dois annos de prisão e o seu complice á pena de multa no valor de tanto, que julga, *exceptis exceptiendis*, corresponder áquella outra não usa da *egualdade*, pois não ha egualamento das condições, mas da *equidade*, que elle e nós todos sentimos, mas que nunca poderemos definir.

Isto nos ensina ainda uma vez que a equidade é um principio de interpretação juridica; ao passo que a egualdade não. Esta pode ser um principio teleologico, uma aspiração na applicação das regras do Direito, mas não nunca principio genetico de decisão e sentença.

Por outra: a equidade é o sedimento, depositado na alma humana, resultante do habito de tratar com a justiça, de decidir com os seus principios, e que só apparece praticamente quando faltam estes mesmos principios.

Se hoje se pode falar no espirito de uma nação, em fazendo-se-lhe a psychologia; si não repugna procurar a feição de um seculo no interesse philosophico, porque razão será absurdo falar do espirito de justiça da humanidade, e chamar-lhe equidade, quando este espirito decide praticamente? Porque evolui dentro de um mesmo povo, dentro de uma mesma nacionalidade? Mas o que não evolúe?

II

O segundo dos estudos publicados pelo Dr. Martins Junior versa sobre "as intuições romana e germanica do processo."

Abre a este capitulo a affirmação de que o *processo* foi primeiro

que o *direito*; de que antes de se falar em *regras das acções*, conhecem-se só e puramente *regras para exigir-se praticamente* o que a cada um pertencia.

Este conceito imperfeitamente expressa por causa da deficiência da linguagem humana poderia levar a erro quem não sondasse o que elle significa na sua nudez natural. Poder-se-ia supôr que o direito só era, no começo da vida jurídica dos povos, o que o processo queria que elle fosse; poder-se-ia imaginar que *o processo creava o direito* e todo o direito.

Parece-me, porem, que esta não é a affirmação do meu illustre collega, nem este foi o pensamento de *von Ihering*.

De todo o tempo as condições jurídicas necessitaram de um organ para ter vida visivel e externa, de modo que se tornassem conhecidas e não ficassem ao arbitrio da vontade ou á idiosyncrasia individual. Para este fim serviram ora os costumes, ora o processo, ora os codigos, desde os mais imperfeitos e indifferenciados até os systematisados e especializados das nações modernas.

Sendo os povos grosseiros e *sensuaes* no começo da existencia, e tendo grande impressão sobre sua alma antes as portas de entrada do conhecimento — os sentidos, do que o fundo em que vae se reflectir a luz deste — a intelligencia, é evidente que não podiam passar sem um *objecto* que contivesse os preceitos da conducta social, e para o qual voltassem as vistas quando quizessem fazer validas as suas pretensões. O numero dos symbolos é immenso no primeiro tempo historico de qualquer povo.

Ora se consideramos a lança, a *festuca*, a balança, os mythos, as legendas, as religiões rituados como symbolos visiveis das ideas que os povos primitivos não podiam conservar sem estes envolucros materiaes, que nos veda de considerar a religião jurídica — os costumes, o processo, o codigo, como outros tantos symbolos das relações individuaes?

Seria mesmo uma contradição affirmar a regra da *sensualidade* primitiva, do symbolismo original, e pretender que na vida jurídica outra cousa se passava.

Os symbolos são, nem mais nem menos, o envolucro visivel de ideas e conceitos preexistentes, conseguintemente — orgãos de funcionamento das forças puramente sentimentaes e intellectuaes, e são uma necessidade para o individuo, que de per si não pode conservar estas ideas e estes conceitos, observal-os e pratical-os, sem a forma exterior que lhes emprestam.

Sendo assim, quando se affirma que o *processo* preexistiu ao direito, quer se dizer simplesmente que o *processo* foi escolhido de preferencia a qualquer outro recurso para o funcionamento das relações jurídicas.

Imaginar-se que a affirmação de von Ihering tem este sentido— que o processo creou o direito e todo o direito— é julgar que o illustre jurista seria capaz de assertar que as arterias crearam o sangue que o cerebro forjara o pensamento, quando o inverso é a verdade sob o ponto de vista genetico-physiologico, ou é a explicação satisfactoria que a Sciencia apresenta,

(*Continua*).

ADELINO FILHO.

LA GAZZA LADRA



uma explosão de raiva, estúpida, assassina,
a Lei — ao sol do azul — mandou-a executar :
diziam que ella tinha, a joven florentina,
de perolas roubado alvissimo collar.

Como para esquecer o pezo da sentença
deste duende — a Lei — de carnação postiça,
levantaram-lhe a fôrca em meio de Florença
á sombra unicolôr da Estatua da Justiça.

Pouco tempo depois desta cruel matança
um raio ao monumento espedaçou o braço
e rolaram por terra as conchas da balança

que suspende nas mãos a estatua. Um ninho havia
que uma pêga alli fez, de barro, e no regaço
opalino o collar de perolas jazia.

FERNANDO DE CASTRO

NH
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 20 DE JUNHO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

CAPITULO III

EGYPTO ANTIGO

(*Continuação*)



Depois de todos, seguiam-se os escravos colhidos na guerra ou comprados aos mercadores como José.

O escravo, porem, podia libertar-se, e não conservava o estigma de sua condição anterior. Mesmo as raias traçadas entre as diversas castas não eram tam insuperaveis que não fossem continuamente transpostas por estranhos.

Entre os meios de conseguir a liberdade, dispunham os escravos egypcios do refugio n'um templo fazendo-se, assignalar por sinêtes sagrados, pois ficava então pertencendo ao deus patrono do templo.

Ficou dicto que as duas classes privilegiadas dos ministros do culto e dos soldados se eximiam das contribuições, que, por isso mesmo, cahiam mais pesadas sobre as outras. Estas contribuições provinham, principalmente do imposto territorial cuja quotidade era o quinto da renda, segundo o Genesis. As terras não eram do individuo, mas do Estado. Quem as possuia de facto devia pagar um

tributo annual. Alem deste imposto que foi o primitivo, outros muitos foram apparecendo gravando as industrias e o commercio. Por estes meios augmentaram as rendas do Estado, que recorria ainda a outros expedientes, como a exploração das minas, para occorrer aos fausto dos pharahós. Entre os expedientes financeiros, lembraram-se nos ultimos tempos, os estadistas egypcios de prohibir a exportação do papyrus em proveito do erario real. Esta medida compressorá deu em resultado a invenção do pergaminho — *pergamena chorta*, e, por consequencia, cessou a procura do papyrus. E assim a intelligencia humana resplica aos pilretes que tentam estorvar-lhe a actividade, desmoronando-lhes os castellos de gêsso fornicados pela ambição soez e gananciosa.

Nas linhas antecedentes ficou debuchada a organização social e juridica desses primogenitos da civilisação humana.

Em seus livros de doutrina elevavam-se elles a idéas generosas e de uma rigida moral.

No *Livro dos mortos* a alma exclama perante o tribunal de Osi-
ris : “ Eu por certo vos conheço senhores da verdade e da justiça; trouxe-vos a verdade, destrui a mentira por amor de vós. Não commetti fraude contra os homens, não atormentei a viuva, não menti no tribunal. Não conheço a mentira. Não fiz cousa alguma prohibida ! Não obriguei nenhum chefe de operarios a fazer, n'um dia mais, do que devia ! Não fui descuidado, não estive ocioso, não fraquejei, não desfalleci ! Não fiz o que os deuses abominam ! Não prejudiquei o escravo no conceito do senhor ! Não fiz passar fome, não fiz chorar, não matei, não mandei matar por trahição. Não defraudei ninguem ! Não dei destino improprio aos pães do templo ! Não destrui os bolos da offerta. Não tirei as provisões nem as fachas dos mortos. Não quiz ganhos fraudulentos ! Não víciei a medida dos grãos ! Não furtei um dêdo n'um palmo ! Não usurpei nos campos ! Não adqueri lucros illicitos falsificando os pesos da balança. Não tirei o leite da bocca do recém-nascido ” ! Esta linguagem dá perfeitamente a medida do pensar ethico-juridico da sociedade em que foi escripto o livro sagrado de onde foram extractadas as phrases que acabam de ser lidas. Ellas completam bem o quadro que ficou traçado na exposição das leis e costumes juridicos dos egypcios.

Mas para se comprehender melhor o conjuncto de todos estes factos é preciso ter sempre em vista que essa sociedade era organizada sob bases aristocratico-feudaes, repousando sobre columnas

theocraticas. "Nos monumentos das dynastias primitivas do Egypto, diz Lenormant, vemos o poder concentrado nas mãos de uma casta militar pouco numerosa, de uma aristocracia que, por certos lados, tem o ar affectado de conquistadores e á qual o povo se submete docilmente. Suas familias são todas aparentadas mais ou menos estreitamente com a raça imperial, graças ao grande numero de filhos que nascem nos harens do soberano.

Verdadeiros barões feudaes, os membros dessa aristocracia occupam hereditariamente todas as funções elevadas da ordem militar e politica e se transmittem de paes a filhos o governo das provincias. Se apoderaram mesmo do sacerdocio, como todas as velhas aristocracias do paganismo, monopolisando-o em suas mãos." (1) E o povo, os homens do campo, os trabalhadores mourejavam seus rentos, fecundando a terra, cujas primicias lhes eram roubadas pela corvea, faminta, nessa vida de tristezas e desolações de que nos falam Pentaúr e outros escribas dos velhos tempos egypcios.

Mas infelizmente a dura sorte do povo sempre conculcado, sempre espoliado se continuará ainda por muitos dias e por muitos seculos! Avancemos!

Avancemos, que na tormentosa noite dos tempos que se vão ainda seguir, como nas illuminações dos grandes dias de conquista e espennejamento popular, havemos de ver se reproduzirem certas formas juridicas ao passo que desaparecerão umas que não tem mais emprego, que se refundirão outras, e espantarão milhares de outras á proporção que a actividade humana se multiplica e se emmaranha. Quantas vezes abrindo um codigo moderno não deparamos com uma disposição que já havíamos conhecido lendo os detrictos fossilizados da historia egypciaca e que por um phenomeno de revivescencia ou por uma tenacissima persistencia se conservou intacta até nossos dias!

E' que a condição da vida social a que presidiam essas velhas regras se continuam identicas, immutaveis.

CLOVIS BEVILAQUA,

(1) Lenormant — Op. cit. pag. vol. I pag. 188.



PERFIS



s presentes *perfis* não são senão uma reunião de traços já publicados em diferentes epochas. Assim, o leitor desculpará a repetição de ideias e mesmo de expressões, que fôr encontrando.

A unica novidade será servir-me um pouco mais da philosophia, já que a não posso servir, como o Sr. Dr. Joaquim Nabuco affirmou no *Paiz* de 3 de Dezembro de 1887; mas em resposta ao illustre filho de Pernambuco devo somente notar que nunca pretendi que a cultura intellectual em nosso Estado se resumisse a quatro ou cinco, figurando o meu entre elles; o que sempre desejei foi que não se confundisse o pouco bom com o muito ruim que possuímos.

DR. JOSÉ HYGINO

Em 1883 em nossas Faculdades de Direito foi banido o *compendio* e substituído pelo *programma*, que veio abrir um largo horisonte aos moços sequiosos de luz.

No meio do abaixamento, a que tinha descido o ensino official com a *apostilla*, appareceu o Dr. José Hygino reagindo tambem contra a rotina da Faculdade e protestando contra a vacuidade da doutrina juridica.

O applicado professor comprehendeu que o homem é uma resultante dos tres reinos, mineral, vegetal e animal, com os quaes conserva as mais estreitas relações, fazendo parte do mechanismo geral do universo, e que as sciencias, que tratam do homem ligam-se ás que occupam-se da natureza, formando todas um vasto organismo; mas em vez de limitar-se a subordinar o estudo do direito á economia da sciencia universal, pretendeu sujeital-o á chamada sciencia social.

E' esta a ideia capital do seu programma, applicado ao direito a concepção de Augusto Comte.

Partindo d'este presupposto, a existencia de uma *sociologia*, que para o Dr. José Hygino não está longe de um postulado, o programma começa por uma investigação da relatividade dos conhecimentos humanos,

O Dr. José Hygino entende que a relatividade dos conhecimentos do homem pôde ser tomada em duas accepções: ou significa que não podemos conhecer as cousas como ellas realmente são, mas somente como o permite o nosso cerebro, ou quer dizer que não podemos perceber senão as relações de semelhança e differença das cousas.

Mas não conhecendo nós as cousas em si, e tão somente as relações de coexistencia e successão, affirma o Dr. José Hygino que “as proposições que expressam taes relações chamam-se leis naturaes, e que d'estas o que domina todos os phenomenos é a lei de causalidade.”

Esta affirmação tem produzido bem grosseiros erros levando a pensar-se que há nexos de causalidade entre os phenomenos de coexistencia. A causalidade pertence exclusivamente á cathegoria dos phenomenos de successão.

Nota-se em todo o trabalho do Dr. José Hygino uma certa ausencia de senso critico e de força intuitiva, o que faz que não seja uma obra perfeita e acabada, isenta de qualquer desharmonia ou incoherencia entre as partes.

Assim o distincto professor affirma na lição quarta: “não ha senão um methodo scientifico, que pôde denominar-se objectivo” quando antes havia dito que “os nossos conhecimentos dependem das nossas sensações, e estas por sua vez dos nossos sentidos; de maneira que se não tivéssemos os mesmos sentidos ou se tivéssemos maior numero d'elles, ou se estes fossem organisados de modo diverso, diversos seriam os nossos conhecimentos do mundo exterior.”

Que methodo objectivo é este, em face do qual parece desvendarem-se todos os segredos da natureza?

Para o Dr. José Hygino é o que molda as suas concepções sobre a realidade das cousas.

De que realidade, porem trata-se? Será a cousa em si?

Mas se o espirito humano não pode conhecer as cousas em si, se o mundo exterior não é senão “esse quer que seja de desconhecido que produz em nós sensações,” se no conhecimento das cousas entre o nosso *eu* com os seus sentidos, com as suas sensações, em uma palavra com a sua constituição mental, que não nos deixa vêr as cousas como ellas realmente são, mas tão somente como ellas existem em nosso cerebro, que as transforma atravez da sua organização como é que pode conceber-se o espirito humano moldando as suas

concepções sobre a realidade das cousas para deste modo fazer verdadeira sciencia ?

Esta contradicção é tanto menos desculpavel quanto é certo que desde Descartes o problema do real e do ideal tem sido a preocupação constante dos philosophos.

Saber o que há de objectivo e subjectivo no conhecimento humano, eis a tarefa que desde muito a si impuzeram Descartes, Malebranche, Leibnitz, Spinoza, Berkeley, Locke, Kant.

Todos elles têm procurado a linha de separação entre o real e o ideal, entre o objectivo e o subjectivo, entre a cousa em si e a representação, concluindo todos que a cousa em si, a *realidade*, nos escapa inteiramente, e que o universo não existe para nós senão como representação. D'ahi vem dizer Schopenhauer que nós não conhecemos as cousas como ellas existem em si, porem pura e simplesmente como ellas nos apparecem.

Todo conhecimento é ao mesmo tempo real e ideal: real em seu ponto de partida, ideal em suas conclusões ; e se não existe senão um methodo scientifico, pois que não há senão uma sciencia da natureza, este é ao mesmo tempo objectivo e subjectivo.

Não pó. le haver methodo puramente objectivo, porque se a natureza não pó. de ser conhecida senão pela observação, não é menos certo que a observação depende do espirito do observador.

A sciencia não é senão uma interpretação da natureza. Não é tanto o mundo exterior que esclarece o nosso espirito ; mas antes este que illumina o mundo exterior.

A natureza alarga-se, desenvolve-se em todas as suas maravilhas, em todos os seus esplendores, a proporção que o nosso espirito projecta sobre ella uma maior quantidade de luz.

Para mostrar que existe uma *sociologia*, procura o Dr. José Hygino provar que os factos sociaes estão sujeitos como os phenomenos physicos ou chimicos a leis invariaveis e constantes. (1)

“ Antes de tudo convem não esquecer que o conceito de lei como factor, que produz cathogorias de phenomenos, é tão falso como o de uma divindade governando o universo.

“ A lei natural não é senão uma formula, que exprime a constancia e a invariabilidade com que, para nós, se apresentam as diversas ordens de phenomenos.

(1) Aqui transcrevo quasi integralmente o que a respeito de *Sociologia* estive na introdução ás *Questões Vigentes*.

“ Ora, o universo inteiro vive n'uma transformação continua, n'um *feri* perpetuo; e a proporção que a natureza evolue, passando do homogêneo ao heterogêneo, vai perdendo a estabilidade e a fixidez, e a sciencia tornando-se pouco a pouco impossivel.

“ A instabilidade dos estados está na razão *directa* da complexidade dos phenomenos e é por isso que a proporção que os phenomenos se multiplicam, passando de estados homogêneos a estados heterogêneos, a possibilidade da sciencia vai desaparecendo e a necessidade do ideal surgindo.

“ Como vê-se a instabilidade dos phenomenos de ordem superior não é cousa extranha á economia geral da natureza, e a difficuldade, senão impossibilidade da constituição de uma sociologia nasce d'aquella instabilidade, filha da grande heterogeneidade dos estados da evolução universal.”

De que factos sociaes serve-se o Dr. José Hygino para provar que estes estão sujeitos a leis invariaveis e constantes?

Em primeiro logar, da linguagem, cujo desenvolvimento pôde ser comparado ao do ceu estrellado, passando por diversas transformações, desde a nebulosa irreductivel até o mais harmonioso systema solar.

Assim como o telescopio mostra-nos mundos em diversos periodos de formação, da mesma sorte o sanscripto, que foi para os philologos o mesmo que a balança para os chimicos, faz nos ver linguas passando regularmente por phases, que não podem ser alteradas.

A philologia auctorisa-nos a sustentar que as linguas passam por tres periodos de formação — monosyllabismo, agglutinação e flexão.

Mas quando mesmo a linguagem fosse um phenomeno puramente social, o que significam as tres phases successivas do desenvolvimento das linguas senão que estas, como tudo no universo, estão sujeitas á lei geral, que Burnouf chamou a *lei dos periodos*, em virtude da qual todo progresso não se realisa senão pela passagem de um estado a outro, em que o equilibrio se quebra em detrimento de um antigo phenomeno e em proveito de um novo ?

(Continua)

ARTHUR ORLANDO.

Umbra



into fugir-me a força em meio a travessia,
 Ir o vento faltando ás velas do meo barco.
 Não creio poder ver o derradeiro marco
 Da marcha que encetei. A estrada é fugidia.

E' fugidia e má. Some-se no horizonte
 Como um rio no mar, como o oceano verde
 Na linha azul do céu purissimo se perde...
 Deserta-me o vigor do peito nú, da frente...

Baixa sobre este seio a sombra carregada
 D'uma noite polar, cahotica, infinita,
 Onde uma nota só não vibra illuminada.

E' que as vezes me dóe o coração. Agita
 O tédio sobre mim sua aza somnolenta,
 E então embalde o sol, que vi no ar, me tenta !

IZIDORO MARTINS JUNIOR



BIBLIOGRAPHIA

FRAGMENTOS JURIDICO-PHILOSOPHICOS, por *J. Isidoro MARTINS JUNIOR* — Recife, Typ. Apollo, 1891

(*Continuação do n. 10*)



Dr. Martins caracteriza bem a funcção primitiva do processo com a seguinte affirmação: “ Ellas (as leis do processo) servem de actualisar o que é potencial e abstracto; movimentam e dramatisam as faculdades juridicas que repousam latentes no seio da consciencia individual ” (pag. 44). São órgãos por onde circula a vida juridica de um povo, e, pois, tambem não constituem o direito, antes o suppõem.

Para traçar as feições dos processos germanico e romano o nosso illustre collaborador não se limita a abrir os livros em que se encontram as leis processuaes, a repetir o que os monumentos nos mostram sobre isto; mas em deslumbrantes palavras, rapidas e verdadeiras, pinta costumes, habitos e sentimentos dos dous povos que o preocupam, faz, enfim, a psychologia do romano e a do germano; para dahi deduzir as consequencias acertadas de sua these.

Resumindo seu estudo neste particular, diz : “ eis, pois, a face saliente da antiga *psyché* germanica: o sentimento da independencia pessoal, unido ao culto da valentia e da força.”

A *psyché* do romano não a faz o illustre Professor de Direito, porque esposa o que deste povo diz Carle em sua obra — *La vitta del Diritto*.

Estas notas caracteristicas da vida dos dous povos são os primeiros pilares em que assenta o corpo todo do bello edificio architectado pela these do Dr. Martins Junior: — em Roma a luta juridica é socionomica ou statunomica; na velha Germania ella se manifesta autonmica ou demonomica —

Para chegarmos a conhecer si é verdadeira esta these, comece-

mos por simplificar os termos em que se acha expressa, reduzindo-a a uma tecnologia mais conhecida.

Quantô aos romanos, affirma o Dr. Martins Junior que o processo é obra do Estado, é producto das forças politicas; quanto aos germanos, diz elle que o processo é organizado pelo individuo, na affirmacão de seus direitos, é obra do movimento popular.

Para demonstrar estas proposições serve-se o illustre Professor de abundante argumentação, tirada quer dos livros da velha praxe juridica germanica, quer do *corpus juris* e das obras dos Jurisconsultos romanos. Podemos verificar que cada descoberta feita pelo Dr. Martins Junior neste estudo de paleontologia juridica vem documentada de modo a não se lhe poder recusar assentimento. A sua these é verdadeira não só pelos estudos da psychologia dos dous povos, como pelos documentos e provas que a sustentam.

O sentimento de independencia e valor do germano creou um processo mais franco e amplo, onde a acção individual movia-se com facilidade na affirmacão do direito; o germano *per far valere il suo diritto, afferra di propria autorita la cosa che crede appartenergli, si appiglia alla pignorazione privata contro il proprio debitore, ed alla faida o vendetta contro il proprio offensore*, como diz Carle.

O espirito politico dos romanos insufflou no processo o seu sopro autoritario, donde o revestimento das leis processuaes de uma feição aberta de *res publica*. Aqui não é mais a luta juridica um recurso individual (*selbsthuelfe*), mas uma couraça que o Estado forjára, que larga ou apertada, ha de ser usada pelo campeão dos combates de Themis.

A differença que se nota *no acto formal, no direito das provas e na accumulacão das acções* entre os dous processos forma "um espirito de protecção quasi incondicional para com o direito offendido; uma decisiva tendencia para ordenar a *luta* juridica de accordo, antes com os interesses do queixoso, do que com as exigencias conceituaes de uma justiça abstracta."

(*Continua*).


ADELINO FILHO.



AFFECTIVOS

(1885 - 1886)

I-UNA

etala de rosa, unica virente
d'aquelle outr'ora caule não vingado
que de folhas rosadas circulado
mal dois dias viveu exposto ao quente

sol que desata as petalas ás flores ;
de sobra, folha, te console o vêres
que de teu rôsto o sol com seus poderes
crestar não poude as inda vivas côres !

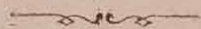
Góttas todas sangraram uma á uma
desta, que teve a vida de uma flôr,
desgraçada paixão; mas sobre a espuma,

tal a folha que o vento poz á nado,
boia meu coração da mesma côr,
das fraquezas do mundo separado.

II — MUTILADA

Ha entre as moças uma que a Natura
desejando compôr um todo raro
fez de diamante e sol e de velludo ;
para formar aquella creatura,
d'entre o que ha de luminoso e claro
no mundo, a Natureza empregou tudo.

Pois essa que entre as outras é princeza
e a inimitavel artista modelara
na belleza da forma uma excepção;
pois essa mesma a propria Natureza,
só talvez por contraste, esculpturara
contra a regra animal: sem coração !



III — NULLA

Foge à pomba do lago e incauta poisa
sobre o arvoredos nos garranchos nús;
houve de certo seductora coisa
que afastou-a da beira dos paús.

Mas vae voltar. O caçador sombrio
de traz das moitas prestes lhe dispara,
e tomba morto o passaro bravio
sobre o palhiço agreste da seara.

Tambem de pombas bravas se povôa
todo meu coração ; vôam e voltam
em bandos como as aves da lagôa.

São esperanças d'alma ! Uma das quaes
que voou muito cedo e eu vi matarem,
esperança de amor, não voltou mais.

IV — FIM

Eu me illudi. Julguei-a o anjo das regiões
immaculadas onde
moram fadas e soes, estrellas e visões.

Supponde o paraíso em vida, sim, supponde !

Casto e gracioso o andar e casto o olhar de Vesta,
no mysterioso seio o abysmo de um thesoiro,
surgira-me ideal e illuminada e d'oiro
como um palmo de lua acima da floresta.

Alva como essa alvura etherea dos archanjos,
loiros cabellos, rosea a pequenina bôcca,
nas palpebras um par de cilios reluentes
e a cabelleira pouca.

E no labio trahidor, de um transparente vago,
o raro entreabrir das perolas do mar
que cravaram-lhe alli no carcere exquisito
da multidão dos dentes,

E nos olhos dous anjos
fitando-nos por traz do largo e manso olhar,
mais manso do que um lago,
largo como o horisonte immenso do infinito.

Corpo docil e nobre e pés pequenos, brancos.
Nem se pode saber dar preferencia, ao menos,
si do tórso franzino ou á cintura e aos flancos,
si á nobreza ideial d'aquelles pés pequenos.

Quem conheceu rivaes áquellas mãos torneadas
alvíssimas e nuas,
e áquellas faces duas
como rosas da côr da purpura, rosadas?

Mas devias, Deus máo do Amôr ! devias ter
— vida d'aquella estatua, alma d'aquelle vulto —
enthesoirado alli no abysmo do seu ser
um coração occulto
aonde residisse
toda a fonte vital do voto que empenhou,
das fallas que me disse,
fallas, votos de amor, que o tempo sepultou !...

Eu te perdôo, flôr. Tu me morreste n'alma
como morre ao olhar do navegante humano
essa — que baixa e desce ethereal e nua
na abobada do ceu suspensa em noite calma —
imagem circular phantastica da Lua
cujo brilho apagou-se e afunda no oceano.

FERNANDO DE CASTRO



Simile



tudo triste, pallido e dormente.
D'agua as manchas escuras pela estrada
frisa o chuveiro opaco e persistente
n'uma cadencia triste e desolada.

Mas quando o Sol, á intervallos, desce
por entre as nuvens os seus raios d'oiro,
pelas campinas humidas parece
a agua a pedraria de um thezouro.

Assim, quando do terno olhar radioso
dessa querida e meiga creatura
cahe sobre mim um raio luminoso ;

do meu amor as magoas, a agonia,
têm reflexos aureos de ternura,
scintillações extranhas de alegria.

DAVINO PONTUAL

O TEMPO



Como o tempo é veloz ! Como correm os dias
 Rápidos como a setta a recortar o espaço !
 Mais uma noite o sol a porejar canção !
 Mais um minuto a luz em mutações sombrias !

O que era Illusão em mundos de alegrias
 Hontem, é para nós hoje, indelevel traço
 Da Realidade atroz que lucta braço a braço
 Contra o termo fatal das nossas agonias !

E assim se vae passando o tempo... Negligente
 Nos afigura a nós, no entanto velozmente
 Corre, vóa, dispara em rumo sempre incerto !

Ora o vemos no azul, ora no descampado,
 E sempre o mesmo tempo ! o mesmo ! só mudado
 O rosto seu feliz das illusões deserto !

LEONIDAS E SÁ.



RECTIFICAÇÃO



o numero anterior desta *Revista* vem os seguintes erros que
 convem corrigir :

A' pagina 156, linha 10, cercas de *luxo*, por cercas de
 buxo.

A' mesma pagina, linha 31, *marions*, por Marions.

A' pagina 158, linha 22, *coser*, por lazer.

Os outros enganos são de facil correccão.

N. 12
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE JUNHO DE 1891

NOTAS DE TANGENCIA PELA PHILOSOPHIA

I



Não parece-me ocioso volver, uma vez por outra, os olhos sobre esta abstracta compendiação do saber, a que, desde os tempos da hegemonia mental da Grecia, se chamou philosophia. E, entre nós, com a eliminação das cadeiras de philosophia dos cursos de instrucção secundaria, avulta consideravelmente a oportunidade deste balanço de idéas.

Devo, em tempo, declarar que fiz choro com Sylvio Romero nas criticas levantadas contra o ensino da philosophia nos lyceus brasileiros, porque, então, se ensinava uma protologia incongrua, a que, por certo, não se poderia applicar o nome de *abacadraba metaphysico*, com que Schopenhauer estigmatizou o systema de Schelling, mas que, incontestavelmente, fizera jus a qualificação de *tohu-bohu* philosophico, de cahos imprestavel de theorias derrandadas. Mas Sylvio propunha que ao estudo da philosophia no ensino secundario se substituísse o da logica, tal como ella foi apprehendida por Mill, Bain, Uberweg (1); e eu desejava que á logica se addicionassem algumas noções geraes sobre o modo de conceber o mechanismo do universo e em particular das sociedades, noções cujo principal valor estava em estabelecer a connexão unificadora entre todos os ramos de sciencias anteriormente estudados, e collocar o estudante em es-

(1) No opusculo. — A philosophia e o ensino secundario.

tado de conseguir, por seu proprio esforço, uma solução plausivel aos problemas sociaes e psychicos que se levantam, a cada momento obstruindo o caminho dos que meditam sobre estas cousas (2). Queria mais que a psychologia, como sciencia autonoma e distincta que é, constituísse um preparatorio, ao menos para a matricula das escholas juridicas, onde ha tanta necessidade desse estudo, para mais claramente se comprehenderem muitos principios de philosophia do direito e direito criminal.

Nem pareça extranho dizer que a psychologia é uma sciencia propedeutica da philosophia do direito. Não ha por ventura um sentimento juridico acompanhado da acção impulsiva e irradiante do prazer ou da acção depressiva e irritante da dor? Não ha toda uma emotividade que tem por base o direito tal como o sedimentaram, em nossa consciencia individual, a hereditariedade e adaptação civilisadora?

O Kampf um Recht é uma bella variação sobre o thema da irritabilidade legal.

E o conceito do direito, como idéa, e como força ou como idéa força, para falar com Fouillée, e a personalidade juridica não serão, antes de tudo uns complicados problemas psychologicos?

Quanto ao direito criminal, suas relações com a psychologia são de tal natureza que nós podemos consideral-o um dos modos mais vastos de applicação das theorias psychologicas. As noções do crime, da vontade, da liberdade, da responsabilidade, do dolo, da culpa, da legitima defeza e de todos os phenomenos que dirimem, aggravam ou attenuam a criminalidade, isto é, os principios fundamentaes da criminalistica, hão de ser fornecidas necessariamente pela psychologia individual e comparada. E' certo que neste mister ella é esclarecida e auxiliada pela anthropologia e pela poliologia, como diria Arthur Orlando, pois que, d'esses factos, uns são essencialmente sociaes, como o crime, e outros se transformam em factores sociaes, como a vontade.

Com estes accrescimos, a sabia reforma do ensino secundario, que devemos ao sympathico paraclito da revolução de 15 de Novembro, o illustre Benjamin Constant, seria, a meu ver, completa e mais fecunda. Já foi um grande passo, mandar a mocidade preparar-se nos fortes estudos das sciencias physicas e naturaes; seria con-

(2) Os *primeiros principios* de Spencer, completados e modificado de accordo com os progressos da sciencia, podiam servir de base a essa ordem de estudo.

tentar a todos os desejos completal-os pela forma apontada. A reforma foi realisada sobre as bases da classificação comteana das sciencias. Mas a essa classificação tem-se justamente censurado a ausencia da psychologia. E si recusarmos á logica um logar na serie hierarchica das sciencias abstractas, o que não é ponto decidido, é incontestavel o seu valor no preparo e orientação do espirito.

Mas fechemos esta digressão, que já se vae alongando em excesso, e voltemos ao assumpto principal deste escripto, que é o conceito da philosophia, tal como pode ser actualmente comprehendida, e quaes os caracteres proprios a esta disciplina. E si não é intenção minha demorar-me sobre o assumpto capital, seria imperdoavel deter-me em circumloquios, por mais intimamente ligados que se achem com as idéas que fôr expondo.

Comprehendo a philosophia como uma *synthese abstracta que generalisa, unifica e completa a totalidade dos conhecimentos humanos*.

As sciencias empregam processos de analyse, coordenando, classificando, comparando, dividindo os factos de seus dominios respectivos, e depois effectuam generalisações, cada uma dentro de suas raias. E' a philosophia que resume todas essas generalisações parciaes, formando com ellas um corpo de doutrinas que as unifica e harmonisa.

Até aqui a definição por mim apresentada parecerá em nada de distinguir da de Spencer, quando chama a philosophia *sciencia do mais alto gráo de genialidade* (3). Mas eu me abstenho de dar á philosophia o epitheto de sciencia, porque ella não determina relações entre phenomenos, nem tem um objecto que lhe seja exclusivo e não cominum, ao menos n'algum sentido, com ás outras sciencias. Neste ponto me aproximo certamente mais dos positivistas francezes e allemães que affirmam ser toda philosophia uma *concepção do mundo*, e de George Lewes, quando diz que ella — *é a systematisação das concepções fornecidas pela Sciencia*, que é o *episteme epistemon* (4).

Mas a philosophia se limitará modestamente a compendiar as conclusões das sciencias? Não conterà um elemento activo que reaja sobre as sciencias? Não se estenderá nunca alem da totalisação dos conhecimentos experimentaes?

São interrogações que se erguem naturalmente diante da definição de Lewes, e ás quaes o illustre escriptor não attendeu suffi-

(3) *Premiers principes*, trad. de Cagelles, Paris, 1876, pag. 115.

(4) *The history of philosophy*, London, 1880, vol. I, pag. XVIII.

cientemente. Era esse um serio motivo para não me satisfazer com ella. E a todas essas interrogações tentei dar uma resposta na definição agora apresentada.

Nem cause admiração e censura o retirar á philosophia o nome de sciencia. Não é sequer novidade um tal modo de pensar, pois Renan já disse: "*Ce n'est pas nier la philosophie, c'est l'ennoblir que de déclarer qu'elle n'est pas une science, mais le resultat général de toutes les sciences.*"

Mas si não é *uma sciencia*, é uma recapitulação ou, antes, um extracto de todas as sciencias que tem isto de original: simplifica e unifica e completa os resultados de todas ellas, sendo menos minuciosa do que qualquer dellas, porem tendo mais amplitude e mais profundeza do que todas reunidas.

II

O caracter essencial da philosophia, o que a distingue de todos os outros conhecimentos, é a — universalidade.

Abrangendo o mundo em todos os seus aspectos, sem se preocupar especialmente com as accidentalidades ephemeras e com as peculiaridades dos seres, ella não tem um objecto seu, mas encara os phenomenos estudados pelas sciencias de um modo proprio, original, estabelecendo a ligação entre elles e fazendo surgir a concatenção harmonica do cosmos.

Poderei com exemplos tornar mais lucido este modo de ver. As sciencias nos dão o conceito do espaço, do tempo, da materia, do movimento, da força, nos convencem de que a materia é indestructivel, o movimento continuo, a força persistente, transformando se em equivalente, quando parece que se extingue, que o movimento dirige-se pelo caminho do menor esforço, não em marcha rectilinea e com um impulso igual, mas por linhas flexuosas e ondulações rhythmicas; nos ensinam ainda mais que é do conjuncto desses elementos que surge a evolução, que marcha do geral e homogeneo para o particular e heterogeneo, conforme a lei do polymorphismo, por uma differenciação seguida de uma integração, ou, em outros termos, por uma dissolução seguida de uma involução.

Todos estes principios e muitos outros, que formam o trama do pensamento moderno, a philosophia os haure nas sciencias particulares, das quaes elles são, a um tempo, os ultimos resultados e os fundamentos. Mas como nenhuma dellas os pode generalisar ao


conjuncto cosmico, em virtude da restricção de seu campo de observação, é a philosophia que vem operar a unificação destes resultados parciaes, depurando, n'uma synthese superior, a totalidade do saber. Antes de aproveitados pela philosophia, esses princípios accentuavam a grande variedade dos grupos de phenomenos, em frente a qual o espirito se sente oppresso e impotente. E' necessario que uma disciplina universal os abranja a todos, para poder coordenal-os logicamente em um só todo vivo e harmonico. Esta disciplina é a philosophia.

Entretanto a philosophia não é um simples reflexo passivo das sciencias. Alem de que encara os phenomenos por um aspecto novo — o da sua colligação universal, ella, depois de constituida, impulsiona as sciencias particulares, indica-lhes o verdadeiro methodo, e, por assim dizer, prevê muitas vezes as conclusões a que ellas hão de chegar.

Este caracter de universalidade da philosophia tem sido, mais ou menos resolutamente affirmado por todos os grandes philosophos. O *synoptikos dialetikos* de Platão, corresponde, como lembrou Marselli, á generalisação ultima de Spencer. A escala do saber, como a comprehendeu Comenius (5) é a seriação hierarchica do saber que serve de base á philosophia. Rogerio Bacon entendia a *metaphysica* como uma sorte de *philosophia das sciencias*. Wundt affirmava, não ha muito, que ou a philosophia tornava-se uma doutrina geral da sciencia ou tinha de desaparecer. Podemos dizer desassombradamente que os bons philosophos antigos, excepção de Socrates, os estoicos e Epicuro (não todos os epicuristas), comprehenderam a philosophia como abrangendo, a totalidade dos conhecimentos geraes.

CLOVIS BEVILAQUA.

(5) *A primis et imis, per media, ad ultima et summa mentes hominum, oculi artificiosa quadam scala, eleventur.*



A QUESTÃO SOCIAL

(Continuação do n. 11)



e a questão é toda politica, a consequencia é que sua solução estaria em uma nova organização, em que a centralisação seria a mola principal, em uma combinação socialista, em que o Estado faria de patrão, ou, pelo menos, se collocaria entre o capitalista e o operario para marcar o salario, deixando o cidadão de ser uma personalidade para tornar-se simplesmente um instrumento nas mãos do poder central.

Ora, para o marquez de Castellane, a quem o Estado afigura-se uma realidade viva, um homem grande, o ponto de apoio da nova organização social está nos costumes.

“C'est par les mœurs, ou pour parler plus, clairement par “les habitudes frises” que l'ouvrier peut passer de l'état de salarié á celui de bénéficiar”, de l'état de domestique à celui de co-proprietaire”.

Assim, segundo o conceito do gentilhomen democrata, o Estado alem de constructor de caminhos de ferro e de linhas telegraphicas, alem de fabricante de tapeçarias e porcelanas, alem de explorador de minas e capitaes, seria reformador de costumes !

Eis o que o auctor do *Quarto Estado francez* chama uma doutrina e considera o meio practico de conciliar os direitos dos tres grandes factores da producção humana : o dinheiro, a intelligencia e os braços.

Entretanto, convem não deixar passar despercebida uma circumstancia: De Castellane, que considera o poder do Estado sem limites, a ponto de lhe parecer que basta dar este o exemplo para que os costumes se transformem, e d'este modo se opere o advento de um novo estado social, entende que para attingir-se este resultado, é preciso evitar tres faltas: a precipitação, o desprezo do capital e a violação dos direitos individuaes dos capitalistas.

Mas em que tempo começar a acção do Estado para que não se dê precipitação ? Depois não devemos repetir com um sabio que é preciso sempre fazer o melhor e fazer o mais depressa possivel ?

A respeito do capital e dos direitos individuaes, a restricção feita á acção do Estado é de tal ordem que a questão como que perde inteiramente todo caracter politico para tornar-se puramente social.

Já tendo escripto que toda guerra ao capital não o destruiria, mas fal-o-ia emigrar, de Castellane affirma que “toda medida que, sob o pretexto de elevar socialmente o operario fazendo-o participar dos proveitos do seu labor permittisse a um agente official do Estado interpôr-se entre o patrão e o trabalhador para lhes dictar as condições do contracto, seria um crime de lesa liberdade.”

N'estas condições a que ficaria reduzida a “missão pacificadora e transformadora do Estado” para poder libertar o proletario da exploração do capitalista ?

Se a Revolução “proclamou o individualismo” não foi de certo aquelle individualismo selvagem, brutal, de que fala Siciliani, o individualismo nihilista, que quer “a extirpação do Estado com todas as suas instituições politicas, civis, ecclesiasticas, militares, industriacs, universitarias, juridicas, financeiras”, nem tambem o individualismo empirico e utilitario, como entende Smith, reduzindo o Estado a uma instituição de policia para “garantir a livre actividade dos individuos, a livre convivencia entre os membros da sociedade.”

O Estado, como um organismo que é, tende a desenvolver-se, e assim como poderia elle progredir, se a sua missão não passa alem da garantia dos direitos individuaes ?

N'este ponto estou de accordo com Renan : entendo que todo sacrificio do individuo é permittido para o Estado attingir o seu fim — o progresso, “porque n'esse caso o sacrificio não é feito ao gozo de um outro, é feito á sociedade inteira. E' a ideia do sacrificio antigo, o homem para a nação: *expedit unu'm hominem mori pro populo*”.

O que ensina e proclama não somente a Revolução, mas toda a Historia, é que os direitos individuaes devem ser respeitados em quanto não vão de encontro ao principio do progresso social, que lhes é superior.

O direito tem o seu *criterium* no desenvolvimento da sociedade; só é direito o que não é contra esse desenvolvimento.

Com isto não quero dizer que em face do Estado o individuo seja um puro accidente, pelo contrario, afigura-se-me uma realidade, em que o Estado tem a sua baze, e que affirma-se como força, mas uma força que se disciplina que se eleva do particular ao geral, que se faz razão.

Estado e individuo são termos que prendem-se, combinam-se, completam-se, de maneira que um não pôde dizer-se meio nem fim absoluto do outro.

D'ahi vem que o problema social nem diz respeito somente ao individuo, nem simplesmente ao Estado.

O objectivo da humanidade, principio superior ao fim dos individuos e dos Estados, é a mais alta cultura possivel, a qual não pôde ser confundida com o gozo pessoal para transformar o Estado em dura instituição de policia ou em mero asylo de beneficencia. O Estado, "machina de progresso" na phrase de Renan, é destinado a dar conta dos factos historicos nas conquistas do ideal da humanidade, removendo os obstaculos contra os quaes seriam impotentes os esforços individuaes.

(*Continua*)

ARTHUR ORLANDO.



Arrebol



é que espectáculo : A aurora
 Não tarda a bordar o céo
 Com sua luz tentadora
 E a seda azul do seo véo.

O olhar do sol, penetrante
 Como um punhal aguçado,
 Fita de longe o levante
 Com ancias de apaixonado.

Um raio fino e medroso
Da pura luz matutina
Embala-se ebrio de gozo,
Nos cabellos da neblina.

E' como um cesto de rosas
Aquelle canto do espaço
Que vae corando. Alterosas
Nuvens, da alvura do aço,

Brincam no ar sonoro
Inda crivado de estrellas.
Vem vindo o dia glorioso
— Rubens das lucidas telas !

Mas — deixa a contemplação —
Ouve: Aurora, rosas, raio
De luz, neblina, o desmaio
Das estrellas na amplidão,

Tudo é menos luminoso,
Menos suave e sereno,
Do que esse arrebol formoso
Que tens no rosto moreno !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

O RIO GRANDE DO SUL

(PORTO-ALEGRE)



Porto-Alegre é uma das cidades do Brasil onde a luz do sol penetra mais intensamente, mais viva, e sob este ponto de vista Londres, com toda a sua sumptuosidade, torna-se menos attrahente do que a modesta capital rio-grandense.

O que lhe falta de tradições e curiosidades, que encontraria o viajante á saciedade em qualquer recanto da Palestina, da Grecia ou de Roma, sobra-lhe em claridade, em natureza e no movimento da sua vida quotidiana.

Em Porto-Alegre tudo se desenvolve com a vertigem do progresso americano, sem as demasias quasi phantasticas das cidades argentinas. Aqui levantam-se, do dia para a noite, cidades como La Plata, abrem-se canaes que levam grandes embarcações pelo interior do paiz, mas de ves em quando morre-se á mingoa de pão, ou luta-se nas praças publicas, ao impulso desse mesmo progresso, que excede a todas as forças impulsoras das civilizações modernas.

Ao ver-se Porto-Alegre, na altura das Pedras Brancas, com as suas casarias brancas como as garças dos seus rios e lagos, sente-se o viajante ferido dessa surpresa agradável, que produzem os grandes panoramas e pensa-se estar diante de Montividéo, á poucas milhas de distancia.

A cidade de Porto-Alegre está situada á margem esquerda do Guahyba sobre uma collina bastante elevada e estendendo-se para os dois lados, pelos declives e pelas planicies, ficando por tal forma dividida em tres partes : central, oriental e occidental. E' na primeira parte que existem : o palacio do governo, a assembléa legislativa, o theatro S. Pedro e o jardim municipal, em cujo lado do nascente ergue-se a estatua do Conde de Porto-Alegre, tão heroicamente assignalado em nossa historia militar. Na parte oriental em uma varsea de immensã área, fica a escola militar, edificio moderno, bem architettato e elegante, em que despendeu o governo do imperio, para mais de quinhentos contos de reis. No lado occidental é que se encontram as melhores praças da cidade, como a da Harmonia, da Alfandega e Conde d'Eu, perfeitamente ajardinadas e onde se recreiam os habitantes da cidade, no verão, quando não pre-

ferem os bairros do *Menino Deus* e *Caminho Novo*, aliás muito aprazíveis pela natureza esplendida da sua posição topographica.

Esses bairros, que distam poucos kilometros da cidade, onde respira-se o ar puro dos lugares sadios, são grandemente frequentados, á tarde, pelos cavalheiros e senhoras da mais alta sociedade porto-alegrense, que, entretanto, logo ao escurecer, voltam para a grande vida das ruas e das praças, cujo movimento á noite é extraordinario e profuso. Então, abandonados pela gente honesta, começam de novo a povoar-se das *cocottes* em voga, que para ahí vão em carruagens de luxo insultante, com os seus amantes preferidos, e, onde ficam muitas vezes, até o clarear do dia, na dissipação allucinadora de uma mocidade ruidosa, mas já estragada pelo vicio desenfreado da carne e pelos excessos do *champagne*.

A vida em Porto-Alegre é a mesma que se leva, em ponto pequeno, no Rio de Janeiro; de modo que a transição da grande capital da União, para a metropoli do Estado do Rio Grande do Sul, não é dessas que produzem nostalgias agudas e que deixam abatimentos profundos nos espiritos avidos do movimento, do ruido e das sensações das cidades populosas. Costumes, habitos e vida exterior são os mesmos, com a relatividade que provem da differença de população e de fortuna. As senhoras percorrem a cidade e os suburbios sosinhas; entram nos botequins, nas confeitarias e nos hotéis, sem que por isso mereçam a mais leve censura, ou se exponham ás seducções dos Faustos insolentes. E todavia são a personificação da graça, da gentileza e da formosura!

E' na rua dos Andradas, uma rua larga e acceiada, que á noite, na abundancia da luz do gaz, palpita mais expansivamente a vida da cidade inteira. Tudo vae ter allí. Enchem-se as lojas, os cafés, as livrarias, as casas de modas e ainda a rua, num vae-e-vem methodico, até as dez horas. Brillam á luz penetrante do gaz joias de subido preço, ouve-se o fru-fru das sedas e das tarlatanas, arfam os seios nus e opulentos nas compressões brutaes de aromaticos espartilhos, e dizem-se coisas delicadas, espirituosas, que levam ao espirito observador a certeza de estar-se entre um povo illustrado e cheio dessa animação que raramente se encontra nas cidades do norte, onde a existencia é toda interior, pacata e egoistica.

Em Porto-Alegre, como no Rio Grande e Pelotas, a conversação pelas salas é sempre elevada e attrahente; falla-se dos ultimos livros nacionaes ou estrangeiros, que apparecem no mercado das livrarias, das ultimas operas que se cantavam em Milão, cujo ruido

chegára até allí pela critica dos especialistas europeus; dos artistas lyricos que na estação passada fizeram a sensação de Paris ou Londres, do Rio de Janeiro ou Buenos-Ayres e o artista, pintor ou architecto, romancista ou dramaturgo, tem todas as considerações dos centros civilisados.

Alem da vida animada das ruas, das praças e dos bairros pittorescos, ha em Porto-Alegre a vida dos theatros e dos clubs. Entre estes ha o *Club Commercial*, de que faz parte a primeira sociedade porto-alegrense, de uma severidade escrupulosa, cujos salões abrem-se de mez em mez, para os seus bailes sumptuosos, a que comparecem as damas mais formosas, mais illustradas e mais distinctas da cidade. Ahi, como nos theatros e na *Philarmonica*, o luxo entre as senhoras tem tomado as proporções do delirio. Desde as botinhas até os grampos que prendem os sedosos e aromaticos cabellos, tudo é rico, tudo é custoso e delicado.

Os saráos da *Philarmonica* são entretanto os mais concorridos. Apaixonados como são pela musica, exhibem-se ahi senhoras e cavalheiros, cujas harmonias transcendentales deixam agradaveis e duradouras impressões a quem os ouve ao menos uma vez, ora em instrumentos de difficil execução, como o violino e o piano, ora nos transportes sublimes do canto, em que logo se percebe a mais perfeita e severa educação artistico-musical. Ha sopranos que marcam os mais altos registros, com as mesmas melodias e o mesmo timbre de vóz delicado das grandes cantoras profissionaes e isto dá a medida exacta do espirito altamente cultivado do povo porto-alegrense, que alem de tudo prima pela delicadesa do trato, ainda mesmo com aquelles a quem vê pela primeira vez.

O porto-alegrense chegou tambem a conclusão de que não ha nada que falle mais eloquentemente da civilisação de um povo, do que as suas lettras e as suas artes, cultivadas com a verdadeira instituição do bello, e é por isso que allí floresce a poesia, o romance e a musica como em nenhuma outra parte do Brasil, a não ser no Rio de Janeiro ou em S. Paulo; é por isso que as boas companhias lyricas ou dramaticas encontram invariavelmente nos seus habitantes o mais franco e dedicado acolhimento; é, enfim, por isso que quando apparece uma producção litteraria dos seus escriptores, aliás desconhecidos do norte, desperta, já na imprensa e já no povo, esse interesse e essa curiosidade, que constituem o maior incentivo do homem de lettras.

E' francamente um meio onde a vida se expande com todas as manifestações da força, da intelligencia e do prazer.

Comtudo o movimento civilizador de Porto-Alegre, como o do Estado em geral, não teria semelhante desenvolvimento, talvez, se não fosse o grande numero de corpos do exercito, que alli existem permanentemente, na guarnição das fronteiras, e principalmente a escola militar, donde partem as verdades das sciencias positivas e os mais bellos exemplos de patriotismo.

Disto resulta a franca e bôa acceitação que tem o militar em todo o Rio Grande do Sul, onde o soldado é tido como a mais viva expressão de todos os sentimentos generosos de um povo; porque o soldado synthetisa a imagem da Patria, a sua dignidade, os seus brios, o seu heroismo, a su'alma, emfim.

Alem dessa vida do coração e da intelligencia, ha ainda em Porto-Alegre a vida do trabalho, de cujos resultados deriva aquella.

Grandes fabricas de calçados, de chapéus e de cerveja, occupam um pessoal enorme de brasileiros, portuguezes, hespanhoes, italianos e allemães, que no meio desse lutar incessante da vida pela vida, vão fraternizando pelo sentimento e pelas ideias.

A vida official é todavia a mesma das outras capitães brasileiras: muito funcionalismo publico, muita politica de conveniencias individuaes e muitos estragos do suor do povo, que afinal de contas é a eterna besta de toda a parte.

Não ha muito ainda o commercio desenvolvia-se na cidade com auspiciosas proporções; do dia para a noite fundavam-se grandes casas de negocio, com excellentes capitães; não se trajava senão fazendas preciosas, mas nos despachos da alfandega não se encontrava uma peça de seda ou uma camisa de linho. Em compensação a alfandega rendia cem contos de reis, quando devia render tresentos.

Ainda neste pônto o porto-alegrense manifesta o seu tino, a sua vivacidade e o seu cultivo.

Orgulhoso do seu amenismo clima, das suas vastas campinas onde mûgem os grandes bois ariscos, das suas lagôas que parecem mares interiores, o que não seria o povo rio-grandense se Porto-Alegre tivesse a população do Recife, os rios e as pontes que cortam a cidade pernambucana, e, que, em noites claras, quando a lua projecta os seus raios de prata sobre as aguas tranquillias do amoroso Capibaribe, dão-lhe um aspecto sublime, quasi phantastico!

VARIOS

(1882 á 1884)

I—A ESCRAVA



Senhor. Dae uma esmola á pobre desgraçada
 no berço sequestrada
 pelo instrumento vil da escravidão, senhor.
 Cidadãos: um ceutil, um obulo por favor !
 Ouvi-me: tenho pão. A dôr que me consome
 a dôr que me domina, é maior que a da fome.
 Eu sou escrava ! Sim, imploro á caridade,
 não o pão do faminto, o pão da liberdade.
 Sou escrava, senhor, sinto dentro do peito
 devorar-me essa chaga atroz do preconceito
 do captivo. Escrava... este nome é um grilhão
 que prende o pensamento e prende o coração.
 Vocabulo cruel ! prohibes-nos querer
 e pensar e sentir como um mortal qualquer.
 Tu vales a Injustiça,
 instrumento do mal, invento da cubiça !
 Tambem sou mãe, christãos, e como as mães christans
 eu soffro a mesma dor que padeceu Maria.
 Corações infantis,
 vós não podeis vender mais preito e idolatria
 do que eu á meus paes, aos velhos e aos avós.
 Tambem sou filha e esposa e sinto como vós,
 oh esposas e mães,
 o mesmissimo amor que todas vós sentis !
 Senhor. E' necessario erguer á soberana
 culminação da especie essa boiada humana
 dos escravos, Senhor:
 Dae pois a vossa esmola á escrava, por favôr !
 Quem der-me n'um ceutil o pão da liberdade
 têm-no dado tambem á Patria e a Humanidade.

II — PENA DE MORTE

Cruel devastação sobre o planeta humano.

Oh Lua distendei a vossa luz prateada
sobre o scenario vasto
deste globo que serve aos grandes Reis de pasto;
constellações, soltae a vossa gargalhada
á face do tyranno,

Ergueu-se o cadafalso em meio á larga praça
e a bruta populaça
sem compaixão, sem dó
consentiu reduzir-se um corpo humano em pó.

Morreu co'a indiferença
que lhe inspirava a fé, que lhe inspirava a crença
em Deus. O condemnado
obedeceu á lei calmo e desassombrado.

Foi ella quem mandou — a lei convencional —
esquartejar o heróe.
O martyr padeceu a *morte natural*
carregado de infamia e opprobio e de desdouro;
e estamos tão no fundo abysmador do vicio
que na Terra se assiste ao publico supplicio
como se assiste á morte humilima de um touro
da que ninguem se dóe.



IN MEZZO DEL CAMIN

(NO ALBUM DE UM COLLEGA, NO DIA EM QUE NOS SEPARAMOS
DEPOIS DO CURSO)



epararam-se um dia os dois romeiros :
Mas, ao partir, com voz triste e magoada
— guarda meo nome, um disse; “ e forasteiros
Foram perder-se ao longo da quebrada

Tempos depois, a furia dos pampeiros
Veio enconral-os sobre a mesma estrada.
Olham-se, embalde! (Oh treva dos outeiros !)
“ Dize meo nome.”—Chamas-te.... (mais nada !)

Tambem tu partes e quem sabe um dia
Na mesma estrada luminosa ou fria,
Outra vez nos veremos lado a lado;

E porque então, nunca te esqueça um nome,
Rico de amôr, embora sem renome,
Guarda-o no peito; chamo-me Passado !

1890, Janeiro.

GERVASIO FIORAVANTE.



Nº 13
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 15 DE JULHO DE 1891

NORTE E SUL

(RASCUNHOS PARA UMA PAGINA DE ETHNOGENIA BRAZILEIRA)



Não ha muito agitou-se na imprensa de alem Cabo-frio, a questão de saber-se qual das duas grandes secções do Brazil ha produzido maior copia de bons talentos, o Norte ou o Sul. Enxameáram criticos pelas columnas dos jornaes, para dizer, entre muitas injustiças revoltantes e somente justificaveis pelo acirramento da contenda, entre muitas extravagancias gaiatas, um acervo de verdades que se impozeram limpidas e convincentes ao espirito dos que de longe ouviam calmos o rumor da lucta amortecido pela distancia, sem que sentissem o contagio das paixões que se encadeciam. Envolvendo a todas essas verdades, erguia-se uma de alto interesse, que não devemos deixar afundir-se, com a maré vasante, na quietude tumular dos themas abandonados. E é: as tendencias litterarias ao Sul e ao Norte não são exactamente as mesmas, nem a indole dos escriptores das duas regiões é identica. Nota-se alguma cousa de differente na emocionalidade, no modo de escrever, na escolha dos assumptos, na predilecção por certos mestres e certas escolhas.

Esta differenciação que vae se accentuando dia a dia, apesar da acção absorvente do Rio de Janeiro, mais energica ainda depois da Republica, ja havia impressionado á perspicacia de Franklin Tavora. Eu mesmo escrevia em 1889: “Estou convencido de que nosso paiz é bastante vasto para ter em sua litteratura uma cor fixa e sem

nuanças. Cada região em que diversificar o clima e a mestiçagem, a raça e o meio, poderá crear uma forma divergente de conceber de poetar, de fazer litteratura, tendo aliás um fundo commum por onde todos se hão de assimilhar, porque certos elementos constitutivos do povo, em toda a extensão do paiz, são os mesmos" (1).

A discussão litteraria a que alludi no começo deste escripto veio confirmar estas idéas, mostrando claramente que, apesar das diferenças existentes nas producções dos nucleos litterarios do Norte, ha em todas ellas caracteres que as fazem classificar em um grupo distincto das que sahem dos centros sulistas.

Hoje, que as animosidades se acalmáram, procuremos conhecer as causas deste facto, indaguemos si ellas são de natureza transitoria, se são de origem recente ou si, por ventura, têm um character permanente e se prendem, por elos, que se foram avolumando com o correr dos tempos, ás condições mesmas que presidiram a formação e desenvolvimento de nossa nacionalidade. Nesta ultima hypothese está, segundo penso a, verdade, como tentarei demonstral-o, sem, por hoje, me deter longamente na exposição de minhas razões.

A composição primaria do brazileiro se operou, ao Norte ao Sul, com os mesmos elementos, porem, desde os primeiros tempos, nota-se que ao Norte, principalmente em Pernambuco, os colonos se entregam de preferencia á cultura do solo, em quanto ao Sul, cedo (2) se vão deixando quasi todos arrastar pela visão do ouro soterrado nas entranhas da terra, se entregam á vida aventureira de garimpeiros, esgotam as energias em afadigasas expedições pelos ermos sertões do interior que revolvem corajosos e pertinazes. Desse desvio originario na applicação das actividades produzido pela natureza dos terrenos deviam nascer e realmente nasceram modificações diversas no character e no viver dos dois grupos, tanto mais facilmente quanto o clima as vinha acelerar.

Ao Norte, a vida agricola começou a radicar o homem ao solo, a tornal-o affeiçãoado á terra que o nutria e fez, surgir, em breve, o sentimento de uma patria americana, como o revelou, de modo brilhante a expulsão dos batavos. Só mais tarde é que o mesmo sentimento se mostrava avigorado ao Sul com essa malograda conjura-

(1) *Epochas e individualidades*, Recife, 1889, p. 69.

(2) Já em Janeiro de 1608, o governo portuguez sentia necessidade de nomear officiaes para as minas de S. Vicente, E. Santo e Rio de Janeiro. Começa a auricidia.

ção mineira a que o romantismo patrio emprestou uns tons estranhos de epopeia sentimental.

Depois circumstancias diversas ainda vieram auxiliar essa divergencia de caracteres iniciada pela forma indicada, entre as quaes avulta a forte corrente immigratoria que ultimamente se despeja sobre quasi todos os estados do Sul.

A febre das especulações arrasta desordenadamente uma immigração cosmopolita e sem escolha que ameaça dissolver, no Sul, a patria brasileira, ao passo que, felizmente estão, até hoje isemptos os estados do Norte, dessa invasão perniciosa por ser mal orientada e descommedida. Essa immigração vem produzir um accrescimento na fortuna publica trazendo braços para a cultura de nossas terras hispidadas de rochas e florestas inaproveitadas, dirão. Acho problematica esta necessidade de braços recrutados por todos os meios e só vejo uma immigração accetavel e nobre que é a espontanea, a que vem com habitos de trabalho e tem um futuro diante de si.

Mas passarei sem discussão sobre esse ponto, assim como não farei arma da baixa do nivel moral que traz essa immigração tumultuaria (3), para perguntar somente: — de que vale essa opulencia real ou ficticia, si para obtel-a é mister sacrificar ou, pelo menos, perturbar indefinidamente a consolidação da nacionalidade brasileira pelo avigoramento da idéa e do sentimento de patria?

Sem duvida que nosso clima, que a natureza brazilica são factores poderosos para a adaptação transformadora das raças que aqui gorgolham atravez do Atlantico. Porem, para que essa transformação seja uma progressão tendendo a um objectivo alevantado e não um fraccionamento continuo e um intermino recommear de formações ethnicas, indispensavel se torna que a esses factores physicos se alliem outros sociaes e psychicos (como a identidade de lingua, de interesses, de costumes, de tradições, de historia) que vão unificando e consolidando a massa da população, que vão fazendo sahir desses simples aggregados sociogenicos, dessa sociedade em via de formação, um verdadeiro organismo que vibre ao choque de aspirações e sentimentos communs aos diversos seres e grupos de seres que o constituem. E eu receio que se annullem as energias desses facto-

(3) E' um facto averiguado que, em todos os paizes, a criminalidade dos estrangeiros immigrados é mais forte que a dos nacionaes, principalmente quando a immigração é feita pelo nosso systema, Vide *Joly-la France criminelle* p. 58 e segs.

res á força de se lhes contrariar o regular funcionamento e que sobre nesse torvelinho a consciencia de nossa nacionalidade.

Felizmente as condições climatericas dos Estados do Norte e a pobreza de alguns, acompanhada de um accrescimento relativo de população indigena, os têm afastado deste contagio, que uma vez por outra, ainda assim, lhes vem fazer gaifonas (4). Ahi, pois, se vae refugiando o relicario de nossas tradições; e deste laboratorio emergirá o verdadeiro typo ethnico do brasileiro, como resultado da fusão das raças postas aqui em fecundo contacto, si alguma circumstancia não sustar essa *deconfiture* de que está ameaçado o povo brasileiro ao Sul.

Abramos as portas de nossa nacionalidade a todos que nellas vierem aportar, mas não perturbemos irreflectidamente a evolução natural do povo.

E' um facto tam visivel e de consequencias tam latas este que aponto, que julgo poder assegurar : Continuem as cousas como vão por mais alguns annos e teremos a desagregação do Sul, onde se irá elaborar a constituição de um grupo ethnico diverso e tendo apenas de commum comnosco uma porção de sua historia.

A poderosa acção do Rio de Janeiro, para onde convergem as mais valentes actividades de todos os pontos do Brazil, acção que consiste em dar a todos os brasileiros um forte laço de unificação e em amortecer os principios de differenciação que para esse grande centro levam os provincianos, deixem passar o termo, a poderosa acção do Rio de Janeiro, como capital, dizia, ha de retardar de alguma forma esse desastroso resultado, mas elle afinal ha de vir, si uma orientação melhor não nos levar por outro caminho.

Mas não sou pessimista. Acredito que este desregramento ha de ter um paradeiro e que este excesso de assimilação de elementos extranhos por parte do povo brasileiro venha afinal somente accentuar, com força maior, a differença que ha entre brasileiro nortista e brasileiro sulista, sem quebrar os vinculos que os prendem á mesma patria. Passada a crise, ver-se-á, melhor do que hoje, que a indole do povo brasileiro ao Norte differe da indole do mesmo povo ao Sul, e que é por isso que a nossa litteratura offerece as duas feições que lhe têm reconhecido alguns criticos da actualidade. E ver-se á

(4) Sei que se projecta colonisar o Norte com *declassés* de diversos paizes. Mas acredito que a exosmose se effectuará necessariamente, em vista de nosso meio e de nosso clima, de modo que só assimilaremos uma quantidade de imigrantes tal que não possa perturbar a marcha de nossa evolução ethnica.

tambem, melhor do que hoje, que a litteratura nortista apresenta um mais accentuado cunho de brazileirismo, porque o contingente ethnico indigena aqui foi relativamente maior do que ao Sul onde o elemento alienigena preponderou desproporcionalmente pela acção constante das immigrações ; e porque aqui foi possível ultimar mais cedo a constituição de um typo definitivo do brazileiro, ao passo que ali esse typo vacillou por muito tempo, ameaçando desaparecer sob a onda do cosmopolitismo que o cobriu.

A acção da immigração, porem, não ha sido somente perturbadora da vida moral e da vida nacional de nosso povo, devo dizel-o com franqueza. E eu sou somente adversario da immigração tumultuaria, desregrada, colhida na vasa de onde brotam os criminosos de todo genero. E' contra essa que meus sentimentos de brazileiro se revoltam. A outra, a immigração espontanea e escolhida, que se obtem naturalmente, sem seduções e enganoses, mas com a simples propaganda de nossos recursos naturaes e as facilitações de meios, essa tem produzido e poderá produzir ainda bons resultados, porque faz do Brazil sua nova patria a quem dedica a actividade e affectos. A ella devem alguns estados do Sul certo brilho em sua cultura litteraria e artistica, certa habilidade para os escriptos leves, para o verso, para o folhetim, certa agitação e luxo na vida urbana, segundo a moda das grandes cidades europeas, as que só podemos oppor mais nacionalismo em nossas produções artisticas e o recolhimento cheio de alegrias serenas de nossa vida em familia. Ali os litteratos, são mais bohemios; aqui encáram a vida litteraria por um prisma um tanto menos romantico, como uma fonte de gozos intellectuaes, que não os inhiibe de viver e trabalhar como as outras classes sociaes. O Norte é mais pobre, mais moroso em seu desenvolvimento industrial, mas não sendo extranho ao que de melhor produz a Europa, na sciencia e nas lettras, sabe mostrar-se mais brazileiro.

Poderão oppor ao que fica affirmado o caso do Rio de Janeiro, onde ao lado de homens que estudam os mais escabrosos problemas da sciencia, vê-se o grupo dos cultores fanaticos das formas, dos artistas mais delicados, onde se cultiva com amor a lingua brazileira, tanto em seu elemento plastico, quanto em sua face intima e scientifica, e, com a lingua, todos os factos historicos, ethnologicos, litterarios que constituem a acção do brazileiro como povo. Mas ahi se congraçam, se aperfeiçoam, se transformam, quando não se suffocam, as qualidades proprias aos homens do Sul e aos homens do Norte ; ahi é poderosa a acção do estrangeirismo, porem a lucta

avigorando as boas qualidades nativas, ellas afinal sobem á tona e se revelam poderosas. Não é Norte nem Sul; é o centro, é a capital.

Minha these, em conclusão, não é affirmar onde ha maior copia de talentos, mas asseverar que esses talentos produzem obras de character distincto, havendo maior preocupação plastica ao Sul, devida naturalmente ao elemento europeu, e ao Norte, onde a acção do estrangeiro só se faz sentir pelos livros, mais accentuado nativismo. (5) O Rio não servirá de argumento contra ella, porque está fora della, mas poderá confirmal-a principalmente si examinarmos a indole de cada escriptor em relação a sua origem.

CLOVIS BEVILAQUA.



IDEIAS INTRODUCTORIAS AO ESTUDO DA HISTORIA (*)



Costuma-se dar o nome de — historia universal — á sciencia que se propõe estudar a marcha ascensional da humanidade desde o começo do seu desenvolvimento; mas esse epitheto é incabivel. Uma historia universal é, em rigor, uma historia do universo; — e uma historia do universo, ainda limitada ao nosso mundo, seria aquella que estudasse todos os phenomenos da natureza, desde o seu primeiro momento até o presente. Comprehende-se de prompto que esse conhecimento está á cima das forças humanas.

Não é menos inexacta a expressão de — historia da humanidade —, que é tambem usual. A humanidade considerada como um todo, isto é, a especie humana, considerada em sua totalidade, não tem ainda uma historia, e bem pode-se affirmar que nunca tê-la-ha.

(5) Na evolução da cultura philosophica e scientista do Brazil, se notam igualmente caracteristicos divergentes ao Norte e ao Sul. Mas isto será assumpto para outro artigo.

(*) Trabalho inedito, de Tobias Barretto, e offerecido por Arthur Orlando a *Revista*.

Até hoje, — e talvez que em todos os tempos, — a palavra — humanidade, — designa apenas uma ideia geral da especie humana á somma que nós formamos, por commodidade da linguagem, de todos os individuos dessa mesma especie ; mas é certo que á essa ideia geral não corresponde uma realidade, individual ou collectiva, que tenha uma historia. Expliquemo-nos melhor: — o que se chama humanidade, é o conjuncto de todos os povos, civilisados ou não, distribuidos pela terra; — uma historia da humanidade seria, pois, a historia de todos esses povos. Ora, isto é irrealisavel. Paizes ainda existem, e até partes do mundo, — por exemplo, a Africa, — cujos habitantes são quasi de todo desconhecidos, que não entraram na corrente historica dos povos civilisados. E com que direito poder-se-hia então dar o nome de — historia da humanidade — a historia somente de uma parte, mesmo da maior parte do genero humano, ficando fóra uma boa porção ?

D'aqui resulta que o verdadeiro nome da sciencia, que nos occupa, é o de historia da civilisação, ou historia das nações, ou simplesmente — historia —, podendo-se addicionar á esta palavra o epitheto de — geral,— como fazem alguns autores, no intuito de distinguir a historia das nações da historia desta ou daquella nação em particular.

Se a historia, como acabámos de ver, não tem por objecto a humanidade, ella não tem igualmente por objecto o — homem —. Como individuo, como capaz de constituir uma familia, até mesmo de constituir a tribu, que é uma reunião de familias, o homem é objecto da — historia natural, que se occupa do desenvolvimento dos reinos da natureza, dos seres organicos e inorganicos, pedras, plantas e animaes. Em quanto membro da familia ou da tribu, o homem não se distingue de outros animaes, que tambem têm familia, que tambem constituem tribu, por exemplo, o macaco etc.

O homem começa á ter um caracter á parte, á distinguir-se completamente dos outros animaes, no momento em que elle associa-se, organisa-se e forma o que se chama — um Estado, — uma nação — A historia propriamente dita principia, pois, naquelle ponto em que a especie humana, conforme as influencias do clima, ou outras quaesquer, entrou á separar-se em grupos distinctos, e estes grupos á formar nações, Estados. Ou tenha isto se dado, á uns cinco ou seis mil annos, segundo a descripção da Biblia, ou á centenas e centenas de annos, conforme os dados da sciencia moderna, o certo é que a historia começa com a formação dos primeiros Estados,

E' bem sabido o que refere a Biblia á respeito da creação do homem, sua vida no paraíso etc., etc. Mas, quer seja esta a verdadeira origem do ser humano, quer seja a que é ensinada pela sciencia, isto é, que o homem descende de uma especie inferior, — orangotang, gorilla, ou chimpanzé, o que deve ficar fóra de duvida, é que a historia propriamente dita, a historia geral, ou historia das nações, tem o seu ponto de partida no momento em que os povos se constituíram em Estados, — imperios e reinos — O que antes desse momento aconteceu, pertence mais á historia natural do homem, como especie animal, do que como genero humano, capaz de civilisar-se e engrandecer-se. Assim, por exemplo, dado mesmo que a historia de Adão e Eva, de que trata o principio da Biblia, seja verdadeira, não é mais do que um pedaço de historia natural.

Fique por tanto assentado que a historia geral occupa o meio termo entre a historia da humanidade, que não existe, e a historia do homem, que faz parte da historia natural.

TOBIAS BARRETTO.

FIM DE JORNADA



em. Eu descanso aqui. Tiro as sandalias. Jôgo
O meu bordão a relva e reflecto. E' de fogo
O poente — o travesseiro onde o sol vae deitando
A cabeça sangrenta. O ar está cantando.

Vim subindo, subindo anciosamente a escarpa.
Desejava galgar esta eminencia. A farpa
Da ambição me ferroava o peito pela estrada.
Eu queria subir, ascender a inflammada
Culminação do monte em que moram as pompas
Da luz, do céu, do azul; queria ouvir as trompas

Da floresta vibrando ao sopro cru dos ventos
Nesta vertiginosa altura, aos luzimentos
Do astro que morre alem, como um heróe ferido,
Rubro, soberbo, nu, phantastico, incendiado !


Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho
Andado. Eil-o: é tão longe e teve tanto espinho
Que eu não sei comô pude effectuar a viagem.
Esta cota de malha alvissima — a Coragem,
O escudo — Entusiasmo, a lança — Inspiração,
Esta vizeira — a Idéa, este punhal — Canção ;
O estojo azul do verso, a armadura da Prosa,
As hallucinações do Ideal, a gloriosa
Febre da propaganda, o odio ao Erro, o amor
A' humanidade, a Sciencia — a arvore sempre em flor ;
— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fóra,
Como um jôven nababo esturdio que não chora
Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias,
Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias

*
* *

Vou repousar agora. Esta eminencia tem
Astrós, fulgurações, seiva, perfumes. Vem
Medroso, abrindo a asa, este passaro — a noite.

E eu quero procurar um canto onde me açoite,
Entré as vegetações cheias de insectos mansos,
Sobre o chão, sob o céo, aos dourados avanços
Do luar que ali surge, e que espiando mudo]
Por detraz do alcantil, magnetisa tudo !

IZIDORO MARTINS JUNIOR



PERFIS

Dr. JOSÉ HYGINO

(Continuação do n. 11)



entre as mais importantes questões da psychologia ha uma que tem atrahido especialmente a attenção dos sociologos; refiro-me ao interminavel debate entre os partidarios e os adversarios da liberdade humana.

Para os sociologos a liberdade é uma illusão, desde que todos os factos humanos são regidos por leis. D'ahi a necessidade de um determinismo para a vontade como para qualquer phenomeno physico, pretendendo-se explicar todas as acções do homem pelo principio da causalidade.

Mas os sociologos não vão com a experiencia, quando pretendem submeter a vontade á causalidade universal.

A vontade tem permanecido até hoje “ como um *ponto negro* na brilhante cadeia das causas e effectos.”

Interrogada a experiencia, ella não nos diz senão uma cousa : é que existe um factor pessoal, causa *immediata* das nossas acções, das quaes os *motivos* não são senão *causas* mediatas.

Os adversarios do determinismo social não contestam que os actos humanos sejam *motivados*, negam simplesmente que a *motivação* possa confundir-se com a *causalidade*.

Entre *causa* e *motivo* ha grande differença : a *causa* é cega e fatal; o *motivo* é finalistico e consciente.

“ Quando se diz, escreve Wundt, que o character do homem é um producto do ar e da luz, da educação e das circumstancias, do nutrimento e do clima, que é predeterminado necessariamente por estas influencias como todo phenomeno natural, tira-se uma conclusão completamente indemonstravel. A educação e o destino implicam já um character que os determina : toma-se por effecto o que em parte já é causa.”

Entretanto para os sociologos, o determinismo é questão de vida e de morte, e na impossibilidade de conciliar a liberdade com a sociologia concluem por negar a primeira, pensando deste modo resolver a difficuldade.

Uma outra difficuldade, com que luttam os sociologos é a ap-

parição dos grandes homens, difficuldade que procuram remover com a theoria da evolução, affirmando que o genio não é senão o producto das condições inherentes ás gerações anteriores.

Não sou d'aquelles que sustentam que para comprehender a marcha da civilisação basta lêr a historia dos grandes homens ; mas tambem não pertenco ao numero dos que entendem que os genios são unicamente um producto da raça, do meio e do momento historico.

Colloco-me em um ponto de vista superior, em que nem se nega a importancia das revoluções operadas pelos grandes homens, nem se negligencia a importancia das forças sociaes accumuladas no passado.

Se é certo que não poder-se-ia comprehender Shakspeare sem as experiencias accumuladas de um passado longiquo, que vieram enriquecer o seu espirito, e sem esta linguagem, em que milhares de gerações trabalharam para desenvolver ; se não comprehender-se-ia Watt com todo o seu genio de invenção vivendo em uma tribu de selvagens, que desconhecesse o ferro, tambem não se póde considerar esses espiritos superiores como uma simples resultante de condições ethnicas e historicas.

A aparição do genio suppõe necessariamente certas condições sociaes; mas nem por isso póde dizer-se que seja uma resultante das forças que agiram no passado, porque o que caracteriza o genio é esse quer que seja de proprio, de exclusivo, de pessoal, que não pode ser attribuido a um trabalho collectivo.

Por mais que soffra o amor proprio é preciso reconhecer que ha uma grande distancia entre os homens de genio, contemporaneos dos seculos futuros, e os simples mortaes, condemnados a uma longa e paciente investigação.

Entre os primeiros e os segundos, diz Maudsley, ha a mesma differença que entre a borboleta, que vôa e suga o nectar das flores, e a lagarta que roja-se por terra e alimenta-se de hervas.

O Dr. José Hygino não se satisfaz como outros, com a affirmação da existencia de uma sciencia social, procura determinar a natureza e o methodo dessa sciencia, tarefa que julga facil seguindo o caminho indicado por A. Comte, isto é, "a tão simples quanto importante divisão" da *statica* e da *dynamica*."

Entretanto, na opinião de Roberty, apesar de variados e successivos esforços não se conseguiu constituir definitivamente, nem mesmo esboçar de uma maneira geral e independente uma *statica*

um pouco independente da dynamic. Nos melhores ensaios de analyse sociologica, e apesar da bôa vontade dos investigadores, esses dous pontos de vista, theoreticamente tão distinctos, são continuamente confundidos. Nenhuma nova luz brotou desta distincção tão simples; nenhuma lei fundamental foi achada por meio desse processo analytic".

Wirouboff accressenta: "A divisão é, com effeito, muito vaga, muito geral — applica-se a quasi todas as cathogorias de phenomenos—para chegar um resultado pratico qualquer; é subjectivamente verdadeira, mas objectivamente esteril".

O *evolucionismo* é a theoria da transformação e melhoramento dos seres em geral; o *darwinismo* a doutrina da apparição e desenvolvimento dos seres vivos por uma série de metamorphoses, cujas principaes causas são a lucta pela existencia, a selecção natural, a influencia dos meios, a acção da hereditariedade, etc.

O *evolucionismo*, como hypothese philosophica, não é incompativel com um plano preconcebido, com um principio de finalidade, com uma acção sobrenatural no desenvolvimento do universo; o *darwinismo*, porém, como hypothese scientifica, exclue toda ideia de intervenção teleologica e explica a origem das especies por causas puramente mechanicas.

Mas não é raro vêr confundir-se uma hypothese com outra, e o illustre professor, sem fazer a necessaria distincção, passa a tratar do homem prehistorico sem dizer uma palavra sobre o ser primordial, que servio de elo entre a especie humana e os outros animaes.

E' verdade que conhecemos o homem primitivo, parecendo bem ousada Clemence Royer, que pretende traçar-lhe o retrato, (1); mas para ser consequente, quem está convencido de que o *darwinismo* é uma verdade scientifica, confirmada pelos factos, tem necessidade de considerar a origem do homem, como a de todas as outras especies vivas, sob o ponto de vista transformista e de levar as suas investigações paleoethnologicas além da idade da pedra lascada, que já testemunha uma certa civilisação, a que o homem primitivo não

(1) " Il est certain diz Mlle. Clemence Royer, qui l'homme primitif était très dolichocéphale, très prognathe. Il avait des cheveux laineux, une peau noire ou brune. Son corps était revêtu de poils plus abondants que chez aucune race humaine actuelle. Ses bras étaient relativement plus longs et plus robustes; ses jambes, au contraire, plus courtes et plus minces, sans mollets; la station n'était chez lui qu'à demi-verticale et les genoux étaient fortement fléchis."

pôde chegar senão á custa de longas experiencias e de peniveis esforços.

Se os archeologos dividem os tempos prehistoricos em idade da pedra lascada, idade da pedra polida, idade do bronze e idade do ferro e consideram a idade da pedra lascada como a mais antiga da prehistoria, é por ser a ultima, de que encontram-se vestigios humanos e não porque tenham o homem primitivo como coetaneo da pedra lascada.

O machado e outros instrumentos de pedra lascada provam incontestavelmente a existencia do homem no terreno, em que foram achados, mas nem por isso este pôde ser considerado o berço geologico da humanidade.

Foi pelo primeiro ramo arrancado á arvore para servir de arma de defeza ou de ataque que debutou a civilisação.

Já Lucrecio dizia :

“ Arma antiqua, manus unguis dentesque fuerunt,
“ Et lapides et item sylvarum fragmina rami.”

Assim em vez de uma idade da pedra se deveria antes fallar em uma “ *idade da floresta* ” para marcar a epocha em que o homem lançando mão do mais simples instrumento, que se pôde imaginar, o ramo de arvore, affirmou a sua superioridade intellectual sobre todos os animaes que o cercavam (2)

Tractando da questão da evolução mental e emocional do homem, eu disse na introdução das *Questões Vigentes* que “ hoje que já se possui uma historia da vida sideral — *Astronomia*, uma historia da vida universal — *Geologia*, uma historia da vida vegeta] — *Botanica*, uma historia da vida animal — *Zoologia*, uma historia da vida humana — *Anthropologia* lançando esta ultima os mais vivos clarões sobre as differentes causas, que têm modificado e aperfeiçoado o systema nervoso do homem, sobre os diversos elementos constitutivos da cultura psychica em toda a superficie do globo, seria ridiculo indagar-se se tem havido um desenvolvimento da intelligencia e da sensibilidade.

(2) G. Le Bon diz á pag. 228 vol. 1. de *L'homme et les Sociétés*: La plus ancienne époque dont nous ayons des vestiges est celle de la pierre taillée, et c'est pour cela que nous la faisons figurer, comme le font, du reste, tous les auteurs, en tête du tableau qui précède. Mais il est bien evident qu'avant l'époque où l'homme se livra au travail difficile de tailler des pierres aussi résistantes que le silex pour en faire des armes, il dut s'écouler une période fort longue pendant laquelle comme le dit Lucrece ses seules armes furent ses ongles, ses dents des branches d'arbre et les cailloux qu'il ramassait sur son chemin.”

“ A questão, porém, muda de face para tornar-se insolúvel, quando se pretende saber como operou-se a evolução das ideias e dos sentimentos.

“ Se ainda hoje está por acabar se a historia *morphogenica* e *morphophylica* dos seres vivos, de maneira que ainda não pôde explicar se como de um organismo amorfo sabio por evoluções continuas a belleza plastica da mulher; se é terreno ainda menos explorado a *physiogenia* bem como a *physiophilia*, de tal sorte que seria impossivel explicar como dos movimentos monotonos dos animaes inferiores proveio a graça feminina com todos os seus encantos e seducções, seria loucura fazer *psychogenia* e *psychophylia* explicando como se tem operado a evolução mental e emocional no homem.

“ Mais proveitoso seria investigar se tem havido uma evolução *volicional*, se a cadeia dos *para que* tem progredido na serie dos *porque*, se no homem as causas finaes têm adquerido preponderancia sobre as *causas efficientes*.

“ Ainda mais complicar seria o enigma se se pretendesse levantar o veu, que occulta o futuro para determinar-se até onde augmentará o poder do homem sobre a natureza, até onde se melhorará o seu destino, que ideias e sentimentos prevalecerão nas gerações vindouras, em que sentido deve ser dirigida a marcha da humanidade para o seu destino quasi divino, quaes os elementos de civilisação que subsistirão e quaes os que desaparecerão. São questões interessantes mas insolúveis.

“ O que será o mundo, pergunta Renan, quando um milhão de vezes se tiver reproduzido o que se tem passado desde 1763, quando a chimica em lugar de oitenta annos, tiver cem milhões? Toda tentativa para imaginar um semelhante futuro seria ridicula e esteril.

“ O que ha de menos ridiculamente esteril n'este assumpto é indagar se a ideia e o sentimento têm marchado parallela e synchronicamente, se existe *homochronismo* entre o desenvolvimento mental e emocional do homem. Os factos são pelo *anachronismo* sentimental: enquanto muita ideia tem se afagado do ceu do pensamento, as primeiras emoções do homem continuam a scintillar-lhe n'alma.”

Limitar-me-ia ao que fica transcripto se n'um dos seus trabalhos o Dr. José Hygino não ligasse particular importancia ao *associacionismo* systema psychologico, a respeito do qual sinto necessidade de fazer algumas considerações.

ARTHUR ORLANDO,

(Continua)

VARIOS

(1882 á 1884)

I—Os BoiS



oou de idade á idade e transformou-se
em costume profano o sacrificio,
do touro no antiquissimo supplicio
a cerimonia usada aniquilou-se.

Na vespera de Festa em toda parte,
sem os vetustos modos e os adornos,
ajoujam-no ao moirão e toda a arte
consiste em derrubar-o pelos cornos,

Ficam porem em pleno matadouro
da esartejada victima da moda
postas de coalho, as córneas e o coiro

e a vista então do rebotalho quente,
ventas ao chão, urram em pranto á roda
os outros boiS desconsoladamente.



II — NAUFRAGO

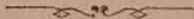
E' noite de cerração !
A tempestade se agita,
o revólto mar palpita,
ribomba o rouco tufão.

Incauto barco veleiro
entra no pleito selvagem ;
despedaçou a voragem
barco e vela... e o marinheiro ?

N'aquelle horrivel lutar
despedaçando-se o barco
o bravo foi ter ao mar

e de manhan muito cêdo
ao longe se o distinguia
preso do mar n'um rochedo.

FERNANDO DE CASTRO,



CHRONICA



Chronica, vocabulo grego, significa CRITICA, e d'ahi talvez a origem de CHRONICA, narração critica, circumstanciada. E' pois n'este cyclo que a penna do chronista tem de escorropichar de quinze em quinze dias os acontecimentos mais notaveis do microscosmo das lettras. Entenda-se bem: a nossa chronica não fará o seu apanhado nas pedanterias quichotescas dos vadios de collarinho á *pinaud*, nas banalidades dos criticos de botequins, no punch da magra jornalistica cá da terra, afeitada a thesoura de apara. Não! Ao envez disto, tomará sempre por base os grandes successos. Exemplos:

SILVA JARDIM. — O intemerato propagandista da idéa republicana é morto! Morto materialmente entenda-se, porque começa a viver em cada memoria! Raro se sobe tão arrojadamente ao infinito celestial da memoria das nações. A historia da península inteira, a historia miraculosa da Roma dos antigos, não conta um facto maior do que este em que de envolta com o fumo e o pó da cratera esguedelhada do Vesuvio, desapareceu o grande luctador! Se fosse possivel acreditar na força do destino ahi teriamos a explicação da morte material de Silva Jardim, e da sua vida agora eternamente apar da historia d'aquelle vulcão. O immaculado Silvinha, como nós os moços lhe chamavamos, era nos ultimos tempos um fermento... Fazia-lhe odio convulsivo, odio terrivel o leilão em que puzeram a patria brasileira a meia duzia de sebastianistas que pelo ardi do compadrio indecente poderam galgar as eminencias do poder. Silva Jardim era um odio, e como odio, não podia ser tragado senão por um odio maior, senão pela incandescencia de um vulcão, que cospe raiva e fel das miserias mundanas pelo escalavrado de sua cratera eternamente malfaseja! O Vesuvio que tragou Plinio, que destruiu Pompéa, Herculana e Stabia tragou tambem o grande martyr da idea republicana brasileira. Fazia-lhe mal o leilão da patria e por isso ausentou-se da Patria, exilou-se voluntariamente, para não testemunhar occularmente o desmoronamento d'esse edificio que se procurou construir nos alicerces de sua propaganda benefica e feliz de sul a norte do ex-Imperio, sem nunca temer as sanhas dos apani-

guados da camarilha que movia as mashorcas insultuosas aos brios e a dignidade de um povo precocemente empedernido dos sentimentos do valor e do heroísmo. E se tanto conseguiu o heróe é porque jamais temeo a morte confiado no seu escudo — a coragem, na cota de malha — a vontade e n'esta couraça — o civismo ! Ainda estão palpitantes de actualidade aquelles acontecimentos que foram outros tantos triumphos para Silva Jardim — a lucta da *guarda negra*, pobres inconscientes que ignoradamente prestavam-se a uma ingratição para com o homem que acabava de dar seu esforço pelo emancipacionismo ! Pobres inconscientes, ignoradamente aviltados de sentimentos máos, que o irmão branco lhes tiraram ! Depois quando o *throno* mandava em propaganda monarchica " o principe aventureiro e fatal ", todos nós vimos o seu desassombro acompanhando-o as regiões do norte, affrontando todos os perigos, desde o tropel da massa inconsciente até a chufa grotesca dos *promettidos* Senadores ! Cada malha porém a que procuravam jungir o seu talento, era um novo triumpho que surgia ! A sua palavra facil, fluente, animadora, agradável e convincente ia conquistando, ia convertendo, para os arraiaes da *causa commum* os mahometanos que lhe apedrejavam momentos antes. Ah ! *elle* pregava o bem; *elle* pregava a verdade; tinha de vencer forçosamente. E venceu ! Como o patriarcha, como Benjamin Constant, vio o esforço de sua obra. Ambos porém infelizes, ou melhor, ambos felizes, porque se é verdade que os *mortos governam os vivos* na phrase do pontifice do positivismo, elles, na memoria de cada um, representam o modelo da honra, do character, da probidade, do immaculado, do forte, do heróe, da vontade e do civismo !

*
* *

O 14 DE JULHO.— E' sempre emocionado grandemente por todo o sentimento de minha admiração pela grandeza da idéa gigantesca do povo francez, que falo da grande data que conquistou soberanamente os *direitos do homem*. Esta grande obra collaborada por todos os philosophos do seculo 17 e continuada no seculo 18 até a sua realisação, architectada paciente e conscientemente por uma geração afeita ao soffrimento, á oppressão e ao *kinot* da realza, se me afigura a mim como o maior facto da humanidade, como o maior feito de um povo que lançou as largas bases de uma democracia immorre-douira. Este facto que mereceo de Comte o titulo de *grande crise occidental*, ainda está palpitante de actualidade e como o maior relevo

nas limpidas paginas da Historia, isolado completamente tal é a enormidade que o circunvolve, apar os nomes relembrados de Rousseau, Voltaire, Diderot, Demoullins, Danton, Mirabeau, e tantos outros vultos sagrados. O *14 de Julho* por fim, me arrebatou, me orgulha, me electriza, com o mesmo choque com que as vibrantes notas da *Marselheza* de Rouget de Lisle, transpõe ao aguerrismo o espirito de qualquer francez patriota. *Te saluta* pois *14 de Julho* immorredeiro! Somente a Colonia Franceza residente aqui, sentiu ardor pela data da emancipação da humanidade! Triste lamentação! O indifferentismo que á muito anda pela alma do povo, como corvo sombrio a roubar o entusiasmo de seus brios, não deixou transparecer sequer o menor extravasamento de contentamento pelas fibrinas emocionaes do seu coração já pouco palpitante pelas causas grandes, pelas causas heroicas! Tristissima demonstração! Aviltação tristissima!

*
* *

UMA VISITA AO MIKADO. — Fui visitar o Mikado. Para isso não precisei ir ao Japão, ir a Tokin, a sua actual capital. Não. Fui ao *Mikado* muito commodamente e passei revista nos productos d'arte do povo japonez. O *Mikado* não é a colmeia do povo na febre constante das manufacturas, mas é, incontestavelmente, o producto d'essa colmeia, a elaboração do trabalho do genio artistico do japonez. Fui ao *Mikado*... quero dizer, fui a exposição de objectos japonezes feita pelo Fonseca, á rua do Marquez de Olinda n. 24. Avaliem que tudo quanto se pode imaginar de exquisito no genero *bambú*, ali está artisticamente trabalhado. Cestinhas de *arima*, bengalas esculpturadas grotescamente, ventarolas, leques, sobre marfim esmaltado, sobre xarão; objectos de bronze (esmalte sobre bronze) a que se chama propriamente *cloissonne*, esmaltado, em alto relevo, representando um *koro*, a ave predilecta dos japonezes, sobre o bronze de Bekko; tympano de antimonio, gravado a mão, e muitos outros objectos n'este genero como riquissimos alfinetes de gravata, representando exquisitices; espelhos de metal polido, em supportes de lacca; placas em *Imari*; tapetes finissimos e raros; armadura feudal, de bronze, e espadas de todos os tamanhos e feitios. Avaliem mais os leitores que o Fonseca teve a exquisitice de expor uns magnificos biombos de seda e retroz, do que pode haver de mais excentrico e de mais bem trabalhado, com bordaduras á relevo, com paysagens representando usos e costumes dos filhos carissimos dos mares orient-

taes. Segue-se a isto lindas pinturas, quadros, em molduras toscas de bambús e xarão, trabalho fino do pincel aprimorado dos irmãos dos chinezes; a verdadeira pintura de Kai, que tem feito grande successo no mundo europeu por sua excentricidade e belleza. As primorosas conchas de madreperola do mar Amarello, ennastradas em objectos de lacca do que se pode pensar de mais garrido; trabalhos de camphora natural e laccarada, de *tukins, kato e sato*. E' um mundo de especiarias o Mikado! Em louça é o que ha de melhor conhecido no mundo! Ahi podem os colleccionadores fazer a melhor digressão porque acharão de certo com que sacciar toda a sua cobiça de possuir raridades. Tem louça de *Banko*; vasos rarissimos de *morikim, faisán*, de *tokonabe* (em formas de dragão), de *sumitsuki*, de porcellana de *sage*, de porcellana de *morikin* (em forma de *koro*), de *iskminin*, de *saikio*, de *bishui*; pratos de *Kochi*; garrafas de *Owari* e um infinito de coisas que podem formar um *louvre mignon*! Parece que mandaram Tokio e seus arredores com o seu mundo industrial, com a sua febre de arte, com todo o seu producto para a exposição do Fonseca. Em materia de bambú conta-se desde a originalidade do leque e do chapéo de sol até o que se pode exigir de mais indifferente ao uso commum!

Eu já li algures que o povo japonéz como o povo chinez conta dois mil e quinhentos objectos fabricados do bambú; e de facto ali no *Mikado* está uma boa amostra! O *Mikado* merece ser visitado para que todos fiquem sabendo que as nossas linhas são palidas palavras do que é o que ali entre quatro paredes está, reproducção da grande colmeia do Japão.

*
* *

A REVISTA DO NORTE. — Começa agora a nossa revista a ser publicada *quinzenalmente*, que é o mesmo que dizer, com mais espaço, com maior numero de paginas, com mais franquesa para os nossos collaboradores e com maior attenção para com o publico *leitor* que a applaude e que alimenta-lhe a vida por entre este indifferentismo que vae em tudo e por todos. Não altera porem, seus habitos... Somente a *CHRONICA* que apparece fará mais um acceppepe gostoso aos seus assignantes.

*
* *

LIVRO DA PORTA. — Fomos obsequiados com um cartão-con-vite do *Club Carlos Gomes* para assistirmos a sua ultima *soirée* de canto e dança. A primeira parte esteve magnifica, sobresahindo-se o distincto barythono Sr. Comoletti Giugelmo na *aria* do BARBIER DE SEVILHE, occupando o segundo logar D. Anna Poggi que execu-tou com expressão o trecho da *Serenata* da Schubert. A parte dan-çante está acima de todo elogio.

Registramos o apparecimento da REVISTA MENSAL da Sociedade *União Piauihyense*.

L. S.



Noite

A JOÃO CABRAL.



á foi se o dia alegre, o luxuoso dia
De paysagens azus, e a negra noite veio
N'uma funda tristesa e no silencio, fria,
Guardar o loiro sol nas trevas do seo seio.

E o tempo vae correndo, a noite vae em meio
E nem um astro só um terao olhar envia
Ao negro tempo triste, e máo, ruim e cheio
De frigido vapor e nuvem pesadia.

Assim tive em minh'alma um luxuoso dia
E o sol do meo amor de clara luz ardente
Os raios dardejando em louca phantasia;

Mas, veio a negra noite impetuosamente
Guardar o loiro sol. Silenciosa e fria
Ficou minh'alma então, do teu amor descrente.

THAUMATURGO VAZ.

Amizade

N'UM ALBUM



Como a ave que apoz longa jornada
 Vem candida poisar no doce ninho,
 E traz de longes terras um raminho
 — Anhelante, feliz e fatigada; —

Assim me vem a lyra, burilada
 Dos aromas ideaes do rosmaninho,
 Trazendo no trinar de um passarinho
 Uma esplendida luz da madrugada !

E n'ella o ramo verde da amizade,
 Sincera, cordeal e graciosa,
 Como engaste de estrella luminosa !

E viva sempre aqui eternamente...
 E quando não for mais ramo virente
 Conserve o brando aroma da Saudade !

LEONIDAS E SÁ.

RECTIFICAÇÃO



o numero 12 desta Revista leia-se :

A' pagina 192, linha 22 — estende-se — em vez de *es-
tendendo-se*.

A' pagina seguinte, ultima linha — cantaram — em vez
de *cantavam*.

A' pagina 194, linha 30 — intuição — em lugar de *instituição*.
 Na immediata, linha 32 — amenissimo — em vez de *amenismo*

Silva Jardim



conhecida hoje de todos a morte desastrosa do Dr. Antonio da Silva Jardim, o denodado corypheu dos republicanos intransigentes.

A *Revista do Norte*, acompanhando o sentimento da Patria inteira, veste-se tambem de lucto e vem trazer a sincera homenagem de sua dor ao illustre morto.

Nascido a 18 de Agosto de 1860 e formado, pela Academia de S. Paulo, em 1882, não havia ainda Silva Jardim completado trinta e um annos de idade e já havia trabalhado mais pela Republica, pela Patria, do que quantos elle encontrou consagrados chefes ao assomar intrepido no terreno da lucta.

Passou rapido como um meteóro, illuminando as consciencias, despertando as energias, apavorando as hostês monarchicas. Mas o sulco de sua passagem não se esvairá como o rastilho ephemero do meteóro, na atmosphera, porque foi o mais valente propagandista da Republica, o mais audaz e o mais intelligente de nossos agitadores politicos e porque foi o factor poderoso de nossa evolução politica.

Encarado por este aspecto, foi um verdadeiro heróe.

Porem havia em sua individualidade um outro lado que, embora não igualmente radioso, era com-tudo revelador da grande pujança de seu talento. Falamos de Silva Jardim como litterato

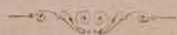
Não querendo dar a estas linhas a extensão de um estudo, limitar-nos-emos a indicar o titulo de algumas de suas producções litterarias, talvez menos conhecidas que seus pamphletos politicos :

Em 1878 — *Idéas de Moço* em collaboração com Valentim Magalhães;

Em 1879 — *A Gente do Mosteiro*.

Em 1880 — *A critica de escadas a baixo*.

A esses trabalhos devem-se acrescentar os folhetins na *Tribuna Liberal* de S. Paulo, *Os programas de ensino*, a *Reforma do ensino da lingua materna* e quando ainda creança, podemos dizer, os escriptos publicados no *Labarum litterarium*, no *Echo Litterario* e na *Nova Aurora*.



N^o 14
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE JULHO DE 1891

DA CONSCIENCIA (*)

*Rien n'est pour nous que dans la
conscience et par la conscience.*

J. J. GOURD.



Foi a palavra consciencia, á principio, empregada sómente no sentido de senso moral, de aptidão para discernir o bem do mal (1). Foi depois dos estudos aprofundados de Leibniz e Wolf que esse vocabulo applicou-se á designar um phenomeno psychico bem diverso, que os psychologos têm comprehendido e definido desharmonicamente. Para evitar qualquer confusão resultante da identidade dos termos, dizemos *consciencia psychologica* e *consciencia moral*.

E' da consciencia psychologica somente que temos de occupar-nos agora.

E' a consciencia que distingue os phenomenos psychicos dos physiologicos, é ella a propriedade especial desta categoria de phenomenos, concordam todos, e por isso mesmo constitue a base, o fundamento da psychologia. A difficuldade está somente em com-

(*) Este estudo é *capitulo* de um compendio de psychologia que encetei quando professor de philosophia, e para cujo acabamento faltam-me hoje lazer e estimulo.

(1) Não obstante, Cesca, em seu profundo estudo sobre o conceito da consciencia, desde a philosophia grega até a contemporanea, nos faz notar que Plão reconhecia a faculdade *synthetica* da consciencia e que em Aristoteles essa faculdade acha-se incluída na de pensar, não tendo uma função propria,

prehender-se o caracter proprio da consciencia para formar-se o seu conceito.

Não querendo fazer a critica das diversas interpretações dadas ao termo e ao phenomeno, limitar-me-ei a expor a doutrina que se me afigura verdadeira.

Qualquer definição da consciencia não passará como observou Wundt, de uma periphrase taulogica. Nestas condições está a proposta por Herbart que, entretanto, é sufficientemente esclarecedora do assumpto: "a consciencia é a somma de todas as representações reaes ou simultaneamente presentes." Não se tracta, porem, de uma simples somma, e sim de um complexo em que existem differenciações e assimilações de estados diversos constituindo uma verdadeira organização.

Assim comprehendida a consciencia é uma actividade unificadora de todos os phenomenos psychicos, mas que se não separa d'elles, que consiste em estados e processos, mas que não se confunde com elles. "Ella é como a vida, diz Sergi, que repousa em todos os elementos e em todo o organismo, uma parte do organismo vem á faltar, a vida se dissipa e desaparece tambem. A vida é uma abstracção, considerada como uma entidade; só o ser vivo existe com as suas manifestações vitaes. Do mesmo modo a consciencia sem o ser sensiente é uma abstracção; só o ser sensiente existe com as suas manifestações conscientes". (2)

A eschola ingleza de psychologia demonstrou dois principios fundamentaes para a theoria da consciencia: 1. que os estados de consciencia não se distinguem do phenomeno consciente, "que ser consciente, é ter um sentimento, como diz James Mill; 2. que a consciencia surge com a mudança dos estados, "que todos os diversos phenomenos de consciencia são resoluveis em mudanças", como diz Spencer.

Esta doutrina deve ser completada, porque nem a consciencia consiste simplesmente em modificações, nem ella se comprehende sem uma organização dos diversos estados successivos. E' verdade que todo phenomeno psychico envolve em si uma certa manifestação consciente da qual não se separa, mas é certo igualmente que a reproducção destes phenomenos vae constituindo uma aptidão especial no espirito para colligal-os de accordo com certas leis psychicas (associação, generalisação etc), para unifical-os e transformal-os

(2) Sergi — *La psychologie physiologique* pag. 241.

n'uma verdadeira organização. Essa aptidão especial é um acto da consciencia que se desenvolve.

Como prova de que a consciencia tambem está sujeita aos processos da evolução, basta-nos considerar que os meninos a têm muito imperfeita e que é na maturidade que o homem a possui em pleno vigor. E' com o pleno desenvolvimento da consciencia que apparece a consciencia de si (é o *Selbstbewusstsein* dos allemães), isto é o reconhecimento, por parte do individuo, de que elle é o sujeito de suas proprias manifestações conscientes e de que ellas podem soffrer sua actuação.

A consciencia de si nos dá a idéa do *eu* distincto dos phenomenos do mundo interno, idéa que se desenvolvendo no proprio individuo e sob a acção do contacto social, se transforma na idéa de *personalidade*. Obtendo a consciencia de si, pode o homem observar seus proprios estados e processos, operando assim, pela introspecção, a *identidade do sujeito e do objecto*, em certo dominio.

Alguns psychologos ainda conservam o nome de *senso íntimo* para designar a consciencia, mas esta expressão não tem a mesma força, e, o reconhece Janet, ella só se applicaria com propriedade á *consciencia obscura, confusa, espontanea* que é a propriedade dos phenomenos psychicos.

Outros nos falam de *percepção íntima* para designar a consciencia de si. Não viriamos inconveniente neste modo de traduzir o poder que o individuo adquire de se conhecer como sujeito de seus sentimentos, pensamentos e volições, si por estas palavras não se traduzisse melhor o estudo, a reflexão sobre esses proprios estados de espirito.

Alem disto qualquer destas duas expressões — *senso íntimo e percepção íntima* — poderiam nos levar á suppor que a consciencia tem um objecto especial, quando o certo é que ella é, como disse Hamilton, coextensiva com todas as nossas faculdades, quando o certo é que ella é o conjuncto organizado de todas ellas.

A consciencia, como se vê facilmente do que tenho dicto, não é uma funcção puramente intellectual como acreditam alguns pensadores, nem é um simples meio de cognição. Sua extensão é muito maior. A intellectualidade como a volicionalidade e a emocionalidade se exercem em seu dominio, pois que ella é uma propriedade inseparavel de todos os phenomenos psychicos.

A consciencia depende de certas condições psychicas e physiologicas que devem ser conhecidas. As condições psychicas se podem

resumir na differenciação e assimilação continua das sensações, sentimento, idéas e volições. Sem essa dupla operação a consciencia não apparecerá jamais. A primeira dellas destaca os diversos estados de consciencia e é a condição existencial delles em virtude da lei indicada por Hobbes nas celebres palavras — *semper idem sentire et nihil sentire in ibidem recidunt*. A segunda agrupa, coordena e organisa no espirito os diversos estados de consciencia, e forma isso que Wundt denomina *grupo permanente de representações*, base da consciencia de si emquanto dependente mediata ou immediatamente de nossa vontade (3). Mas si a consciencia não pode existir sem a condição da differenciação, não devemos concluir desde logo que ella é accidental; ella é substancial, por isso que não existe phenomeno psychico fora de seu regaço. A base physiologica da consciencia é o funcionamento do systema nervoso. A unidade da consciencia depende da connexão de todo o systema nervoso. Não se poderá dizer que a consciencia reside exclusivamente n'uma parte especial do systema nervoso? Sem duvida. Depois dos insignes trabalhos de viviseccão e de physiologia comparada de Wulpian, Ferrier, Charcot, Meynert etc., é incontestavel que a substancia cortical cinzenta dos lobulos cerebraes é, no homem e nos vertebrados, o organ da consciencia. E' certo, no emtanto, que a funcção deste organ suppõe a de certos outros centros nervosos aos quaes elle está superordenado, como sejam os tuberculos quadrigemeos, os thalamos opticos, os corpos estriados e outros, como tambem que existe intima ligação entre a massa branca interna e a cinzenta.

(3) Léuves, Benecke e Maudslay sustentam que a consciencia depende de uma certa intensidade da actividade psychica. E' um novo modo de expor a theoria das pequenas percepções inconscientes de Leibniz e da necessidade da attenção ou de outra condição para que appareça a consciencia, theoria cujo fuudo de verdade não se deve desconhecer.

Esta questão merece que lancemos-lhe um olhar mais longamente prescurtador. Capenter na sua *Mental Physiology* estudou-a de um modo profundo sob a denominação de *cerebração inconsciente*, (*unconscious cerebration*) Hamilton havia proposto o nome de *modificação mental* latente, Ribot, o de *vida inconsciente do espirito*, Sergi preferiu designal-a como *inconsciencia dos processos psychicos* centraes e S. Mill a considera uma simples acção physiologica. As explicações são varias, o que mostra que uma ainda não foi sufficientemente clara e sufficientemente fundamentada para aggremiar as convicções. Eu me inclino pela opinião de S. Mill, completada pela de Ribot.

Taes phenomenos de inconsciencia se constituem pela "sucessão rapida de diversas modificações nervosas a qual faz com que as diversas impressões produzidas reajam umas sobre as outras e acabem por se confundir." (*La philosophie de Hamilton*, tra. fr. p. 337). A hypothese de Corpenter é insustentavel porque elle faz residir a consciencia nos *ganglios sensorios*, quando é certo que ella reside principalmente na substancia cortical cinzenta do cerebro,

Tambem é possível que na medula espinhal separada do encephalo pela ablação se desenvolva uma consciencia de ordem inferior e limitada, mas apesar de tudo susceptível de aperfeiçoamento gradual de modo a poder substituir, em parte, a connexão effectuada pela crosta cerebral.

A lei da divisão organica do trabalho havia diferenciado as funções dos diversos ganglios ou centros nervosos, mas a adaptação posterior pode volver essas funções de uns para outros orgams, tanto mais facilmente quando elles são analogos debaixo do ponto de vista de sua constituição.

A este respeito Wundt adduz algumas observações de valor. Diz elle :

“ Em verdade todos estão de accordo quanto a possibilidade de uma consciencia deste genero, e diversos phenomenos dão testemunho da realidade deste facto. Duas cousas devemos notar neste caso: 1.º Uma consciencia deste genero é, rigorosamente falando, uma consciencia que *se forma, se desenvolve* e é susceptível de experimentar um aperfeiçoamento gradual, como o confirmáram as observações sobre as rãs decapitadas, sobre os passaros, sobre os coelhos cujos lobulos cerebraes foram seccionados acima dos ganglios ; 2.º Um organ central que em virtude da organização total de um ser é, desde o começo, destinado a exercer uma função independente será naturalmente portador de uma consciencia, mas de uma maneira bem differente da de um organ central collocado em uma relação e uma dependencia multipla, embora esse ultimo lhe fosse analogo morphologicamente. ” (4).

Estamos agora habilitados á resolver, perante a psychologia o problema da unidade da consciencia. A consciencia normal é uma em cada momento, mas sujeita á modificações trazidas pelo curso natural da evolução do individuo. Sob o influxo de estados morbidos, porem, ella se pode tornar dupla, como o demonstráram muitos casos pathologicos estudados por auctoridades competentes. Esta unidade, de consciencia normal é partilha dos seres mais elevados. Os seres inferiores, os polypos, por exemplos seccionados em diversos pedacos continuam a viver como d'antes, contendo em cada fracção uma vida nova, uma outra consciencia.

Do terreno em que me colloquei se afastam, como coizas, certas

(4) Wundt *Psychologie* p. 223.

questões que é de costume virem discutidas nos manuaes e tractados classicos. Deste numero são as que propõe e responde Janet : 1.º temos consciencia dos objectos externos? Certo que não, pois que a consciencia é simplesmente o conjuncto organizado de nossas representações simultaneamente presentes. Temos consciencia sim das sensações que os objectos externos provocam em nossa psychê.

2.º Devemos resolver pelo mesmo modo a questão de saber *si temos consciencia do proprio corpo*. O reconhecimento do *eu*, da propria individualidade, não é uma aquisição immediata da consciencia, e muito menos o será a união do *eu* á um corpo. O conhecimento desta união nos é fornecido por uma inferencia logica espontanea, porem não instantanea.

Tambem não quiz afundar-me no estudo da natureza da consciencia, não porque, "sendo ella a condição de toda experiencia interna, esta não pode fazer conhecer directamente a sua essencia" como affirma um philosopho italiano, mas porque a questão me parece naturalmente resolvida. Ou ella é a propriedade fundamental, constituinte do espirito ou um phenomeno concomitante dos phenomenos psychicos; um phenomeno *adicionado à actividade psychica*, segundo se exprime Ribot.

A ser exacta a primeira hypothese, parece-me claro, a consciencia devia anteceder ás volições, emoções, sensações e mais phenomenos psychicos. O absurdo é manifesto e pois não nos resta outro recurso sinão nos decidirmos pela segunda hypothese. Mas este phenomeno adicional se consolida, se organisa, evolue e forma, por assim dizer o mundo onde se agita a vida psychica.

CLOVIS BEVILAQUA.

Goethe e o Fausto



preponderancia de Wolfgang Goethe no meio da sabia Allemanha é uma consequencia natural da transformação por que passa o mundo ha cinco seculos.

O desenvolvimento das sciencias experimentaes, cultivadas por amor á verdade e para correção dos erros grosseiros de tempos obscuros, libertou a humanidade da prisão que a detivera

em sua luminosa jornada e tornou-a compatível com o seu proprio destino.

Vencido o polytheismo na Grecia, apesar do prestigio dos seus deuses, caminhou o christianismo do Oriente para o Occidente em nome do amor e, por toda a parte, foi a nova doutrina deixando os germens de que vieram a brotar os fructos do direito e da justiça, cujos principios se firmaram no seio das revoluções modernas, para dignidade do homem.

No meio da dissolução dos costumes em que se abysmaram os povos, nos ultimos dias do paganismo ; por entre a confusão crescente dos espiritos assombrados pelo despotismo da Roma imperial, o christianismo foi como que a grande porta aberta de um mundo á parte, por onde entraram os desgraçados, os que soffriam todas as provanças do captiveiro, todos os effeitos da selvageria humana.

No meio, ainda, do terror que os fórtes lançavam sobre os fracos; no delirio do luxo e da corrupção desenfreada que dominavam o mundo, synthetizado no povo romano, surgiu o vulto austero e generoso do sacerdote catholico e com elle a piedade, a consolação e o amor, cujos sentimentos tinham-se extinguido na brutalidade da materia. Durante muitos seculos a palavra do sacerdote levou nos mais reconditos lugares o alento, a resignação e a esperanza; o sacerdote illuminava e o templo protegia; o sacerdote e o templo foram durante mil e quatrocentos annos o mais poderoso elemento de civilisação, o maior elo que estreitára as relações da sociedade, e a humanidade deve ser eternamente reconhecida ao catholicismo por tão assinalado serviço.

Quando o homem era lançado aos circos da cidade Eterna para servir de pasto ás feras indomaveis ; quando os povos agonisavam sob o jugo dos imperadores de Roma, que os reduziam a miseros escravos; quando a prostituição dos costumes tocava ao delirio e á insolencia, a missão do catholicismo, amparando os fracos e regenerando os dissolutos, foi sublime, a mais nobre que póde caber a uma doutrina.

Mas os triumphos do catholicismo foram tantos, transformaram de tal sorte o entendimento humano, tal reacção se operou em seu proprio seio, que a sua missão tinha de dar-se fatalmente por concluida. Desde que as sciencias positivas começaram a desfechar golpes tremendos sobre as suas revelações e ao dogma oppos-se a duvida, o raciocinio dos espiritos em via de emancipação; desde que Copernico descobriu e Galileu sustentou que o sol era fixo no centro

do nosso systema planetario e que Descartes applicou as leis da mechanic a movimento dos corpos celestes; desde que o pensamento começou a transpor as portas das cathedraes silenciosas, para acercar-se á luz das sciencias exactas, a luta estava declarada e uma nova organização social devia ser a consequencia da victoria scientifica. As sciencias deram ás artes e industrias os mais engenhosos elementos de progresso, as tres irmãs caminharam juntamente com passos resolutos, dignificaram o trabalho, e para cumulo da victoria encontraram a imprensa para divulgar os seus variadissimos resultados e estimular o homem aos mais arrojados commettimentos. De então para cá tudo veio em disfavor do catholicismo; a astronomia desvendou os segredos do céu, Kepler estabeleceu as leis segundo as quaes os astros se movem em torno do nosso centro planetario; Bichat explicou a theoria da vida e deu corpo á biologia; Lavoisier fundou a chimica e Augusto Comte converteu a historia em uma sciencia affectiva. Cada invenção ou descoberta trasia mais uma decepção ao catholicismo, que começou a esphacelar-se em seu proprio seio, desde que Luthero feriu-o de morte e que dividiu a mesma familia em dois grupos antagonicos.

Foi sob taes auspicios que, entre os mais distinctos escriptores da segunda metade do seculo passado, appareceu Goethe na grande Allemanha. Então, o que predominava nesse paiz do genio, em litteratura, era o romantismo, mas o romantismo differente do que em França teve como principaes representantes Victor Hugo, Alexandre Dumas, Lamartine, Theophilo Gautier, Eugenio Sue e outros escriptores gigantes da phalange de 1830. O romantismo allemão, segundo o conceito de H. Heine, " não era outra coisa senão o despertar da poesia da idade media, tal como ella se manifesta em seus cantos e em suas obras de pintura e architectura, por suas artes e sua vida privada". Mas essa poesia e essas obras de arte nasceram do christianismo e delle se elevaram á mais alta dignidade esthetica. Toda composição artistica da idade media era inspirada nos soffrimentos do Christo; o philosopho da Judéa tornou-se o objecto dos canticos os mais inspirados, a sua pallidez doentia, o seu sangue vertido nos braços da cruz, os seus longos e negros cabellos encarcados, a sua expressão soffredora, eram cantados, desenhados e sinzelados com o mais vigoroso relevo, com a mais suave expressão. Havia nisso um mysticismo exaltado, que convidava o espirito á meditação e que compellia o homem a todas as praticas disciplinares da alma, ainda mesmo com o maior sacrificio do corpo. O espirito

era tudo, a carne de nada valia; a elevação do espirito e a abjecção da carne tal foi o fim principal dessa arte maravilhosa, mas vasada em moldes inteiramente subjectivos. Nessas condições a morte pouco importava e o abandono da vida em serviço da religião era factu commum e voluntario, que os poetas cantavam enthusiasticamente.

As crusadas dão a mais perfeita medida de semelhante estado victorioso do monothetismo catholico, porem as crusadas, alem da sua piedosa missão ao tumulo do Messias, prestaram á humanidade os maiores e mais assignalados serviços; foi por meio dellas que se verificou o congraçamento de todas as raças e de todos os povos que professavam a religião do Christo; foi desse agrupamento de homens, ligados pelo mesmo sentimento, para o mesmo fim, que se manifestára em alto gráo o verdadeiro culto á mulher.

Essa religião cujos primeiros dogmas encerram a condemnação da materia e dão toda a supremacia ao espirito, diz o auctor d' *Allemanha*, era entretanto muito desinteressada para um mundo tão imperfeito, e fornecia aos despotas as armas com que elles se sustentavam, explorando essa humilhação, esse desprendimento das coisas terrenas, essa fanatica paciencia, aconselhada pelos mais eloquentes pregadores em suas praticas quotidianas.

Comtudo a humanidade avançou sempre; as sciencias foram descortinando o pesado véu que occultava grande numero de phenomenos envoltos no mais completo segredo pelos exploradores da ignorancia, e começou o trabalho emancipador do estado theológico do catholicismo. Então, no proprio meio sacerdotal, foram apparecendo homens illustres e desinteressados, que já não se preocupavam com tanto ardor dos gosos celestes, nem eram indifferentes ás alegrias da terra. A onda cresceu e o diluvio attingiu todos os recantos do continente europeu, apesar dos esforços de Calderon de la Barca, para reprimil-o, mais tarde.

Dahi originou-se a revolução litteraria na Allemanha, em cujas pugnas surgiram os demagogos que se chamaram Gothold Ephasin Lessing, Gotlieb Herder, Henri Voss e outros; dahi apparecem Gœthe ao lado dos irmãos Augusto Guilherme e Frederico Schlegel, que então dirigiam o espirito da Allemanha litteraria.

Lessing encaminhou a critica com todas as vantagens do seu espirito altamente esclarecido e destruiu a imitação da falsa antiguidade grega, systema litterario que precedeu, na Allemanha, o romantismo catholico, systema aquelle importado da França, onde se

encastellara com a memoria dos deuses de Eschylo. Elle, o grande investigador, appreciou com exactidão todos os generos de arte da antiga Grecia e deu-lhes a verdadeira significação esthetica e social. Nesse empenho erudito, em que pôz á prova todas as maravilhas do seu vigoroso engenho, foi o grande hellenista seguido por Herder, que da mesma sorte mostrou ao mundo moderno todas as perfeições, todas as bellezas e extravagancias de que fôra capaz o mais sublime dos povos antigos. Como esthetico Herder não desmereceu de Lessing.

Mas a critica deste ultimo escriptor não era dessa que fére e não doutrina; ao contrario disso elle, ao passo que accusava os defeitos e os erros, mostrava a direcção que o espirito devia levar; quando destruía indicava como se podia edificar; já observava as coisas por esse lado real e humano que tanto ennobrece o fim da escola positiva. O que não fazia muitas vezes, era produzir obras que servissem de modelo aos seus discipulos. O modo, porem, porque elle abordou as producções antigas, concorreu de alguma sorte para que apparecesse um diluvio de imitadores sem talento e sem intuição artistica, que entretanto chegaram a merecer o acolhimento publico.

Por esse tempo Goethe, que já se havia mostrado á tona da publicidade, foi geralmente reconhecido, porem as acclamações ruidosas com que o saudaram eram igualmente feitas a todas as mediocridades. Assim, o successo de Goethe, em semelhante meio litterario, foi mais devido ao assumpto de actualidade por elle aproveitado no *Gats de Berlichingen* e no *Werther*, do que mesmo ao valor artistico dessas duas producções.

Tratava-se em taes livros de assumptos de cavallaria e dos amores desgraçados de um rapaz que arreventára a cabeça quando já não podia supportar o peso da vida. Este acontecimento produziu grande sensação; todos o leram com o coração dilacerado e Goethe conseguiu popularisar-se.

Foi contra semelhante estado das letras allemães que se levantaram os irmãos Augusto e Frederico Schlegel, com o vigor caracteristico dos grandes innovadores. Dahi nasceu esse romantismo vadio nos moldes sentimentaes do catholicismo e com elle a alma da idade media em toda a plenitude.

William Schakspeare, que já havia dirigido o seu olhar de aguia atravez do futuro, e produsido grandas obras de arte com as novas conveniencias estheticas, passou por esse tempo, quasi desconhecido da Allemanha e, os que apesar de tudo o liam, classificavam-no de

selvagem e tratavam de occultal-o ao gosto publico. O que a todos satisfazia, eram os aromas da arvore christã, regada em seu tenro desenvolvimento com o sangue do Christo e as lagrimas de Maria. Tudo o que não trasia esse aroma doentio desaparecia sem deixar a menor impressão. Por isso Schakspeare foi lançado á margem e traduziu se Calderon com fanatismo religioso. Todos imitaram o grande poeta hespanhol, todos se deixaram levar pela suavidade dos seus versos admiraveis, pelas situações heroicas e cavalheirescas de cada personagem dos seus dramas e pela centricção caracteristica dos conventos medievaes que elle pretendia reedificar.

Mas, diz H. Heine, " assim como o espiritualismo christão tinha sido uma reacção contra o dominio brutal do materialismo do imperio romano; assim como o amor da arte elegante e das sciencias da Grecia durante o periodo da renascença pôde ser considerado como uma reacção contra o espiritualismo christão, levado até a mortificação; assim como o despertar do espirito romantico da idade media pôde ser considerado tambem como uma reacção contra a arida imitação da antiga arte classica", da mesma sorte começou no tempo de Gøthe uma reacção implacavel contra a restauração das opiniões cathotico-feudaes, contra essa cavallaria aventureosa e esse espirito sacerdotal, exaltados com toda a paixão, com toda a solemnidade da poesia e dos monumentos architectonicos da idade media.

No meio da discussão que se travára e que attrahira a attenção da Allemanha inteira, em que os irmãos Schlegel e por fim o velho Frederico Stollberg se oppunham á direcção que Woss imprimia ao espirito allemão, levantou-se Gøthe com todo o prestigio de que já dispunha e proferiu a sentença condemnatoria daquelles dois escriptores, os mesmos que o haviam ajudado a construir o edificio da sua fama.

Em sua polemica gigante os Schlegel precisando de um poeta que fosse a mais viva expressão dos seus sentimentos litterarios, apresentaram Gøthe por typo, mas este, pantheista intransigente, rompeu com os dois corypheus do romantismo religioso, pol-os em debandada, eliminando os das pugnas de então, e, segundo o adversario de Stoël, " os phantasmas da idade media fugiram, os mochos se occultaram de novo nas ruinas dos velhos castellos " e uma nova phase começou na Allemanha.

Então encontraram-se, pairando acima de tudo, Gøthe e Schiller, por quem dividiram-se as opiniões e formaram-se partidos.

Schiller, intransigentemente possuido de uma candura incor-

ruptível, seus typos são modelados com a expressão ideal das creaturas boas, angelicaes. Goethe, porem, serve se de outros processos; os seus personagens trazem as paixões, os sentimentos e os vícios patentes e cada momento, inherentes á natureza humana. O primeiro observava a humanidade do alto, sem preocupações que o desviassem do seu objectivo artistico; o segundo tomava os individuos naturaes, com os seus defeitos salientes, preponderantes em outros individuos do mesmo temperamento, affectados da mesma *neurose*, nas mesmas condições de vida, de lugar e de tempo; comprehendia a arte segundo o seu verdadeiro destino, e sob este ponto de vista creou typos como o de *Margarida*, ao lado de outros como o do legendario *Dr. Fausto*.

H. Heine, a quem eu sigo por vezes nesta noticia, fallando dos sentimentos pessoas de Goethe, não póde relevar a ingratição com que o poeta feriu os irmãos Schlegel, que tanto o haviam exaltado; porem não cabe investigar aqui as razões que determinaram o grande escriptor a essa attitude, com relação áquelles dois notaveis poetas românticos.

O que me parece detestavel em Goethe, e que ninguem lhe desculpará, é o modo por que elle se manifestava, como critico em cujo character depreciava tudo quanto merecia o mais decidido acolhimento, para exaltar aquillo que devia escapar a acção da sua critica soberana. Elle repellia todo o escriptor que se mostrava com originalidade e em cuja forma de expressar as coisas indicava resolução para acolher distinctamente as mediocridades atrevidas.

Todos os aristocratas do talento viram-se escarnechidos e fulminados por esse despotico rei, que elles proprios haviam proclamado desinteressadamente. Resultou disso que as nullidades se julgaram com direito ás mesmas prerogativas dos escriptores de nota, mas a paixão excedeu os limites da tolerancia, e o facto de ser um individuo exaltado por Goethe foi bastante para não merecer consideração alguma como escriptor. O seu egoismo manifestou-se com todos os symptomas do maior despota intellectual !

No seu tempo existiram diversos escriptores tão distinctos como elle, mas que não tiveram as mesmas aclamações. Um homem da estatura intellectual de Goethe provem naturalmente de um meio superior, nunca se forma isoladamente; em torno d'elle ha sempre uma familia de artistas que não lhe são inferiores, mas que por uma circumstancia qualquer, de organização ou de vida, entregam-lhe a palma de chefe. Isto é um facto observado em todas as grandes phases ar-

tistico-litterarias, cujos chefes chamam se Eschylo, Phidias, Virgilio, Dante, Miguel Angelo, Schakspeare e Victor Hugo. Resulta de tal phenomeno que, o eleito dentre esses aristocratas do espirito, figura na posteridade com traços mais vigorosos, cercado de uma aureola mais fulgurante, e todas as vistas convergem para elle; como synthese de uma epoca inteira; de modo que no fim de alguns seculos os outros escriptores da mesma raça apparecem apenas em segundo plano, quando não ficam totalmente esquecidos.

Goethe, porem, não foi simplesmente um litterato. Como diz Heine " elle se abysma nas sensações individuaes, ou na arte ou na natureza; Goethe o pantheista, devia se occupar da historia da natureza e isso não foi sómente em poesias, mas tambem em obras scientificas, em que elle dá o resultado das suas investigações.

Nas obras de arte que produziu, elle caracterizou profundamente o cunho da sua immensa individualidade, mas em nenhuma tanto como no *Fausto*. Neste grande poema dramatico encontra-se o homem com as suas ambições naturaes, preferindo os favores da terra, mesmo com risco de perder a graça divina, ás alegrias do ceu. Ahi elle dá forma material ao espirito, este transforma-se em individuos dotados de todas as faculdades inherentes ao ser humano; que falam, sentem e movem-se; ahi o artista constitue-se um deus.

A legenda do *Dr. Fausto* vem de epoca não bem desciminada ainda e tem sido objecto da preocupação de grandes escriptores, entre os quaes figura C. Marlowe, poeta inglez do tempo de Schakspeare. Foi Marlowe que deu forma dramatica a essa poetica legenda, encontrada aliás em uma traducção ingleza do allemão e n'uma imitação franceza de Rutebeuf, e cujo autor primitivo ignora-se até hoje.

Levada a peça de Marlowe, nos grandes palcos, com extraordinario successo, passou depois aos theatros de titeres, que por esse tempo abundavam em Londres; mais tarde sahiu da Inglaterra, andou pelos Paizes Baixos, pela Allemanha, de feira em feira, nas ruas e nas praças, sempre attrahindo a attenção da população. Desse *Fausto* conhecido de espectaculos ambulantes é que suppõe se haver Goethe tirado a sua obra prima, por quanto acredita-se que elle não conhecesse a peça de Marlowe.

O que admira é que Schakspeare não tivesse aproveitado o assumpto de semelhante legenda, para uma das suas grandes produções dramaticas !

No *Fausto*, segundo parece, quiz Goethe synthetisar esses gran-

des investigadores, que o povo julgava em intimas relações com o diabo e que passavam por mestres em magia, tanto mais quanto se mostravam combatendo o espirito subjectivo do monotheismo catholico, com as verdades das sciencias positivas e doutrinando francamente contra o poder da igreja. Roger Bacon, Guttemberg, Galileu e outros não escaparam a essa incrépação e representam seguramente o typo idéal do *Dr. Fausto*.

Esta obra gigante do poeta allemão é quasi tão vasta como a *Divina Comedia* do Dante! A sua acção passa-se na terra e no céu e abrange as questões mais salientes de uma epocha de transformação, em todos os ramos da actividade humana.

Comprehende-se que eu supponho aqui o leitor inteirado da peça allemã, não accetando isto senão como uma noticia muito imperfeita sobre Goethe e a sua obra prima. Estudar o maior poeta da Allemanha do fim do seculo passallo e da primeira parte deste, é uma qualquer das suas produções litterarias é trabalho de longo folego, que não cabe nas proporções de um artigo ligeiro e nem eu seria capaz de abordal-o, tanto mais quanto seria necessario fazer um estudo alias complexo da litteratura allemã, nessa phase extraordinaria, assignalada por tantos escriptores sabios, e terminada em seu apogeu, com Schiller e Goethe. O estudo completo deste grande homem seria aquelle que abrangesse a sua vida, em todas as relações sociaes: como poeta, critico, philosopho, naturalista e politico, desde os seus primeiros dias até 1832, quando elle deixou de existir no meio das paixões latentes do mundo, para entrar no dominio da posteridade.

Goethe foi tão correcto como artista, que ainda hoje a sua influencia predomina consideravelmente nos espiritos mais illustrados da Allemanha. Na elegancia do seu estylo, na concepção dos typos e nas suas obras extraordinarias, ha essa harmonia de tons, essa unidade de vistas que caracterisam perfeitamente a grande estatura do romancista, do dramaturgo e do poeta.

Já pouco se falla de Frederico, um dos maiores capitães dos tempos modernos, porem não ha individuo de mediocre instrucção que ao menos o *Fausto* não tenha lido. E' que a unica magestade da terra está nos homens como Goethe.

Jamais se negou o talento militar de Napoleão I, mas em cada plano, em cada manobra d esse illustre guerreiro, encontra-se indelivelmente impressa a trilha de sangue, que o seu egoismo de renome pelas armas fez verter do Occidente ao Oriente do velho mundo,

Os vestígios que Frederico II e Napoleão I imprimiram na historia da humanidade, vão desaparecendo á proporção que se desenvolve a civilisação, mas os monumentos architectados pelo genio de Goethe serão objecto de eterna admiração dos sabios, dos philosophos e dos poetas de todos os povos, na mais remota posteridade.

Tal é a recompensa do escriptor que se identifica com os sentimentos da humanidade e que significa a expressião exacta do seu tempo.

DANTAS BARRETO.



A AUTONOMIA COMMUNAL



Falconet, já tive occasião de citar o, costumava, quando lia um livro, arrancar as paginas aproveitaveis e deitar fóra as restantes.

Este processo, commodo e economico, poupando estantes e dispensando depois o trabalho de procurar o pouco bom entre o muito ruim, parece-me, entretanto, alem de pretencioso, muito brutal.

Mette-me tanta repugnancia vêr arrancar uma pagina a um livro como vêr amputar uma perna a uma mulher.

A minha sympathia e a minha condescendencia para tudo que traduz esforço humano, se revoltam contra um tal meio de selecção bibliographica.

Depois, um livro nem sempre desagrada por suas qualidades intrinsecas; muitas vezes é o espirito do leitor que não acha-se preparado para a leitura.

Não é raro que um livro nos enfade hoje para alguns annos mais tarde prender-nos a attenção e provocar-nos enthusiasmo.

Por isso respeito sempre a integridade dos livros; se algum desagrada-me, não deito-o fóra nem mutilo-o, atiro-o para um canto da estante, aguardando nova occasião para a leitura.

Foi o que se deu com as *Licções de Politica Positiva*, do Sr. Las-

taria; mas são decorridos alguns annos depois da primeira leitura, e sinto que nenhuma modificação se operou em meu espirito com relação ao livro do diplomata chileno : continuo a julgar-o tão fraco pensador quanto insipido escriptor.

Levado por tudo que se tem dito nos salões e nos congressos, nos jornaes e nas constituições dos diversos Estados a respeito de liberdades municipaes, devorei as paginas referentes a estas ultimas palavras, bonitas palavras, com que uns tantos espiritos, despídos de senso historico, querem resuscitar um estado de cousas que não existe mais.

A autonomia communal desapareceu em face do principio mais elevado da unidade nacional.

A este respeito dizia em 1822 Royer Collard:

“ Vimos a velha sociedade perecer, e com ella uma multidão de instituições domesticas e magistraturas independentes, que trazia em seu seio feixes poderosos de direitos privados, verdadeiras republicas na monarchia. Nenhuma d'essas instituições sobreviveu e nenhuma outra tomou o seu lugar. A Revolução não deixou em pé senão individuos ”.

Sim, os dous grandes sentimentos de liberdade individual e de solidariedade social não deixaram em pé, face a face um do outro, senão o individuo e o Estado desaparecendo todos os outros organismos, com excepção da familia, sociedade de origem inconsciente, instinctiva, *biologica*, ao passo que a communa é de origem reflexa, contractual, *poliologica*, se assim posso exprimir-me.

A communa, sob o ponto de vista social, não se distingue do Estado senão em que exprime um estadio, que contem em si os germens de um estadio superior — a nação.

Não ha muito tempo escrevi e não me cansarei de repetir :

“ Ainda ha quem pense que a liberdade politica consiste na autonomia das communas, e que a grande difficuldade a resolver-se entre os povos modernos é a conciliação da independencia dos municipios com a unidade politica do Estado.

“ Aquelles que assim imaginam, esquecem-se de que a autonomia das communas, tal como existio na idade média e desenvolveu-se mais tarde entre os anglo-saxões, é um producto do sentimento da personalidade individual do antigo germano.

“ Entre os Tedescos, este sentimento desenvolveu-se no mundo da especulação e chegou ao *monismo*; entre os Inglezes, progredio no mundo da acção e deu em resultado o *self — government*.

“ Mas, entre os povos gregos-latinos os municipios de cidades soberanas, que eram, passaram a ser simples divisões de Estado.

“ Na antiguidade classica, diz Deodato Liroy, havia *communas* autonomas; mas eram estados soberanos. Cahindo sob o poder de Roma, perderam a soberana prerogativa de fazer a paz e a guerra, o direito de legislar e o de lançar impostos. Não restou senão uma só *communa* soberana, Roma, que reinava sobre um grande numero de outras *communas*, que não tinham mais senão uma existencia civil.

“ As *communas* da idade média não são, pois, ressurreições da antiga organização municipal romana. A *Historia da Constituição dos Municipios Italianos*, pelo illustre Carlos Hegel e a *Historia das Communas lombardas, desde a sua origem até o fim do seculo III*, por Haulleville não deixam pairar a menor duvida sobre a origem germanica das *communas* medievaes.

“ Instituição, porem, *congenial* da raça germanica, a autonomia municipal seria uma anomalia, si não uma utopia, entre povos de origem latina, nos quaes predominou constantemente o sentimento da solidariedade a mais intensa, esforçando-se sempre o Estado por imprimir a maxima cohesão e direcção ás funcções do organismo social.

“ Entretanto, forçoso é ir adiante e reconhecer que, mesmo entre povos de origem germanica, a autonomia dos municipios, hodiernamente, não passa de um anachronismo, ou melhor de um caso de *misonismo*, como uma instituição caduca que não continúa a atrahir a admiração e o respeito do maior numero senão por força do habito e horror do novo.

“ Realmente, a autonomia das *communas*, si foi uma necessidade historica em face do regimen feudal, já não tem razão de ser em face dos sentimentos e affectos, que constituem as modernas nacionalidades.

“ Vida patriarchal, vida municipal e vida nacional, são os tres grandes momentos da vida social; ou como diria Carle, “ *de um medesimo processo, in cui lo stato che precede contiene in se medesimo i germi di quello, che vien dopo.*”

Proclamar actualmente a autonomia das *communas* é querer resurgir uma instituição caduca, que desapareceu deante do espirito novo, que solapou o feudalismo.

O character individualista dos barbaros, que invadiram o imperio romano, sob a influencia de uma região, em que não se vêem arvores

gigantescas nem lianas colossaes, nem flores mais deslumbrantes do que as estrellas, sob a acção de uma temperatura regular, em que o homem sente-se bem, com disposição a lutar contra as forças da natureza, no seio de uma atmosphera, em que não ondulam perfumes violentos, que embriagam os sentidos, no meio de uma natureza em que as cores do rubim, do topasio, da esmeralda não se reflectem em quasi todos os objectos, que se offerecem a vista, em que a realidade nem sempre parece phantasia e a vida sonho, onde nem tudo é deslumbramento, fascinação, extase, foi que produziu aquella instituição, filha do genio de uma raça em um dado periodo da sua evolução.

Mas não tardou que o elemento latino reagisse contra o forte individualismo germanico e que assim a autonomia das communas fosse cedendo logar á unidade dos Estados.

Cada raça tem a sua vocação, por assim dizer, a sua missão a realisar, e entre os romanos predominou sempre com o sentimento da solidariedade o principio da centralisação.

“ Póde-se fazer, diz Paulo Mougeolle, a mesma observação a proposito dos dous principaes grupos da raça aryanna, os Latinos e os Germanos, os povos do Sul e os povos do Norte: os primeiros, artistas, catholicos, impregnados de tendencias monarchicas, os segundos dados á sciencia, protestantes, geralmente dotados de instinctos liberaes ”.

Por sua vez, o catholicismo com o seu espirito de cosmopolitismo e de fraternidade, e sobretudo com suas expedições ao Oriente, foi solapando o feudalismo e desenvolvendo em todas as direcções da Europa o germen da solidariedade e da centralisação.

Não faltará quem esteja admirado de ouvir-me falar em religião explicando modificações politico sociaes; mas tenho a notar que, se não sou do numero d'aquelles que tudo attribuem á acção religiosa, nem por isso desconheço a acção preponderante que a vida espiritual, e portanto as religiões, exerce sobre a politica e sobre o governo dos povos.

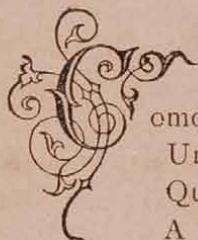
“ A influencia decisiva, affirma Laveleye, que as formas do culto exercem sobre a politica e sobre a economia politica não tinha sido posta em luz; mas ella se revela e se mostra mais e mais claramente nos acontecimentos contemporaneos. A acção que a religião exerce sobre os homens é tão profunda que elles são sempre levados a dar á organização do Estado formas tomadas de empréstimo á organização religiosa.”

Oscar Straus escreveu um livro para mostrar que a Republica dos Estados Unidos é devida á influencia directa que a republica dos hebreus exerceu sobre o espirito dos Americanos.

(Continua)

ARTHUR ORLANDO.

Automachia



Como um rebelde prisioneiro herculeo
Um prisioneiro indomito e valente
Que força heroica, allucinadamente,
A ferrea porta da prisão, no acúleo

De alguma immensa dôr torturadora,
De algum desejo insubmisso e louco,
— Dôr d'essa dôr que mata pouco a pouco,
— Desejo d'esse que pragueja e chora ;

Assim minha alma intemerata e louca,
Meu espirito impavido e sonoro,
Dobra os gradis da ténebra em que eu moro,
Torce os, pedindo o seu exodo. E a bocca

Do calabouço lobrego que prende
Minha rija vontade adamantina
Resiste a toda luta leonina,
A todo esforço meu... e não se rende !

Bocca de fera, armada de maxillas
 Bronzeas, embalde eu lanço contra ella
 Todo o meu Ideal que se rebella,
 Todo o meu pulso e maldições em filas,

Fica cerrada e muda, como a tampa
 De um caixão mortuario, a negra porta;
 Com meu grito, meu choro não se importa...
 E eu apodreço como n'uma campá !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

SOCIALISTAS

(1885 á 1888)

I — Ao Povo



Quando eu pela manhan contemplo ao pé do mar
 a agitação sem fim dos vagalhões na praia
 ao influxo da luz de perola que raia
 o matutino sol, — começo a meditar

no empenho, que domina ao mar, de destruir
 a crosta do rochedo em secular porfia,
 e imagino que o povo é o vagalhão que um dia
 tentará soberano aos thronos derruir.

E fantazio em vão Xerxes acorrentando
 a espada do oceano: a impotencia do orgulho
 com seu gladio real as aguas retalhando.

Sirva-vos a licção, dictadores e reis !
 O povo é como o mar, o velho mar herculeo,
 temeí vos desse Antheu que geme aos vossos pés.



II — A PEDRO III

Si um poeta, D. Pedro, um sonhador
que orgulha-se em trazer cingida ao peito
a facha tricolôr,
pode subir a regia escadaria
e fallar-vos em nome do Direito
contra uma antiga lei da monarchia,

si um cidadão, Senhor, môço e plebeu,
que nasceu brasileiro e se envergonha
da patria em que nasceu,
pode ir-vos á presença — alta a cerviz —
e fallar-vos em nome de quem sonha
um futuro melhor para o paiz;

em nome, oh Rei, da geração moderna
eu venho reclamar um acto recto
do rei que nos governa:
quebrae a algema á brasileira raça
dos escravos, Senhor, por um decreto
á luz azul do seculo que passa.

A abolição já faz-se necessaria:
é privilegio agrilhoar o pobre,
azorragar o pária.

A escravidão é um cancro! Abri a cova
á raça expatriada e erguei-lhe sobre
o tumulto o guião da patria Nova.

Esbarrar a opinião eis o impossivel:
o mar á terra firme arrue os flancos
austero e irresistivel,
e em nosso continente a opinião
dispede vagalhões que se erguem francos
contra o rochedo vil da Escravidão.

Philosophia Nova

O PROBLEMA DA VIDA



Nós, os moços, somos como os jornaleiros que nas minas arriscam sempre a vida para ganhar o pão. Arriscamos a nossa reputação, sempre a mercê do escalar dos maliciosos, indolentes e incapazes que nos atiram pedradas e que nos enxovalham pelas esquinas, pelos *cafés*, por toda parte, com o fim unico de produzirmos alguma cousa de bom, de sensato e de util a communhão, á sociedade. Quando voltamos um dia das preocupações d'esse minerio que procuramos — servir e servir bem, — vezes desalentados, baldos de forças, alquebrados de fadigas e as cans a pratear as nossas fronteas banhadas do suor do sacrificio, as illusões despovoadas do nosso espirito, estupidificados na lei invariavel do *struggle for life*, mal temos tempo de observar os rebentos produzidos pela sementeira que derramamos no campo do combate, e mal podemos avigorar o espirito na loira claridade do sol que vae poeirando o espaço de lantejoilas doiradas ! Eu que tenho na modesta obscuridade do meo espirito luctado pela corrente nova das idéas do seculo, muitas vezes o espirito vacilante no mar tormentoso das paixões sociaes e a intelligencia escurecida pelo fumo sahido do combate de todas as philosophias, sinto o quanto vale a responsabilidade de momento falando em *cousas novas*, conhecidas de poucos que estudam, de poucos que fazem da ventade a dynamica para marchar sempre a frente do movimento. Entendo entretanto que agir deve ser a nossa divisa; agir em prol da patria, agir pela sociedade e agir por nós proprios que será agir por outrem, desde as infimas camadas do planeta telurico até as grandes irradiações das nebulozas perdidas no combate celeste da legião de corpos que choviscam luzernas na passagem apressada atravez do tempo e do espaço. Sim: que nada escape a investigação da geração que passa, que computanto a a anthropologia relê o balbuciar infantil dos nossos maiores, desde o *homem das cavernas* em lucta com os grandes megathericos até os nossos mais proximos aucestraes, desde o tempo em que apenas o vento e o mar, — eternos viajantes e eternos companheiros — folgadoamente se acariciaram no rugir das vagas, no fremir das mattas, testemunhados pelo azul diaphano do céu e pelo albornoz doirado

do sol que fecundava o porem das flores e polvilhava de perfumes o ambiente immaculado, até a harmonia dos vossos dias, em que o homem tem conquistado a natureza, enredando a terra de caminhos de ferro e dado toda essa esplendida maravilha sahida das forjas da electricidade !

O idealismo allemão de Kant, distincto do idealismo de Stuart Mill, por ser aquelle transcendental e este experimental, para o qual trabalharam além do chefe, Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer e Edouard von Hartmann, e que é incontestavelmente uma das mais bellas paginas da historia philosophica do povo tedesco, uma das paginas mais seductoras e que de mais perto prendem o nosso espirito não é de toda completa a sua theoria, tanto assim que deo entrada franca ao positivismo de Augusto Comte, (e este por sua vez a novas theorias) como que marcando o gráo em que deve ser tomado o equilibrio social. Aquillo que marca a porção de ruinas de muitos systemas philosophicos e de um edificio enorme architectado com solidez e pericia, é a grande resultante do trabalho assiduo de algumas gerações passadas pelo percorrer dos seculos em continua evolução da grande lei da concurrencia vital applicada a todas as moléculas da familia humana. Tem sido um combate vivo em todas as epochas, entre todos os systemas, e já nos nossos dias, desde o positivismo orthodoxo de Augusto Comte, da theoria evolucionista de Herbert Spencer, da geração espontanea de C. Darwin, do monismo de E. Hæckel, até as concepções infinitamente grandiosos de Rudolf von Ihering, C. Du Prél e Ludwig Noiré. Tem sido um mourejar constante o dos *systemas*, vezes a vencer e vezes a succumbir, sempre bello, porém, no colher dos louros e na messe abundante de fructos.

Todos os modernos marcham para um pontó dado. Todos empenham se em resolver o problema da vida. Do conjuncto de todos os systemas ha de ser fundida a PHILOSOPHIA NOVA.

Não ha dia, no qual não se procure juntar mais um relêvo a obra que se avoluma e parece já ter as proporções de um edificio que por si só vale todos os tentamens que medeiam de Platão e Aristoteles até Descartes e Spinoza. Tudo ahi é novo, tudo é methodico, tudo é certo, tudo é logico. Consubstanciam-se todos os elementos, cada qual tendo o seu valor relativo, a apparencia de uma grande machina, cujas molas tocadas uma vez fazem o segmento da

movimentação dando a mais perfeita harmonia, tendo cada uma a sua funcção especial.

E' ao prodigio positivo da mechanica, da lei do dynamismo, só e exclusivamente a que podemos confiar todos os productos emanados d'ahi.

Abordemos mais de frente a questão: *O problema da vida* nunca foi estudado com tanta soffreguidão, com tanto interesse como nos ultimos cincoenta annos. Todos os philosophos julgam-no ponto capital, ponto de partida, de circúmvolação, de termino. Os economistas estudam-no pelo prisma economico da riqueza como meio da direcção da especie, como meio de prolongamento de cada individuo em separado. Os physiologistas, e os biologistas, vêm-no pelo prisma economico das funcções regulares dos órgãos motivados pelos phenomenos sanguineos e pelos noumenos da alimentação. Os medicos cirurgicos vêm-no pelo prisma da anatomia em si, enquanto que os medico-legistas encaram-no pela anatomia comparada. Todos os philosophos querem vel-o por todas as faces. E' sobre o ponto elementar da *nutrição, crescimento, reproducção, mobilidade e innervação*, resultados directos das forças physico-chimicas, que se assenta o problema da vida. Claud Bernard, Herbert Spencer, ou Letourneau, quer digam que a *vida é a morte*, ou o *accordo continuo de relações internas e externas*, ou o *movimento duplo de composição e decomposição* não fazem mais do que ajuntar mais esforços para a solucção do problema, que, e nhora mais estudado, mais avançado, continua infelizmente a ter uma incognita longinqua. Assim, a vida que é como nos diz Lefèvre "uma alteração de endosmose e de exosmose, de assimilação e desassimilação, de composição e decomposição, uma mudança perpetua" e que constitue a idéa *genetrix* de todo systema philosophico, tem sido a barreira d'esses mesmos systemas e ha de sel-o enquanto existir esse idealismo que nos povoa a mente, cercado das illusões iriadas do pensamento humano.

O problema da vida pois continuará, permanecerá, no novo systema que se principia architectar e testemunhará infinitamente a lucta de todas as gerações e em todos os tempos, como a Sphinge grotesca, eternamente immovel e eternamente symbolica.

LEONIDAS E SÁ.

Nº 15
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 15 DE AGOSTO DE 1891

SOBRE A PHILOSOPHIA JURIDICA



Distingamos no direito o phenomeno social, que pode ser considerado um organismo, e a sciencia. O direito phenomeno, em sua qualidade de organismo tem os seus organs (legisladores, juizes, etc.) seus tecidos (regras e institutos). Estes organs têm funcções proprias e esses tecidos as suas propriedades peculiares. Isto mostra que não é fóra de proposito falar de uma anatomia e uma physiologia do direito, nem tam pouco de uma psychologia, pois que o phenomeno juridico se revela em nossa consciencia sob uma triplice forma de emoção, idéa e volição.

O direito sciencia pode ser de preferencia chamado *jurisprudencia*, tomada esta palavra no sentido em que a comprehendia Ulpiano, de *justi atque injusti scientia*, e não na accepção de *usus fori*(1).

E' uma distincção elementar esta, por certo, mas quê devemos ter sempre em vista para não nos desencaminharmos em nossas observações. Nisto o direito não differe dos phenomenos do dominio da biologia e sociologia, os quaes todo têm uma historia propria e uma historia das sciencias que delles se occupam. E' que tambem elle é um ser vivo, embora de uma natureza especial, como a lingua.

Embora elementar, porem, a distincção que acaba de ser feita, entre o phenomeno e a sciencia do direito, nos habilita a rejeitar o conceito da *philosophia juridica*, tal como nol-o apresenta Schiata-

(1) E' uma sciencia romana. Que seu nome indique sua origem. Regeito, por isso, a denominação hellenisante de *dikaiologia*.

rella em sua contestação a G. Meyen. Não necessito de antecipar que, si afasto as idéas do jurista italiano, não será para adoptar as do philosopho tedesco, um hegeliano retardado que publicando, em 1884, uma obra com o pomposo titulo de *Rechtsphilosophie nach den Principien der Wissenschaftslehre*, ainda procurou demonstrar que a *idéa de moralidade é a unidade primitiva* que vincula a familia humana; e quanto aos processos scientificos deixou-os completamente abandonados. Nem de hegelianos nem de krausistas me preocuparei agora. Representam uma phase das menos fecundas no desenvolvimento do espirito humano, que ja passou definitivamente, deixando poucos vestigios. Voltemos, portanto, ao sympathico auctor dos *Presupposti del diritto scientifico*.

Para elle a sciencia do direito é o estudo do direito constituído *estudado sob o ponto de vista das razões especiaes que o determináram*, podendo o estudo de cada um dos ramos do direito constituir outras tantas sciencias particulares. Esta concepção tem principalmente em vista accentuar a differença que existe entre a sciencia do direito, a arte e a philosophia. Da arte juridica não nos fala o auctor citado, mas é claro que ella consistirá no conhecimento pratico das normas do direito positivo e em sua applicação aos casos occurrentes.

E' da philosophia que Schiatarella nos dá um conceito inacceitavel. Ella *deve esporci la genesi e l'evoluzione del diritto*. E' pelo methodo que a distinguimos da sciencia. Para a philosophia o methodo é o *genetico-evolutivo*; para a sciencia o *analytico-descriptivo*.

Occorre logo interrogar: que logar ficará para a *historia do direito*? Não se applicará mais propriamente a esta a definição dada á philosophia? Não incumbe especialmente a esta ir buscar o germen do direito tal como se revela entre os selvagens e as civilisações pre-historicas para ascender d'ahi, comparando as diversas formas de manifestação juridica entre os povos, até chegar á eclosão ultima da consciencia moderna?

Parece obvio. E não se comprehende uma historia do direito por outro modo, quer ella abraçe o direito em genero, quer se especialise a um instituto. Ao escriptor italiano não escapou essa objecção, mas seu espirito lucido se annuiu nessa occasião e não soube tirar se da difficuldade. A unica solução seria eliminar aquelle conceito da philosophia juridica.

O objecto da historia afirma elle, *é o studio della successione storica delle forme giuridiche (istituti) già belle e formate*. Não sei porque a historia do direito só ha de começar depois da constituição defini-

tiva dos institutos, quando a sua formação nos dará capitulos de alto interesse dramático e muito instructivos para quem lhes deseja determinar a finalidade social. Além disso poderemos esquecer que actualmente a paleontologia ou archeologia jurídica, por outras palavras, a prehistoria do direito, é cultivada hoje com afan, somente explicavel pelos grandes resultados que tem produzido? E será a prehistoria antes um ramo da philosophia do que um prolongamento da historia? Ninguem ousará dizel-o, acredito.

Não tenho necessidade de insistir. Está evidenciado que foi victima de uma desastrada confusão de idéas o douto professor de Palermo. A historia é um auxiliar indispensavel para a philosophia do direito, conviremos todos, é mesmo um dos esteios em que ella repousa e um luzeiro que lhe esclarecerá o cosmos juridico; mas não se identificam, constituindo uma só, estas duas doutrinas.

F. Puglia viu as cousas por um prisma diverso e, procurando accommodar á philosophia particular do direito o conceito positivístico da philosophia geral, definiu-a como sendo *la scienza integrante dei risultati ultimi delle singoli scienze giuridiche e dei principii supremi della filosofia generale*.

Não me parece, porem ter sido mais feliz. Por grande que seja meu esforço, escapam-me sempre estes *resultados ultimos* das sciencias juridicas, aliás tam claros e salientes nas sciencias abstractas, cuja seriação forma a hierarchia do saber humano. Não é que eu os confunda com os *ultimos principios do direito*, uma encabulhada de palavras gastas, com que ainda se enfeitiça Miraglia. Não; mas é que sciencias analytico-descriptivas e de applicação, como visivelmente são as que constituem a jurisprudencia, não se acham nas condições das sciencias abstractas, cujos principios mais elevados e geraes podem ser assimilados e transformados pela synthese philosophica, que ergue-se das segmentações do saber empirico, para nos dar uma vista de conjuncto sobre o cosmos que, só então, adquire sua bella eurythmia natural.

Por outro lado, si a philosophia geral é a synthese mais elevada do saber humano que ella *generalisa, unifica e completa* de um modo abstracto e transcendental, como falar em uma sciencia que venha *integrar-lhe os principios supremos!* Teriamos uma abstracção quintessenciada, uma generalisação elevada á terceira dynamisação. Compreender-se-ia um tal modo de ver em um adepto da metaphysica renascente, mas não em um neo-positivista declarado.

Deante do desvio de intelligencias bem nutridas e perspicazes!

devo eu tambem me arreceiar de ser victima de uma pseudesthesia, muito commum aliás, nestas regiões afastadas e brumosas, maí illuminadas pelos clarões crepusculares das primeiras explorações.

Realmente até bem pouco era este o paiz predilecto, não direi dos sonhos, mas das especulações vaidosas dos que julgavam ter empolgado o corpo donairoso mas impalpavel da verdade absoluta. As primeiras abordagens dos methodos scientificos são de data recente.

Não obstante consigno aqui o meu modo de ver. Bem poderá não ser exacto, mas traduz um esforço para o reconhecimento da verdade relativa a que nos devemos resignar.

Philosophia juridica, entendo, é a sciencia que, nos dando uma vista de conjuncto sobre as varias manifestações do phenomeno juridico, estuda as condições de seu apparecimento e evolução, e determina as relações existentes entre elle e a vida humana em sociedade.

Para nos dar essa vista do conjuncto, unificadora das variações juridicas, a philosophia do direito estuda-o como força que opera a cohesão das molleculas sociaes, e se reflecte na consciencia dos individuos; destaca, da cerrada vegetação ethico juridica, as instituições fundamentaes e mais generalisadas, (como o Estado, a penalidade, a personalidade, a propriedade, a familia, a successão) e as considera debaixo de um ponto de vista abstracto. As condições de existencia e desenvolvimento do direito ella as reconhece applicando-lhe principios adqueridos pelas sciencias que estudam os seres vivos e especialmente pela psychologia, pela historia e pela sociologia. Depois disto não será difficil estabelecer a correlação entre as formas da vida do homem em sociedade e as formas do direito, no que nos será um guia seguro a historia illuminada pela philosophia geral.

Eis, em phrases rapidas, porem que me parecem sufficientemente claras, como entendo que deve ser essa porção mais bella da jurisprudencia, que denominamos philosophia juridica.

Seu apparecimento foi naturalmente posterior á constituição dos delineamentos geraes dos ramos concretos do direito. Assim como a esthetica foi creada depois da elaboraçã da poesia, da pintura, da architectura e da estatuarria; assim como a biologia presuppõe a botanica, a zoologia, a medecina etc; tambem a philosophia juridica traduz um gráo superior na evolução das sciencias do direito. A ordem natural é, sem duvida, a ascensão do concreto para o abstracto, do particular para o geral.

Isto, porem, não importa affirmar que devemos ensinar a philosophia juridica somente depois de ter iniciado o espirito do estu-

dante nas complicadas minudencias de todos os ramos do direito. Não, a ordem dogmatica pode, com vantagem, inverter a ordem genetica e partir deductivamente do geral para o particular, poupando aos neophytos custosas meditações e lentas peregrinações atravez da successão dos factos.

Penso deste modo.

CLOVIS BEVILAQUA.



A AUTONOMIA COMMUNAL



Affirmei que a autonomia municipal seria uma anomalia entre povos de origem latina; mas o Sr. Lastarria entende que entre os povos modernos nada ha de latino senão a tradição politica, ou melhor, a mentira pela qual ha uma raça condemnada a não assimilar as instituições politicas e communaes dos povos de raça saxonica, e em seu entusiasmo e fogo de sangue hespanhol sob a acção dos raios do sol americano aconselha que "aquelles que comprehendem que a regeneração politica das nações modernas não pode operar se sobre o fundamento desta tradição, devem começar por abjurar raça e tradição, reconhecendo que hoje não pode haver povo, cujo sangue obrigue a supportar o antigo regimem e a renunciar á vida livre, da qual é base a vida communal".

O autor da *Politica positiva* teria razão se a autonomia municipal fosse realmente a base da liberdade politica, mas diz-nos a experiencia dos acontecimentos que dentre os diversos aspectos da liberdade humana, a face politica foi proclamada pelo povo francez, que nunca se distinguio por autonomias municipaes.

E' o italiano Carle que, occupando-se do genio dos principios dos povos do Occidente e do papel que elles têm representado na historia, escreve :

“ Infine, dei diversi aspetti della libertà umana *la libertà economica* ebbe ad essere proclamata dall Inghilterra, *la libertà di pensiero* e de *coscienza* dalla Germania, e la *libertà civile e politica* della Francia ”.

Bem razão, pois, tinha Tobias Barreto para em 1881 dizer “ a liberdade politica é um producto de factores diversos, não porem, uma somma de centenas e centenas de municipios autonomos ”.

“ No estado actual da civilisação, continua o regenerador da nossa vida intellectual com um raro espirito de observação e de critica, em presença dos grandes corpos nacionaes, que tem uma existencia propria, o municipio tem apenas uma individualidade americana; só pode viver com o todo e para o todo, de que faz parte. É uma falta de criterio, para não dizer uma falta de senso, que o raro toma as proporções de um disparate inqualificavel, andar á todo o proposito, como é costume entre os politicastros do dia, invocar a autonomia communal contra os males que se fazem sentir nos governos centralizados. Não é mais licito deixar-se arrastar por semelhante illusão. A felicidade de um povo está muito acima do gaudium d'onde pende o fructo idyllico da vida municipal, autonoma e independente ”.

Para mostrar que a autonomia municipal não é a base da liberdade politica sirva de exemplo a Russia, onde impera um brutal centralismo politico a par da mais livre organisação communal.

Nem se diga que entre os slavos a autonomia local é uma instituição que não existe senão nos decretos dos czares, sem que se tenha procurado dar-lhes fiel execução.

Desde Pedro o Grande que se persiste n'este sentido, e soa a iniciativa dos seus successores, com acquiescencia das diversas autoridades sociaes, é que se têm operado as reformas alargando as realidades municipaes.

Se não trata-se de uma criação do genio nacional tambem não se trata de uma dessas invasões de instituições estrangeiras em opposição as tendencias e aspirações da massa popular.

Note-se que na Russia não se tem limitado a copiar como em nós a organisação dos Estados-Unidos. O que Pedro o Grande procurou realisar foi assegurar ás communas a independencia da adm

nistração municipal sem comprometter os elementos da nacionalidade russa.

Ali não se deixou de attender ao estado social, nem aos costumes, nem ás tradições para implantar a ideia nova e tornal-a fecunda; mas a experiencia veio demonstrar que as medidas inauguradas não tinham que produzir fructos que não podiam mais realisar-se attentos as novas condições sociaes, e que não ha correlação entre franquias municipaes e liberdades politicas, uma cousa não implicando a outra.

A questão de liberdade civil e politica, geral ou local é antes de tudo uma questão de caracter ethnico.

E' não tanto o grau de civilisação como a indole propria da raça que assegura a practica das instituições politicas.

Por não se querer conhecer esta verdade, é que vemos tantas reformas inuteis, quando não produzem maus resultados.

Sem a energica iniciativa individual dos anglo-saxões, aquelles povos que têm procurado assimilar-lhes as instituições, outra cousa não hão conseguido senão o delinhamento da acção fecunda e creadora do todo colectivo social.

Entretanto é o bemestar do todo que é preciso determinar e implantar: nos organismos sociaes humanos é a cohesão, a solidariedade entre as partes componentes, que transforma os grupos de individuos em communas, as communas em estados e os estados em humanidade.

" A felicidade para cada um e para todos, diz um valente escriptor, não começa senão quando os homens, animados de um pensamento commum se unem n'um esforço commum para attingir um fim commum. Onde estará esse fim commum n'uma sociedade composta de individuos não pensando senão em sua salvação particular, por conseguinte em sua felicidade propria" ?

Unidade no tempo, unidade no espaço, harmonia no todo deve ser a consciencia viva d'aquelles que constituem a collectividade humana.

(*Continua*)

ARTHUR ORLANDO.

O livro da vida



inha tres folhas este livro. Ousada
Visão de gloria encheo-o na primeira
Mas, quando a morte creença derradeira
Cahio, manchou-a; e vêde-a : está manchada !

A segunda, escreveo-a a desvairada
Sêde de goso, ardente, aventureira ;
Mas ai ! Da dôr a garra traiçoeira,
Para sempre rompeu-a ; e eil-a rasgada !

Resta uma folha só. Que importa ! A fama
Ou dos prazeres a doirada chamma
Já não mais queima um coração de neve...

Mulher que eu busco no passar da festa,
A folha branca que em minh'alma resta,
Espera anciosa um nome: é o teo, escreve !

GERVASIO FIORAVANTI.



A PHILOSOPHIA POSITIVA

E O SEU DESENVOLVIMENTO ENTRE NOS (*)

(ESBOÇO)

Savoir pour prévoir a fin de pouvoir.
(Preccito comteano)

I



ra em plena manhã do seculo XIX.

O mundo inteiro submettia-se com uma estoica passividade de ilota á elaboração dissolvente da metaphysica, que tinha dado por terra com as theocracias primitivas e com as instituições medievaes.

A Europa toda estremeceia, sacudida peias lufadas potentes do vento destruidor que caracteriza esse periodo de transição, e a velha terra dos mysterios druidicos sentia ainda, na escuridão sonora do tempo que fugira, o surdo rumor estertorante que lhe legara a passagem de sua revolução, sanguinolenta mas productiva.

Andavam por todas as cabeças umas aspirações indefinidas de liberdade, filhas da Reforma e filhas da Encyclopædia. Finalmente, o espirito moderno agitava-se n'um cahos feito dos detritos das velhas idéas e dos principios luminosos que o seculo de Voltaire revolvera.

Mas as grandes verdades demonstradas que até ahí pairavam desordenadamente em uma desagregação impossivel, e que constituíam o accúmulo, já consideravel, de positividade das gerações preteritas, estavam reclamando os seus direitos.

Os discipulos da grande escola de Alexandria; Copernico, Newton, Galileu, Lavoisier e Bacon; as mathematicas, a astronomia, a physica e a chimica; estavam pedindo o seu valioso ingresso nos arraiaes do pensamento por vir.

Havia, por consequencia, necessidade de que surgisse na Europa, em uma das fortes nações do Occidente, um grande cerebro e um grande coração que podesse extrahir desses elementos dispersos, mas fecundissimos, um novo critério philosophico e um alicerce seguro para os novos conhecimentos.

(*) Este estudo constitue um capitulo do livro inedito: *Brados e Golpes*.

E não se deixou de completar a evolução á falta desse genio. Elle appareceu; chamava-se Izidoro Augusto Maria Francisco Xavier COMTE e trazia na face a consagração solemne da universalidade dos empreendimentos titanicos e generosos: — o martyrio.

Quando em 1826 a França apresentou-o pela primeira vez (1) ao mundo, alçando o attestado immorrelouro de sua gloria, — a systematisação positiva dos conhecimentos de então, a qual trazia uma concepção do universo puramente humana, e uma intuição severa da vida de hoje, — perpassou pelas almas das nacionalidades contemporaneas um sopro alentador de enthusiasmo e de coragem.

E' que a Galia antiga rasgara na tela azul do progresso uns horisontes immensos e nunca vistos. E' que, por uma especie de heterogenia original e seductora, brotara repentinamente d'entre as sombras passadas o offuscante esplendor do *terceiro estado*, que se realisava á vista de todos.

E a philosophia Positiva, que no actual momento historico avasala as nações e domina as vontades, adiantou-se então, serena, magestosa, incorruptivel; derramando no seio dos povos as lições da observação e da experiencia e reconstruindo a vida social em suas multiplas manifestações!

*
* * *

Para apreciar os traços profundos e vencedores que essa enorme eclosão do talento de um homem produziu logo depois de sua vulgarisação, e principalmente para avaliar a actividade mental que ella estendeu até as mais remotas paragens, ao ponto de ter chegado á atrazada patria brasileira; faz-se necessario que em historia aqui, ainda mesmo por alto, em esboço, a synthese concebida e praticada pelo eminente creador do que, com venia de Quetelet, se poderia chamar a *physica social*.

Emprehendo, pois, essa tarefa difficil, deixando para a parte final deste pequeno trabalho a ligeira noticia, que pretendo dar, do

(1) Theophilo Braga, nos *Traços geraes de Philosophia Positiva*, data o apparecimento dos trabalhos de Comte, isto é, a exposição do programma do *Curso Positivista*, do anno de 1822. Littré, porem, e o proprio Comte declararam no volume que tem o titulo de *Principes de Philosophie Positive*, que aquelles trabalhos foram expostos em 1826. Supponho que Th. Braga referiu-se, ao dar o apontamento de que fallo, á diminuta edição de um "Systema de Politica Positiva" que Comte publicou em Maio de 1822.

desenvolvimento que têm tido entre nós as idéas do philosopho que ora me occupa.

Antes, porem, umas observações :

As linhas que vou traçar hão de parecer á muitos dos que notarem a minha admiração pelo grande fundador da Philosophia Positiva, um protesto de adherencia completa á todas as suas idéas.

Não é assim. E'-me necessario affirmar que não sigo as pisa-das do Sr. Laffitte, não aspiro as honras de discipulo *orthodoxo* do positivismo, não acceito de todo a *religião da humanidade*, e nem re-jeito o *facto biologico da população*, como base da Sociologia, para acceitar o fundamento que lhe deo Comte. (2)

Ainda mais: Na enumeração dos poucos escriptores brasileiros que se têm mostrado á frente da moderna crusada scientifica, eu designarei como *positivistas* (tomada a palavra em seu sentido amplo) todos aquelles que se têm collocado acima dos prejuizos do tempo e fugido á acção das influencias theologico-metaphysicas do nosso meio.

Faço c, porque tenho de me referir á homens que, acceitando os fundamentos e as verdades geraes da escola que abraço, são entretanto: uns adeptos do transformismo, outros positivistas inglezes com Spencer e Mill, outros seguidores das doutrinas materialistas e monisticas da Allemanha (3)

*
* *

D. C. Rossi, autor de um magnifico livro de propaganda scientifica e de critica positiva, referindo-se á Carlos Darwin, o profun-dissimo autor da *Origem das especies*, escreveu as seguintes phrases, cheias de verdade e de brilho :

“ Il est des hommes dont le genie a tente la puissance d'un element electrique; ils ebranlent l'edifice des vieilles croyances ; changent le cours des idées, transforment la science, eclairent les masses, et le retentissement de leur nom se propage comme les on-dulations de l'ether en presence d'un metedre ignè”. (4)

Si estas vigorosas palavras fossem ditas com referencia á Au-gusto Comte, apezar do cunho de força que trazem impresso em si

(2) Veja-se a *observação* que vem no fim deste estudo.

(3) Veja-se ainda a *Observação*.

(4) D. C. Rossi: *Le Darwinisme et les generations spontanées*, Paris, 1870:

mesmas, talvez que lhes desmaiasse o colorido, tentando exprimir toda a grandeza e resultados das idéas com que esse homem superior dotou a humanidade.

Creio mesmo que ellas apenas poderiam dar-nos um reflexo muito livido de toda a extensão desse abalo, produzido nas sociedades contemporaneas pelo evento da nova doutrina.

Tal é a magestade enorme e deslumbradora que eu sinto irradiar desse complexo methodico e organizado de verdades verificadas e de deducções rigorosas !

*
* *

Não escrevo uma biographia. Não narro, por isso, as lutas obscuras, intimas, dolorosas, que teve de sustentar com o *meio* que o cercava o cerebro poderoso de Augusto Comte, desde as suas locubrações escolasticas até a sua morte ignorada e pobre. (5)

Tambem não me abalanço á um apanhado completo de todas as obras do philosopho. Por isso vou fallar só da primeira dellas, deixando de me referir á *Politica Positiva*, á inacabada *Synthese Subjectiva* e ao *Cathecismo Positivista*.

O primeiro volume do *Curso de Philosophia Positiva* appareceu em 1830, quatro annos depois da exposição em publico do programma desse curso. O ultimo publicou-se em 1842. E só então foi que se poudé avaliar todo o peso, a importancia inteira desse trabalho genial, dessa concepção de gigante. Digo, só então, porque nos tres primeiros volumes da obra o autor occupou-se com as philosophias particulares da Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica e Biologia, reservando para o fim as suas admiraveis creações e generalisações sociologicas.

Ha na construcção de Comte, nessa admiravel systematisação de todas as sciencias que podem supportar este nome, — dois alicerces profundissimos que se acham lançados nos penetraes da So-

(5) Comte nasceu em Montpellier á 19 de Janeiro de 1798, casou-se na idade de 27 annos com Mlle. Massim e falleceu á 5 de Setembro de 1857. Seus paes foram Luiz Comte e Rosalma Boyer.

Ha ahí uma porção de obras biographicas que dão todas as noticias desejaveis sobre o philosopho. Procure-se, por exemplo, *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, de Littré, o livro do Dr. Robinet, o de Lonchampt, etc. A quem desejar um resumo biographico claro, completo e em portuguez, recommendo o opusculo de T. Bastos ; — Comte e o Positivismo.

ciologia, e d'onde se alteia o resto do edificio n'uma fascinação immensa, architectonica.

São os dois principios constatados, evidentes, veridicos e fundamentaes, que se denominam: — a *Lei dos tres estados* e a *Classificação hierarchica dos conhecimentos humanos*.

Ambos elles têm sido batidos pela onda da critica, quer reaccionaria, quer adiantada. Mas continuam de pé e sem estremecerem : com a solemne impavidez das cousas verdadeiras. E' o facto.

O primeiro principio é a asseveração de que todas as idéas, sentimentos e actos da humanidade em geral, como do homem em particular, manifestam-se em tres phases successivas de suas consciencias de povos ou de individuos. E' a classificação das concepções e acções humanas como *theologicas, metaphysicas e positivas*, e a divisão das creações theologicas em *felichistas, polytheistas e monotheistas* (6).

O segundo dos principios citados é a organização historica e dogmatica da escala que devem occupar modernamente as sciencias em um estudo methodico e consciencioso, nas suas relações de dependencia mutua e decrescente. E' a systematisação dos nossos conhecimentos, seguindo um principio de Descartes, (7) em : Mathematicas, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia e Sociologia.

Falla o mestre :

“Todas as nossas concepções passam successivamente no individuo como na especie por tres estados, designados commumente pelas denominações de estado theologico, metaphysico e positivo. O primeiro é provisorio e applicado ao conhecimento imperfeito do que existe; o segundo é apenas uma modificação dissolvente ; só o terceiro é definitivo :” (8)

E' esta a *lei* que o insigne reformador das velhas intuições do mundo achou plenamente comprovada entre as civilisações que se têm succedido no decurso do tempo.

E' tambem a grande *lei da evolução* que, sem maldizer o pas-

(6) E' conveniente observar, para responder logo á uma objecção tão frequente quanto sem fundamento, que a *Lei dos tres estados* foi observada e constatada por Comte somente na civilisação arjana e occidental, que é a nossa e a unica perfeitamente desenvolvida. Nos povos physiologicamente incapazes de progredir, como os africanos e australios e nas grandes populações da Asia, só materialmente progressivas, como as da China, da Judea e do Japão, a referida *lei* não se realisa. Mas é que n'uns povos, condições excepçionaes e poderosas os fizeram estacionar.

(7) Vid. Th. Braga: *Traços geraes de Philosophia Positiva*.

(8) Vide Aug. Comte : *Cours de Philosophie Positive*, ou *Do Espirito Positivo*, trad. de R. de Mendonça. S. Paulo, 1880.

sado, nos afasta deste e nos encaminha para o progresso e para o futuro.

Com o auxilio della, quer se a divida com Littrè nos periodos das *necessidades*, da *moral*, da *arte* e da *sciencia*; (9) quer se acceite a opinião de um outro escriptor contemporaneo (10) que o distribue nos estados denominados das *sensações*, dos *sentimentos* e das *noções racionais*; quer n'um quer n'outro caso (que aliás lançam mais luz sobre a exposição incontrastavel de Comte), o homem de hoje acha-se habilitado á fazer a critica exacta, recta, judiciosa, de todas as religiões com as suas concepções impérfeitas do universo, e de todas as aspirações metaphysicas em qualquer um dos seus vãos viciosos e sophisticos.

E isto porque : -- em primeiro logar, a crença n'um só principio sobrenatural (?), que domina ainda hoje, significa apenas a manifestação mais adiantada de um *estado* mental que já morreu. Fallo do *monotheismo*. E em segundo logar, porque o periodo intermediario entre o theologico e o scientifico ha muito que se acha banido das especulações sensatas pelos bons espiritos modernos.

(Continua)

IZIDORO MARTINS JUNIOR

(9) *Fragments de philosophie positive*.

(10) Th. Braga, nos *Traços Geraes*.

VOLTAIRE

A MR. LE BARON G. D'HRPENT



Quand il faisait vibrer son mâle éclat de rire,
Rempli de la gaieté bruyante de son cœur,
Et qu'il le déroulait, à leur subite horreur,
Aux fronts des saints prédicateurs de l'éternel martyre

C'était comme l'atteinte atroce de l'orage,
Lorsqu'il souffle du nord la cime des rochers.
Et l'on pouvait alors compter, par milliers,
Les sacrosaints débris dans leur cruel ravage.

Et même aujourd'hui, quand elle se promène,
L'ombre du grand rieur, dans la nuit sereine
Des modernes gardeurs des plaintes du Calvaire,

Résonne au milieu des sourds gémissements,
D'atroces cauchemars, dans leurs cruels tourments
Ce grand cri de la foi, le nom d'un mort, — Voltaire !

COSTA NETO.



O HOMEM TERCIARIO

Pendant le tertiaire existait un être assez intelligent pour faire du feu et pour se fabriquer des instruments en pierre.

(Mortillet—*Le préhistorique*, p. 628)

Foi um homem provavelmente já de todo seguro na attitude vertical, alálo ainda, quasi bruto e coberto de pellos : foi esse o rei da creação no paraizo miocéne da Europa

(O. Martins — *El. de Anthropol.* p. 80)



s importantes descobertas que se têm realiado no campo nunca assaz explorado da Archeologia Prehistorica, provam, de um modo irrefatavel, a existencia do *homem fossil*.

Cuvier negando-a, não conseguiu, apezar de toda a sua auctoridade e competencia, impedir que a verdade triumphasse por fim.

Mais uma vez a opposição systematica, representando conveniencias que as conclusões scientificas não devem absolutamente rejeitar, procurou impedir ou pelo menos retardar o desenvolvimento de uma verdade que afinal, como sempre acontece, devia impor se ao espirito refractario daquelles mesmos que a rejeitavam.

A opinião dos defensores do *homem fossil* não ficou sepultada no pó das tentativas mallogradas ; não. A voz imperiosa dos factos abafou para sempre a de Cuvier e de seus adeptos. O *homem fossil* venceu. Negados os seus vestigios apresentados por Amy Boué em 1823, foram depois descobertos e apresentados novamente por Tournal, conservador do museu de Narbonna (1828), Christol (1829), Schmerling (1833), Joly (1835), Marcel de Serres (1839), Aymard (em 1844) e por Lund, no Brazil (1).

(1) Vide *Le monde avant la création de l'homme*, por Flammarion p. 805, *Elem. de Mineralogia e Geologia* por F. A. Xavier de Alm. 172, *O homem fossil da Lagôa Santa* por Lacerda (artigo publicado na Revista Brasileira).

Foi, porem, Boucher de Perthes quem deu o golpe decisivo que assignalou o triumpho do *homem fossil*. Descobrendo (1840) alguns *silex* nos depositos quaternarios do valle do Somma, animou-se a novas pesquisas que deram o mais feliz resultado.

Publicando em 1847 as suas "Antiquités celtiques et antediluviennes", onde dava conta de seus primeiros trabalhos, e sendo friamente acolhido, continuou em suas investigações e a 28 de Março de 1862 encontrou, no mesmo valle do Somma, perto de Abbeville, a queixada de um homem quaternario.

Esta importante descoberta, que assumiu entre os naturalistas as proporções de um verdadeiro acontecimento, fortaleceu-se com os esforços de E. Lartet, Pestwich, Evans e C. Lyell, decidindo em favor do homem quaternario a lucta que travaram com elle os representantes da sciencia official.

Os archeologos não ficaram de todo satisfeitos convencendo-se da existencia do *homem fossil*. Longe de dormir á sombra desse primeiro triumpho, empenharam-se em uma nova lucta,

Reconhecendo a possibilidade da existencia do homem no periodo terciario, rasgaram as entranhas da terra, exploraram os terrenos desse periodo geologico, interrogando-o ácerca da existencia d'elle.

A tarefa era por demais difficil: exigia grande somma de actividade, innumerados sacrificios e não offerencia compensação alguma que podesse animar aos que a tomassem ao hombro. Emtanto aquelles pacientes investigadores entregaram-se a ella, affrontando todas as difficuldades que se lhes antepunham, e visando apenas o descobrimento da verdade — a maior das recompensas para os operarios da Sciencia.

E o alcançaram brilhantemente. O homem terciario triumphou; e o seu triumpho, para o qual concorreram poderosamente Denoyers e outros, é devido principalmente ao espirito eminentemente investigador e perspicaz do abbade Bourgeois cujos trabalhos, baseados em factos incontestaveis, levaram a convicção a muitos espiritos indecisos e mesmo descrentes.

A principio achou-se completamente isolado no terreno de suas investigações, mirando os largos horisontes que ellas haviam aberto á sciencia, e apontando com orgulho de triumpho os vestigios do

homem miocéne. Os risos sarcásticos da descrença que de todos os lados vinham ecoar em seus ouvidos não o fizeram desanimar um só instante.

Revestindo-se dessa perseverança de que sóem armar-se grandes luctadores, os heróes de uma idéa, quando empolgam a certeza de alcançar a gloria, o exito de que os mais duvidam, proseguem em seu trabalho e conseguem em fim ver os sabios mais abalisados partilharem suas opiniões.

Descobrindo nos depositos terciarios de Thenay diversos silex uns talhados e outros queimados *intencionalmente*, o que attestava a existencia de um ser que conhecia o fogo e possuia uma certa industria, embora embryonaria, o celebre abbade annunciou ao mundo scientifico a descoberta do homem miocéne. As suas communicacões, atrahindo a attenção dos mais distinctos paleontologos, abriram margem a importantes discussões scientificas que concorreram para augmentar o numero dos seus adeptos; e a existencia do homem terciario, admittida por d'Omalius, Quatrefages, Cartaillac, Capellini, Worsaac, Engelhard, Schmidt, Franks, etc, foi depois confirmada pelas descobertas de silex que realisaram Rames nas alluviões do Puy-Courny e Carlos Ribeiro em Portugal (2).

Este ultimo, que ja havia apresentado em Bruxellas (1872) diversos silex descobertos no valle do Tejo, leu no congresso reunido em Pariz (1878) uma importante memoria sobre as formações terciarias em Portugal, e apresentou novos silex. Foi então convocado o congresso para Lisbôa onde realisou-se effectivamente (1880); e, depois de um estudo serio e aprofundado, seguido de discussões luminosas, concordaram com as opiniões de C. Ribeiro os Srs. Capellini, Cartaillac, Belluci, Delgado e G. de Mortillet.

Mortillet, que segundo elle proprio declara, foi um dos primeiros convencidos por Bourgeois, é de opinião que "os animaes intelligentes que sabiam fazer fogo e talhar pedras na epocha terciaria não eram homens na accepção geologica e paleontologica da palavra."

A este ente cujos vestigios foram encontrados em Saint-Praist, Thenay, Puy-Courny e valle do Tejo, dá Mortillet o nome de ANTHROPOPITHECO, ser intermediario que é alguma cousa mais que o anthropoide embora ainda não seja homem,

(2) O. Martins — E. de Anthropol. (noticia do Congresso)

Pode-se, pois, afirmar com os mais notáveis paleontólogos, que nos terrenos terciários da Europa, pelo menos em alguns delles, existia um homem, ou proto-homem que além de conhecer e utilizar-se do fogo, sabia servir-se de armas de defesa ou mesmo de ataque, embora grosseiramente preparadas, e que, destacando-se dos anthropoides pela attitude vertical que adquerira, era em tudo semelhante aos microcephalos e cretinos que, por um phenomeno de atavismo, se têm perpetuado até os nossos dias. "Tous les pas que nous faisons sur notre mère, la terre, nous conduisent au dessus des sépultures de millions d'êtres qui ont vécu des millions d'années avant nous et qui sont morts en laissant leurs traces, leurs débris ou leurs empreintes dans la masse de pierres qui s'étend sous nos pieds." (3)

A sciencia deve muito á ousadia sublime desses homens que, levados unicamente pelo desejo de tudo saber, de descobrir a verdade que a natureza occulta no manto mysterioso de seus segredos; rasgam as entranhas da terra, procurando as folhas dispersas dos primeiros periodos da historia da humanidade perdidas nas estratificações geologicas.

E elles entregam-se a tão penoso trabalho sem o menor interesse, somente com o fim de encontrar os vestigios que os nossos antepassados das cavernas deixaram nas camadas geologicas, e recolher os restos mortaes desses infelizes que pereceram na enorme lucta a que se entregaram para preparar a grande obra da evolução.

Esses vestigios que a Archeologia Prehistorica nos mostra nas camadas geologicas são documentos posthumos da existencia dos heróes que succumbiram na concorrência vital dos primitivos tempos, são como que os tumulos dessas gerações de bravos que, nos precedendo no theatro da vida, prepararam a nossa felicidade, pugnam pelos nossos interesses.

E esses heróes que tanto fizeram pelo desenvolvimento da especie a que pertencemos, esses bravos que empregaram toda a actividade em prol do seu levantamento, ainda estariam nos tumulos onde foram sepultados, ainda se conservariam no mundo do desconhecido, si os operarios incansaveis da obra que elles começaram não

(3) Buchner — Sc. et Nature, trad. de A. Delondre.

tivessem ido ao seu encontro, entregando-se ao penoso trabalho de rasgar o seio da terra que os occultava afim de apresental-os ás gerações para cujo desenvolvimento concorreram com o sacrificio de sua propria vida.

Merecem toda a veneração esses infelizes — testemunhos posthumos das luctas em que se empenharam as gerações passadas, titanicas luctas em que elles foram talvez os maiores bravos, e cujos felizes resultados tanto nos aproveitaram.

Cercados por todos os lados de innumeradas difficuldades, não encontrando em si nem no meio em que se achavam nenhum recurso para a satisfação de suas necessidades, souberam entretanto luctar com vantagem, e fazer das suas luctas um verdadeiro tirocinio.

Entregues primitivamente aos seus proprios esforços, como ja dissemos, cercados de necessidades cuja satisfação exigia conhecimentos que lhe falleciam completamente, conseguiram, entretanto, libertar-se pouco a pouco das difficuldades que o assaltavam, rasgando cada dia uma parte do véo da ignorancia que os envolvia (4). Si não conseguiram attingir ao desenvolvimento do homem que fez as *facas, pontas de lança* e os *martellos* do periodo seguinte — o *pliocénico* têm entretanto o grande merecimento de haver operado a revolução de que fala O. Martins (5) e que firmou a sua supremacia sobre todos os animaes seus contemporaneos.

SOLIDONIO LEITE.



(4) Discurso pronunciado no Gabinete Portuguez de Leitura a 15 de Agosto de 1889.

(5) Imaginar a primeira arma, inventar a primeira ferramenta, degustar a primeira carne, importam uma revolução total nos habitos, na capacidade, no futuro reservado a esse novo typo animal que se destacara dos anthropoides, etc — Ob. cit. pag. 89.

AS TREVAS (*)

POESIA DE LORD BYRON

Versão do original Inglês

POR

ESMERALDINO O. DE TORRES BANDEIRA



u tive um sonho que não era inteiramente um sonho. Ex-
 tinguira-se o sol ; as estrellas sem raios e sem orbita erra-
 vão bruxoleiantes no espaço eterno; a terra gelada balou-
 çava-se cega, trevosa n'um céu sem lua ; vinha a manhã,
 ia e voltava ainda, mas um dia siquer não irradiava; os homens ha-
 viam esquecido suas paixões ao terror de tal desolação; os corações
 enregelavão-se n'uma supplica egoistica, implorando luz; e todos
 viviam acercados dos grandes fogos que atêavam; os troncos, os pa-
 lacios, as choupanas, as habitações de todo genero eram queimadas
 para aclarar as trevas ; incendiavam-se cidades inteiras e os habi-
 tantes reuniam-se em torno de suas moradas ardentes para verem-se
 uma vez ainda. Felizes os que viviam proximos dos vulcões e de
 sua cratera luminosa ! Uma temerosa esperança era tudo que res-
 tava ao mundo. Puseram fogo ás florestas, mas d'istante a instante
 ellas abatiam e desapareciam os troncos crepitantes extinguiam-se
 com um estalido atterrador — e depois.... tudo era noite. Essa luz
 desesperadora reflectindo-se em scintillações fugitivas sobre a face
 dos homens, revestiam-n'a d'um aspecto sobrenatural. Uns, que
 estavam deitados, occultavam os olhos e choravam; outros apoiavam
 a barba sobre as mãos crispadas e riam; alguns, enfim, moviam-se
 aceleradamente, ateavam as pyras funerareas e n'uma anciedade
 desesperançada erguiam os olhos para o céu sombrio — mortalha

(*) Este é o terceiro da serie dos poemas de Byron, cuja traducção empre-
 hendemos.

de um mundo morto; depois, irrompendo em imprecações blasphemáticas, atiravam-se sobre a poeira, rangendo os dentes e ululando. Guinchavam os passaros bravios, e tranzidos de terror, esvoaçavam sobre o chão, deixando cahir suas azas imprestaveis. Viam-se mansos e tremulos os mais ferozes animaes; ouvia-se o silvo dos reptis venenosos que inoffensivos rojavam-se e encaracollavam-se em meio a multidão, que os matava para servirem de alimento. A Guerra que por um momento desaparecera, cevára-se novamente. Um repasto foi comprado a sangue e cada um sentára-se misantropo á parte, saciando-se nas sombras. Não existia amor; o mundo inteiro era uma idéa só -- a morte immediata, ingloria... As torturas da fome aguilhoavam todas as entranhas. Mortos os homens, seus ossos, como suas carnes, ficavam insepultos; os magros eram devorados pelos magros, até os cães assaltavam seus senhores; todos, excepto um unico que conservava-se fiel a um cadaver e fazia guardar distancia ás aves, aos animaes e aos homens esfaimados até que a fome os fazia succumbir ou o cahir d'outro cadaver sejava suas maxillas descarnadas.

O cão não mais procurou alimentar-se e exhalando um grunhido pungente, prolongado, n'um uivo rapido e desolado morreu, lambendo a mão que não lhe respondia mais uma caricia. Gradativamente ia esfaimando-se a multidão inteira, d'uma cidade immensa só dois homens sobreviveram-se; eram inimigos.

Encontraram-se em torno d'uns miseraveis despojos fumejantes d'um altar onde fora accumulada quantidade de objectos sagrados para um uso profano. Tranzidos de frio, elles juntavam e revolviam com suas descarnadas mãos, as cinsas ainda quentes; seu fraco halito, agitando o ar por um instante, produziu alli uma chama ephemera -- verdadeiro escarneo. Ao scintillar da labaréda, elles ergueram os olhos e contempláram-se; viram-se, gritaram e morreram; morreram ao terror de sua mutua hediondez, ignorando ambos quem era aquelle sobre cuja fronte escrevera a Fome -- Maldicto.

O mundo era deserto e d'aquelle universo potente e populoso restava apenas a amalgama onde não passavam estações, não germinava herba, não se erguiam arvores, não viviam homens, não se agitava a vida; -- uma amalgama de morte, um cahos d'argila esteril. Os rios, os lagos e o oceano eram immoveis, nada volvia em seu abysmo silente. Os navios, sem tripolantes, apodreciam sobre

as agoas e cahiam em pedaços seus mastros alterosos ; ao cahirem, dormiam sobre um abysmo eternamente immovel.

As vagas eram mortas; as marés jaziam sepultadas e sua amante, a Lua, de muito as precedera; os ventos cessaram e as nuvens esvaeceram-se no ar estagnado: as Trevas não precisavam de seu auxilio — Ellas eram o Universo.



O Hoop



ou assim como um mendigo
A me arrastar pelas ruas :
Tenho as cóstas semi-núas
E nem siquer um amigo.

E quando os campos têm flores
E as flores góttas de orvalho,
Eu tenho o pêso de um malho
Entre rios de suóres /

Quando toda a Creação
Escuta o cantar dos ninhos,
Eu ouço a vóz dos filhinhos
Que accordam pedindo pão.

De tudo tenho descrido
Nesta misera existencia.
Na lucta contra a indigencia
Me sinto quasi vencido.

Em tanto a sociedade
— Essa filha da Utopia —
Me falla em *Democracia*,
Direito e Fraternidade!

Cansado da escravidão
Do *sagrado* Imperador,
Me dêram novo *senhor*
E o nome de *cidadão*

Assim me vou arrastando
No lamaçal desta vida,
A alma desilludida,
O corpo se definhando.

Então zombo da *egualdade*
De Christo e de Mirabeau
E grito como Rousseau :
“ Maldida *Sociedade!* ”

PINTO DE ABREU.



Nº 16

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE AGOSTO DE 1891

NOTAS SOBRE A CRIMINALIDADE NO ESTADO DO CEARÁ'

(AO DEZEMBARGADOR PEDRO DE QUEIROZ)

I

NOÇÃO DO CRIME



omeçarei firmando algumas idéas sobre o modo de comprehender e explicar o crime.

A idéa de considerar o crime como um producto da sobrevivencia da vida selvagem, como um phenomeno bem caracteristico de atavismo, que foi o ponto de partida dessa brilhante e numerosa eschola italiana que tem por chefes Lombroso, Ferri, Garofalo, Marro, Fioreti parece ter feito sem tempo. Os golpes certos da critica manejada por Colajani, Tarde e Joly levaram a convicção mesmo aos centros orthodoxos. Em França esta idéa capital da theoria lombrosiana foi, desde os primeiros momentos posta, por assim dizer, em reserva. O proprio Lacassagne, o illustre professor de medicina legal em Lyon, que é, embora dissidente, o mais illustre representante da *nuova scuola* na Republica Franceza, oppoz, á hypothese do atavismo, a da suspensão no desenvolvimento do individuo e da degenerescencia, que parece ter ultimamente conquistado maior numero de adhesões.

Mas ainda que se admitta como verdadeira a theoria do criminologista francez, ainda que consideremos os criminosos natos como individuos cujo desenvolvimento normal foi sustado por quaesquer

causas ou cujas faculdades se mostram amesquinhas ou irregulares em cotejo com as da generalidade, é sempre verdade que este ponto de vista biologico não explica o crime de um modo completo, pois que este é, antes de tudo, um facto social. Muito embora seu apparecimento exija, geralmente, da parte dos individuos, certas condições physiologicas especiaes, muito embora sua embryogenia se desdobre no dominio da psychologia, sua eclosão se vae fazer na sociedade, seu germen veio della e, dentre os factores que concorrem para a sua producção, os sociaes são, sem duvida, os mais valiosos, o que não importa afirmar que os physicos e anthropologicos sejam de exigua importancia.

O crime surge na mente do individuo sob a forma de idéa ou de emoção, elabora-se na consciencia e, produzindo, a volição, tende a realisar-se. E' claro que os espiritos bem formados não se deixarão, sinão excepcionalmente, arrastar á pratica desses tristissimos factos que são um forte grilhão a nos prender inexoravelmente á bruteza da animalidade, donde a cultura nos pretende distanciar, mas onde nos arrastamos e nos debatemos, em vão, como frageis insectos envolvidos nos fios resistentes de vasto aranhol. Esta semente necessita de um terreno proprio. Este terreno, que é o homem, e que ou existirá convenientemente afeiçoado pela natureza, quero dizer, por condições physiologicas especiaes, ou será preparado por circumstancias diversas, como sejam, o meio social cujo nivel moral decresce, cujos meios de repressão se afrouxam, a educação descuidada que não tracta de cultivar o character e as inclinações boas, as crises economicas e politicas, a falta de adaptação ao meio social, a miseria invencivel dos que não podem lutar vantajosamente pela vida, o alcoolismo, o contacto com os malfeitores cujos successos despertam dezejos de imital-os e cujos actos de fera bravura suscitam enthusiasmos. E' naturalissimo que concorram para o mesmo resultado, corroborando esses factores, certas tendencias ethnicas e certas influencias cosmicas.

Cahindo a semente em um terreno assim apropriado a fazel-a germinar, sua elaboração psychica é rapida. Vel-o-emos apparecer geralmente com uma precocidade assustadora e propagar-se com tanta mais facilidade quanto mais favoravel lhe for o meio social pelo desequilibrio dos costumes e pela frouxidão dos meios repressivos empregados para rebatel-o. Como essas plantas aquaticas cujas raizes se prendem ao solo lamacento, á vasa dos pantanos e que atravessando, ás vezes, profundas massas d'agua vão expandir-se

em florações ao lume d'um lago, sob a claridade quente do sol, o crime que nos alarma e nos inquieta, que perturba a eurythmia social e vibra desagradavelmente na consciencia dos homens honestos, atravessou phases diversas na mente sombria do criminoso, é a ultima evolução de uma idéa ou de um sentimento suggerido pelo meio social.

Si o crime é um facto social como o direito, que é sua antithese logica, consideremo-lo principalmente em seu aspecto social, embora tenhamos de pedir auxilios á psychologia, á physiologia, á psychiatria e á anthropologia. Considerado sob esse ponto de vista, julgo que devemos comprehender o crime como — uma offensa ás condições existenciaes da sociedade ou, mais claramente, como *uma perturbação mais ou menos grave produzida na ordem social e acarretando um embaraço mais ou menos consideravel ao regular funcionamento da mechanica social.*

E' facil de ver que me colloco, ainda desta vez, a sombra das doutrinas do grande jurista-philosopho que já teve occasião de definir o delicto — “um attentado ás condições de vida da sociedade, constatado da parte da legislação por meio de penas repressivas.”(1)

E como as condições existenciaes da sociedade variam de povo á povo, de epocha a epocha, com ellas variará este elemento perturbador de seu equilibrio e de sua acção. Attendendo a essa transformação evolutiva dos elementos sãos e doentios da vida social, reconhece-se quanto andou acertado o auctor da *Criminalidade comparada* dizendo que o crime constitue uma profissão de um certo numero de homens, e que consiste em *actos que a opinião dominante acreditaada n'um grupo social, julga passíveis de pena.* (2).

Distancio-me, portanto, neste ponto fundamental, da eschola italiana, o que não importa em rejeitar suas conclusões em outros. Antes, devo dizel o sem rebuço, admiro e acato o labor desses infatigaveis investigadores a quem deve immenso a transformação porque está passando a sciencia e o direito criminal. O que faço é con-

(1) Ihering — *Der Zureck im Recht*, I, p. 490. Este modo de ver encontra apoio na linguagem. A palavra portugueza — *delicto* — provem de *derelinquere* — abandonar (o regimen legal); a palavra allemã *verbrechen*, crime, vem de *verbrechen* romper (a ordem social).

(2) Tarde — *La criminalité comparée*. A prova de que o crime se afere pela opinião está na persistencia das guerras onde matam-se os homens aos milhões sem um grito de piedade pelo inimigo afogado em sangue, está na persistencia do duello em que um homem honesto e finamente educado golpeia seu adversario e o mata a sangue frio, com todas as regras d'arte.

servar meu direito de critica para guiar-me, á luz dos principios, nesse amontoado consideravel de dados fornecidos pela psychiatria, pela pathologia, pela anthropologia, pelas doutrinas carcerarias; o que procuro é não perder-me nesse labyrintho de descripções, de cifras, de observações, de estatistica, de representações graphicas, de galtonisações de craneos e physionomias, de anthropometria, onde as affirmações e as contestações se degladiam; o que ambiciono é ver depuradas, n'uma synthese final, todas essas analyses minuciosas e delicadas que nos vão descobrindo dia por dia um aspecto novo deste phenomeno proteico.

Si vejo muita verdade nas tres ordens de factores do crime, os physicos, os anthropologicos e os sociaes, tam profundamente estudados por Ferri; si admiro as pacientes observações de Lombroso e Marro, as vistas ousadas, quasi geniaes do primeiro, e as deducções lealmente rigorosas do segundo; si applaudo as habeis applicações da theoria ao direito como as sabe fazer Garofalo, não posso desconhecer que ha muita cousa a refazer, que muitas illações foram precipitadamente tiradas e que o caminho seguido nem sempre é o mais conveniente. Não me proponho á fazer uma critica detalhada da eschola, mas para fundamentar o que acabo de avançar, limitar-me-ei a lembrar que, procurando interpretar o crime mais biologica do que socialmente, por mais que investiguem, nunca nos poderão nos dar uma idéa exacta e completa do crime. A theoria de um delicto natural de Garofalo se prende a essa preocupação caracteristica da eschola italiana, preocupação que actúa mesmo sobre aquelles que procuram reagir contra ella, como é, por certo, o caso do illustre presidente do tribunal de Ferrara.

“ Delicto natural ou social, escreve este conspicuo escriptor, é uma lesão d'aquella parte do senso moral consistente nos sentimentos altruistas fundamentaes (piedade e probidade), segundo a medida media em que se acham nas raças humanas superiores, medida que é necessaria para adaptação do individuo á sociedade” (3)

Antes de tudo os qualificativos *natural* e *social* não se equivalem para que nos seja indifferente attribuir um ou outro ao mesmo ser. São até anthiteticos sob certo ponto de vista, pois que a sociedade reage contra a natureza da qual procura libertar os individuos.

(3) *Criminologia* p. 30. Esta definição parece suscitada por outra de Poletti, embora seja mais positiva e mais clara.

Alem disso, depois que a sciencia demonstrou a inanidade da religião natural e do direito natural, devemos nos premunir contra *um delicto natural*. A natureza, é sedita, não conhece o bem e o mal, o justo e o injusto. Estes conceitos nasceram com a sociedade e somente nella se comprehendem. Si a natureza conhece alguma lei é o movimento, a evolução que trabalha a materia, transformando-a constantemente de nebulosa amorpha em sóes radiosos, de anorganismos em seres vivos, em arvores frondentes, em florações pomposas, flammejantes, em associações humanas. Que importa á natureza que, no curso dessa evolução, se desencadeiem as tempestades das paixões e dos vícios, que os imperios se anniquillem na carnificina das batalhas ou que um homem honesto caia sob o punhal de um sicario? A morte serve de pasto a vida, como já o reconhecia Shakespeare, e um campo juncado de cadaveres é o berço de milhões de vidas. E' justamente a sociedade, ultimo elo da cadeia evolucional dos seres vivos em nosso planeta, que procura dominar e dirigir, em beneficio proprio, as forças que formam em seu conjunto a natureza.

Mas não é somente por esse lado que pecca a theoria de Garofalo sobre o delicto natural ou social. Este defeito podia ser considerado de forma simplesmente. O *proton-pseudon*, o erro fundamental está, penso eu, em considerar-se nella o delicto como offensa aos sentimentos de *piedade e probidade*, com exclusão de outros sentimentos e outros estados de consciencia visivelmente mais em relação com este facto como são os do direito e do dever. "Como si a idéa de crime, diz Tarde, não implicasse essencial e naturalmente a de um direito ou de um dever violado e não simplesmente de um sentimento violado, e como si este sentimento mesmo fosse cousa diversa de uma fé accumulada e consolidada no direito e no dever." (4)

Todo crime se resolve n'uma infracção do direito, não porque a lei o declare acto punivel, pois não me refiro exclusivamente ao direito em sua manifestação legal, mas porque o direito é o tecido de normas garantidoras da vida social e tudo que a embaraça, ou

(4) Philosophie penale, pag. 71 — As idéas que aqui vou expondo, sobre o character anti-juridico do crime, as possuia já em 1887 e as expendi por occasião de leccionar particularmente o direito criminal.

Nunca me havia, porem, servido dellas na imprensa. Encontrando-as indicadas no trecho tomado ao admiravel criminologista e critico francez, entendi dever apresental-as apoiadas por sua grande auctoridade, que aliás não é a unica a que me poderia soccorrer.

perturbando a ordem de um modo alarmante ou impedindo o desenvolvimento de uma maneira que é ou poderia ser eficaz, tudo que põe em perigo a synergia das forças sociaes ou desvia sua directrix, se colloca em antinomia com o direito.

Isto não significa absolutamente que nos limitemos a estudar o crime como legistas. O que já ficou dicto antecedentemente é bastante para que se não me attribua um tal pensamento. Só poderia opinar assim quem não reconhecesse o valor das conquistas realisadas estes ultimos tempos pela anthropologia, estatistica e sociologia criminaes, e só poderia suspeitar em mim tam mesquinha e rançosa idéa, quem acreditasse na impossibilidade de estudar-se tambem o direito pelos processos naturalistas. Mas é quasi uma vulgaridade hoje tractar o direito como um phenomeno social que se transforma e modifica por leis analogas ás que presidem a evolução de todos os outros phenomenos sociaes. Seria até incongruente que o elemento perturbador da coexistencia humana pudesse ser explicado de modo diverso pelo que se deve explicar o elemento garantidor que se lhe oppõe. A verdade é que direito e crime, si não evoluem em parallelismo, são inseparaveis um do outro como ambos o são da sociedade; transformam-se e modificam-se sem que um possa eliminar o outro.

Acredito que de mais em mais a victoria do direito se consolide, que de mais em mais se apouque, se adalgace a producção criminosa, porem sem que jamais nos seja dado extirpal-a, de um modo completo, do corpo social. Essa perspectiva não conseguirá descoçoçar os que andam empenhados na humanitaria missão de encadear, de reduzir á impotencia essa forma do mal, porque não se diz que sejam infructiferos seus nobres esforços.

Pensando assim, acreditando que a parte sã do genero humano deve armar-se contra a parte infeccionada para dominal-a, para enfraquecel-a, e achando que não poderá fazer nada de proveitoso sem que conheça bem as conlições desse terrivel adversario, animei-me a emprehender este trabalho, a exemplo do que se tem feito noutros centros. Não o podia executar com o vagar e a largueza que o assumpto exige, mas, reconhecendo que não me é dado fazel-o definitivo, desejaria, ao menos, que fosse suggestivo.

Dizia Bayle, o sceptico espirituoso e lucido, que o homem constitua — *le morceau le plus difficile a digérer - qui se present á tous les systémes*. Verifiquei mais uma vez, no presente estudo, a verdade desse profundo apophtegma.

E é que elle se corroborava aqui com a pobreza jobica de nossa estatística.

E' conhecida a ousada metaphora de um celebre escriptor allemão — abramos a bocca ás cifras. Seria muito difficil fazel-o á nossa estatística. E' de uma reserva, de um mutismo desesperador sob certas relações. Uma somma de crimes, nem sempre distribuidos geographicamente, uma observação destacada e quasi mais nada.

Em taes condições seria impossivel esperar um estudo perfeito: ainda que me sobrasse a competencia que me falta. Porem, ao menos, tenho esperanza de que seja elle o provocador de outros mais vastos e mais solidos, mais profundos e mais completos. Eu só pude conseguir o que ahi segue-se. Outros serão mais felizes.

(Continua)

CLOVIS BEVILAQUA.



A PHILOSOPHIA POSITIVA

E O SEU DESENVOLVIMENTO ENTRE NOS (*)

(ESBOÇO)

Savoir pour prévoir a fin de pourvoir.
(Preceito comtano)

I

(Continuação do n. 15)



Esso, quanto á lei dos tres estados, ou ao principio da evolução que se desdobra lentamente atravez das sociedades, pelas energias dynamicas do progresso.

Depois d'elle, depara-se na obra de Comte como já disse com o grande corpo encyclopedico da *classificação hierarchica dos*

(*) Este estudo constitue um capitulo do livro inedito: *Bradões e Golpes*.

conhecimentos humanos, de que dei já uma idéa. Bacon, d'Alembert e Ampère foram infelizes nas classificações que tentaram levar á effeito; é sabido. Augusto Comte, porem, de posse do principio da "generalidade decrescente", e com o seu alto senso philosophico, poudo obter o resultado esplendido da connexão logica, surprehendente, dos seis fecundos troncos primordiaes das sciencias, encardos debaixo do ponto de vista ab-tracto, mas com as suas dependencias concretas. (1).

Dahi para concluir pela relatividade que deve caracterisar todas as affirmações humanas, havia simplesmente um passo á dar.

E foi isso justamente o que succedeu. O methodo firmado na observação e na experiencia que o nosso autor tinha alargado e estabelecido para os seus trabalhos, fez resultar, como uma grande luz modesta e promettedora, a negação dos principios absolutos, das causas primarias e finaes; — a *lei da relatividade dos nossos conhecimentos*. (2)

Nem podia ter uma outra base mais perfeita a segurança pasmosa, indiscutivel, que dão á todos que as consultam as asserções da Philosophia Positiva, compendiadas nos seis livros do *Curso*.

E' com o reconhecimento desse nobre principio que deixo apontado, é consequentemente com a rejeição total das theorias *aprioristicas*; com a convicção de que a verdade só pode ser extrahida do estudo da phenomenallidade geral em suas relações de successão e semelhança; com o espirito somente aberto á suggestões radiosas do amor, da paz, do progresso e da ordem, reveladas desde os rudimentos da sciencia de Archinedes até os preceitos da Sociologia, — a nova e futura sciencia concebida e apresentada afoitamente aos povos —; que se ostenta em todo o seu vigor admiravel, em toda a attracção indefinivel de seu busto calmo, inatacavel, — a criação immortal de Augusto Comte!

*
* *

(1) No livro do joven e malogrado critico brasileiro, Rocha Lima (*Critica e Litteratura*) encontra-se uma noticia abreviada, mas clara, da dependencia em que estão, na classificação de Comte, as sciencias mais complexas das menos complicadas.

(2) O principio da relatividade de todos os conhecimentos é capital, na philosophia positiva. Qualquer que o comprehenda e o accete pode ser considerado *positivista*, na mais lata accepção deste termo. Littré é desta opinião, e por isso applicou o qualificativo citado ao autor das *First principles* — o mesmo cujos ataques contra a classificação de Comte elle bateu victoriosamente.

A Philosophia Positiva com todo o seu cortejo radioso de idéas renovadoras, honradamente firmes, modestamente humanas, penetrou no seio do Brasil muito antes de agitar com o seu alento ruidoso a antiga metropole de nossa terra.

Talvez que agora, no momento actual, quem se der ao trabalho de alongar a vista inquiridora para as plagas longinquoas que assentam no occidente da peninsula iberica, e seguir mesmo de longe o movimento que lá imprimem ao pensamento hodierno homens como o autor das *Visões dos tempos e Tempestades Sonoras*, como Julio de Mattos, Oliveira Martins, Consiglieri Pedroso, Adolpho Coelho e outros; talvez que quem acompanhar esse movimento ache incrível que o velho reino não nos tenha precedido na evolução scientifica que fizemos, tambem ha pouco tempo. Entretanto essa affirmacão com que eu principiei a segunda parte deste artigo, e que não sou o primeiro á fazer, é a verdade inquestionavel, historica. (3)

Pernambuco foi, entre nós, (si não si quizer fallar de duas ligeiras noticias que sobre o positivismo appareceram em um compendio de mathematica publicado na Bahia e em uma publicacão feita na Belgica por um filho do Maranhão a provincia que teve a gloria de atirar ao mundo da intelligencia as primeiras asserções adiantadas, positivas, serias, que os espiritos emancipados da Europa facetavam desde o principio do seculo. Isso estava nas suas tendencias. Um critico nacional (4) provou ultimamente que a mór parte das idéas civilisadoras que têm tido curso na nossa infeliz patria partiram todas do Recife, deste *meio* pauperrimo, heroicamente provinciano que nos cerca.

E foi Tobias Barreto de Menezes o notavel criticista brasileiro-allemao quem destoou aqui, pela primeira vez do concerto commum, sem valor, das moribundas concepções catholico-metaphysicas. No

(3) De facto: Anteriormente á adhesão de Th. Braga ás doutrinas de Comte, em Portugal nem ao menos se fallava em sciencia positiva, em methodos novos para o estudo dos phenomenos sociaes, etc. No Brasil, porem, muito tempo antes de Th. Braga, alguns obscuros escriptores provincianos escreveram o nome do philosopho francez e tiveram noticia da Sociologia.

Tivemos essa gloria, mas não nos soubemos aproveitar della. Hoje, em quanto Lisboa estremeca sob uma propaganda vasta e forte que, capitaneada pelo autor dos *Traços*, arrebanha e arregaça todas as valentes cabeças que ali surgem; o Brasil não tem cousa que se pareça com isso, e os mais adiantados dos seus filhos andam descontentes, indisciplinados e improductivos pela norme area do Imperio.

(4) Sylvio Romero:— *Prioridade de Pernambuco no movimento intellectual brasileiro*; artigo na *Revista Brasileira*.

anno de 1869, o *Correio Pernambucano*, folha que se publicava nesta capital, inseriu em suas columnas alguns trabalhos do distincto sergipano, os quaes divulgavam algumas noções de positivismo. Foi esse o brado de *alerta*, que ressoou fundamente na consciencia de um pequeno numero de homens sinceros e entusiastas. Eu supponho comtudo que já existia nesse tempo, embora disseminada, sem força cohesiva uma preparação latente que tentava vir á luz para esposar os novos principios.

Só assim podiam apparecer logo depois, como aconteceu, os moços que em 1873 constituiram a redacção e collaboração do periodico denominado *O Trabalho*. Nessa folha, é que incontestavelmente se deve uma grande parte do impulso dado no pa'z ás boas theorias sociologicas, avultavam principalmente os seguintes nomes: Antonio de Sousa Pinto, Generino dos Santos, que nesse tempo ainda não era o poeta positivista das *Rimas Modernas*, Lagos Junior, Sylvio Romero, Celso de Magalhães, A. Saldanha, A. C. Ferreira da Silva e outros.

Infelizmente, á partir do tempo em que cessou a publicação do *Trabalho* nesse mesmo anno de 73, parece que Pernambuco começou á dormir um somno indesculpavel, que eu julgo durar ainda. Para seguir então a desenvolução das theorias scientificas que tinham nascido aqui, torna-se necessario ao observador voltar-se para o Sul.

Ahi vê-se apparecer em 1874, na provincia de S. Paulo, a primeira parte da obra de Luiz Pereira Barreto — *As Tres Philosophias*, — a qual foi sem duvida alguma o primeiro livro methodico, completo, que derramou no Brasil as doutrinas positivistas de Comte, de quem o illustre medico de Jacarehy é discipulo habilissimo.

A' essa publicação succedeu immediatamente (1875) em Pernambuco o apparecimento dos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica*, de Tobias Barreto, que nesse volume havia posto já o seu poderoso cerebro ao serviço da cultura germanica.

O Rio de Janeiro já então começava á agitar-se. Notavam-se na imprensa periodica umas largas aspirações evolucionistas. Era o periodo gestativo, de genese, que afinal produziu os *Pequenos ensaios positivistas* de Miguel Lemos, publicados na Cêrte em 1877.

Depois dessa tentativa de moço, que aliás obteve umas palavras animadoras de E. Littrè, veio á publico, tambem no Rio, um folheto

de Miguel Alves Feitosa, denominado *Os tres estados*, e impresso em 1878.

Isto quasi ao mesmo tempo em que eram ouvidas as conferencias darwinicas do Sr. Miranda Azevedo, (Côrte), vulgarisava-se o materialismo de Guedes Cabral, na Bahia, e Teixeira Mendes — um moço de grande talento — demandava a Europa em busca de uma educação e instrução positivas.

Ainda nesse mesmo anno (78) nota-se o apparecimento de duas boas publicações: *A Philosophia no Brasil*, do nosso melhor critico contemporaneo — Sylvio Roméro, e o livro posthumo do cearense Raymundo Antonio da Rocha Lima, que já tive occasião de citar neste trabalho.

Mas não foram somente as provincias de Pernambuco, S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia que deram manifestações do espirito scientifico, na sociedade brasileira, e no tempo á que me reporto. Não. Tenho rasões para acreditar que, no periodo de 1873 á 1878, as provincias do Ceará e do Rio Grande do Sul demonstraram por factos o rompimento que haviam feito com o velho estado mental. No Rio Grande o escriptor Carlos de Koseritz, que não tem abandonado o seu posto, trabalhou fortemente na imprensa jornalística em nome do *germanismo*. No Ceará ainda hoje resoam os nomes da *Escola Popular* e da *Academia Franceza*, onde se reuniam n'uma emulação e n'um trabalho constante os moços positivistas que se chamavam: Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Pompeu Filho, França Leite e alguns mais.

E não tem parado nem diminuido de 78 para cá o desenvolvimento ou progresso das novas idéas philosophicas.

Quer aqui no Recife, quer em S. Paulo ou no Rio, já de homens como os redactores do *Diabo a Quatro* e do *Democrata* (5) já de cerebros como os dos collaboradores da *Bibliotheca Util* (6); ha muito que esperar e muito onde se fundar a crença de um futuro melhor para este paiz.

E' isto pelo menos o que eu penso sempre que lanço o olhar por toda a extensão da minha patria, e encontro no seu seio, alem dos bons trabalhadores que citei, os vultos sympathicos dos moços que

(5) Periodicos publicados no Recife e inspirados na corrente das idéas positivistas.

(6) A *Bibliotheca Util*, fundada em S. Paulo (1880) pelo Sr. Abilio Marques publicou alguns interessantes volumezitos de Pereira Barreto, Julio Ribeiro, Ribeiro de Mendonça, Affonso Celso Junior, etc.

agora surgem, incapazes de contemporisar com a velha concepção theo-teleologica do mundo. Pelo menos, é isso o que eu sinto todas as vezes que posso escutar a grande alma generosa da mocidade de hoje!

*
* *

Estas linhas que aqui findam nada mais são do que uns traços fugitivos, rapidos, um magro esboço, do que se pôde dizer em relação á esta materia. Não têm pretensões á mais. Si eu o puder, mais tarde, darei ao assumpto o desenvolvimento que elle comporta e exige; principalmente quanto á primeira parte deste estudo, e analysarei um por um os escriptores brasileiros sensatos e livres, que se tenham posto fóra dos prejuizos e da educação do passado. (7)

IZIDORO MARTINS JUNIOR

OBSERVAÇÃO

O ensaio que se acaba de ler sobre a *Philosophia Positiva e o seu desenvolvimento entre nós* foi publicado nos numeros 2 e 3 da *Idéa Nova*, folha que eu com C. Bevilaqua e Clodoaldo Freitas redigi em 1880. Como trabalho destinado á um periodico, foi escripto sem interesse e cuidado. Por esse motivo sahi superficial e deficiente. Assim mesmo, porem, achei conveniente reimprimil-o agora, alterando-o levemente em um ou outro ponto.

Actualmente as minhas idéas sobre o *Positivismo* differem um pouco das que eu sustentava na *Idéa Nova*. Depois que passei em revista os livros de Laffitte, de Robinet, de Lewes, de Spencer e de Roberty; depois que vi produzir-se a scisão entre *laffittistas* e *orthodoxos*; depois que penetrei mais fundamente no espirito da doutrina comteana; si por um lado convenci-me de que havia e ha, na *Philosophia* e na *Politica Positiva*, muita cousa de emperrado e de inacceitavel, por outro lado vi-me obrigado á abandonar o ponto de vista

(7) Vid. a *Observação*.

estreito e provisório da crítica litterista, para ser um *positivista independente*, que faz justiça á Comte e á Littré e que procura enquadrar n'um systema largo todas as conquistas da Sciencia, vindas e por vir.

Foi levado pelas minhas tendencias anti-exclusivistas e pelos meus impulsos de tolerancia, que eu fallei de materialistas, de darwinistas, de monistas, sob a denominação geral de positivistas. Entendia e entendo que a philosophia das sciencias não pode repudiar theoria alguma scientifica. Si essas theorias arroteiam o campo do *relativo*, si não vão além das *causas naturaes* dos phenomenos, teem direito á ser acceitas e consideradas.

A promessa que fiz, ao terminar o precedente estudo, de aproveitar mais tarde esse arcabouço e tratar largamente da Matéria, é muito provavel que não seja realisada. Além de outras razões, porque já as letras brasileiras possuem um esplendido livro, firmado por um joven e notavel critico, cujo trabalho é de alto valor historico e philosophico. Refiro-me ao volume de Clovis Bevilacqua: — *A Philosophia Positiva no Brasil*, Recife, 1884 — volume em que o assumpto que eu prometti explorar é perfeitamente tratado.

ENSINO CIVICO

FORMAS DE GOVERNO (*)

Platão, observando os diversos Estados do seu tempo, e estudando o caracter de cada uma de suas constituições, distinguio cinco formas de governo — a *aristocracia*, governo dos justos; *timocracia*, governo dos ambiciosos; *oligarchia*, governo dos ricos; *democracia*, governo do povo; *tyrannia*, governo de um só. (1)

(*) As presentes linhas são extrahidas de um opusculo escripto para as escolas primarias d'este Estado, e que brevemente será dado á luz, graças a gentileza de um amigo, que prometteo publical-o.

(1) Paulo Mongeolle — Os Problemas da Historia.

Aristoteles, com o seu admiravel talento de observação e de synthese, simplificou a classificação de Platão e reduziu a tres as formas de governo; *monarchia*, governo de um só individuo; *oligarchia*, governo de uma minoria, e *democracia*, governo da massa dos cidadãos. (2)

Machiavel não só adoptou a triade de Aristoteles, mas ainda de accordo com Polybio estabeleceu uma theoria da evolução politica dos povos, determinando as phases, por que passam os governos.

Os Estados a principio são monarchicos, depois aristocraticos finalmente democraticos.

“ Tal é o circulo, diz o autor do *Discurso sobre Tito Livio*, que são destinados a percorrer todos os Estados.”

A classificação de philosophia stagyrita é puramente accidenta e logica; não tem valor fundamental nem importancia pratica.

Quando mesmo os governos não estivessem subordinados a condições tão multiplas e variaveis, que tirassem-lhes todo caracter especifico, accresce que a determinação das especies em nada influiria, nem como elementos de uma organização, nem como formas successivas, como phases de uma evolução.

Não se póde dizer que o governo de todos, de uma classe ou de um individuo seja um caracter fixo, permanente, especifico de qualquer povo, nem que determine um momento historico de civilização.

Não é caracter fixo, permanente de qualquer povo, como mostra Polybio na *Historia da Republica Romana*, descrevendo as phases successivas do governo latino, — monarchia até a queda de Tarquinio, aristocracia até a publicação das leis Publilia e Petilia, e democracia dahi por diante ; nem é momento historico de uma civilização, porque não ha parallelismo entre o desenvolvimento de um Estado e a forma do seu governo.

Não é raro encontrarem-se povos, em um mesmo grão de civilização com formas de governo differentes, e vice-versa.

Os Inglezes, os Allemães, os Austriacos, emfim quasi todos os povos da civilização occidental são monarchicos, ao passo que os Australianos, os Indios Pelle Vermelha, os aborigenes da India são em sua maioria republicanos.

O clan australiano é ordinariamente governado pelo *tendi*, conselho dos mais velhos que concentram todos os poderes politicos.

(2) Idem.

As tribus dos Indios Pelle Vermelha, segundo observa C. Letourneau na *Evolução jurídica entre as diversas raças humanas*, possuem verdadeiros typos de organização democratica.

Da mesma sorte, entre os aborígenes da India os governos pertencem quasi sempre a conselhos de notaveis, eleitos dentre os mais velhos das tribus.

Entretanto, mesmo na Melanesia, na America, na India não faltam tribus monarchicas.

Não é raro encontrarem-se tribus, onde reina o mais absoluto regimen monarchico, onde a maioria dos crimes é considerada de lesa-magestade, ao lado de tribus em que os chefes são eleitos, e os crimes considerados simples irregularidades sociaes.

Não tem caracteres fixos, permanentes, especificos, as tres formas de Aristoteles, porque, alem dos ensinamentos da historia romana, a ethmographia dá-nos exemplos de povos, onde o poder absoluto de um só coexiste com instituições democraticas.

“ Assim, em cada cidade mandinga, por menos importante que seja, existe um alcaide hereditario, encarregado pelo soberano de administrar a justiça, mas com o concurso dos velhos.” (3)

A triade de Aristoteles não tem servido até o presente senão para impedir o desenvolvimento da organização politica dos povos modernos.

Sem attender ás modificações operadas pelo tempo, theoreticos e estadistas têm procurado subordinar o governo das sociedades a alguma daquellas três formas, que consideram elementares e permanentes, ou formar com ellas governos mixtos.

Dahi — a maioria das constituições politicas em desharmonia com as condições constitucionaes das nações, ora mantendo-se classes privilegiadas, ora proclamando-se dictaduras presidenciaes, ora lisongeando-se o despotismo do maior numero.

Deste modo tira-se ás organizações constitucionaes o caracter scientifico, que devem ter, e instituem-se mecanismos politicos sem possibilidade alguma de aperfeiçoamento.

Os resultados desses systemas uniformes ou artificiaes são situações falças, difficuldades invenciveis, cujo desfeiche não tem sido outro sinão o despotismo ou a anarchia.

E' preciso assentar em bases mais solidas e mais largas a clas-

(3) Palavras textuaes de Letourneau na obra citada.

sificação das formas de governo e sobretudo banir do lexico politico os termos *monarchia* e *republica*, que continuam a produzir o chãos na politica, reunindo sob uma mesma divisa as tendencias e aspirações mais oppostas, e separando em campos inimigos espiritos, que se bateriam pelas mesmas idéas, si nellas a validade das cousas não fosse obscurecida pela falta de clareza e precisão nas palavras.

Uma classificação mais de accordo com a observação dos factos, mais de harmonia com a vida politica das nações, seria a que reduzisse os governos a dous typos principaes: *sociocraticos* e *autocraticos*.

Nos primeiros o poder politico é effeito e não causa, elle nasce da solidariedade entre as partes componentes do organismo social; nos segundos, é um principio superior destinado a dirigir e a proteger o todo collectivo.

D'ahi a differença de estruturas entre uns e outros : nos primeiros predomina a iniciativa, nos segundos a obediencia passiva ; nos primeiros impera a responsabilidade, filha da expontaneidade; nos segundos reina o despotismo, filho da hierarchia.

ARTHUR ORLANDO.

As Andorinhas

(A MACHADO DIAS)



As andorinhas correm pela sphera
Nuns adêjos febris, electricos, macios,
E vão perder-se além nos nevoeiros frios
Traduzindo um a u n da velha atmosphera

Os tristes hyeroglyphos. E a Primavera
Ha nove meses já qu'em loucos desvarios
Engrinaldára rindo os mattagaes sombrios
De lyrios e boninas. Tudo emmurchecêra

Aos bafejos hostis do cyclope sidereo !
 As andorinhas descem: vêm beijar os mares
 Para em brève correr em busca do hemispherio

Onde tenha a Bonança os bemfazejos lares.

.....
 Tal, batidos tambem do temporal funereo
 Desta vida fallaz, emigram meus sonhos !

F. PINTO DE ABREU.

A VOZ DA MORTE

(A MACHADO DIAS)



meia noite ! A hora do mysterio
 Em que tudo parece sepultado
 No silencio da morte !... E eu accordado
 Tão só nesse deserto cemiterio

Escuto ao longe o balouçar funereo
 Das tristes casuarinas, e ouço o brado
 Do visinho oceano acorrentado
 A cantar o seu funebre psalterio,

Eu penso então na Ausente bem amada
 Na gelidez do tumulto abysmada,
 Perdida para sempre ao meo amor.

E julgo ouvir a sua voz saudosa
 Elevar-se de subito queixosa
 Em um *crescendo* intermino de dor...!

CRUZ SALDANHA.



A THEORIA PITHECOIDE

L'homme ne se distingue de l'animal qu'en ce que les traits communs aux deux sont chez lui mieux accusés et plus heureusement dessinés.

(Buchner — Conf. sur la théorie darwin. — trad. de A. Jacquot, p. 129)

Lorsque je considère tous les êtres, non plus comme des créations spéciales, mais comme les descendants en ligne directe de quelques êtres qui ont vécu longtemps avant que les premières couches du système cumbrien aient été déposées, ils me paraissent anoblis.

(Darwin—L'origine des espèces, trad. de E. de Barbier p. 574.)



Depois que as sciencias começaram a inspirar-se na observação e na experiencia, os seus progressos têm sido rapidos, os conhecimentos humanos têm tido um ascendente consideravel, um desenvolvimento espantoso.

Debalde os espiritos reaccionarios procuram impedir o curso dessa corrente impetuosa irresistivel, da philosophia moderna; de-

balde tentam reagir contra o movimento evolutivo manifestado ultimamente em todos os ramos do saber humano.

Um estudo mais serio das sciencias existentes e bem assim as conclusões das que foram sendo creadas, tem modificado profundamente as velhas concepções philosophicas.

O novo methodo da observação e da experiencia, invadindo os diversos departamentos scientificos e submettendo ao rigor de sua analyse todos os phenomenos desde os mechanicos até os biologicos e sociaes, ao mesmo tempo que minava os fundamentos do antigo edificio philosophico erguido sobre os alicerces da theologia, reconstruía-o sobre as solidas e indistructiveis bases das verdades positivas.

As sciencias naturaes, principalmente, estudadas á luz daquelle methodo fecundissimo, tomaram prodigioso impulso; e, libertando-se da influencia theologica, destruíram completamente a velha theoria relativa à origem do homem.

Os espiritos superiores que, desde muito tempo, alimentavam serias duvidas sobre a origem dos seres organizados, reconheceram afinal que a doutrina biblica não podia sustentar-se em face dos novos conhecimentos scientificos, e procuraram resolver scientificamente o grave problema da origem das especies.

D'ahi nasceram diversas theorias, umas orthodoxas como as de Quatrefages e Agassiz procurando resolver a questão pela intervenção de um poder superior, de uma vontade suprema; outras revolucionarias buscando a solução do problema dentro dos limites da propria natureza.

Dentre os defensores das ultimas destacam-se os vultos eminentemente sympathicos de Lamarck e de Carlos Darwin.

Foram elles, como é sabido, que conseguiram formular scientificamente a doutrina genealogica hoje dominante, o primeiro estabelecendo-lhe as bases, fundando a theoria da descendencia; o segundo demonstrando essa theoria e completando a com a da selecção.

Déixando-a de parte, passemos á " mais importante de suas consequencias " — o parentesco genealogico da especie humana com os outros mammiferos.

Lamarck e Darwin não levaram a theoria genealogica ás suas ultimas consequencias,

O primeiro que havia affirmado serem todos os animaes e vegetaes o resultado das modificações por que passaram, através de seculos incontaveis, as primitivas substancias nascidas por geração espontanea, chegou á conclusão de que o proprio homem *podia ser considerado* como um aperfeiçoamento de certos macacos; mas não affirmou-o terminantemente.

Conheceu a verdade, porem não quiz manifestal-a em toda a sua nudez. (1)

E nem podia deixar de conhecê-la. Elle que assistira á formação espontanea dos primeiros seres vivos e acompanhara-os nas suas modificações successivas no tempo e no espaço; elle que descobrira a estreiteza dos laços de parentesco genealogico existente entre os animaes inferiores e os mais perfeitos, não podia deixar de reconhecer o mesmo parentesco entre os animaes superiores e o homem que se destacava, então, para formar um grupo distincto, uma especie a parte.

Emtanto o celebre naturalista não teve bastante coragem para sacrificar no altar da sciencia todas as conveniencias theologicas do seu tempo, hesitou ante a mais importante das conclusões a que fatalmente conduzem as primissas contidas no seu trabalho gigantesco.

Mas essa prudencia era necessaria ainda mesmo que a "Philosophie Zoologique" tivesse sido publicada meio seculo depois. E Darwin comprehendeu perfeitamente essa verdade. Na sua "Origem das Especies" não falou uma só vez sobre a origem animal do homem, assumpto que elle reservou cautelosamente para fazer objecto de um novo trabalho publicado annos depois (2)

Era, porem muito natural que, formulada por Lamarck a theoria da descendencia, desenvolvida e plenamente demonstrada por Darwin, della se deduzisse a mais importante de suas consequencias — a nossa origem simiana.

E foi o que effectivamente aconteceu. Reconheceu-se que o o homem apresenta corporal e espiritualmente uma semelhança espantosa com os mammiferos superiores, e chegou-se a conclusão de ser elle não mais do que um simples aperfeiçoamento dos macacos.

(1) *Hæckel* diz, é verdade, que Lamarck affirmou claramente esta verdade (Hist. de la créat. nat. pag. 81, 84, etc.); mas *Edmond Perrier* prova o contrario (Phil. zoologique, pag. 84 e seg.)

(2) Esse novo trabalho—The descent of man and selection to sex — foi publicado em 1871, e o primeiro —On the Origin of Species, etc, em 1859.

Huxley, depois de estudos acurados, pacientes, a que sujeitou os organs humanos e os do anthropoide, constatou essa verdade.

“Qualquer que seja, diz elle, o systema de organs que se considere, o estudo comparativo de suas modificações na serie simiana conduz ao resultado seguinte : as differenças anatomicas que separam o homem do gorilla e do chimpanzé são mais fracas do que as existentes entre o gorilla e os macacos inferiores.”

E o que se diz em relação ás differenças somaticas applica-se perfeitamente ás differenças psychicas.

Ou si o considere physica ou moralmente, o anthropoide mais desenvolvido dista muito menos do homem (pelo menos dos representantes mais atrasados da chamada especie humana) que dos macacos inferiores.

Sem duvida, affirma Hœckel, sob todas as relações, os animaes superiores approximam-se muito mais do homem que dos inferiores. E depois accrescenta — que o mais atrasado dos homens e o mais desenvolvido dos animaes differem menos do que dous individuos tomados nas extremidades (inferior e superior) da escala humana. (3)

E de facto : o anthropoide está muito mais proximo do australiano, por exemplo, que este de um typo europeu.

Esses homens primitivos, cuja intelligencia não lhes permittia prever, uma vez fartos, que precisariam de alimentar-se mais tarde; (4) e mesmo esses outros que embora muito mais adiantados não podem, entretanto, supportar o menor exercicio mental, (5) assemelham-se mais ao macaco do que aos Newton, Galileu, etc.

Os estreitos limites de um artigo, maxime nas condições do presente, não permitem que se desça a detalhes. Deixo, por isso, de resumir os argumentos com que Hœchel prova a origem simiana do homem, e responde ás objecções até hoje apresentadas contra a theoria pithecoide (6) — a mais importante consequencia da doutrina genealogica, o mais brilhante resultado das investigações scientificas do seculo e a gloriosa conquista de que a humanidade tem mais justos motivos de orgulho.

SOLIDONIO LEITE,

(3) Ob. cit. pags. 487 e 559

(4) E. Véron — La morale p. 9

(5) Spencer — Pr. Soc. vol. I p. 125

(6) Ob. cit. p. 535 e segs.

A * * *



Quando tu vestes, meo amor, teu rosto
 Dessa tristeza scismadora e molle
 Nada ha que ponha termo ao meo desgosto
 E a solidão deste viver console.

Em que tu pensas num pensar tão fundo?...
 Foi-te de magoa alguma vez a vida?!
 Em que tu scismas, porventura o mundo
 Tem dôres para ti, que és tão querida?

Tu nunca amaste, nunca viste á noite,
 Quando a rajada passa e a vela apaga,
 Sombra infiel em ti vibrando o açoite
 Do olhar que abrasa mas que o peito alaga!

Sonhos de gloria? Quaes os teos creança?
 Não, nessa estrada nunca vista em calma,
 A gente sobe, quando a inveja cança
 — Rosas na frente e o espinho dentro d'alma!

Se o amor e a gloria, pois, te não perseguem
 Nem de teu somno a placidez agitam
 Foge das nuvens que teu rosto seguem
 Abre teu seio aos olhos que te fitam.

Ri; é tão duro o mundo em que passamos,
 Tanto se espreita as dôres que sentimos,
 Que é preciso que sempre nos riamos
 Ou que façamos sempre que nos rimos!

Sê doce, flôr; a noite é tão escura...
As folhas bolem, os ramaes estalam,
O jardim é deserto, a agua murmura
E as estatuas de marmore não fallam...

E como a tarde, o astro rei dormente
Vae morrendo cahir do valle em meio,
Deixa que a fronte encandescida e ardente
Eu vá deitar no valle de teo seio.—

GERVASIO FIORAVANTI,



RELICARIO



quadra angelicar da nossa infancia
E' breve como um sonho côr de rosa
— Loura visão gentil e vaporosa
Que se esvae em suavissima fragancia

Apenas do passado na distancia,
Qual uma aurora fria e nebulosa,
Parece distinguirmos da saudosa
Edade prima a encantadôra estancia,

As purissimas crenças la ficaram
 Co'a innocencia e o prazer que se aninharam
 Nos nossos então puros corações.

E o que nos resta d'essa quadra linda ?
 — Um só raio de luz — saudade infinda —
 Triste como o fugir das illusões.

LUDOVICO LINS.

Minha Partida



Parto. P'ra longe vou. Não sei porém
 Onde a sorte conduz o meo destino,
 Sei que vou como vae o beduino
 Pelo ermo, onde, só, não vê ninguem !

Sei que minh'alma frio e pobre tem
 Desse meo puro amor nobre e divino,
 Sei que a estrada é poenta, o sol á pino,
 E eu de me cançar n'este vai-vem !

Pouco importa o cansaço ! Jamais quero
 Que adormeça um instante esta illusão
 Que me povôa a mente e o coração :

E' inda aqui voltar (e assim o espero)
 E a teos pés sacudir a noite e a aurora
 D'essa viagem cruel que me devora !

LEONIDAS E SÁ.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)